



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JOÃO PAULO SIQUEIRA DOS SANTOS

**DEVOÇÃO MARIANA NA AMAZÔNIA ORIENTAL: A IRRADIAÇÃO DO CÍRIO DE
NOSSA SENHORA DE NAZARÉ E O PROCESSO DE CIRIODIFICAÇÃO NO
NORDESTE DO PARÁ**

FORTALEZA

2019

JOÃO PAULO SIQUEIRA DOS SANTOS

DEVOÇÃO MARIANA NA AMAZÔNIA ORIENTAL: A IRRADIAÇÃO DO CÍRIO DE
NOSSA SENHORA DE NAZARÉ E O PROCESSO DE CIRIODIFICAÇÃO NO
NORDESTE DO PARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Geografia. Área de Concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S235d Santos, João Paulo Siqueira dos.

Devoção mariana na Amazônia Oriental : a irradiação do Círio de Nossa Senhora de Nazaré e o processo de ciriodificação no Nordeste do Pará / João Paulo Siqueira dos Santos. – 2019.

201 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.

1. Círio de Nazaré. 2. Ciriodificação. 3. Irradiação do Círio. 4. Paisagem devocional. 5. Elementos essenciais. I. Título.

CDD 910

JOÃO PAULO SIQUEIRA DOS SANTOS

DEVOÇÃO MARIANA NA AMAZÔNIA ORIENTAL: A IRRADIAÇÃO DO CÍRIO DE
NOSSA SENHORA DE NAZARÉ E O PROCESSO DE CIRIODIFICAÇÃO NO
NORDESTE DO PARÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de doutor em Geografia. Área de Concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Raphael Teixeira da Silva
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE)

Prof. Dr. Otávio José Lemos Costa
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dr^a. Maria Goretti da Costa Tavares
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof^a. Dr^a Camila de Brito Antonucci B. Braga
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Aos meus filhos, João Pedro e João Marcos, mais uma vez vocês fizeram eu chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao sopro da vida que obtive nesse cosmo e a todos os elementos bióticos e abióticos do universo que se somaram para a materialidade da consciência humana a qual se tem hoje; isso para mim se chama Deus. A divindade que acredito a partir desta hermenêutica, como possibilidade explicativa mais próxima de uma racionalidade. Toda energia e matéria existente no universo que se soma a vida procuro chamar e designar assim, como um bom agnóstico teísta.

Como dependo dessa somatória de energias, agradeço pelo ato inteligível de criar, interpretar, desvendar e pesquisar para chegarmos nesse momento até aqui. O ato de pesquisar possui o precedente do ato de ouvir, observar, ler e escrever, por isso agradeço a vida e a saúde, física e mental, para a conclusão de mais este estágio na minha trajetória acadêmica.

Agradeço a vida em sociedade, pois vários sujeitos na nossa rede de contatos contribuíram para chegarmos à conclusão deste trabalho de pesquisa. Agradeço a minha família tradicional: meu pai, Raimundo Nonato dos Santos e minha mãe, Maria Coely S. dos Santos que sempre depositaram confiança no seu filho mais velho que um dia poderia alcançar tal patamar. Todas as dificuldades que surgiram desde a época da graduação em geografia na UFPA, vocês foram a base que me sustentou com os conselhos e os seus trabalhos.

À minha orientadora no mestrado, Prof^a Dr^a. Maria Goretti Tavares que sempre motivou a continuidade para o prosseguimento da pesquisa, nos apoiando para alavancarmos na qualificação profissional.

Ao amigo contemporâneo da época da graduação em Geografia da UFPA, hoje, Prof. Dr. Márcio Douglas do Amaral, que não mediu esforços para dialogar com a proposta desta tese.

Aos amigos das turmas de mestrado e doutorado em geografia 2015.2 da UFC, em especial a (o): Camila, Adielson, Roneide e Ivo pela afinidade realizada no cotidiano da universidade e fora dela.

A todos os integrantes do LEGES (Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos) e COMPARE (Comunicação Patrimonial e Representações Simbólicas), em especial a (o) Marcos Rocha (pelo apoio cartográfico), Ivna, Jéssica, Jacquicilane, Myrna, Ivo e outros, pelas trocas de ideias durante as reuniões, aulas e outros eventos extra universidade.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Christian Dennys M. de Oliveira pela paciência, dedicação e amizade pela qual conduziu a orientação desta pesquisa e todo o processo de aprendizado relacionado à temática da Geografia Cultural e da religião durante o curso em Fortaleza; nas aulas e nos trabalhos de campo.

Aos Professores Luís Raphael e Otávio Lemos pelas contribuições valiosíssimas desde a banca examinadora de qualificação desta tese, com as sugestões e os caminhos que deveriam ser seguidos.

Ao historiador vigiense, Paulo Cordeiro, pela sua rica pesquisa em volta do município de Vigia; pelas conversas e entrevistas e pela disponibilização de material documental sobre o Círio de Nazaré. Ao Antônio Leno (Amazo) pelo acervo fotográfico da Retografia Vigiense que ilustra e designa a paisagem de círios antigos no corpo deste trabalho. À Debora Serra pela troca de materiais e informações a respeito da temática do Círio de Nazaré em Belém, a qual desenvolve pesquisa na UFPA. À Luany Silva pelo trabalho de assessoria linguística e acompanhamento do texto final da pesquisa. Ao tio Marcos e seu irmão João Carlos que me conduziram a Fortaleza-CE na residência de seus familiares na época do processo seletivo do doutorado. Ao amigo e geógrafo, Paulo Sergio, professor em Bragança-PA, pelo material e informações sobre o Círio desse município e a Marujada de São Benedito.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), pois mesmo sem acesso a bolsa-doutorado, fiz uso de um Programa de Pós Graduação, multifinanciado por esse e outros órgãos de fomento à pesquisa acadêmica no Brasil.

Aos amigos que fiz fora da Universidade, nas ruas, nas praias e nas festas em Fortaleza: José Salvador, Mariana, Emile Mota, Erinaldo, Antônio Rocha, Israel, Gislene, Mirlene, Elizabeth, Francisco, Maria Assunção, Linduína, Tony, Mirella, Tomás e outros que por algum motivo entraram num breve esquecimento agora. Esses participaram de uma convivência durante o período que transcorreu o curso de pós-graduação em nível de doutorado em Geografia da UFC.

“Em termos de comparação, o Círio é a correspondência humana da pororoca”.
(MOREIRA, Eidorfe, 1971).

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa envolvendo a temática do Círio de Nazaré no estado do Pará procura demonstrar e analisar como ocorre o processo de irradiação e difusão desse evento sacro-profano para outros lugares, especificamente, na região nordeste deste estado, culminando num fenômeno denominado em tese como “ciriodificação”. Tal fenômeno ultrapassa as fronteiras da região em tela e chega a outros estados brasileiros, principalmente, a partir da década de 70 do século XX quando o Círio é televisionado e impulsionado por outros vetores. Para compreendermos e interpretarmos esse fenômeno, são identificados e analisados os vetores responsáveis pela irradiação do evento dedicado à Nossa Senhora de Nazaré que parte de um epicentro, que consideramos ser Belém do Pará, e de um núcleo histórico, considerado o berço da devoção nazarena na Amazônia, que é o município de Vigia. Primeiramente o estudo faz uma abordagem teórico-metodológica para situar o entendimento do Círio de Nazaré a partir de uma concepção da Geografia Cultura e Humanista, indicando conceitos como a paisagem cultural - devocional e o lugar simbólico, constituídos pelos elementos essenciais ou geossímbolos dessa devoção nazarena; em seguida é o Círio que é apreendido como festa sacro-profana em sua interpretação enquanto conceito que estabelece uma atmosfera de diversos elementos dessa festa. A partir da criação de um modelo constituído de elementos ditos “essenciais” nos Círios de Belém e Vigia é realizada uma análise comparativa do que ocorre nesses dois Círios e em outros no nordeste do Pará para serem identificados, através de uma paisagem devocional e do lugar simbólico, os efeitos da irradiação do Círio de Nazaré e constatar outros elementos que são peculiaridades desses outros Círios em outros lugares, referendando o fenômeno ciriodificação.

Palavras-chave: Círio de Nazaré; ciriodificação; irradiação do Círio; elementos essenciais; festa nazarena; lugar simbólico; paisagem devocional.

ABSTRACT

This present work of research involving the subject matter of “Círio de Nazaré” in Pará state intends demonstrating and analyzing how takes place the process of irradiation and diffusion of this sacred-profane event in some places, specifically, in the northeast region from this same state which produces a phenomenon denominated in thesis of: “Cirioedification”. Such Phenomenon exceeded the boundaries of the region on canvas and arrived in others Brazilian states, mainly, during the seventies of the twentieth century when “Círio” was broadcasted and boosted by others vectors. For we understand and interpret this phenomenon were identified and analyzed the responsible vectors of this expansion from event dedicated to “Our Lady of Nazareth” whose epicenter is the city of Belém city as well as Vigia municipality which is considered its historical nucleus, in other words, the birth or crib of the Nazarene devotion in Amazon region. At first this present study makes a theoretical and methodological approach for basing the understanding of the “Círio de Nazaré” from a conception of its humanistic and cultural geography, aiming concepts like cultural and devotional landscapes and the symbolic place constituted by its essential elements or by its geo-symbols come from Nazarene devotion; and next the Círio itself which is grasped as sacred-profane party religion in its interpretation while concept that establishes an atmosphere of various elements of this cult. From the creation of a model constituted of elements said essentials both Belém and Vigia were accomplished a comparative analysis of what happens in these two Círios and in others which take place in northeast of Pará for being identified through of a devotional landscape and of symbolic place, this is, to identify the effects of the “Círio de Nazaré” expansion and to notice others elements that are particularities of these places, and so to refer the phenomenon of the “Cirioedification”.

Keywords: “Círio de Nazaré”; nazarene party; cirioedification; devotional landscape; symbolic place; essential elements; círio irradiation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Dioceses e Prelazias no estado do Pará	50
Figura 2 -	Instituição de voluntários socorristas no Círio de Belém	53
Figura 3 -	Estado do Pará e suas Macro e microrregiões.....	61
Figura 4 -	Carro alegórico em homenagem ao mito fundador lusitano no Círio de Vigia.....	66
Figura 5 -	Cartaz anunciando Festa com aparelhagem – Círio de castanhal...	74
Figura 6 -	Arcos de delimitação dos espaços do Círio em Vigia-Pa.....	76
Figura 7 -	Mapa de localização do município de Vigia-Pa.....	90
Figura 8 -	Barca dos Marujos – Círio de Vigia.....	92
Figura 9 -	Barca dos Marujos II – Círio de Vigia.....	92
Figura 10 -	Pescadores promesseiros molhados com os apetrechos de pesca – Círio de Vigia em 1960.....	97
Figura 11 -	Pescador promesseiro no Círio de Vigia – 2017.....	97
Figura 12 -	Representação do Anjo do Brasil no Círio de Vigia.....	99
Figura 13 -	Carro do boi ou carro dos foguetes do Círio de Vigia.....	100
Figura 14 -	A Berlinda dentro do espaço da corda no Círio de Vigia.....	101
Figura 15 -	Berlinda e corda no cortejo principal do Círio de Belém-Pa.....	102
Figura 16 -	O esfacelamento da corda no Círio de Vigia.....	103
Figura 17 -	O carro dos Anjos do Círio de Vigia.....	104
Figura 18 -	Carro dos marujos no Círio de Vigia.....	104
Figura 19 -	Banda União Vigieense no Círio de Vigia em 1998.....	106
Figura 20 -	Cartaz do Círio de Belém de 1983.....	110
Figura 21 -	Cartaz do Círio de Vigia de 2017.....	110
Figura 22 -	Arraial do Círio de Nazaré de Vigia com a presença do parque de diversões	114
Figura 23 -	Festa das Filhas da Chiquita - Círio de Belém.....	116
Figura 24 -	O auto do Círio em Belém do Pará.....	119
Figura 25 -	A Tarrafiada Cultura em Vigia.....	119
Figura 26 -	Pagamento de promessa no Círio de Belém.....	123
Figura 27 -	Doação de água mineral no Círio de Vigia.....	123
Figura 28 -	Anúncio de barco com serviços a bordo para a Romaria fluvial em Belém.....	125

Figura 29 - Romaria fluvial do Círio de Vigia.....	126
Figura 30 - Peregrinação na Br 316 rumo à Belém-Pa.....	130
Figura 31 - Diagrama da articulação dos Vetores de Irradiação do Círio de Nazaré no estado do Pará.....	131
Figura 32 - Localização do Município de Anajás-Pa na parte central da Ilha do Marajó – microrregião do Furo de Breves.....	135
Figura 33 - Esquema da paisagem devocional do Círio de Nazaré no nordeste do Pará.....	145
Figura 34 - Localização de Castanhal e Bragança no Nordeste Paraense.....	150
Figura 35 - Berlinda com a imagem da santa no Círio de Bragança.....	151
Figura 36 - A corda do Círio de Bragança.....	152
Figura 37 - Berlinda na Locomotiva na Romaria de Nazaré de Castanhal.....	155
Figura 38 - Presença da alegoria dos anjos no Círio de Bragança-Pa.....	156
Figura 39 - Ex-voto com a promessa da casa própria no Círio de Bragança.....	157
Figura 40 - A presença do pagamento de promessa com a cruz cristã no Círio de Bragança.....	157
Figura 41 - A marujada nas ruas de Bragança.....	159
Figura 42 - A cavalgada dentro do cortejo do Círio de Nazaré em Bragança.....	160
Figura 43 - Romaria Fluvial do Círio de Bragança – Pa.....	162
Figura 44 - Círio fluvial de Macapazinho – município de Castanhal-Pa.....	163
Figura 45 - A ocorrência de Círios de Nazaré no nordeste paraense e Região do Marajó.....	168

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conjunto de romarias correspondentes dos Círios de Vigia e Belém.....	95
Quadro 2 - Elementos estruturantes dos cortejos da procissão principal – Vigia e Belém.....	105
Quadro 3 - Eventos rituais que antecedem a festa nazarena – Vigia e Belém	108
Quadro 4 - Elementos mítico-religiosos do Círio de Nazaré: estruturantes do cortejo principal.....	147
Quadro 5 - Tipos de elementos festivo-profanos essenciais do círio de nazaré.....	153
Quadro 6 - Presença de círios no nordeste paraense e região do marajó.....	165

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAN	Centro Arquitetônico de Nazaré
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COMPARE	Comunicação Patrimonial e Representações Simbólicas
EXPOFAC	Exposição da Feira Agropecuária de Castanhal
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais
GPS	Sistema de Posicionamento Geográfico
IFPA	Instituto Federal de Educação do Para
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LEGES	Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos
NEER	Núcleo de Estudos em Espaço e Representações
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Cultura
PARATUR	Companhia Paraense de Turismo
PARFOR	Programa de Formação de Professores
PASTUR	Pastoral do Turismo
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A GEOGRAFIA CULTURAL E DA RELIGIÃO: PARÂMETROS DA ABORDAGEM	33
2.1	Uma geografia cultural que incluiu a religião	34
2.2	Festa e festividades sacro-profanas	43
2.3	Religião e espaço: do mito à experiência do real-concreto	52
3	O CÍRIO DE NAZARÉ NA AMAZÔNIA PARAENSE: DA DEVOÇÃO POPULAR À OFICIALIZAÇÃO DA FESTA DE NAZARÉ	59
3.1	Para início de Conversa... O Que vem a ser o Círio em seu contexto?	62
3.2	O conceito de Círio na atualidade	71
3.3	Do catolicismo popular à institucionalização do Círio de Nazaré	83
4	OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA DEVOÇÃO MÍTICO-RELIGIOSA E DA FESTA PROFANA: UM CONTRAPONTO ENTRE OS CÍRIOS DE VIGIA E BELÉM	88
4.1	O núcleo histórico e o epcentro	92
4.2	Os elementos essenciais mítico-religiosos	96
4.3	Os elementos essenciais da dimensão profana	114
5	SOB O MANTO DA SENHORA DE NAZARÉ: VETORES DA IRRADIAÇÃO E CIRIODIFICAÇÃO DA FESTIVIDADE NAZARENA	128
5.1	Os vetores simbólicos da irradiação	133
5.1.1	<i>O vetor mítico-religioso</i>	<i>136</i>
5.1.2	<i>O vetor político-turístico</i>	<i>140</i>
5.1.3	<i>O vetor midiático-ecossistêmico</i>	<i>141</i>
5.2	Ciriodificação e a regionalização do Círio de Nazaré no nordeste paraense – os outros círios	145
5.2.1	<i>Os outros círios: Castanhal e Bragança</i>	<i>154</i>
5.3	Imagens da Patrimonialização/Ciriodificação	168
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
	REFERENCIAS	184
	APENDICE A - MODELO DE ENTREVISTAS.....	193
	APÊNDICE B - LISTA DE SITES CONSULTADOS.....	196
	ANEXO A – CARTAZES E PROGRAMAÇÕES.....	197

1 INTRODUÇÃO

O Círio de Nazaré na Amazônia Oriental, mais precisamente no nordeste do estado do Pará, se firmou como uma das maiores festas em homenagem a santos (as) católicos (as) que se tem conhecimento no Brasil e no mundo, a partir da década de 1970. Pela magnitude de seus elementos sagrados e profanos e pelo afluxo de pessoas que realizam desde sua origem nessa parte da Amazônia, por onde teve início a colonização portuguesa, ao Norte do Brasil no século XVII.

A visibilidade que essa manifestação cultural e religiosa obteve nas últimas décadas do século XX, para além das fronteiras paraenses, fez com que esse fenômeno passasse a obter uma maior difusão para outros lugares. Além disso, conseguiu reunir mais adeptos que passaram a buscar o Círio de Nazaré pelo viés de um turismo vigente nos moldes da modernidade.

Para o estado do Pará, o Círio de Nazaré se constitui como um elemento cultural e um patrimônio cultural imaterial, referendado como um atrativo para visitantes conhecerem e vislumbrarem o que esse evento traz consigo; carregado de uma cultura amazônica representada por elementos identitários que se remetem desde os primeiros habitantes da região.

O Círio de Nazaré é apresentado aqui - assim como em outros trabalhos de pesquisa - como uma grande festa complexa ou um conjunto de festas. Não uma simples festa em que se comemora algo da noite para o dia, mas uma festividade que pode durar sete ou quinze dias no seu período nazareno, ou até meses antes e depois do que se denomina como quadra nazarena, com os seus preparativos.

Essa festa faz parte de um *religare* entre o sujeito devoto da santa e o mundo o qual pertence. A Senhora de Nazaré vem ao mundo para estar com os seus filhos, presentes em inúmeras procissões e romarias por terra e por água, abençoando os que lhe procuraram e contrataram-na através das promessas em que o corpo em sacrifício aparece no meio dos rituais em homenagem à santa.

O Círio se ritualiza a cada ano e sofre as devidas transformações em seu percurso de feitura. Isso se apresenta como algo digno das relações sociais e da cultura dos povos, nesse caso, das intensões e interesses dos sujeitos envolvidos na manutenção da tradição de se festejar. Na Amazônia Oriental, esse festejar se intensifica a partir do mês de junho quando começam a diminuir as chuvas do inverno amazônico e a partir daí dá-se início a um ciclo de círios espalhados por todo o estado.

Nesse complexo de círios, se ritualiza o humano com o cosmo; aquilo que é considerado sagrado em sua amplitude mitológica. Essa relação sagrada e divina sob um viés da metafísica é inerente à humanidade e se traduz numa linguagem que somente os que fazem parte dos rituais conseguem enxergar e sentir. Surge uma energia mítico-devocional que congrega uma coletividade humana, envolvida em um movimento de pertencimento ao lugar simbólico e próximo daquilo que Jung (2000) chamou de *inconsciente coletivo*.

A intenção de se estudar e, ao mesmo tempo, continuar uma interpretação a respeito do Círio de Nossa Senhora de Nazaré na Amazônia paraense, se dá a partir do término do curso de mestrado em Geografia na Universidade Federal do Pará em 2013. Estudar, sob a égide da geografia, um fenômeno sacro-profano como o Círio, requer um instrumental metodológico advindo das ciências humanas capaz de compreender sua espacialidade e suas repercussões socioespaciais.

Esse instrumental teórico-metodológico que passaremos a assumir aqui nos permitirá elencar alguns conceitos da geografia, pois o Círio de Nazaré nos dará a dimensão do lugar simbólico e da paisagem. Ambos os conceitos serão nossos principais referenciais para referendarmos um trabalho embasado na Ciência geográfica pelo viés de uma Geografia Cultural, enquanto abordagem. Entretanto, por estarmos lidando com aspectos míticos, religiosos e políticos, em função das representações pessoais dos inúmeros sujeitos entrevistados, uma geografia humanista é chamada a operar em auxílio à nossa abordagem cultural.

Outros conceitos como o de território e territorialidade podem aparecer na nossa abordagem, como resultado das tensões que são inerentes às relações sociais, principalmente em um ambiente de festa. Outro conceito como “região” aparece ao fazermos o nosso recorte espacial do fenômeno estudado, bem como nas propostas e sugestões a respeito de uma espacialidade do Círio de Nazaré no nordeste paraense. Esse último conceito sempre se apresentou como caro à geografia moderna e galgou interfaces que os novos paradigmas necessitaram para enquadrá-lo na atual época da globalização. Nesse sentido, afirmamos que, em grande parte desta pesquisa, o nosso foco se debruçará sobre os dois conceitos primeiros, embora a “região” venha a ser recorrente nos capítulos finais desta pesquisa.

O presente trabalho realizado nos dá uma visão ampliada de como o Círio de Nazaré se formou e continua sendo recriado em outros lugares. Não só com os

elementos identitários do epicentro e do núcleo histórico, mas como esses lugares incrementam nos seus círios outros elementos que lhes são peculiares. Esses elementos constituintes e ditos “essenciais” dos Círios do Pará se apresentam como geossímbolos (BONNEMAISON, 2005) e forjam uma imagem tipicamente amazônica; construída sobre a Amazônia, em que o Círio de Nazaré carrega as suas marcas.

É nessa perspectiva que não estaremos mais discutindo sobre um círio específico de um lugar, como fizemos em trabalho anterior a respeito do Círio de Vigia (SIQUEIRA, 2013). Nossa premissa aqui é entender como ocorre à multiplicação dos círios para além dos primeiros eventos originários na Amazônia (em Belém e Vigia/PA).

A pesquisa parte de uma ousadia em aumentar a escala de análise, do local para o regional, buscando exemplos de lugares de irradiação das procissões e festividades denominadas por “Círio”, como Bragança e Castanhal. Sempre nos chamou a atenção o porquê de tantos Círios de Nazaré no Pará.

O interesse pela temática, envolvendo o Círio de Nazaré, vem da adolescência no município de Vigia, (décadas de 80 e 90 do século XX) no nordeste do estado do Pará. Nesse lugar na Amazônia, temos o primeiro referencial sobre esse evento ou festa sacro-profana (como passaremos a conceituar o Círio de Nazaré).

Desde esse período, acompanhamos a movimentação e dinâmica dos cortejos religiosos e os preparativos que os antecediam, visualizando uma paisagem que mudava de feição e o clima do lugar que entrava em um tempo extraordinário, incomum. Passado o período da quadra nazarena, tudo voltava ao normal.

Em uma demonstração do que ocorre no Círio de Belém, Maués e Pantoja (2012, p. 64) ressaltam que: “o Círio mexe com a sociedade inteira, mesmo que seja para criticar, ou para participar, ou para aproveitar, ou para fazer valer as suas próprias crenças religiosas e, às vezes, misturadas, sincretizadas com o catolicismo”.

Desde muito cedo (a partir da infância) já era evidente visualizarmos a aglomeração de sujeitos chegando ao pequeno lugar histórico, colonizado por portugueses a partir do século XVII. Entretanto, o olhar ingênuo não conseguia ainda decifrar o significado de tanta gente nas ruas com as romarias, arraial, festas dançantes nos clubes sociais, caravanas de excursionistas e os bares, lojas, supermercados etc., lotados de visitantes e de vigienses que estavam morando em outros lugares.

A cidade se mobilizava para a “grande festa” e esse movimento se mantém até os dias atuais, modificando a paisagem e as relações sociais do lugar simbólico. Somente depois (aos 10 anos de idade) tivemos a oportunidade de ver de perto o Círio de Belém e a grandiosidade da multidão que era assustadora. Junto com a avó paterna vimos o Círio de Belém, no segundo domingo de outubro, chegar ao CAN (Centro Arquitetônico de Nazaré).

Do olhar ingênuo e empírico foi emergindo na cena uma visão que a formação crítica das ciências (especialmente a Geografia), juntamente com outras áreas do conhecimento, legou-nos para compreender melhor essa realidade. Ao adentrarmos no curso de Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA), em 1998, tal visão se fortaleceu, notadamente quando iniciamos estudos sobre o município de Vigia e as políticas públicas de turismo, as quais inseriam o Círio desse município. Esse estudo aprofundado e local, também se aprimorou em nível de mestrado, ao analisarmos a gestão do espaço turístico do Círio de Vigia.

Após isso, com os novos desafios do doutorado, a escala se amplia para Belém e depois para outros municípios, com a intenção de se compreender essa dinâmica regional do Círio de Nazaré imitando elementos festivos e espetacularizados dos modelos originários dos Círios de Belém e Vigia. São exemplos relevantes: a presença da Berlinda com a imagem da santa; a corda; os carros alegóricos arrumados dentro do cortejo religioso da procissão principal do domingo; ou elementos que surgem ao longo do tempo dentro de uma estrutura da festividade.

O presente trabalho de pesquisa procura demonstrar um fenômeno que está além do Círio de Nazaré. Pois, para chegarmos nele, é preciso passar por aquilo que o Círio representa na atualidade. Torna-se necessário compreendermos a expressão espacial do Círio de Nazaré, a fim de indicar o que é o resultado de sua irradiação e difusão para outros lugares; seja dentro do estado do Pará ou para outras regiões brasileiras.

Esse esforço teórico-metodológico parte do entendimento dos primeiros círios, nas cidades polo Belém e Vigia/PA. São esses 2 epicentros que modelarão o que o Círio é hoje. Vigia por possuir a gênese da devoção mariana na Amazônia e servir de centro expansivo dessa devoção para a região em que se iniciou a colonização portuguesa no litoral paraense; e Belém por oficializar o 1º cortejo religioso e irradiar esse modelo festivo com o aparato da metrópole amazônica. O fenômeno que será

conceituado aqui, resultado dessa irradiação do Círio de Nazaré de um epicentro bipolarizado em duas matrizes urbanas, denominaremos como “*ciriodificação*”¹.

O epicentro traz a ideia de centralidade com uma força motriz do fenômeno que se fortalece e se intensifica nessa região (nordeste paraense) e ao mesmo tempo se expande para outras paragens, conforme a expansão dentro da mesma.

Vigia é o primeiro epicentro, a partir do século XVII, por conseguinte aparece Belém, capital do Grão Pará no século VIII, assumindo uma força maior, porém, ambos são núcleos históricos e epicentros da devoção nazarena, salvo as suas proporções. Vigia por muito tempo expandiu a devoção em uma escala menor, inclusive chegando até Belém. Atualmente, se apresenta como o núcleo histórico da devoção, mesmo comungando com a contribuição de um modelo de festividade que se criou no nordeste paraense sob a influência dos círios de Portugal. Belém assume o papel de um epicentro com uma escala regional e nacional que vai para além das fronteiras paraenses.

O papel desta pesquisa é estabelecer parâmetros para chegarmos em um modelo padrão aproximado daquilo que se tem atualmente em Belém e Vigia. Feito isso, recorreremos aos outros Círios Marianos (de Nazaré, especificamente) ou até mesmo de outro santo (a) católico (a) (podemos arriscar) para serem avaliados diante de uma metodologia desempenhada por essa pesquisa. A *ciriodificação* poderá ser experimentada em um processo de análise dos elementos constituintes dos círios regionais, tendo Belém e Vigia como referenciais.

Nosso objeto de pesquisa se apresenta como o substrato daquilo que os círios de Belém e Vigia/PA irradiaram e difundiram para os outros lugares. Mesmo não sendo o Círio de Nazaré, em si, núcleo temático desta tese, procuramos dar conta de conceituar as festividades dos círios na atualidade. Mesmo que esta pesquisa não se aprofunde a respeito de um círio específico como estudo de caso, iremos transitar por alguns círios representativos da abrangência metodológica da abordagem cultural, nas condições que o estudo nos permitiu associar observações, informações e caminhos interpretativos.

Passaremos a narrar, descrever e comparar, sobretudo: interpretar e analisar o objeto em questão. Buscando entender a realidade de um evento ou festa sacro-

¹ A escolha desse termo, a partir de um neologismo do vocábulo círio, é em função da *edificação* que o fenômeno sacro-profano vem provocando com sua espacialização em uma escala regional.

profana complexa e difusa que atravessa os séculos e que passou a se expandir e se irradiar do seu núcleo histórico e epicentro para outros lugares dentro e fora do estado do Pará, com a mesma denominação: Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Após elencarmos os desdobramentos que os círios em suas cidades de origem forjaram para o entendimento dessa festa sacro-profana no estado do Pará, passaremos a verificar as motivações de sua irradiação, observando possíveis tendências ao desenho de um modelo-padrão. Essa irradiação antecede a edificação de um *Círio de Nazaré* (nacional/internacional) que reverbera pelos outros lures fora do epicentro. O Círio irradiado se edifica em uma região onde a força motriz do epicentro é maior, daí o fenômeno da *ciriodificação* (Círio + edificação) ser maior no nordeste paraense.

Nesse sentido, temos um fenômeno que se desencadeia em um movimento estimulado por alguns vetores que apresentamos no corpo deste trabalho. Esse movimento se desencadeou, primeiramente, de um núcleo histórico do Círio há mais de três séculos e rapidamente alcançou a capital do Grão-Pará. Nesses termos, conseguiu adquirir uma enorme intensidade de irradiação a partir de outro núcleo que passou a ser um epicentro regional.

Essa edificação enquanto resultado de outro fenômeno, nunca estará pronta e acabada, uma vez que a cultura, a religião e outras relações sociais no/pelo espaço se realizam nas tensões e conflitos vindos dos interesses de grupos, sujeitos e outros agentes que imprimem suas marcas na sociedade. Entretanto, sua identificação, através da abordagem proposta neste trabalho, enfatiza o Círio de Nazaré como um patrimônio imaterial com uma marca paraense.

O acúmulo de trabalhos de pesquisa envolvendo o Círio de Nazaré, atualmente rende um mote com diversas facetas de compreensão desse fenômeno sacro-profano, realizado por várias áreas do conhecimento, principalmente das ciências humanas. Grande parte dessa pesquisa está disponibilizada nas bibliotecas das universidades paraenses, de outras instituições de Ensino e em sites eletrônicos Brasil a fora.

A análise bibliográfica a respeito do Círio de Nazaré nos dá uma dimensão científica, com os mais variados olhares metodológicos, que podem trazer para a nossa compreensão aproximada da realidade. Essas diversas abordagens religiosas, turísticas, etnográficas, sociológicas, geográficas etc., nos faz perceber o que de fato

vem a ser o Círio de Nazaré enquanto fenômeno base; se apresentando como um evento, festa, rito, festividade etc., que acontece em um determinado tempo e espaço.

Todas as leituras realizadas a partir de trabalhos acadêmicos relacionados ao Círio de Nazaré no Pará e em outras regiões do Brasil, bem como festividades de outros santos (as) do catolicismo da Igreja de Roma, contribuíram para desenharmos como o fenômeno *ciriodificação* se apresenta dentro de uma perspectiva socioespacial.

De 2015 a 2019, realizamos diversos trabalhos de campo nos municípios do nordeste paraense desde o epicentro da irradiação até Bragança-PA. Passamos pela Ilha do Marajó onde ocorrem inúmeros círios, como em Salvaterra, Soure e Anajás/PA. Círios que conseguimos captar as características próximas do modelo que se irradia de Belém e Vigia/PA.

Desses vários municípios que percorremos, apenas dois foram elencados para uma pesquisa participante mais apurada: Castanhal e Bragança. A intensão principal era verificar, com a metodologia que foi criada aqui, os elementos identitários do epicentro da irradiação. Dessas pesquisas *in lócus*, foram coletadas inúmeras informações através das entrevistas estruturadas e semiestruturadas com os sujeitos envolvidos nesses eventos: sejam representantes da Igreja católica, romeiros, turistas, moradores do lugar, membros das diretorias dos círios e agentes do mercado etc..

No decorrer deste trabalho, tivemos a necessidade de cartografar a espacialidade do Círio de Nazaré com os mapas temáticos que aparecem nos capítulos com a ocorrência do fenômeno aqui em questão. Assim como a localização geográfica do epicentro, do núcleo histórico, dos dois municípios exemplificados e do nordeste paraense onde a intensificação do fenômeno é mais evidente. Esse mapeamento nos dá a visibilidade da espacialização e regionalização proposta aqui e que futuramente podem servir de subsídios para fins de ações de políticas públicas ou particulares e para quem interessar.

Foram feitas as interpretações desses dados coletados através de gravações e escritos em diário de campo, além de fotografias feitas sobre os eventos, que congelam os momentos singulares dos aspectos festivos sacro-profanos em suas nuances, reverberando o espaço com sua paisagem. Dessas fotografias

demonstraremos os círios do passado, com seus cartazes de publicização. Pois, as imagens nos mostram uma parte das marcas do lugar e da paisagem.

Durante essa trajetória, procuramos criar um banco de dados próprio/pessoal e específico sobre esses Círios, com imagens (fotos, cartazes, gravuras etc.), vídeos, áudios, *sites*, *blogs* e um olhar empírico a partir dessas observações *in lócus*, além do contato com inúmeros sujeitos envolvidos nessa dinâmica. Conseguimos acumular um rico material teórico que subsidiou esta pesquisa, sendo sistematizado, analisado e interpretado nos capítulos constituídos aqui. Entretanto, reunimos o que a pesquisa com nossos objetivos exigiram, uma vez que inúmeras metodologias, de diversas áreas do conhecimento que tomam como objeto de estudo o Círio, configuram um vasto subsídio teórico, midiático e institucional que retrata esse fenômeno sacro-profano.

Assim sendo, foram realizados levantamentos e análise de conteúdos de material bibliográfico que constituíram a base teórica, conceitual e metodológica deste trabalho. Esse procedimento implicou na categorização, descrição e interpretação de dados qualitativos de outras pesquisas que envolvem a abordagem da Geografia Cultural de base humanista.

O referencial teórico a respeito dos trabalhos de pesquisa que contribuem para a sustentação desta tese está envolvido em uma geografia atualizada com os paradigmas contemporâneos e seus subcampos de atuação para apreender o objeto de estudo proposto aqui.

Autores que possuem trabalhos nesse subcampo da Geografia Cultural (CLAVAL, 2009; BUTMAN, 1982) e da religião (OLIVEIRA 2001, 2011, 2012; ROSENDHAL, 1996, 2003; CORRÊA, 2004; PANTOJA, 2006) enfatizam e mostram que o fenômeno religioso, além de se materializar no espaço, cria outros desdobramentos envolvendo os sujeitos com suas experiências, intenções e vivências em torno de objetos e lugares simbólicos.

Trabalhos de autores envolvendo a geografia das festas contribuem para esta análise, uma vez que o Círio se enquadra em uma grande festa popular, como se reporta Alves (1980) ao conceituar o Círio como “carnaval devoto”, termo emprestado do escritor paraense Dalcídio Jurandí (1960) e trabalhado na década de 1970 por Eidorfe Moreira. Autores como Di Meo (2001) ao expor as conflitualidades territoriais

dentro das festas nos dá a dimensão geográfica desses eventos que são imprescindíveis para a solidariedade e reciprocidades humanas.

Trabalhos das outras áreas das ciências humanas, que nos possibilitam enxergar o nosso objeto aqui em destaque, serviram como um grande cabedal teórico para chegarmos ao propósito sugerido nesta pesquisa. Soma-se, com isso, o espaço geográfico com sua paisagem e sua identidade dos lugares simbólicos em meio aos rituais da festa sacro-profana.

Outros autores, também, contribuem com uma visão mais particularizada do Círio com os seus recortes sobre a corda, ex-votos, o arraial etc., espaços e ações que fazem parte da atmosfera que o Círio de Nazaré cria e recria num período em que o extraordinário toma conta daquilo que era comum no cotidiano do lugar.

Esses trabalhos disponíveis na *web* e em bibliotecas (físicas e virtuais) advindos de comunicações científicas, sobretudo, livros, teses, dissertações, artigos científicos e outras monografias, relacionados à temática desta pesquisa, se aglutinam para nortear o caminho que procuramos seguir com uma geografia que envolve cultura, religião, festividades e Círio de Nazaré. Tudo isso, justamente, para contribuir com a análise e interpretação dos dados obtidos nos trabalhos de campo a partir de entrevistas e observações participativas.

Dentro dessa análise bibliográfica, as categorias que aparecem em diversos trabalhos sobre o Círio é a “festa” e a “Festividade” incluído o aspecto sacro-profano em que se destaca a “promessa”, relacionada ao sacrifício humano dos ex-votos interligados pela fé do *religare* das religiões.

Outro conceito bastante comum é o “ritual”, como um aspecto que envolve o tempo e o espaço no bojo das relações socioespaciais. Em seguida, essas e outras categorias acompanham este trabalho e aparecem nas análises comparativas dos lugares simbólicos constituídas nos círios de alguns dos municípios pesquisados.

Todo esse arcabouço teórico e empírico, adquirido até aqui, junto com a revisão bibliográfica focada nas interpretações sobre o Círio, nos trabalhos de campos e nas entrevistas realizadas, está traduzido através de uma metodologia científica comparativa e qualificada pelas categorias paisagem, lugar e região (regionalidade). É nessa perspectiva que passamos a nos aproximar do cerne desta tese com algumas considerações que criem possibilidades de se estender essa discussão. Esse esforço

intelectual nos permitiu identificar vários elementos peculiares que passaremos a analisar e interpretar, respondendo as questões norteadoras deste trabalho.

Nosso viés metodológico procura explorar não só o aspecto materialista e dialético do fenômeno socioespacial, que se tornou hegemônico dentro da geografia de influência marxista, mas adentrar nas experiências espaciais da cultura que o Círio propõe enquanto temática. Longe de criarmos um distanciamento da materialidade do fenômeno, procuraremos desvelar a essência do mesmo, mergulhada nas experiências dos sujeitos e dos lugares. Nesse sentido, Claval (2002) nos fala de uma Geografia Cultural como subcampo da geografia que apresenta uma relação homem-meio em uma perspectiva fenomenológica, com a decodificação dos sentidos, dos simbolismos e das vivências sobressaltadas nas experiências humanas.

Dentro dessa perspectiva teórico-metodológica, reafirmamos nosso interesse em demonstrar uma pesquisa qualitativa referendada pela abordagem desse subcampo da Geografia que apreende o Círio de Nazaré como um elemento cultural e religioso. Ao mesmo tempo em que se intitula como festa sacro-profana (nem só profana e nem só sagrada), os seus elementos indissociáveis aparecerão como complementares.

Essa metodologia nos permite propor um exercício comparativo, ressalvado todos os desafios de lidar com comparações de eventos e lugares. E enquanto caminho metodológico, nem sempre é algo simples, dado seu risco no estabelecimento precipitado de padrões. Porém, assumimos o desafio justamente por entendermos que isso é a riqueza paradoxal de uma tese.

Nossa jornada segue os passos da pesquisa acadêmica pelo pressuposto de um “eu” que se encontra dentro (ou fora) da festa e da festividade do Círio de Nazaré, ora como sujeito participante, ora como pesquisador. Nesses roteiros dos círios, vamos ao encontro dos outros sujeitos em uma comunicação que repercute no coletivo e que se espacializa por inúmeros lugares; em caravanas por onde existem os Círios de Nazaré e, até mesmo, de outros santos (as) do catolicismo romano.

Nesses termos, a proposta do objeto de estudo desta pesquisa é o movimento da irradiação do Círio de Nazaré e não a procissão ou a festividade do Círio em si de um dado lugar. Passaremos a enfatizar, além dessa irradiação, como esses outros círios se estabelecem em outros lugares para além do seu centro irradiador?

Com a apresentação e identificação da metodologia, que inclui os “elementos

essenciais” da festividade, de uma forma geral, outros círios, dentro e fora do estado do Pará, poderão ser exemplificados e comparados ao epicentro da irradiação desse fenômeno. Elementos essenciais do modelo de Vigia e Belém serão confrontados com os elementos peculiares que existem em um determinado lugar onde o Círio de Nazaré se estabeleceu.

A comparação é feita com elementos patrimonializados e não patrimonializados. Estes últimos seguem ocultados ou negligenciados pelas políticas de patrimônio. Pois, o Círio de Nazaré, que foi registrado como patrimônio nacional e patrimônio da humanidade, como celebração cultural e religiosa, foi o modelo festivo que ocorre em Belém. Segundo Henrique (2011), o Círio de Belém passou a ter os seus elementos ditos essenciais e associados, inventariados por seleção e que a partir daí deveriam ser preservados.

Uma das inquietações dessa pesquisa se baseia nos elementos de outros círios existentes no estado do Pará que seguiram o evento do epicentro irradiador e conseguiram implementar os seus elementos próprios como um hibridismo por acréscimos que reclama espaço dentro da festa nazarena.

Estudar como o Círio vem se expandindo para outros lugares a partir de sua matriz ou núcleo histórico na Amazônia é um assunto ainda pouco discutido. Embora em alguns trabalhos já houvesse a sinalização para os outros Círios do interior do Pará (MAUÉS e PANTOJA, 2012; ALVES, 1980, MOREIRA, 1971).

As várias pesquisas que se tem sobre a temática do Círio na Amazônia Oriental se voltam para os estudos de caso, abrangendo uma escala local se referindo como foco, um círio de um determinado município. Diga-se de passagem, a maioria dessas pesquisas se voltam para o evento de Belém. Embora existam inúmeros municípios com essas festividades, nessa região do Brasil, são poucos os estudos que contemplam esses municípios, havendo um despertar pelo interesse sobre o tema nos últimos anos. Desse modo, existe ainda, uma escassez e lacuna quando se trata do interior do estado do Pará onde ocorre esses outros Círios de Nossa Senhora de Nazaré, de outros santos (as) ou com outras titulações à Maria (santa católica).

As investigações que dão conta de uma abordagem socioespacial a respeito do Círio, onde está acontecendo tal fenômeno, aparece na expansão da cidade, nos itinerários e roteiros devocionais das romarias pelas rodovias e rios, além das inserções de fixos e o aproveitamento de outros para a constituição da quadra

nazarena.

Desses trabalhos desenvolvidos sobre o Círio de Nazaré, enquanto fenômeno, a partir de recortes antropológicos, etnográficos, sociológicos, históricos etc., são apreendidos, aqui, para que possamos estabelecer um diálogo necessário dessas diversas interpretações e alcançarmos os nossos objetivos. Nosso enfoque socioespacial está centrado na cultura dinâmica dos novos simbolismos festivos que se tem nessa perspectiva de processo irradiador, sendo um meio de enriquecer outras leituras não geográficas em que o espaço se apresenta como secundário.

Como questões norteadoras, cabe aqui enfatizar “O que vem a ser o fenômeno ciriodificação e como se dá a sua espacialidade nos Círios voltados à Senhora de Nazaré”?

Nosso recorte será específico para os Círios voltados, principalmente, a essa denominação à Maria (de Nazaré) no nordeste paraense, pois seria bastante dispendiosa uma pesquisa que abrangesse outros Círios voltados para outras titularidades de Maria e eventos de outros santos (as) católicos (as). Embora o fenômeno ciriodificação, identificado aqui, possa ser experimentado como metodologia em outros lugares que se tenha Círio com outras denominações, seria apenas uma tentativa didática de identificar o que se tem no lugar comparado com o epicentro e vice-versa.

A partir disso, podemos perceber, empiricamente, que existe um processo que identificamos e apresentaremos com maior intensidade no nordeste paraense, envolvendo uma padronização dessas festividades, embora hajam particularidades nos diversos lugares. Surge, então, uma segunda questão: Quais as evidências e elementos identitários que se constituem para que haja o fenômeno *ciriodificação*?

Para responder essa questão, identificaremos nos Círios de Belém e Vigia alguns elementos que são considerados essenciais em um e no outro círio com suas ocorrências padrão em ambos, criando assim um modelo para chegarmos próximos da realidade do fenômeno que queremos demonstrar em tese. São nessas condições que passaremos a inserir a emergência de uma espacialidade e regionalidade do Círio no nordeste paraense a partir do conceito de região.

Em uma proposta de comparar a partir dos modelos estabelecidos dos elementos essenciais, da festa sacro-profana, contidos em alguns quadros no corpo

deste trabalho, questionamos: “qual a relação do fenômeno *ciriodificação* entre os lugares escolhidos e o epicentro com seu núcleo histórico?”

A partir disso relatamos o que foi observado e identificado nos Círios de Bragança e Castanhal, especificamente, para esta pesquisa, além de exemplificarmos com referenciais de outros Círios que tivemos contato, empiricamente, mas que não se inseriram como trabalhos de campo específicos para esta pesquisa. Entretanto, nos dão uma dimensão, mesmo que superficial, sobre os diversos lugares que possuem Círios de Nazaré como na Região da Ilha do Marajó.

Nesse contexto, surge a questão do patrimônio imaterial do Círio de Nazaré no estado do Pará como uma imagem padrão, homogênea realizada pelas políticas públicas de patrimônio que ao patrimonializar o Círio de Belém, invisibilizou o que se tem espalhado pelo interior do estado. Pois alguns elementos identitários dos lugares que passaram a possuir esse evento sacro-profano se acrescentam na festa como resistências dos sujeitos e suas coletividades de dar a visibilidade dentro da festa nazarena.

Os objetivos deste trabalho de pesquisa estão centrados na interpretação desse fenômeno em tela, pois temos como objetivo geral: Compreender a ocorrência do fenômeno *ciriodificação* nas festividades de Nossa Senhora de Nazaré, como propulsor de uma espacialidade da devoção mariana no nordeste paraense. Esse objetivo vai ao encontro de uma discussão que é clássica na Geografia: o conceito de região e desenvolvimento regional. A questão do Círio de Nazaré e sua *ciriodificação* nos faz fomentar tal discussão a partir da escala regional.

Como objetivos mais específicos persistiremos em; a) Identificar e analisar a ocorrência dos Círios de Nazaré correlacionando ao fenômeno *ciriodificação*; b) Estabelecer indicativos identitários, similares e peculiares do fenômeno *ciriodificação* nos lugares de ocorrência dos Círios de Nazaré; c) Correlacionar o fenômeno *ciriodificação* entre os lugares e o seu epicentro com seu núcleo histórico. Tais objetivos e questões norteadoras caracterizarão os capítulos propostos no sumário desta pesquisa.

Estaremos afirmando, em tese, que existe uma diversificação do fenômeno *círio* e sua *ciriodificação*, ao mesmo tempo em que há uma padronização dessas manifestações. Esse modelo é irradiado para outros lugares, impulsionado por vetores que serão identificados nos demais capítulos. O fenômeno *ciriodificação* é expresso

na paisagem dos eventos nazarenos de outros lugares para além do epicentro do Círio de Nazaré, juntamente com os acréscimos peculiares das suas relações simbólicas advindas desses lugares.

Os sujeitos envolvidos nesse processo em irradiação correspondem a agentes eclesiásticos, políticos, mercadológicos e dos cidadãos comuns, constituindo-se nos fiéis, romeiros turistas, leigos, residentes e comerciantes locais. Esses sujeitos são responsáveis em impulsionar os vetores patrimoniais da irradiação devocional mariana, em suas dimensões culturais diversas (religiosa, cívica, econômica etc.).

Partiremos da paisagem como elemento aparente e imediato para percebermos no tempo e no espaço da festa nazarena os seus odores (o cheiro das comidas típicas da região Amazônica); suas sonoridades (com os anúncios auditivos das procissões e festas profanas, além do foguetório que anuncia as homenagens de rua); as faixas; placas; cartazes e imagens da santa que dão a visibilidade da festa e indicam uma paisagem que persistiremos em denominar de “devocional”, como no trabalho de Paes (2013). Esses elementos estarão superpostos em uma classificação da metodologia em tela como elementos essenciais em níveis diferenciados.

Os vários trabalhos de campo que realizamos desde 2015, com participações nos Círios de Vigia e Belém, nos confirmaram alguns dados já colocados como hipóteses e nos possibilitaram a identificação de novos, que até então os trabalhos anteriores ainda não mostravam e que agora aparecem de forma mais visíveis. Pois há uma grande dinâmica impulsionada por vetores religiosos, políticos e midiáticos em um movimento de forças compostas e oponentes que contribuem para essa metamorfose ou mutação que o Círio, enquanto evento socioespacial, sofre no tempo e no espaço.

Além desses dois Círios do epicentro, como referências, percorremos no ano de 2016 os municípios de Castanhal (após o Círio de Belém, no terceiro domingo de outubro) e o de Bragança (terceiro domingo de novembro) na região bragantina, para observar e verificar os elementos essenciais e os elementos peculiares que esses círios trazem em seu bojo relacionados à dinâmica dos lugares.

Castanhal não adotou a denominação do seu evento com o termo “círio” e passou a identificar sua festividade nazarena como “Romaria”; algo que nos chama a atenção no que concerne a uma hierarquia dos Círios mais antigos que possuem uma força na tradição por essa antiguidade: Belém e Vigia.

Em Bragança, a presença de outra festividade mais antiga concorre com o Círio de Nazaré, quando a marujada de São Benedito se apresenta com seu “santo patrão” (ALVES, 1980) e outros elementos da região bragantina ressurgem no seu cortejo como o elemento da cavalgada (cavaleiros peões e fazendeiros dentro da procissão principal de domingo).

Nos trabalhos de campo realizados, foram observados e registrados esses movimentos que compreendem parte da problemática desta pesquisa, como os elementos estruturantes das procissões, do arraial, dos sujeitos participantes, da religiosidade e da festividade em sua totalidade.

Os outros círios que já percorremos e participamos em suas festividades, como o de Colares, São Caetano de Odivelas, Distrito de Icoaraci, Marapanim, Barcarena etc., fazem parte de nosso aporte empírico que também enriquece a análise.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos em que a análise dos dados, juntamente com o arcabouço teórico que embasa o mesmo, conta uma narrativa pelo viés das ciências humanas e procura se aproximar de uma realidade que pode ser interpretada de diversas formas.

No primeiro capítulo intitulado, **A GEOGRAFIA CULTURAL E DA RELIGIÃO: PARÂMETROS DA ABORDAGEM**, é apresentada uma reflexão teórica a respeito do papel que a geografia cultural, englobando a geografia da religião, vem exercendo na construção de uma proposta de interpretação dos fenômenos socioespaciais, envolvendo a cultura das sociedades por um viés humanista. É apresentado um referencial teórico sobre os pressupostos dessa linha de pensamento que veio crescendo no Brasil a partir dos anos 80 do século XX e que se dispõe a contribuir com outros métodos científicos em uma deturpação da realidade em questão. Nosso viés é apresentado pela Geografia Cultural com subsídios da Geografia da religião quando tratarmos do mítico-religioso que se espacializa nos lugares e se constitui em paisagem e região.

No segundo capítulo intitulado, **O CÍRIO DE NAZARÉ NA AMAZÔNIA PARAENSE: DA DEVOÇÃO POPULAR À OFICIALIZAÇÃO DA FESTA DE NAZARÉ** passaremos a mostrar alguns apontamentos sobre o que vem a ser o Círio de Nazaré na Amazônia Oriental, enquanto devoção mariana. Partindo dos pressupostos dos diversos trabalhos e abordagens que já se tem sobre o Círio de Nazaré realizado por estudiosos da geografia e de outras áreas do conhecimento. É

dados ênfase à institucionalização do Círio pelo Estado e á Igreja em Belém, oficializando algo que já existia de forma popular pelos devotos da santa. Nesse preâmbulo é evidenciado um conceito de Círio na atualidade.

No terceiro capítulo; **OS ELEMENTOS ESSENCIAIS DA DEVOÇÃO MÍTICO-RELIGIOSA E DA FESTA PROFANA: UM CONTRAPONTO ENTRE OS CÍRIOS DE VIGIA E BELÉM**, são identificados os elementos ditos essenciais dos Círios de Belém e Vigia, seguindo uma similaridade (convergência) e divergências entre esses dois Círios. Assim como a atmosfera do Círio, com seu aspecto sacro-profano, é contemplada nos quadros comparativos para se chegar aos outros Círios irradiados do epicentro da devoção nazarena. Aqui passaremos a mostrar um modelo padrão a partir dos Círios de Belém e Vigia a fim de irmos ao encontro dos outros círios e evidenciar uma regionalidade nazarena com a *ciriodificação*.

No quarto capítulo denominado, **SOB O MANTO DA SENHORA DE NAZARÉ: IRRADIAÇÃO E CIRIODIFICAÇÃO DA FESTIVIDADE NAZARENA** será assinalada a expansão do Círio de forma regional. Aqui será mostrada a irradiação desse fenômeno chamado Círio de Nazaré, possibilitando outro fenômeno – *ciriodificação*. Será discutido esse movimento, enquanto processo de “como e porque se irradia do epicentro e do núcleo histórico do Círio?”. Bem como, traz à tona os novos desdobramentos que esse evento socioespacial possibilitou nos últimos anos, contribuindo com uma regionalidade nazarena em que o conceito de região e desenvolvimento surge. Nesse capítulo iremos aprofundar conceitualmente o que vem a ser o resultado desse processo de irradiação do Círio por diversos vetores como o mítico-religioso, político-turístico e mediático-ecossistêmico.

Demonstraremos, com uma análise interpretativa, que o fenômeno *ciriodificação*, se edificou e ao mesmo tempo se apresenta como um processo em andamento com sua totalidade. Por fim, esse último capítulo faz uma discussão a respeito do registro do Círio de Belém como patrimônio imaterial do Brasil, criando uma imagética do Círio no estado do Pará.

Passaremos a desvelar o que foi patrimonializado a respeito do Círio que acontece no epicentro e que repercute nos outros círios espalhados pelo nordeste do Pará, inclusive no de Vigia (núcleo histórico e berço da devoção nazarena na Amazônia).

Nas considerações finais procuraremos afirmar que o resultado e algumas conclusões deste trabalho podem servir de modelo de interpretação dos círios no nordeste paraense e para além dessa região a partir da metodologia presente aqui, com seus elementos identitários, essenciais e particulares. Além disso, o fenômeno do objeto central da pesquisa propõe uma regionalização a partir do aspecto sacro-profano do Círio de Nazaré na Amazônia paraense em que o turismo religioso se apresenta como um dos vetores que pode impulsionar um desenvolvimento regional.

Embora tal interpretação não deva ser considerada única e exclusiva à identificação de um fenômeno que faz parte do bojo das relações sociais no/pelo espaço. Entretanto, nossos referenciais teóricos, bem como o elenco de elementos discriminados para se constituírem como essenciais, devem estar em aberto para serem inseridos outros ou sintetizados. Isso vai depender dos interesses de diferentes recortes e intenções de pesquisa a respeito do Círio de Nazaré em qualquer lugar onde esse evento possa existir.

2 A GEOGRAFIA CULTURAL E DA RELIGIÃO: PARÂMETROS DA ABORDAGEM

“Contos e lendas parecem ter o mesmo papel. Eles se desdobram, como o jogo, num espaço excetuado e isolado das competições cotidianas, o do maravilhoso, do passado, das viagens”

Michel de Certeau, 1995.

Esse momento aqui é para exercitarmos nosso viés analítico-discursivo e reafirmar nosso trabalho de pesquisa que trata da temática do Círio de Nazaré sob um prisma da geografia enquanto ciência moderna. Por isso nossa revisão, conceitual e teórica, vislumbra o Círio de Nazaré no estado do Pará como um fato cultural, um elemento identitário e simbólico que se insere dentro de uma discussão que perpassa pela cultura e religião. Nossa pretensão neste capítulo é dar ênfase a uma abordagem que vem ganhando corpo na geografia brasileira, na qual incluiu a cultura e a religião como substrato de um espaço que se transforma, se recria e se modela na dinâmica das relações sociais. Ao mesmo tempo em que essa pesquisa procura destacar conceitos como paisagem e lugar, adjetivados, ambos os termos, como: devocional e simbólico, respectivamente. Referendamos, aqui, nossa escolha pela abordagem cultural na Geografia e os dois conceitos chaves que elencamos para trabalhar o objeto de estudo.

2.1 Uma Geografia Cultural que incluiu a religião

A geografia enquanto ciência humana procurou ao longo de sua trajetória acadêmica compreender a relação entre homem e meio, incluindo as condições naturais e sociais para que se chegasse a um objeto específico. Até aqui, tem-se no *espaço* a sua categoria e conceito fundante, instituído por muitas correntes de pensamento dentro da própria epistemologia geográfica. A geografia galgou tal trajetória, desde o século XIX, quando de sua oficialização como disciplina acadêmica (MOREIRA, 2010).

Tudo isso fez com que fosse pautada em uma gama de discussões que desencadearam correntes de pensamentos com novos paradigmas; criaram-se escolas e possibilitou-se a interpretação do seu objeto por outros métodos e metodologias que até então não eram tão aceitos pelos paradigmas predominantes em uma determinada época; isso se aplica em determinado momento a uma

Geografia Cultural fazendo correspondência com a presença de uma geografia humanista com base na fenomenologia enquanto método.

Muitos autores brasileiros apresentaram essa episteme geográfica até se chegar à atual fase contemporânea, em que a geografia se dispõe no universo acadêmico sendo apreendida por diversos métodos. Entre esses autores, tem-se: Moraes (1995), Santos (1978, 1996), Moreira (2010,2012), Corrêa (1997, 1998, 2001) e outros.

Porém, esta pesquisa não possui a intenção de desenvolver uma revisão teórica sobre essa trajetória epistemológica da geografia, enquanto ciência moderna. Nosso interesse é estabelecer um diálogo sobre o papel que a geografia vem desempenhando na contemporaneidade. Tal papel está relacionado à cultura, à religião, festividades e espaço pelo prisma de uma geografia Cultural e humanista vinculada a uma fenomenologia que dê conta de interpretar um fenômeno religioso que reverbera em experiências, vivências, simbolismos, ao mesmo tempo em que se espacializa e transforma espaços e sociedades.

A cultura, como substrato social, por muito tempo se tornou um objeto (ou parte do objeto) de muitas ciências humanas, principalmente da antropologia, que passou a tê-la como seu objeto de estudo. Entender como determinadas sociedades se comportam no tempo e no espaço com seus códigos, hábitos, modos de vida etc., fez surgir um arsenal de interesses por parte dessas ciências que procuraram decifrar a natureza humana em suas relações sociais (CLAVAL, 2009).

Com a geografia não será diferente quando o espaço geográfico passar a ser chamado de “espaço do homem”. Um espaço artificial em que repousa as ações humanas sobre o mesmo, pois nessas ações há uma cultura viva e que se reproduz ao longo dos anos. Essa mesma cultura possibilita a vivência dos homens em sociedade com suas experiências, rituais e imaginários. Na verdade, as culturas possuem uma função, também, atribuída à própria sobrevivência do grupo. O grande diferencial que a geografia trará para essa abordagem, envolvendo a cultura, é a sua interrelação com o espaço.

Demorou quase meio século para a geografia reconhecer que a cultura produz e reproduz o espaço geográfico, seu objeto de estudo. Na verdade, sempre a cultura esteve presente em muitos trabalhos da geografia clássica, porém, como coadjuvante e secundária. Esse viés acabava obscurecendo o que de fato a cultura representava

e representa para a espacialização das relações socioespaciais, designados pelos simbolismos, pela religiosidade, hábitos e costumes.

O que existe, até hoje, é uma geografia com seu objeto, mas coexistem subcampos ou outras vertentes de uma ciência que se subdivide em distintas abordagens e métodos para compreender seu objeto, seja no campo ou na cidade. A cultura se apresenta como o amálgama de uma interpretação das relações entre sociedade e espaço e que é recorrente em outros subcampos, embora não apareça como o cerne das diversas abordagens investigativas dos mesmos.

Na abordagem de Hall (2006), sobre a constituição das culturas, este demonstra uma luta cultural em que aparecem posições e interesses ora convergentes, ora divergentes entre sujeitos dentro de um grupo. O autor ressalta uma tensão entre formações dominantes e subordinadas que atravessam a dinâmica cultural.

García Canclini (2006) dar ênfase ao *hibridismo cultural* ao falar que as culturas sofrem influência do movimento da sociedade em seus novos tempos e arranjos. Nesses termos, a cultura será constantemente dinâmica e passível de trocas de elementos identitários de outras manifestações culturais.

Podemos afirmar que *cultura* é algo relacionado a um conceito ou termo que atravessa os séculos transitando pelos mais diversos métodos científicos, como uma polissemia. “A cultura não é uma realidade global: é um conjunto diversificado ao infinito e em constante evolução” (CLAVAL, 1991, p. 64).

Uma outra definição de cultura apresenta-se nas formas de descrever as relações sociais dentro de uma estrutura de normas, leis, códigos que moldam a vida de uma determinada sociedade, mas que atualmente essa estrutura é entendida como aberta, pois antes entendia-se que a mesma era supra orgânica com uma estrutura menos flexível, como nos trabalhos da escola de Berkley, tendo seu principal expoente Carl Sauer (CORREA, 2009).

Segundo Corrêa (2009), Sauer é um dos precursores ao envolver o estudo das culturas em seus trabalhos, nos Estados Unidos, analisando os elementos materiais, característicos de uma determinada cultura, identificando aquilo que diferencia uma dada cultura da outra no espaço através das paisagens com suas marcas ou características.

Os trabalhos da escola de Berkley têm a cultura como um dado concreto que se materializa no espaço. Essa geografia cultural, da primeira metade do século XX, inicia a inserção da cultura de maneira mais contundente do que antes pela classificação de artefatos, técnicas e outros elementos materiais que seriam específicos de um determinado grupo. Entretanto, na Geografia, a cultura passará a ser vista por outro prisma (menos materialista) em que as subjetividades aflorarão de forma individuais e coletivas com o movimento humanista, a partir da década de 80 do mesmo século com a chamada “nova geografia cultural” (CORREA, 2001).

Essa abordagem da escola de Berkley não levava em consideração as vicissitudes das sociedades, com suas experiências, suas narrativas, seus mitos e *ethos*. A geografia da década de 1920 ainda está arraigada com o ranço de um positivismo que separa ou exclui aquilo que não pode ser mensurado (CLAVAL, 2009).

Como afirma Chelotti e Pessoa (2005, p.2):

O que aconteceu com o passar dos anos é que todo o conhecimento que se pretendia ser considerado científico deveria obedecer alguns princípios, leis, dogmas, e na geografia não foi diferente. Com isso, passou-se a abandonar algumas características clássicas da geografia, como a observação, o empírico, o trabalho de campo, e incorporaram-se modelos matemáticos, ditos “científicos”, afastando-se o geógrafo do espaço social, e principalmente do imaterial.

Essa objetividade e racionalismo da ciência positivista acabaram por obscurecer os sentimentos humanos. Estes que o existencialismo sartreano procurou resgatar e a fenomenologia de Husserl passou a contrapor com uma nova abordagem, inserida em uma interpretação que buscasse o significado simbólico dos rituais humanos relacionados à cultura; envolvendo as crenças, a fé, o imaginário e os simbolismos.

A abordagem humanista na geografia cultural vai ser possível a partir da inserção de uma reflexão que rompa com a influência que o positivismo ditou para as ciências modernas por muito tempo. Alguns autores como Buttimer (2001) e Claval (2009) retomam uma discussão a respeito das relações sociais que, até então, eram tolhidas pela visão positivista em que rejeitava o mito, o imaginário etc. Entretanto, até hoje, essa visão humanista enfrenta resistências de métodos positivistas e neo-positivistas que seguiram uma lógica do racionalismo da ciência moderna. Essa nova abordagem cultural na geografia terá como premissa interpretar e compreender a

relação do homem com o seu meio, seja natural ou social, em que demonstra como esse meio pode ser reproduzido pela cultura.

A principal preocupação desse subcampo da geografia se dispõe em analisar como as sociedades vivenciam e experimentam, de maneira diversificada, a experiência dos lugares; condicionando aos espaços valores diferenciados a partir dos simbolismos e rituais (como será demonstrado nesta pesquisa com o Círio de Nazaré).

É justamente essa cultura diversa, em seus significados e abordagens, que será elucidada com a visão humanista a partir de 1980 nos diversos trabalhos acadêmicos no Brasil. Pois, a cultura enquanto concretude já tinha o seu enfoque interpretado por meios que se aproximavam do objetivismo racionalista das ciências de tradição positivistas e neo-positivistas.

A cultura, posta como as relações sociais em um espaço, sempre esteve presente nas metodologias científicas, porém em abordagens distintas. Sua definição ou conceituação, sempre deturpou² aquilo que se apresenta na realidade, de fato, pois qualquer tentativa de conceituação é uma maneira de fechar e delimitar dentro das bases positivistas. Cultura é para ser interpretada e não definida, como, historicamente, se propuseram muitos teóricos das ciências humanas.

A geografia cultural, que retoma uma ressignificação desse conceito pelas bases humanistas, com a sua renovação, segue uma trajetória em que as experiências humanas no espaço ganham outra dimensão, que as demais correntes rejeitaram ou fizeram questão de anular.

Os mitos e as lendas que fazem parte das narrativas dos cotidianos das sociedades, sempre foram encarados como elementos que não poderiam ser levados em consideração na interpretação das realidades, pois não seriam comprovados.

Certeau (1980, p. 84) enfatiza que:

Contos e lendas parecem ter o mesmo papel. Eles se desdobram, como o jogo, num espaço excetuado e isolado das competições cotidianas, o do maravilhoso, do passado, das viagens. Ali podem expor-se vestidos como deuses ou heróis, os modelos dos gestos bons ou maus utilizáveis a cada dia.

Esses contos e lendas até hoje fazem parte das narrativas que explicam, através do mitológico, o funcionamento de muitas tradições culturais como as

² Trabalharemos com o verbo e termo “deturpar” com o intuito de “redução” da realidade e sua simplificação classificatória e didática, que tenta se aproximar de uma realidade.

narrativas do mito fundador do Círio no estado do Pará e as estórias de milagres atribuídos à Senhora de Nazaré ou de outros santos (as) do catolicismo.

Cassirer (2004) assinala para uma capacidade (ou dependência) que o homem tem de viver em um universo simbólico e não só materialista vinculado às formas aparentes; esse universo simbólico pode ser expresso “na linguagem, na religião, na arte e na ciência, (...) um universo simbólico que lhe permite entender e interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar sua experiência humana” (CASSIRER, 1994, p.359).

Além disso, muitos mitos e lendas contribuíram para a construção de fixos que fazem parte das paisagens dos lugares, um exemplo disso são as igrejas e santuários estabelecidos em ambientes onde ocorreram hierofonias (ELIADE, 2002). Estas são manifestações de eventos sagrados relacionados a algumas divindades, como os milagres e aparições de divindades. Daí temos os mitos construindo ou proporcionando as transformações socioespaciais, seja por parte das instituições, seja por parte dos subalternos.

O Círio de Nazaré com seu mito fundador tanto da origem da devoção Nazarena, como de sua oficialização pela Igreja e o Estado, está mergulhado dentro desse contexto do mitológico e acaba dinamizando inúmeras narrativas, como veremos nos capítulos adiante.

Outro exemplo do cotidiano das culturas, dentro das suas narrativas e experiências que a geografia cultural de base humanista vai compreender e interpretar, se sustenta nos itinerários de algumas procissões e peregrinações religiosas pelo Brasil e no mundo ou de rotas e andanças de um elemento que passou a se sacralizar por um *imaginário coletivo*, impulsionado por uma tradição.

Casos como os passos de Anchieta no estado do Espírito Santo, a via cruzes em Jerusalém, os caminhos de Santiago de Compostela na Espanha ou até mesmo o Círio de Nazaré no estado do Pará, partem de mitos e lendas, principalmente as manifestações religiosas relacionadas às histórias de achados de imagens, seja na terra ou no rio. Aí repousa o lugar da imaginação na geografia cultural, pois “uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias (...), como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico” (WRIGHT, 2014, p.85).

Esse traço mítico-religioso das transformações dos lugares respalda o olhar geográfico em identificar a cultura como um elemento da dinamicidade do espaço geográfico e apreende a religião como um elemento cultural, mesmo com seu sistema de crenças, normas e dogmas. Todavia, a própria religião, como elemento cultural, também é inventada em um determinado tempo e espaço com a intensão de explicar o universo, o mundo e a sociedade em um lugar específico. A religião com seus signos e símbolos dão significados para uma cultura em um determinado lugar que passa a ser um espaço simbólico (OLIVEIRA, 2012). O autor ao tratar dos lugares simbólicos ressalta que os mesmos “não admitem essa presunção do espectro racionalista da ciência [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 208).

Diante disso, reafirmamos nosso interesse interpretativo de evidenciar no corpo deste trabalho a presença do conceito de lugar simbólico, revertido de signos e identidade construída pela tradição cultural que também é inventada e se mantém pela repetição (HOBBSAWM, 1995).

Essa determinação da abordagem humanista na geografia cultural passou a estabelecer um novo paradigma para se interpretar cultura e religião. Esse novo foco aumentou no Brasil, nas últimas décadas do século XX, em algumas universidades, com seus Laboratórios, grupos de pesquisas e estudos. Nesse interim, a geografia cultural passa a abordar a religião, outro item negligenciado pelos ditames positivistas.

Trabalhos de pesquisas desenvolvidos por vários pesquisadores em laboratórios vinculados aos programas de graduação e pós-graduação em Geografia, relacionados à abordagem cultural, continuam dando uma maior ênfase para essa vertente. A título de exemplo tem-se o LEGES (Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos) da UFC (Universidade Federal do Pará). Esses laboratórios, com seus grupos de pesquisas, estão ligados em rede, agrupando pesquisadores de várias universidades interligadas, também, em encontros esporádicos (de dois em dois anos) como do NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Espaço e Cultura), da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e do NEER (Núcleo de Estudos em Espaço e Representações), da UFPR (Universidade Federal do Paraná).

Esses agrupamentos, atualmente, reforçam a produção de pesquisas que alimentam essa área da geografia Cultural e Humanista e contribuem para interpretação de um imenso arcabouço cultural presente no Brasil.

Nesse sentido, o conceito de cultura reforça a abordagem geográfica sobre o espaço e outros conceitos e categorias de análise da Geografia. Esse casamento entre cultura e espaço estabelece um novo paradigma a partir da década de 1980 na ciência geográfica que até então a tinha como coadjuvante até 1925 (CORREA, 2004). Pois as relações sociais estão pautadas em relações culturais que suscitam poder, simbolismos e leis oficiais. Nesse interim, conceitos clássicos da geografia como espaço, região, lugar, paisagem e território são reavivados e inseridos nessa abordagem cultural geográfica.

Muitos trabalhos fazem referências às relações de poder no espaço, criando marcas materiais e imateriais interpretadas pela paisagem ou no lugar, condicionando uma feição regional, característica de um agrupamento social.

Esses conceitos se constituem como basilares nas pesquisas de cunho geográfico para entendermos os círios no Pará, onde existe um intercâmbio de comunidades ribeirinhas, pesqueiras (como em Vigia) e da rodovia com a devoção mariana. Essa devoção em forma de círios é mais intensa após o período das chuvas amazônicas, que diminuem a partir do final do mês de junho. Portanto, existe uma temporada de círios – estabelecendo um ciclo anual - que congrega a regionalidade dessa irradiação cultural onde o fator climático ainda influencia na distribuição desses eventos, no decorrer do ano civil e eclesiástico.

O elemento do rio é outro fator que predomina em uma região em que as águas fluviais são apreendidas pela cultura religiosa do Círio de Nazaré com as romarias fluviais (como aprofundaremos nos próximos capítulos). O que temos até aqui é só um avivamento desse elemento cultural procurando chegar à essência do que, por muito tempo, ficou apenas no plano da aparência, do material e do palpável, do objetivismo e racionalismo. A geografia sempre incluiu as dimensões culturais, mas os geógrafos clássicos não se deram conta disso. Esse pensamento que reconhece esse “cultural” emerge, nos últimos anos, para se chegar onde os olhos não conseguiram enxergar de imediato, englobando e inserindo elementos rejeitados até nas análises mais estruturais.

A busca aqui, sintonizada com esse reconhecimento cultural, é desvelar alguns elementos identitários que são recorrentes no objeto em questão, como a “promessa” do ex-voto e o sacrifício oferecido à santa padroeira, em rituais que adensam o dinamismo dos círios pelo vetor mítico-religioso. Além desse aspecto estritamente

religioso, nos deparamos com os rituais festivos envolvendo o lazer e o entretenimento.

Essas duas dimensões sacro-profanas (celebração e folclore) faz reverberar um conceito que a Geografia, enquanto ciência moderna, destacou em suas análises que é a paisagem. Denominada aqui como *paisagem devocional*, termo trabalhado por Paes (2013) ao falar dos ex-votos com suas performances dentro da procissão principal do Círio de Nazaré de Belém e que Saré (2005), ao estudar a corda dos promesseiros, irá enfatizar a corporeidade de um objeto que fará parte da paisagem do Círio de Belém.

A paisagem devocional, mesmo que efêmera, nos mostra a materialidade e imaterialidade do Círio de Nazaré enquanto evento, ritual e festa sacro-profana com seus elementos ditos “essenciais”. São elementos que surgem no tempo e no espaço que fazem parte de um patrimônio imaterial, mesmo que não oficial ou institucionalizado pelos órgãos governamentais (como trataremos no último capítulo).

A paisagem religiosa, como paisagem devocional, se confunde com as territorialidades sagradas, outro dado geográfico tratado por geógrafos que possuem trabalhos sobre religião e espaço (ROSENDHAL, 2002, CORREA, 2004, OLIVEIRA, 2003). Religião, cultura e espaço são o mote para a interpretação de um dado social que a geografia humanista vem se preocupando em dar conta sobre o entendimento a respeito dos inúmeros desdobramentos existentes na contemporaneidade. O Círio não é só um dado inserido na religião institucionalizada pela Igreja Católica Apostólica Romana, mas um complexo de elementos que passou a obter um status cultural por agregar outros aspectos apreendidos pelas intencionalidades de sujeitos e instituições da esfera civil. Temos, então, um patrimônio que não é só religioso, mas também cultural.

Muitas lacunas relativas ao planejamento regional e urbano ignoraram as questões culturais e religiosas desse patrimônio, por muito tempo. A discussão e interpretação propostas por uma geografia cultural humanista, que passou a problematizar os espaços vivenciados das experiências humanas, começaram a ser inseridas nas políticas preservacionistas. No Círio em Belém, isso ocorreu quando há o seu registro de salvaguarda como patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo IPHAN (Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 2004; e em 2012, como

Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) - como aprofundaremos nos próximos capítulos.

Mesmo com a presença de uma visão mais humanista dessas experiências humanas, as ações estruturalistas, em que privilegiam um positivismo da ordem, ainda se faz ecoar nos espaços em que acontecem divergências ideológicas. Surgem os campos de força com imposição arbitrária de grupos, historicamente predominantes, hierarquizados como elitistas (HALL, 2006). Isso faz parte da essência das festas e festividades engendradas nos espaços e, agora, desveladas por uma geografia cultural e humanista.

O Círio de Nazaré no Pará perpassa pelos ordenamentos e reformas por parte dos agentes clericais e leigos com a finalidade de racionalizar aquilo que foge aos seus controles ideológico-dogmáticos, contrapondo aos anseios de um catolicismo praticado pelos devotos, denominado catolicismo popular (MAUÉS, 1985).

Cultura e religião se constituem como duas categorias; e ao mesmo tempo em dois vieses, para se chegar à compreensão do complexo Círio, com a intensão metodológica da abordagem da Geografia Cultural renovada. Esse caminho nos fará enxergar nosso foco maior que é a irradiação desse Círio para outros lugares, o qual o resultado, mesmo que dinâmico, será o processo ou fenômeno que estamos denominando de *ciriodificação* e que se apresenta como fenômeno e o objeto de estudo desta tese.

2.2 Festa e Festividades Sacro-Profanas

Nos muitos trabalhos que se tem sobre o Círio de Nazaré aparecem o termo *feira de Nazaré* ou *feira nazarena*. Tão logo, o Círio é visto, seja pelo senso comum, ou por trabalhos científicos, como uma *feira* que possui tanto elementos sagrados como profanos. É nessa perspectiva que passaremos a entender o que vem a ser essas feiras³ as quais o Círio de Nazaré no estado do Pará se apresenta como tal. Esses estudos das feiras são outro campo de estudo que a geografia cultural passou a se preocupar nas últimas décadas, envolvendo cultura e espaço.

Não havia uma tradição literária da geografia no Brasil com relação ao estudo de feiras até a década de 80 do século XX, esse debate estava mais restrito a

³ Recorreremos ao termo *feira sacro-profana* em que sagrado e profano estão imbrincados de forma indissociáveis e complementares, ora divergentes, ora convergentes.

algumas ciências humanas, como a sociologia, história e a antropologia. A geografia humana, com o seu caráter interdisciplinar, vem buscando dialogar, nas últimas décadas, com esses outros saberes a fim de buscar e entender essas relações festivas no espaço que se espetaculariza em rituais folclóricos, míticos, políticos e econômicos.

Atualmente existe uma gama de trabalhos científicos envolvendo festejos de modo geral, procurando compreender a espacialidade e territorialidades das festas. Os trabalhos do geógrafo Francês Gui de Meo, relacionados a uma geografia social, trazem uma contribuição a respeito do território que as festas produzem como recortes espaciais. Em sua obra *La Géographie en fêtes* é enfatizada uma análise de várias festas com suas tipologias distintas em algumas regiões da França. O autor mostra uma geografia nas festas e não “das” festas. Mesmo assim, o autor assinala que:

A festa, justamente, contribui para territorializar os lugares. Mas, mais ainda que uma geográfica concreta, a festa gera e descreve uma geográfica simbólica. O espaço referido cobre uma dimensão mítica, aquela de algumas passagens essenciais para as sociedades: passagens de uma estação ou de um ano ao outro, do selvagem ao civilizado, do profano ao sagrado... (DI MÉO, 2001, p.219)

As festas, de um modo geral, trazem em seu bojo uma sociabilidade responsável em contagiar, um grupo de sujeitos, pelos elementos que a compõe. Seja uma comemoração cívica, religiosa ou a repetição de um evento tradicional que marca o início ou fim de um ciclo. Em suas diversas tipologias, sua função principal é romper com o cotidiano e adentrar em um tempo festivo, independentemente do período e da extensão do mesmo.

Essas festas, analisadas em várias partes do globo terrestre por estudiosos da cultura, identificam o evento festivo como ritos e rituais de passagem, que são efêmeros e se repetem em outros momentos, sofrendo mutações de acordo com as intencionalidades dos sujeitos envolvidos.

O propósito aqui é fazer uma explanação a respeito das festas profanas e sagradas ou sacro-profanas, com seus hibridismos culturais (GARCÍA CANCLINI, 1983) para que se possa entender os períodos festivos que envolvem o Círio de Nazaré, enquanto festa e festividade, nos mais diversos municípios do estado do Pará, especificamente no nordeste desse estado onde recai o foco desta pesquisa.

São inúmeros os tipos e variações de festas sobre o ato de comemorar algo em uma sociedade, como analisa Amaral (1998) ao se referir sobre inúmeras festas espalhadas pelo território brasileiro. Influenciadas desde a presença da coroa portuguesa com a participação de negros e índios como novos súditos e emprestando os seus elementos culturais ao ato de festejar (AMARAL, 1998, p.10).

A festa que é tratada aqui é relacionada a um evento periódico que possui uma atmosfera religiosa, lúdica, socializadora e de lazer, ao mesmo tempo em que é gerida por sujeitos religiosos e não religiosos que estabelecem suas ações no tempo e no espaço. Esse modelo de festa nos remete à temática em questão quando se tem a “festa de Nazaré” ou a “festa do Círio”. Nesses termos, festa e religião se coadunam em uma espécie de hibridismo cultural com seus elementos peculiares.

Muitos trabalhos de pesquisa que retratam a festa de Nazaré tomaram o conceito de *communitas* de Turner (1974) “para designarem um momento ritual não estruturado, ou rudimentarmente estruturado, em que os indivíduos participantes se relacionam entre si em um clima de comunhão” (FIGUEIREDO, 1999, p.116). Alves (1980) é o primeiro pesquisador a utilizar esse conceito de *communitas* para descrever o almoço do Círio e outros rituais dentro da festa de Nazaré em Belém.

Sobre a Festa nazarena em Belém, Correa (2010, p.20) enfatiza que:

(...) congrega em si um extenso mosaico de elementos culturais integrados em diferentes planos e graus de intensidade. Tais elementos mantêm, entre si, relações ambivalentes de aproximação e distanciamento, identificação e diferenciação.

Muitas das festividades de um santo (a) católico (a), em grande parte do Brasil a fora, não se resumem apenas as novenas, as penitências ou as promessas voltadas para o seu aspecto eclesiástico e sacro; essas festas e festividades são regadas, por outro lado, de elementos considerados profanos ou não sagrados pela igreja católica oficial. Como enfatiza Oliveira (2011), não há festa sagrada sem o dimensionamento permanente do espaço profano.

Dito isto, a festa tem um duplo sentido: festejar com o sagrado e o profano, não havendo uma hierarquia ou predefinição daquilo que deve vir por primeiro; em alguns casos, sagrado e profano se confundem em ações e atitudes por parte do sujeito que pratica e se envolve em uma festa. “A festa em relação ao sagrado, ela representa os momentos de efervescência e de unanimidade, e assume um novo sentido, o de sacro-religioso” (FIGUEIREDO, 1999, p 121).

Eliade (2002) conceitua o sagrado como algo transcendental que ultrapassa o natural e se atribui a algo divino relacionado aos deuses. Na mesma linha de pensamento, Assunção (2012, p.12) nos diz que:

O Sagrado, (...) relaciona-se à possibilidade de a linguagem orientar a ultrapassagem da experiência natural do homem a uma transcendência que passa ao largo de uma explicação racional. Ou seja, distancia-se dos fatos explicados apenas pela razão. Assim, o Sagrado, tendo por base a religiosidade do homem e sendo elemento fundante da hierofania, marca uma oposição ao profano.

Os aspectos sagrado e profano serão modelos para se estudar as festas de santos (as) do catolicismo romano em diversos lugares. Dentro dessas festas há um universo de elementos culturais dispostos pelos rituais que a mesma proporciona. Interagir fazendo parte da festa sacro-profana vai depender das intencionalidades de cada indivíduo dentro da atmosfera festiva.

Em Vigia-Pa e em outros municípios do nordeste paraense é comum, pelo tempo da festividade do seu Círio, haver as festas de (com) aparelhagens⁴ nas vésperas da procissão principal do domingo. Essas festas “do Círio” ocorrem logo após a passagem da romaria da transladação, no sábado (recorrente em inúmeros Círios no Pará). Em Belém tem-se a Festa da Chiquita e outras de cunho artístico-cultural que fazem parte desse aspecto profano da festividade nazarena, bem como o *auto do Círio*, na sexta-feira, que antecede o dia da transladação do Círio (que trataremos mais adiante).

Sobre a devoção sacramental e a presença das festas de santos, Sousa e Castro (2017, p 149) explicam que:

Essa religiosidade promove a solidariedade entre as comunidades e, além disso, é marcada pela ambiguidade de festa e penitência. No festejo há danças, missas e rezas, sendo esta a maneira de agradecer ao santo a proteção, mas também é o momento de pagar a promessa feita, através de alguma penitência.

Em trabalho de campo conseguimos visualizar e identificar membros da equipe de animação da procissão em festas profanas, nas sedes sociais da cidade de Vigia, mas que após isso, ao raiar do dia de domingo, os mesmos estavam em cima dos

⁴ Grandes equipamentos sonoros que realizam festas dançantes desde a década de 60 do século XX, pertencentes a empresas promotoras desse tipo de entretenimento (Ver Costa, 2005).

trios elétricos fazendo as suas funções eclesiásticas dentro da procissão principal do Círio, no segundo domingo de setembro.

Os Círios no nordeste paraense passaram a possuir uma imagética de festa popular com uma conotação de lazer e turismo para os de fora. Há um fluxo de pessoas que vai em busca dos lugares onde há a ocorrência dessas festividades e podemos afirmar que estão indo em busca da festa; de uma grande festa que o Círio no Pará passou a ser há mais de três séculos desde o início da devoção nazarena vinda de Portugal.

A palavra “Círio” que estava relacionada, no passado, apenas à procissão principal, se tornou a *redução* de uma miscelânea de elementos sacro-profanos (como será mostrado nos próximos capítulos) constituintes da festa nazarena ou de outro santo (a) católico (a).

Por isso, chamam-se “festas” do padroeiro, ou festividades, com o intuito de elencar uma gama de outras festas, até mesmo particulares, que coexistem dentro de uma espacialidade do lugar festivo.

Tais festas “particulares” podem ser anônimas e específicas do grupo que as organiza e por não serem oficializadas por alguma instituição clerical ou governamental, existem pelo ato de festejar algum elemento do grupo responsável. A título de exemplo tem-se a festa dos trabalhadores do mercado de peixe do Ver-o-Peso em Belém, que ocorre após a passagem da procissão do Círio no segundo domingo de outubro. São festas dentro da festa como observou Costa (2005).

Trabalhos de pesquisa sobre as festividades de inúmeros santos católicos por todo o Brasil passam a surgir com o interesse de geografizar tais eventos, como na região nordeste onde são fortes os festejos aos santos padroeiros: são João Batista, na Paraíba, São Francisco das Chagas, em Canindé -Ce, Nosso Senhor do Bom fim, na Bahia, Padre Cícero em Juazeiro do Norte –Ce etc.

Algumas festividades podem se apresentar com uma maior intensidade nos elementos sacros do que profanos, e outros, o inverso. Entretanto, a festa aparece como uma válvula de escape para os espaços em que alguns sujeitos podem estar mais predispostos para os elementos sacros, assim como outros aos elementos profanos. Isso vai depender da motivação e intensão dos sujeitos que buscam os lugares simbólicos.

O espaço das festividades religiosas, também, é sacralizado, criam-se territorialidades simbólicas (CORREA, 2002) legitimadas pela Igreja católica, enquanto instituição religiosa. Nesse universo de interesses, em disputa por uma parcela desse espaço da festa, surgem conflitualidades que aparecerão como interesses políticos e econômicos por parte de alguns sujeitos sociais (MAUÉS, 1985; PANTOJA, 2006).

Aparece o conceito de território e territorialidade nos diversos estudos da geografia que lidam com os pontos de tensões, poder e conflitos em meio às relações sociais desses sujeitos com interesses distintos: seja por parte da Igreja Católica, dos empresários, dos órgãos governamentais, dos turistas, devotos, moradores locais etc.. É bastante comum essas tensões acontecerem nas festas quando estas se apresentam e possui um espaço em disputa, como temos nos Círios em Belém e Vigia no nordeste paraense.

Mesmo que o espaço da festa seja um território sagrado (ROSENDHAL, 2002) as disputas ocorrem pela visibilidade do sujeito ou sujeitos que reclamam sua territorialidade. A festa sacro-profana possui um espaço que é sacralizado, e ao mesmo tempo profanado pelos que participam da mesma.

A respeito dessa sacralização do espaço nas festas, Di Meo (2001, p. 219) destaca que

Todas, com efeito, não concorrem com tanta eficácia a essa transformação. Essas que reúnem melhor são, sem contestação, as festas religiosas, votivas ou ainda as festas com objetivos ideológicos ou políticos (patrióticas em particular). A um mínimo grau, as festas de calendário ou de padroeiros procedem também a essa qualificação do espaço geográfico das localidades. Porque elas se referem aos eventos de outra escala, muitas vezes nacional ou internacional, as festas comemorativas realizam com menos sucesso essa sacralização dos espaços no seu desenvolvimento e seus cortejos.

As festas se constituem enquanto fenômenos sociais, efêmeros, mas que estabelecem um ciclo espaço-temporal em que a cultura pulsa em seus elementos mantenedores. Toda festa possui uma estrutura semelhante com os rituais religiosos, mesmo sendo uma festa profana. Pois possuem início, meio e fim a respeito dos rituais peculiares a cada evento (DURKHEIM, 1996). Nesse sentido, toda festa está alicerçada a partir de uma organização cultural, onde a própria religião faz parte da cultura dos grupos sociais.

Não se pode negar que a festa, ao longo do tempo, passou a ter um caráter comercial, principalmente no espaço urbano. Embora muitas festas espalhadas pelo

mundo tenham surgido para reafirmar os laços identitários do grupo ou de comemorar o aniversário de algo com a contemplação e repetição.

Na contemporaneidade, muitos agentes do mercado se apropriaram das inúmeras festas a fim de obter vantagens financeiras. Pois muitos desses rituais, que antes se apresentavam com um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares, vêm sendo incorporados pelos agentes públicos e empresariais. Nas festividades religiosas esse caráter empresarial aparece com maior intensidade com o crescimento da atividade turística no mundo.

A festa deixa de ser apenas uma comemoração ou ritual, mas um espetáculo para os turistas assistirem ou participarem. A troca de experiências culturais desempenhada pela atividade turística nas festas vem atraindo um fluxo sem precedentes de turistas nos polos de atração desses lugares que possuem o atrativo para tal fenômeno (DIAS, 2003). O turismo religioso em expansão no mundo inteiro é um importante segmento do mercado turístico que envolve dois dos mais importantes fenômenos sociais do mundo contemporâneo: Turismo e Religião (OLIVEIRA, 2002; DIAS, 2003).

O turismo, enquanto atividade socioespacial e econômica, surge no bojo dessas relações, ligadas aos espetáculos dos rituais dentro das festas. Essa atividade socioespacial estabelece interesses múltiplos no espaço que entra em disputa e negociações por parte dos sujeitos envolvidos. O desenvolvimento dessa atividade socioeconômica no Brasil e no mundo despertou o interesse de agentes como estado e o mercado (FRATUCCI, 2008). O turismo instigado por esses dois agentes cria uma força vetorial que Oliveira (2011, 2013) estabeleceu como político-turístico, o qual daremos ênfase no 4º capítulo, ao mostrarmos o processo de irradiação do Círio de Nazaré no nordeste paraense.

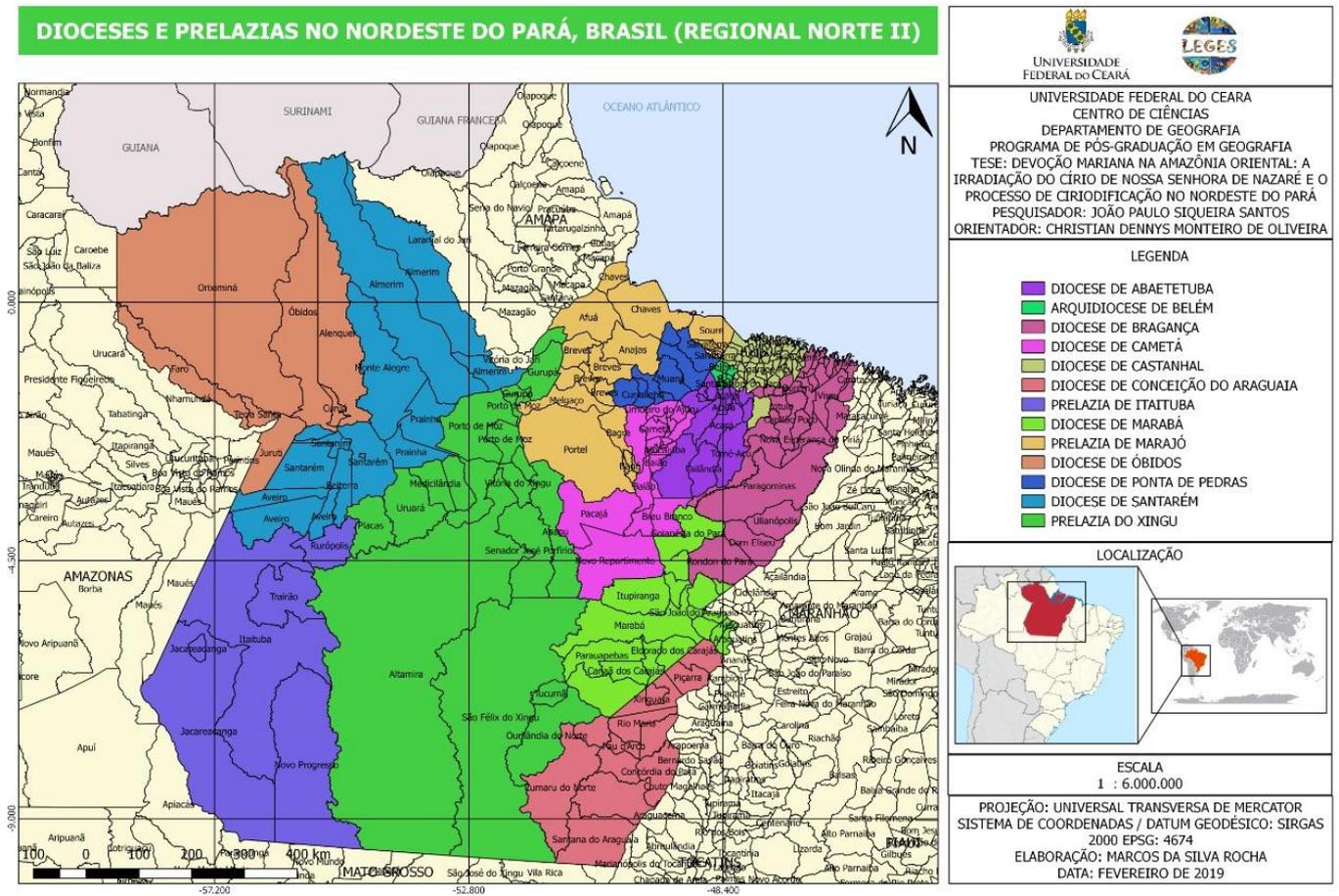
Essas relações entre o espetáculo e os rituais dentro da festa geram outros desdobramentos relacionados às transformações no espaço dos lugares como intervenções urbanísticas relacionadas aos processos de turistificação desses espaços festivos (FRATUCCI, 2008; OLIVEIRA, 2011, SERRA, 2014).

Pantoja (2004), ao estudar o Círio de Belém, enfatiza os “negócios sagrados” em que a própria igreja se apresenta como gestora do evento que funciona como um sustentáculo, não só do seu poder eclesiástico, mas também econômico. Pois toda instituição religiosa deve ser mantida nesse tripé: fé, dinheiro e estrutura física. A

autora ressalta o caráter empresarial que o Círio de Belém passou a ter a partir da gestão da instituição responsável: DF (Diretoria da Festa), composta por clerigos e membros leigos da Igreja Católica. Essas diretorias da Festa são comuns nos outros Círios espalhados pelo Pará. Em Belém, a “marca Círio de Nazaré” passou a ser comercializada por diversas empresas que associam ao seu produto a imagem da santa ou outros elementos identitários do Círio, como a corda. Além de uma comercialização do Círio de Nazaré enquanto marca ou produto, temos também uma midiáticação do Círio em um sistema de propagandas veiculadas nos diversos meios de comunicação, como veremos com o vetor mídiático-ecossistêmico (OLIVEIRA 2001).

A fé está relacionada ao sistema de ideologias, dogmas e pensamentos que marcam uma doutrina, crença etc. O dinheiro é adquirido através da fé dos sujeitos membros do credo religioso, pois isso faz parte de uma teia de dogmas que as religiões passaram a construir no tempo e no espaço, conquistando adeptos que seguem uma religião com o sagrado. Dessa forma, Igreja e fiéis devem manter a instituição por meio de doações voluntárias ou obrigatórias como o dízimo que é bíblico. A estrutura física é necessária, por que demarca as territorialidades no espaço de atuação, se espacializando em diversas escalas, como nas paróquias e dioceses (**ver figura 01**).

Figura 01 – Dioceses e Prelazias no estado do Pará



Fonte: elaborado pelo autor

Dito isto, as festas e festividades contribuem para animar essa tríade. Muitas paróquias observadas, no nordeste do Pará, possuem seus Círios de Nazaré e de outros santos (as) católicos (as), também como uma forma de manter esse tripé (fé, dinheiro e estrutura física).

A abordagem cultural na Geografia deverá partir dessa dinâmica em que sociedade e o espaço se interrelacionam. Alguns recortes são feitos dentro desse tripé identificado aqui, pois alguns trabalhos se encaminham para essa experiência de fé dos sujeitos; de como o sagrado é experimentado como nas pesquisas feitas através das peregrinações, dos atos de pagar a promessa, além de outras penitências que corroboram para uma sistematização da paisagem, de transformações socioespaciais de interesse da Geografia.

A geografia como ciência que estuda o espaço geográfico com suas variadas concepções a cerca da relação sociedade-natureza e sociedade-sociedade, adentra

em uma seara que vem custando muito caro aos geógrafos humanistas, que buscam estudar uma geografia Cultural e da religião na atualidade. Pois, o objetivo de uma geograficidade (DARDEL, 2011) em torno das festas religiosas, como o Círio, é decifrar seus códigos inseridos em sua espacialidade onde se materializam relações sociais, muitas vezes, conflituosas, inerentes à condição humana em sociedade.

Além dos elementos míticos, essenciais e identitários que correspondem como arranjos do lugar simbólico, as manifestações festivo-religiosas são apreendidas pela geografia em uma tentativa de interpretação por meio das categorias ou conceitos que essa ciência foi adquirindo e ressignificando por empréstimos de outras ciências como a paisagem e o lugar; ou potencializando, como o território.

2.3 Religião e Espaço: do Mito à Experiência do Real-Concreto

Por muito tempo, a religião como tema ou objeto de estudo, foi negligenciada pela metodologia científica de tradição positivista e neo-positivista, por entender que religião estaria sob um prisma de mitos e superstições, não podendo ser racionalizada pelo objetivismo da ciência moderna a partir do século XIX.

Essa concepção começa a mudar quando as religiões passam a ser o objeto de estudo com seus sistemas de ideias e funcionamento de suas bases, principalmente por sociólogos e antropólogos os quais sempre estudaram as religiões. Desde a década de 1970, o estudo de festividades religiosas, dos mais distintos credos e devoções a determinados santos (as) católicos (as) no Brasil, tem sido objeto de estudo de diversas áreas das ciências sociais, porém esse interesse na Geografia ganha força a partir da próxima década com a chamada Geografia da religião, que aos poucos vai ganhando o interesse de alguns pesquisadores no Brasil com o surgimento de artigos, ensaios, monografias, dissertações e teses.

Em um propósito de compreender o que vem a ser o “sagrado”, muitos autores buscaram conceituações na tentativa de classificar o que os homens, com seus significados e simbolismos do mundo, estabeleciam como *sobrenatural*. Esse elemento sagrado, relacionado a uma divindade extra-humana e superior hierarquicamente, transcende o plano terreno e encontra corpo na coletividade e subjetividade dos sujeitos envolvidos em um sistema de crenças. Esse sagrado, segundo Eliade (2008), estabelece um significado simbólico, mas que é legitimado

pelo coletivo que assume um objeto, evento, ritual ou seres como fora do plano humano.

Muitos sociólogos e antropólogos discutiram e procuraram entender a religião por um viés das relações culturais. Esse entendimento vem através dos símbolos, dos rituais e códigos peculiares a cada religião ou doutrina, pois cada seguimento possui as suas peculiaridades observadas e identificadas por esses estudos. O espaço então precisava ser inserido ou entrar em um debate que ainda não era possível.

Na Geografia, o estudo da religião se estabelece com a escola de Berkley que através de uma Geografia cultural, centrada nas formas espaciais, apreende a religião como construtora e transformadora de fixos estabelecidos nas paisagens. A paisagem enquanto parte física e aparente do espaço era interpretada de forma diferenciada pelas marcas que a religião, por meio da cultura, imprimia em determinadas regiões (CORREA, 2002).

Em trabalho anterior, discutimos sobre essa temática envolvendo a Geografia da religião e seus métodos de análise, quando ressaltamos que:

Não há apenas um viés para entender como a religião pode interagir com o espaço. O método fenomenológico com seus mecanismos em abstrair as subjetividades e os simbolismos e significados envolvidos dentro dos grupos sociais será um dos caminhos que a geografia da religião irá percorrer com a chamada "Nova Geografia Cultural" da década de 1980, pois até a década de 1970 perdurava uma análise mais classificatória do que analítica da cultura, associando as áreas distintas dos agrupamentos humanos (SIQUEIRA, 2013)

Até aí, a compreensão das narrativas, lendas e mitos, além das superstições, relacionadas às experiências dos grupos sociais em seus espaços vividos, não entra nessas análises. Isso só será possível com a inserção da Geografia de cunho mais humanista (como já demonstramos anteriormente) através de uma Geografia cultural renovada a partir da década de 80 do século XX.

Este trabalho de pesquisa não está apenas preocupado em descrever as formas pelas quais a religião cria e recria, transformando o espaço em questão, mas compreendê-las através das experiências dos sujeitos com suas identidades, pois suas vivências, crenças e outras ações dentro do fenômeno religioso redefinem a paisagem com seus sons, odores e aparência simbólica, concebidos na paisagem devocional do lugar simbólico.

A fé, a penitência, lazer e o entretenimento, voltados para o sagrado e o profano, contribuem para essa dinâmica em que os sujeitos envolvidos se especializam, vivenciam novas experiências com o espaço. Um exemplo disso são as peregrinações de um lugar até um santuário em que os sujeitos peregrinos pagam uma promessa em penitência e sacrifício, depois são acolhidos em ambientes programados e feitos para ajudar esses sujeitos que caminham.

Isso é muito notório pelo período do Círio de Belém - PA e em Canindé – CE, por conta das peregrinações em penitência a São Francisco das Chagas. O governo do Ceará criou pontos de apoio aos peregrinos e também para turistas. Em Belém, a Igreja Católica criou a casa de Plácido como espaço de acolhida aos peregrinos após as longas caminhadas, com voluntários que prestam os cuidados aos devotos dessas peregrinações a pé. Já durante a procissão principal no domingo do Círio em Belém surgem grupos de socorristas voluntários ligados às várias entidades que prestam serviços de saúde, também em outros círios pelo interior do estado (**ver figura 02**).

Figura 02: Instituição de voluntários socorristas no Círio de Belém



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Esta pesquisa fala de uma prática vivenciada pelo Catolicismo popular, marcado pela efervescência das práticas devocionais que a instituição Igreja, organizadora da base estrutural da festa, procurou direcionar a organização e a ordem sobre a égide de um catolicismo oficial (MAUÉS, 1985).

O trabalho aqui realizado se refere a uma manifestação sacro-profana pertencente oficialmente ao cristianismo, sobretudo, a uma de suas doutrinas ou vertentes que é o catolicismo de Roma, administrado pelo Vaticano. Entretanto, a efervescência cultural que o evento passou a possuir, fez do Círio de Nazaré um patrimônio legitimado pelos sujeitos envolvidos, mais tarde institucionalizado pelas políticas patrimonialistas.

A religião cristã, que acompanha a evolução do ocidente, vem com o viés do *religare*: verbo religar em Latim. Nesse caso “religar” o humano ao divino, a um deus (as) ou deuses (as) ou a outras entidades superpostas em hierarquias e estabelecidas pelos sistemas de dogmas de uma dada doutrina ou credo. Nesse contexto, surgem os santos (as) católicos (as) institucionalizados⁵ pelo Vaticano ou legitimados pelo catolicismo popular como no exemplo de Padre Cícero na região do Nordeste brasileiro. A tese de doutorado de Vera Irene Jurkevics intitulada “OS SANTOS DA IGREJA E OS SANTOS DO POVO: *devoções e manifestações de religiosidade popular* demonstra esse processo de institucionalização advinda pelo controle eclesiástico e as devoções populares como no exemplo da “Santinha” de Curitiba (JURKEVICS, 2004).

Inúmeras religiões existem no mundo até hoje (com o desaparecimento de algumas ao longo do tempo) e seguem em consonância com um mundo real e sobrenatural, metafísico, mas que existe pelo mistério que se permite na fé (meio de acreditar de forma mítica, sem uma explicação mais racional de um método científico). Não estamos aqui negando a fé dos sujeitos, muito pelo contrário, as vivências e os simbolismos que surgem no Círio de Nazaré, são elementos inseridos numa abordagem que os trata, como protagonistas em meio a uma atmosfera sacro-profana que não precisa da racionalidade positivista para existir.

⁵ No caso do catolicismo de Roma há uma vasta devoção aos santos estabelecidos pelo Vaticano através dos processos de canonização, onde é estabelecida a santificação de um membro da Igreja Católica (seja clérigo ou leigo) pelos milagres que o mesmo realizou após a sua morte, comprovadamente por especialistas da Igreja Católica.

Segundo Jurkevics (2004, p.13):

As múltiplas manifestações religiosas, envolvendo a devoção aos santos constituem-se numa das mais antigas práticas do cristianismo. Da veneração nos primeiros mártires cristãos aos nossos dias, o culto santoral sistematicamente ocupou um lugar de destaque, quer arraigado em antigas tradições, quer se renovando, se recriando para se adaptar a novos contextos.

A autora ressalta que, historicamente os santos, que a Igreja de Roma estabelecia, estavam ligados aos martírios sofridos pelos seguidores de Jesus de Nazaré, filho de Maria e José, consagrado como o messias; o filho de Deus (de tradição hebraica como consta na narrativa do Novo Testamento Bíblico) que teria a missão de salvar a humanidade dos pecados cometidos pela mesma.

Os sujeitos que vieram depois de Jesus (como os seus discípulos) e que propagaram o cristianismo, enquanto nova religião - e que morreram por essa causa - a Igreja estabelecia esse pressuposto como um critério para a santificação (JURKEVICS, 2004).

Segundo a narrativa do Novo testamento bíblico, antes de Jesus, e durante sua caminhada, tem-se a figura de João Batista que sofreu martírio com perda capital. Já seus pais na Terra, Maria e José, foram santificados mesmo sem esse pressuposto, pois Maria teria sido a mãe protetora do filho de Deus e aceitou o papel de mãe através de um milagre divino em que engravidou e continuou imaculada (virgem); explicação mitológica narrada no Novo Testamento por parte da Igreja Católica oficial e que é aceita pelos que comungam desta fé. Além do mais, Maria, a mãe de Jesus, não teria morrido, mas levada aos céus como narra a tradição católica (não aceita pelo cristianismo protestante).

Essa Maria que recebeu inúmeras titulações na Igreja Católica seria a intercessora entre uma hierarquia maior. A figura de mãe, mulher e protetora faz de “Nossa Senhora” uma santa de grande predominância na tradição católica.

O que se tem aqui é um referencial do que a religião possui ao longo da história da humanidade com seu poder e seus templos edificadas com seu raio de ação em uma escala macro; que se estendeu de um país para outras grandes regiões do planeta. Tal fator influencia milhares de sujeitos que vivem e morrem dentro de uma atmosfera carregada de uma vivência e experiência que move montanhas. Não é a

toa que o dito popular diz que “a fé move montanhas”. Esse mover está intrinsecamente ligado ao ato de transformar, de modificar etc. A fé, enquanto ação e intenção, cria e recria condições de sobrevivência em uma sociedade e espaço. Nesse caso, a imaginação, proporcionada pela fé, cria as ações (CLAVAL, 2009).

Dentro dos fenômenos religiosos, estudados aqui neste trabalho de pesquisa, serão identificadas essas experiências com o religioso, com a divindade a partir da “promessa” com o sacrifício e penitência para o santo (a) católico (a); entretanto não deixarão de serem descritas e interpretadas às formas socioespaciais que a fé provoca. É demonstrado, também, o espaço-temporal, imaginário, que acontece no Círio de Nazaré quanto à ideia de céu, Terra, purgatório e inferno; morada dos deuses, dos homens e demônios. Dessa hermenêutica se projetam territorialidades, lugares simbólicos e paisagens devocionais dentro de uma atmosfera sacro-profana. Esses lugares no Círio são projetados a partir do que se entende por paraíso, Céu e inferno.

O Círio, como bem mostrou Alves (1980), possibilita a vinda de Maria (através de imagem construída fisicamente) ao plano espacial dos homens, dos comuns. Essa divindade visita os lugares desses homens e depois volta para o seu nicho que está nos altos das Igrejas, que representa o céu.

O Círio de Nazaré no estado do Pará suscita uma festa e festividade dentro de uma seara da religião cristã que se mantém, por sua força, engendrada em inúmeros elementos que lhe condicionam e possibilitam estar viva enquanto evento sacro-profano, durante mais de três séculos na Amazônia brasileira, como será apresentado nos capítulos posteriores.

Sobre espaço e religião, em uma perspectiva da Geografia cultural, esse binômio começa a tomar sentido em vários trabalhos de geógrafos que se dedicaram a respeito dessa temática a partir da década de 1970 no Brasil.

Alguns trabalhos já existentes que mostravam algum dado religioso não estavam diretamente ligados a uma geografia da religião, mas sim a uma ciência da religião. Entretanto, já se começava uma autodenominação de ciência dos fenômenos religiosos, tendo a religião como um objeto de estudo. A Geografia da religião, embrionária da década de 1970, ainda estava sob uma forte influência da escola de Berkley, como identificou Correa (2002).

A grande questão é a disciplinarização de uma Geografia da religião, uma vez que essa nomenclatura deva atender a mais um subcampo da geografia ou se

praticará a abordagem cultural na geografia, tendo em vista a religião como elemento cultural, sem se perder de vista o conceito fundante que é o espaço geográfico.

Nos lugares onde há a ocorrência do Círio de Nazaré, pulsa elementos do regionalismo amazônico construído a partir de um processo de formação territorial sob a matriz eurocêntrica, congregando elementos identitários dos povos primitivos da floresta e os escravizados, trazidos da África. Esses elementos regionais são identificados por Maués e Pantoja (2008, p. 59), ao relacionarem com o rio e a floresta:

Particularmente na Amazônia, o rio e a floresta são os elementos de maior destaque nos processos de construções de identidades, pois estes estão intimamente relacionados à existência terrena e sobrenatural do homem amazônida. No comércio entre si e com os deuses, rio e floresta são recursos fundamentais. (p. 59)

Muitos trabalhos envolvendo as identidades de determinados grupos buscam no simbolismo as suas referências interligadas com o espaço e o lugar. Essas identidades se reafirmam como elos culturais construídos ao longo do tempo pelas subjetividades, conforme nos apresenta Chelotti e Pessôa (2005, p. 03)

A identidade é construída a partir de subjetividades individuais e coletivas, e pode estar relacionada a grupos sociais ou ao pertencimento territorial. Portanto, percebe-se que a incorporação da dimensão simbólica, do imaterial no discurso geográfico, tem possibilitado uma enorme riqueza nas análises sobre a produção do espaço, das paisagens, das territorialidades.

Outros elementos mais modernos da apropriação do espaço amazônico, a partir da década de 1960, surgem nos círios de Nazaré, como a presença das fazendas pecuaristas que emprestam o elemento da cavalgada dentro dos cortejos religiosos.

O fenômeno da religião, experimentado nos espaços da Amazônia, foi e continua sendo eivado de traços de uma cultura híbrida, cultuada e manifestada nas festas de santos. São comidas, vestuários, festas, cavalgadas e rituais que possuem um emaranhado de elementos sagrados e profanos, reestabelecidos em um processo de miscigenação (MAUES in FIGUEIREDO, 2005).

O que se identifica aqui como o real-concreto é aquilo que está superposto no espaço com sua paisagem cultural que o Círio cria e recria e que foi construído pelas relações sociais alicerçadas em suas culturas no tempo e no espaço, como se estudou pelas escolas da geografia cultural tradicional. Ao se referirem ao real, Araújo e Junior (2012, p. 103) assinalam que este:

[...] estaria assim inerentemente condicionado a conter em si uma profundidade de significância psicológica e imaginativa que beira o caráter instintivo de cada indivíduo, produzindo representações e relações de afeição e repulsa, enfim, engendrando verdadeiros mosaicos simbólicos no espaço geográfico.

Entretanto, nosso interesse é interpretar, na paisagem devocional⁶ e nos lugares em que o Círio acontece, elementos identitários materiais e imateriais, relacionados à essencialidade que a devoção nazarena permite. A própria celebração do Círio se apresenta como intangível por ser uma festividade, mas que congrega elementos materiais para acontecer. Esses elementos identificados na metodologia aqui presente fazem parte da paisagem do Círio que é recorrente nos muitos lugares onde esse evento ou fenômeno acontece.

Nesse sentido, o que se tem a respeito dos simbolismos e da essência do fenômeno religioso se constitui no cerne de um esforço metodológico que procurará entender a religiosidade dos sujeitos envolvidos na festa e nas festividades do Círio de Nazaré no nordeste do estado do Pará. Além de compreender como esse fenômeno se irradia, se expande e se espacializa, criando condições para uma materialidade a partir dos elementos constituintes de Círios mais antigos, como o de Vigia e de Belém, enquanto epicentro e núcleo histórico da devoção nazarena na Amazônia paraense, respectivamente.

⁶ Essa paisagem simbólica e devocional é concomitante por onde os modelos festivos dos Círios de Vigia e Belém serão ou foram imitados. Essa mesma paisagem devocional será identificada e experimentada nos outros Círios que aparecerão nesta pesquisa.

3 O CÍRIO DE NAZARÉ NA AMAZÔNIA PARAENSE: DA DEVOÇÃO POPULAR À OFICIALIZAÇÃO DA FESTA

“O cumprimento ritual atualiza a passagem de um ciclo a outro, revela os desejos comunitários e o sentimento de pertencimento e a renovação de relações socialmente estabelecidas”.

Isidoro Alves, 2005

Nos mais diversos trabalhos de pesquisa que consultamos, sobre o Círio de N. Senhora de Nazaré no/do estado do Pará, o que se destaca e chama a atenção de qualquer leitor é a base comum na narrativa sobre a historicidade dessa devoção nazarena com o mito fundador. Essa base comum mostra, por outro lado, que a origem do Círio na Amazônia é lusitana, transferida para a colônia brasileira. Outro elemento comum nesses trabalhos é o modelo festivo que é mostrado, envolvendo os ditos elementos do sagrado e do profano em volta da festa que o Círio representa, na contemporaneidade, que fazem desses elementos o que é essencial e secundário.

Outro aspecto que vale ressaltar aqui é que grande parte desses trabalhos dão destaque para o Círio de Nazaré de Belém. Isso se dá pelo fato de ter se tornado o centro desse modelo festivo, embora haja, na atualidade, a recorrência de inúmeras festividades de outros santos (as) do catolicismo de Roma, espalhados pelo estado do Pará com a denominação “Círio”. E para entender o que vem a ser o Círio de Nossa Senhora de Nazaré no estado do Pará, precisamos falar não apenas do Círio de Belém, mas também do de Vigia, esses servirão como modelos dessa devoção em tela.

Mesmo sendo arriscado partir para uma conceituação sobre o que é o “Círio de Nazaré” - pela tentativa de aproximação de uma realidade dada - procuraremos demonstrar, neste capítulo, uma síntese de um diálogo que fazemos com outras tentativas de conceituação sobre esse evento sacro-profano. Isso vai requerer de nossa abordagem geográfica um olhar mais atento sobre o modo de acontecer da festa nazarena, nos lugares identificados aqui como simbólicos.

Nesse sentido, conceituar é estabelecer uma ideia que pode partir de uma imaginação, resultado de uma síntese a respeito de uma realidade ou fenômeno que ocorre na sociedade e no espaço.

3.1 Para início de Conversa... O Que vem a ser o Círio em seu contexto?

Ao fazermos a pesquisa bibliográfica necessária, sobre o Círio de Nazaré na Amazônia, diversos trabalhos acadêmicos - das mais variadas áreas do conhecimento - a partir de artigos científicos, teses de doutorado, dissertações de mestrados e outras monografias, demonstraram as conotações polissêmicas de acordo com a área de estudo e a metodologia das mesmas. Além disso, é evidente o interesse dos pesquisadores com relação ao recorte ou objeto de estudo sobre o Círio, pois algumas pesquisas procuram explorar o Círio como um todo, já outras, buscam entender partes dele ou de seus elementos constituintes.

De acordo com a área do conhecimento, o olhar será sempre distinto pelo tipo de lente em que o fenômeno é visto. Então, interpretar ou decifrar o que vem a ser o Círio de Nazaré se tornou um tema de grande interesse pelas ciências humanas, nas últimas décadas do século XX. Todavia, a análise central ainda se apresenta na relação sagrado/profano que o Círio de Nazaré possui, bem como a sua historiografia mergulhada em narrativas envolvendo o início da devoção com o mítico-religioso dos milagres, promessas e a sua institucionalização. Outros trabalhos envolvendo os “negócios sagrados” e a produção econômica que o Círio de Nazaré desencadeia junto com agentes distintos são apresentados por Costa (2005) e Pantoja (2006).

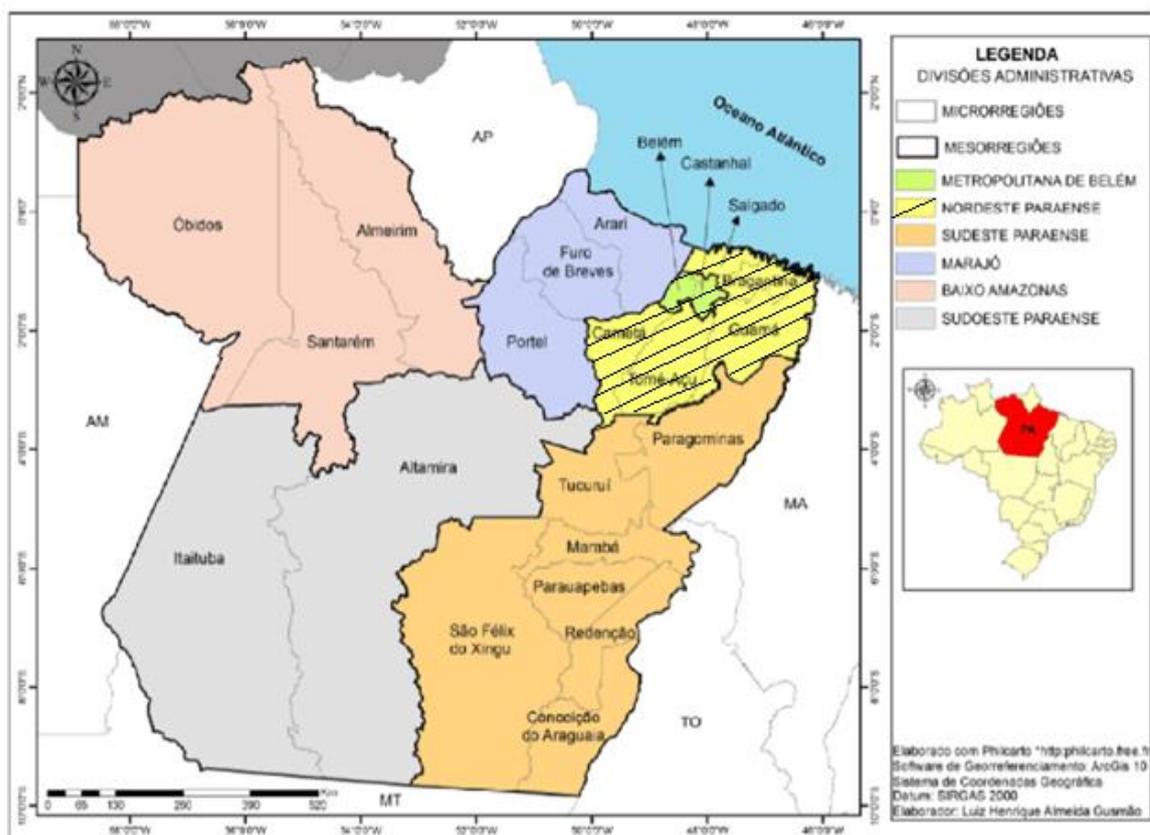
Trabalhos envolvendo a regionalidade amazônica no meio dessa festividade (MAUES e PANTOJA 2008); as expressões corporais, estéticos e devocionais que os cortejos religiosos invocam (SARÉ, 2005); a turistificação de espaços no Círio de Belém (SERRA, 2014). Além desses fatores, recortes de estudos da própria estrutura que o Círio criou ao longo dos séculos, passam a ser objetos de estudos. Como exemplo muito forte do recorte que se faz sobre o Círio temos a corda dos promesseiros (elemento essencial da procissão principal de muitos círios); os ex-votos (PAES, 2013); as promessas (ALVES e FILHO, 2014); o almoço do Círio (MAUES, 2016); o arraial de Nazaré (MATOS, 2010) e muitos outros trabalhos de pesquisas que vão esfacelando o fenômeno e reduzindo o mesmo como o objeto de seus interesses.

A própria conceituação de “Círio” é uma tentativa de decifrar de forma reducionista algo que faz parte de uma realidade maior e mais complexa. E ao mesmo tempo é pelo recorte que se faz necessário a partir do método de estudo do pesquisador. Nesse caso, conceituar o que é “Círio de Nazaré” na Amazônia paraense

é um caminho complexo que pode frustrar, excluindo elementos antecipadamente ocultados pelo descarte de importância.

Nossa proposta aqui é dialogar com alguns conceitos de Círio, mais especificamente o de NAZARÉ que envolve o objeto desta tese. Dessa forma, para chegarmos ao objetivo de identificar e entender o que vem a ser *ciriodificação* precisamos percorrer por essa estrada que demonstra “o que vem a ser o Círio de Nazaré” na região em que propomos a estudar (**ver figura 03**).

Figura 03 : Estado do Pará e suas Macro e microrregiões



Fonte: Adaptado de Gusmão, 2000.

Na figura 03, que representa o estado do Pará com suas mesorregiões, estão destacadas no Nordeste paraense, a microrregião do Salgado e a região metropolitana de Belém, onde se encontra o Epicentro e o núcleo histórico desta pesquisa. Assim como, a microrregião bragantina e Castanhal que em outra proposta de divisão regional do Pará se apresenta como cidade polo da “Região de Integração” do Guamá. Todos os lugares trabalhados nesta pesquisa estão localizados nessa parte do estado do Pará

No nordeste paraense estão as ocupações mais antigas desde o início da colonização portuguesa na Amazônia, inclusive com a presença de missões religiosas e irmandades que já realizavam suas festividades voltadas aos santos (as) que davam nome às denominações dessas associações do catolicismo popular (CORDEIRO 2013).

O processo de colonização portuguesa, ao espalhar benfeitorias e fortificações⁷ pelas calhas dos rios nessa parte da Amazônia, se tornou imprescindível na construção de um território português nessa região. Tal processo estabeleceu a fé católica com os colonos junto a Igreja Católica, vindos da Metrópole portuguesa, depois com as irmandades, que irão ser formadas, além das ordens de padres com suas missões de catequizar os povos indígenas e expandir o território lusitano na Amazônia (TRINDADE JR e TAVARES, 2008; SIQUEIRA, 2013).

A presença de templos religiosos do catolicismo em muitas cidades ribeirinhas no nordeste paraense se apresenta como uma marca da Igreja Católica de Roma, quando o prédio da Igreja demarca uma territorialidade religiosa que é institucionalizada com paróquias e dioceses (ROSENDHAL, 2002).

Esse processo marca um espaço que foi submetido entre a cruz e a espada (GONÇALVEZ, 2001) com a presença das fortificações e dessas Igrejas de frente para o rio. Nesse sentido, o processo de colonização portuguesa no Brasil é, concomitante, acompanhado de um processo de cristianização, repercutindo, nos dias atuais, com as romarias, novenas, caminhadas e círios aos santos (as) católicos (as), muito forte em toda a Amazônia oriental, porta de entrada dessa territorialização portuguesa no século XVI.

Moreira (1979) é o primeiro pesquisador a fazer uma análise sociológica sobre o que era o Círio até a década de 1970. O autor demonstra o círio a partir de uma conceituação acadêmica, diferente de outros estudos mais memorialistas de estudiosos dedicados à historiografia factual desse evento (VIANNA, 1904; DUBOIS, 1953; CRUZ, 1967; ROCQUE, 1974). Haja vista que esses nos dão uma visão de como eram os círios dos séculos e décadas passadas, com sua trajetória, implicando

⁷ Os fortes, enquanto casas militares, foram imprescindíveis para o domínio português ao Norte do Brasil onde o rio era a única via de circulação; um elemento natural que condicionava o acesso para um território português ainda em construção. Os Portugueses utilizaram essa estratégia da fortificação das confluências dos rios para expulsar qualquer estrangeiro que já estivesse para dentro do Rio Amazonas. (ver SARAGOSSA, 2005)

em rupturas, acréscimos e transformações.

Almeida (2015), ao fazer uma análise da obra do geógrafo Eidorfe Moreira sobre o Círio de Nazaré em Belém, ressalta que esse geógrafo considera o Círio como: “um ‘fato social’, categoria teórica utilizada e defendida pelo sociólogo francês Emile Durkheim em seu clássico ‘As regras do método sociológico’” (ALMEIDA, 2015, p. 595).

Para Alves (1980), que após Moreira (1979) fez um estudo antropológico do Círio de Belém, o Círio corresponde a um complexo ritual, formado por práticas de solidariedade e reciprocidade, envolvidas na comunhão dos sujeitos em meio a *Communitas* de Turner (1974). Alves (1980) identifica uma estrutura no cortejo principal do segundo domingo de outubro como:

Composto de três segmentos ou o que chamamos de *espaços em movimento*: um núcleo estruturado constituído pelas *autoridades* civis, militares, eclesiásticas, políticas, altos funcionários, irmandades religiosas e convidados, que portando crachás, ficavam dentro da corda (já então um elemento fundamental na procissão) ou mais perto da imagem da Santa; um *segmento intermediário ou liminar*, composto pelo povo que segura a corda e “puxa” a Berlinda, e um terceiro segmento, composto pela grande massa de acompanhantes.

Já em outro trabalho, o autor acima acrescenta o elemento identitário ao conceito de Círio:

O culto à Virgem e sua impressionante procissão, os festejos, o almoço, colocam em evidência – possível nos grandes rituais coletivos e públicos – cada um em seu momento, os atos e sentimentos que remetem a um senso de identidade, compartilhado pelos paraenses. (ALVES, 2005, p.326).

Na sequência, Maués (2012) conceitua o Círio de Nazaré de Belém como:

Um conjunto de rituais que incluem várias “romarias” (pequenas procissões), a *Trasladação*, o Círio propriamente dito, a *Festa de Arraial*, as *Novenas*, as *Missas*, as manifestações paralelas, mas integradas a ele, como a *Festa das Filhas da Chiquita*, o *Auto do Círio*, a *Feira de Brinquedos de Miriti*, os fogos, a *Procissão da Festa*, o *Recírio* e muitas outras formas de celebração religiosa ou rituais paralelos (MAUÉS, 2012, p. 164).

A conceituação que predomina, em grande parte desses trabalhos, faz referência ao Círio de Belém e essa conceituação é remetida ao estado do Pará. Isso permite uma generalização ou homogeneização de um único Círio, pois se vislumbra a caracterização da festa sacro-profana da capital paraense, apenas. Não aparece o

núcleo histórico da devoção que influenciou Belém, muito menos os elementos de outras festividades nazarenas espalhadas pelo interior desse estado.

Conforme coloca Correa (2010, p. 26): “os signos dessa festa já não falam somente dela, e sim do estado do Pará e ultimamente, da região da Amazônia para o resto do Brasil e do mundo”. A autora evidencia essa generalização dos signos do Círio de Belém associados à identidade paraense.

A autora também destaca os elementos estruturantes que o cortejo religioso, do segundo domingo de outubro em Belém, possui na atualidade:

Fazem parte do cortejo do Círio, além da corda e da Berlinda, treze carros – carro dos milagres, carro do caboclo Plácido, barca dos escoteiros, barca nova, carro do Anjo Custódio, barca das velas, carro do protetor da cidade, barca portuguesa, carro dos Anjos I, barca com remos, carro dos Anjos II, carro da Santíssima Trindade e o cesto das promessas (CORREA, 2010, 58)

Esses carros que se apresentam como alegorias fazem parte de alguns elementos que se constituíam como essenciais, juntamente com o núcleo da corda, com a imagem da santa dentro da Berlinda. Muitos desses elementos estruturantes aparecerão em outros círios do interior do estado como o de Vigia. Outros elementos que faziam parte desde os primeiros círios, nos séculos passados, desapareceram. Alguns estudos apontam para as reformas eclesiásticas que o círio passou a ter, a partir da elite dirigente entre leigos e clérigos.

Essas reformas já foram motivos de tensões entre clérigos, leigos e devotos da santa, como na questão nazarena⁸ em que se tentou eliminar a corda desse cortejo, causando muita polêmica política e devocional em Belém, nos séculos passados.

Muitos elementos que faziam parte do préstito que não agradavam os olhos da Igreja foram retirados do cortejo principal, como adeptos da umbanda e pessoas que participavam a cavalo (DUBOIS, 1953). Essas reformas estavam relacionadas à moralização do círio dita pela Igreja católica, que via alguns desagradados nos comportamentos dos devotos em desacordo com os dogmas católicos.

Sobre o primeiro cortejo religioso, que se tem conhecimento e que se denominou Círio de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro, surge em Belém com a institucionalização junto do Estado e da Igreja (VIANNA, 1904). Essa institucionalização advém de uma devoção à imagem dessa santa que já existia 100 anos antes no Pará, no município de Vigia, junto com outras áreas da região do

⁸ Houve a realização dos Círios civis, sem a presença da Igreja, em 1878 e 1879 (Ver Roque, 1974).

Salgado (COELHO, 2001). Somente mais tarde, a devoção chega a Belém com o catolicismo popular (MAUES, 1985) vinculado aos “donos de santo” e depois com as irmandades religiosas (CORDEIRO, 2013).

Atualmente existem círios de outros santos (as) católicos (as) e de outras denominações à Maria (mãe de Jesus de Nazaré). O vocábulo “círio” passou a ser usado para inúmeras festividades religiosas no estado do Pará: Círio de Nossa Senhora do Rosário (Colares-Pa), Círio de Santo Antônio do Tauá-Pa, Círio de São Caetano de Odivelas-Pa etc.. Todavia, essas festividades adquiriram uma conotação relacionada à regionalidade amazônica, com a presença dos sujeitos e personagens da região (MAUÉS e PANTOJA, 2008). Além de outros elementos como a culinária, que é acrescida no famoso “almoço do Círio” envolvendo a sociabilidade dos envolvidos; a devoção aos santos católicos com representatividade das comunidades dos diversos lugares: surge aí o artesanato dos brinquedos de Miriti no Círio de Belém, as romarias fluviais pelos rios da região e as festas profanas com a musicalidade regional (brega, carimbo e outros).

Esses elementos que aparecem como identitários no Círio de Nazaré fazem parte de uma regionalidade que buscamos enfatizar sobre o fenômeno central deste trabalho. Estudos historiográficos sobre a origem do Círio em Vigia e Belém aparecerem desde o início do século XX (DUBOIS, 1953; BAENA, 1974; VIANNA, 1904, BETENDORF, 1910) fazendo referência às origens da devoção nazarena na Amazônia e ao mito fundador. Esses estudos mostram a composição das procissões com a Berlinda levando a Imagem da santa depois que substitui o colo dos bispos e o carro puxado pelos bois, além de demonstrarem as relações conflituosas entre clérigos, leigos e devotos da santa.

Um elemento que se incorporou ao cortejo principal e é bastante destacado nesses estudos é a corda. Esse instrumento terá papel de destaque no Círio de Nazaré em Belém, por designar o mítico-religioso atribuído ao pagamento de promessa através do sacrifício corporal oferecido à santa (trataremos da corda mais adiante). Muitos autores dão destaques para a tensão que esse elemento vem provocando desde seu surgimento. A respeito da etimologia da palavra “círio” tem-se o significado de “cera”, que designa uma “vela” de cera; do latim (*cereus*); isso nos remete ao Círio pascal com a presença da luz (COSTA, 2003; FIGUEIREDO, 2005; COELHO, 1998).

Em pesquisa realizada sobre a origem do Círio de Nazaré em Portugal, Coelho (1998) nos mostra a existência de peregrinações de devotos de Nossa Senhora de Nazaré no século VII. Estes saíam de vários lugares, principalmente da zona rural para a cidade de Nazaré, onde já havia um santuário construído em função do milagre dessa santa católica, tendo a figura de um fidalgo português chamado D. Fuaas Rouphinho que, até hoje, nos Círios de Belém e Vigia aparece a imagem do mesmo, sendo salvo da queda de um precipício, atribuído o fato a um milagre da santa (**ver figura 04**)

Essas peregrinações dos devotos de N. S. de Nazaré, em Portugal, vinham com esses “sírios” (com a inicial “s” e no plural) acesos devido à caminha durante a noite. Com o tempo, essas procissões que traziam a imagem da santa passaram a ser chamadas de “Círios” com a letra “c”, permanecendo no plural (COELHO, 1998).

Em Belém, no seu primeiro cortejo oficializado, aparecerá esse termo com a letra “c” já trazida pela influência lusitana (COELHO, 1998). Atualmente, na Amazônia, bem como em outras regiões do Brasil, utilizam o termo “Círio” para designar a redução de uma festividade religiosa, principalmente o “de Nazaré”, que acontece em um intervalo de tempo e espaço e possui aspectos sagrados e profanos (SIQUEIRA, 2013).

Figura 04: Carro alegórico em homenagem ao mito fundador Lusitano – Círio de Vigia



Fonte: Acervo do autor, 2017

São diversas as interpretações que as pesquisas já realizaram e vêm realizando sobre esse evento sacro-profano. Tais pesquisas são respaldadas pelos

diversos métodos científicos com suas variáveis e intencionalidades distintas, em volta do objeto em questão, mas que reduz ao recorte proposto, diminuindo o Círio em sua complexidade, diversidade e simbolismo.

Todavia, existe outra deturpação evidente quando se reduz ou se limita o Círio de Nazaré na Amazônia agregando-o à imagem do Círio de Belém, apenas. Isso passa a negligenciar a presença de outros Círios nos diversos lugares dessa região com suas denominações, titulações e especificidades. Essa deturpação passou a ser mais evidente com a patrimonialização da festa sacro-profana de Belém.

Mesmo que o Círio de Nazaré, com a devoção católica, tenha sido importado de Portugal, esse fenômeno passou a ganhar as identidades da região onde ele foi inserido, primeiramente, no nordeste paraense. Essas marcas, que o Círio passou a ter nessa região, lhes conferem os acréscimos que a cultura recebe nas relações sociais, porém a essência da devoção e os elementos profanos da festa continuam relacionados aos círios lusitanos com seus espetáculos e carnavalização.

O Círio de Nossa S. de Nazaré em Belém, podemos afirmar, é o maior em extensão territorial e na forma de aglutinação de devotos, turistas e moradores locais em torno da sua festividade. Segundo dados do DIEESE (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS-PARÁ, 2014) e outros órgãos públicos são cerca de dois milhões de pessoas no domingo, nesse período. Isso faz do Círio de Belém uma das maiores romarias do mundo e chama a atenção de um turismo religioso em expansão em que é a festa nazarena mostrada como um evento midiático.

Nos dizeres de Azevedo (2013, p. 202):

Enquanto “festa”, o Círio, não é apenas um “mero divertimento das classes populares”, “arcaísmos tradicionais” e “exóticos”, que se prestam apenas a explorações políticas e econômicas de toda ordem e a estudos da memória histórica coletiva. É antes, fundamentalmente, um conjunto espontâneo de alegrias, de prazeres, de emoções, de sofrimentos, de esperanças, de trabalhos e expressões de fé individuais que as pessoas partilham uma com as outras.

Matos (2010, p.02), ao se referir ao Círio de Belém, identifica alguns agentes sociais envolvidos e ressalta que: “é resultado de todo um processo sócio histórico, que mostra as teias de interdependência constituídas pela presença da igreja católica na Amazônia, assim como a presença do Estado, do mercado e de amplas parcelas da população local.” Sendo assim, podemos afirmar que o Círio se apresenta como uma

feira sacro-profana instituída dentro dos moldes do catolicismo oficial, mas que agrega a presença de um catolicismo popular e devocional praticado pelos fieis (MAUÉS, 1985).

3.2 O Círio de Nazaré enquanto conceito na atualidade

Aqui se faz necessário chegar a uma proposta de conceituação mais atualizada sobre o Círio de Nazaré no Estado do Pará, não só sobre o que ocorre em Belém e Vigia, mas em outros lugares em que a irradiação desse evento possibilitou outras ocorrências. Os inúmeros trabalhos de pesquisa realizados sobre o Círio de Belém servem como ponto de partida nesse entendimento sobre um fenômeno que é polissêmico em seus significados e recortes.

Todavia é necessário entender os outros Círios que se espalharam pelos outros municípios paraenses da região Nordeste deste estado, que escolheram a denominação “de Nazaré” para compor o seu calendário litúrgico vinculado às paróquias locais. Aglomerar em uma conceituação aquilo que ocorre em Belém, Vigia e em outros lugares como amalgama de uma base fundante, reduz a realidade, mas procura se aproximar da intenção do objeto desta pesquisa. O conceito sempre será uma ideia central daquilo que é selecionado da realidade.

Círios como o de Vigia - por ter em sua gênese, a devoção portuguesa - devem ser contextualizados e comparados com o que ocorre em Belém e vice-versa. Além disso, é necessário entender a transposição dos Círios portugueses para a colônia brasileira, como analisou Coelho (1998; 2001).

Sobre a utilização da palavra “círio”, na atualidade, nos remete às festividades sacro-profanas com seu conjunto de romarias e entretenimentos realizados pela Igreja Católica junto as suas comunidades dentro das paróquias e dioceses no estado do Pará. Se a organização dos ritos religiosos parte da gestão da Igreja, outros agentes ligados ao Estado e ao mercado aparecem no bojo de outras relações dentro do evento.

Por conseguinte, algo que marca a visualização do Círio de Nazaré enquanto fenômeno é a paisagem captada pelos órgãos sensoriais do corpo humano, quando os odores das comidas típicas (olfato), os sons dos sinos e foguetes etc. (audição), as mãos dadas pela fé ou no lazer (tato), o degustar das comidas do Círio (paladar) e o aspecto físico do lugar (visão) se moldam anunciando o Círio. Em trabalho de campo,

com pesquisa participante, vislumbramos esses elementos da paisagem em alguns municípios do interior paraense próximos ao epicentro de irradiação da devoção nazarena.

A paisagem do Círio é um dado que congrega os bens materiais e imateriais com os seus arranjos socioespaciais, que tomam conta do lugar em que o mesmo ocorre, ainda que esta paisagem seja efêmera sua identidade é marcada pelos vários sentidos que a mesma proporciona.

Ribeiro (2007, p. 09), ao falar da paisagem cultural, enfatiza as diversas interpretações de leituras que a mesma pode ter:

A paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, *lócus* de interação entre a materialidade e as representações simbólicas.

O conceito de paisagem, embora tenha ganhado força nos estudos geográficos nos últimos anos, é considerado pelo autor mencionado como um dos mais difíceis de estabelecer no âmbito científico, salvo as críticas à escola de Berkley que enquadrava a paisagem como um elemento a ser classificado e mensurado, sem a subjetividade dos elementos que a constitui. Essa subjetividade de interpretação da paisagem lhe rende essa dificuldade de enquadrá-la em um modelo racional e objetivo.

A interpretação da paisagem torna-se algo muito próximo da hermenêutica e o trabalho do geógrafo transforma-se em um esforço de interpretação limitado, na medida em que o próprio geógrafo também lê a paisagem segundo suas próprias simbologias (RIBEIRO, 2007, p.26).

Nosso esforço metodológico parte da paisagem e dos elementos identitários do lugar, para afirmamos a recorrência de um fenômeno em uma escala regional. A região aparece como um alargamento dessa paisagem devocional onde é mais intensa a presença desse modelo festivo relacionado à festividade nazarena.

Metodologicamente, a literatura envolvendo outros trabalhos já realizados sobre o Círio, juntamente com os resultados de trabalhos de campo e entrevistas que fizemos, sustentará o aporte teórico deste capítulo. Esses aspectos da paisagem devocional e do lugar simbólico, voltados para a festividade de Nazaré, são

percebidos e interpretados durante nossa participação em alguns Círios na região em tela.

O Círio passa a ser a festividade mais ampliada durante uma semana ou uma quinzena e não apenas a procissão ou romaria, pois esse termo designava, antes, apenas a romaria ou procissão principal do domingo. Nessa perspectiva, o Círio passa a ser um período ou a própria festividade.

O termo Círio reduz a festa como um todo. Esse termo passou a possuir uma roupagem hierárquica por parte das dioceses as quais possuem Círios de Nazaré, em que se cogitou estabelecer que: Círio, propriamente dito, só seria de fato, o de Belém e o de Vigia, os demais seriam intitulados como “festividades” de Nossa Senhora de Nazaré. Essa prerrogativa não abalou a denominação de Círios como de Colares, Bragança, Barcarena, Moju etc., mas chegou a ganhar força em pequenas comunidades como em Porto Salvo, distrito de Vigia, que festeja Nossa Senhora da Luz no segundo domingo de Dezembro. Porém, muitos devotos de vários municípios não concordaram com a retirada do termo Círio a ser substituído por festividade.

Observa-se, aí, a importância que o termo Círio adotou na contemporaneidade, sendo diferenciado de festividade. Todavia, Círio também é considerado uma festividade, uma festa ou o conjunto de festas. A diocese de Castanhal, a qual Vigia está vinculada, não estabeleceu essa determinação, oficialmente, para os municípios que possuem Círios. Ao entrevistarmos no dia 23 de novembro de 2018 um membro da Diocese de Castanhal, o mesmo nos informou que esse pensamento surge com D. Alberto Ramos no final do século XX, arcebispo de Belém, que considerava apenas os Círios de Belém e de Vigia como os únicos Círios, os demais não tinham a mesma tradição, logo, não deveriam ser chamados assim. Outro bispo que difundiu o mesmo pensamento foi D. Vicente Zico, sucessor de D. Alberto Ramos.

Em Castanhal, a devoção nazarena que ocorre no início dos anos dois mil (século XX) recebe a nomenclatura de “Romaria de Nossa Senhora de Nazaré”, sem o uso da expressão ou termo Círio. Esse evento ocorre no outro domingo (3º de outubro), logo após o Círio de Belém. A Igreja Católica na tentativa de hierarquizar o termo passa a ressignificar esse evento sacro-profano com uma carga maior de simbolismo ao epicentro (Belém) e ao núcleo histórico (Vigia). Temos aqui uma legitimação mítico-religiosa e institucional a respeito da força da tradição, ao mesmo tempo em que a Igreja continua com suas reformas em volta desse evento desde o

seu início, com as devidas tensões sociais.

O Círio enquanto festa e festividade engloba uma gama de elementos simbólicos envolvidos em uma atmosfera sacro-profana que fazem parte de um jogo complexo em que participam sujeitos não só da Igreja Católica responsável, em grande parte pelo aporte religioso, mas outros sujeitos vinculados ao mercado, ao Estado e a sociedade civil, como já foi elucidado por Pantoja (2006), a respeito do Círio de Belém.

Esse jogo não convencional possui regras e contrarregras estabelecidas, primeiramente pela Igreja Católica, e vai se desenrolando de acordo com outras intencionalidades desses sujeitos envolvidos, distintamente. Daí a presença do conceito de território trabalhado na Geografia por Rafeztin (1995), Hasbaert (2005) e outros que dão base para se entender os conflitos de territorialidades na geografia Cultural e da Religião (ROSENDHAL, 2002, CORREA, 2004).

Enquanto cortejo religioso (seja por água ou por terra na Amazônia), procissão ou festividade, o Círio surge enquanto intenção advinda da necessidade da Igreja Católica de expandir a doutrina cristã sobre bases locais e regionais junto à devoção popular (SIQUEIRA, 2013). Essa expansão da fé católica segue o roteiro devocional dos Círios no Pará.

Na contemporaneidade surge um jargão popular que associa a ideia de Círio ao grande fluxo de pessoas, pois Círio é sinônimo de muita gente nos lugares onde esse evento, ou fenômeno, já se mantém como tradição cultural e religiosa. Outra conceituação atualizada que aparece em diversos trabalhos realizados sobre o Círio, mostra o conjunto de procissões e festas sacro-profanas que fazem parte de um período (no tempo e no espaço), homenageando o santo (a) padroeiro (a) do lugar. Essas festas se espacializam no lugar que se torna simbólico com as diversas territorialidades construídas e inventadas e, logo após, desfeitas.

Estamos nos referindo aqui a um lúdico que ocupa o espaço e o tempo dos Círios, pois são as ruas do trajeto do itinerário que se transformam em sua feição estética e em outras formas; do arraial da festividade com seu comércio de diversões, comilanças e lazer; das relações de poder com o controle e proibições da Igreja em sua territorialidade sacro-simbólica (SIQUEIRA, 2013); do turismo religioso que faz surgir mais estabelecimentos comerciais para hospedagem e alimentação nos lugares onde o Círio ocorre de forma mais intensa.

Essas relações de poder no/pelo espaço geográfico faz do Círio de Nazaré, especificamente, um evento disputado pelos diversos sujeitos no bojo de interesses dentro da festa, seja o comerciante local ou de fora, seja a Igreja com o seu controle do tempo e do espaço da festividade como um todo, ou os devotos e turistas pelos recortes sacro-profanos.

Alguns estudos atentam para a expansão da festa nazarena em Belém com o crescimento da cidade, pois “o próprio espaço geográfico da cidade onde a festa religiosa se encerra foi modificado, ajustando-se ao processo urbanístico” (ASSUNÇÃO, 2010, p. 23). Essa expansão ocorre a partir da década de 1970 quando aumenta o número de romarias dentro da festividade religiosa, tanto em Belém quanto em Vigia.

Outros trabalhos como o de Serra (2014) falam de uma turistificação do espaço de Belém voltado para o Círio de Nazaré. A autora mostra reformas e intervenções em espaços como museus, feiras de artesanatos, bem como mudanças no arraial de Nazaré, voltadas para essa nova roupagem conceitual que o Círio passou a ter nos últimos anos.

Assunção (2010) ressalta as novas ressignificações que o Círio passou a ter até 2008, analisando algumas mudanças ocorridas por parte da Diretoria da Festa de Belém e pelos movimentos populares que inseriram novos elementos à festa em Belém como o Auto do Círio, o arrastão do boi Pavulagem e a Festa da Chiquita no âmbito profano.

Se antes, nos primeiros Círios no Pará, o aspecto sagrado tinha um espaço maior sob a égide da Igreja Católica. Na modernidade ou na pós-modernidade surge o elemento do turismo de massa que passa a se intitular “religioso” ao se vincular com a mobilidade de pessoas em peregrinações aos santuários, espaços sagrados de diversas religiões, romarias religiosas como os Círios e visitas a outros santuários católicos.

Esse aspecto mais que profano, *a priori*, em certo ponto fugiu do controle da Igreja católica ao ser incrementado por agências de turismo. Somente no final do século XX que a Igreja Católica passou a se profissionalizar e atuar como promotora, também do turismo religioso, como ocorre no Santuário de Aparecida no estado de São Paulo (SERRA, 2014) e a criação das Pastorais do Turismo no século XXI em algumas cidades brasileiras, como em Vigia no ano de 2018.

Esse atrativo religioso para o turismo está também relacionado ao espetáculo-ritual que o Círio de Nazaré assumiu enquanto evento cultural na contemporaneidade. Desde o primeiro Círio, temos uma ideia do cortejo religioso como um espetáculo realizado pela Igreja e o Estado. Esse espetáculo persiste até o momento da organização das procissões, principalmente a procissão principal no domingo de qualquer Círio.

Esse espetáculo é gerido e organizado por uma diretoria, atualmente. Essa diretoria é formada por leigos das paróquias locais sob a tutela dos clérigos (PANTOJA, 2006). Até o século XIX eram as irmandades, em Belém e em Vigia, que estavam à frente dessa organização, sendo destituídas da sua função de organizadoras dessas festividades, repassando ao poder da Igreja Católica.

Sobre essa espetacularização do Círio em Belém, atualmente, Assunção (2010, 69) ressalta que:

As diversas tradições e sentidos simbólicos articulados à devoção de Nazaré e a seu festejo são resgatados pelas agências de propaganda e publicidade, bem como por agências de turismo, para vender a imagem da cidade de Belém como a cidade espetáculo, cujo espaço geográfico entrecortado por rios e igarapés é o cenário da maior festa de fé da região amazônica.

O espetáculo chega ao aspecto profano das festas dançantes com as aparelhagens no estado do Pará. A festa de aparelhagem divulga sua promoção utilizando a marca do Círio de Nazaré daquele lugar, pois a festa “do Círio”, isto é, a da Aparelhagem, jamais será uma festa comum, mas extra cotidiana (extraordinária) de dentro da quinzena do Círio, principalmente a do sábado a noite que antecede o cortejo principal no domingo. Os promotores dessas festas (**ver figura 05**) associam a marca ou imagem do Círio para atrair o público presente naquele lugar. Alguns *outdoor* apelam para a titulação dessas festas de aparelhagens como “Festa ou baile dos romeiros”.

A presença dos visitantes, nos lugares onde ocorrem os círios no Pará, terá intencionalidade relacionada ora pela dimensão sagrada, ora pela dimensão profana ou pela conjunção das duas (sacro-profanas).

Ao realizarmos trabalho de campo em Vigia durante o Círio de 2015 observamos alguns visitantes que, por muito tempo, foram participar desse evento somente pela festa de aparelhagem que estava presente naquele momento. Em

entrevista, no dia 10 de setembro de 2017, um participante dessas festas confidenciou que: “Infelizmente, já vou ter que ir pra Belém, vou trabalhar, mas a minha vontade era conhecer a frente da cidade onde tem o rio, eu só vim pra festa do Rubi” (entrevistado A ao se referir que não conseguiu conhecer a cidade de Vigia com o seu rio, onde se encontra a Igreja Madre de Deus nas proximidades da orla fluvial do município)

Figura 05 – Cartaz anunciando Festa com aparelhagem – Círio de castanhal



Fonte: Acervo do autor, 2016

A presença dessas festas nunca agradou a organização da Igreja católica e foram proibidas através de portarias jurídicas em alguns municípios, como no exemplo que ocorreu no Círio de Marapanim-Pa. Em entrevista com um membro da diretoria do Círio de Vigia, nos foi informado que há uma expectativa da Igreja Católica em recorrer contra esse uso da nomenclatura “festa do Círio”, utilizada pelos promotores dessas festas de aparelhagem, pois segundo o nosso entrevistado: “a Igreja não quer que associem a violência ou a falta de segurança, que é possível existir nesse tipo de festas, com a imagem do Círio de Nazaré” (entrevistado B no dia 31 de setembro de

2018). O espetáculo, também, disputa espaços na cidade para atrair adeptos, devotos, turistas e o comércio. As faixas e placas convidam os romeiros do Círio em suas propagandas. Em Belém, apresentações culturais, teatros de rua e homenagens dançantes, como a Festa da Chiquita, o Alto do Círio, o Arraial do Pavulagem etc., fazem parte daquilo que chamamos de atmosfera sacro-profana e que foi elencado pelo IPHAN como os elementos que são associados ao Círio, enquanto totalidade. Por outro lado, a Igreja Católica com sua diretoria gestora procura promover os traslados da imagem da santa, seja de carro, moto, barco, de bicicleta, a pé etc..

Essa atmosfera se confunde com a paisagem devocional de vários Círios no Pará. É comum haver alguns arcos edificadas nas ruas por onde as romarias passam, para demarcar o núcleo central da festa. Esses arcos não só demarcam uma territorialidade da quadra nazarena em diversos Círios (Belém, Vigia, Bragança etc.), mas também fazem parte de uma paisagem do Círio com sua fisionomia (**ver figura 06**).

As visitas realizadas pela imagem da santa dentro de Belém, para outros municípios paraenses e de outros estados brasileiros, demonstram a extensão da fé católica e o aumento das fronteiras da festa Nazarena, ao mesmo tempo em que a festividade se faz espetáculo.

A linha que separa o sagrado e o profano nessa atmosfera que o Círio de Nazaré no estado do Pará cria é algo tênue; como assinala Coelho (2001) “se é que existe”, se referindo aos Círios lusitanos com seus arraiais. No Pará, elementos ligados aos aspectos profanos carregam simbolismos do sagrado e vice-versa, como os leilões que ocorrem na barraca da festividade da santa, ou os “bingões” do Círio em Vigia, ambos promovidos pela Igreja Católica (SIQUEIRA 2013).

Figura 06 – Arcos de delimitação dos espaços do Círio de Nazaré em Vigia-Pa



Fonte: Acervo do autor, 2015

Nas festas de aparelhagem do Círio de Vigia de 2015, visualizamos em trabalho de campo a queima de fogos em homenagem à santa padroeira, no meio e no final da festa, ao som de um dos hinos do Círio de Nazaré “Vós sois o lírio mimoso”. O Dj (*Disk jôquei – controlador*) da aparelhagem solicitou 1 minuto de silêncio e fez um discurso em referência a santa homenageada no segundo domingo de setembro, nesse município.

Se o espaço profano abre um parêntese para um discurso, em alusão ao sagrado com o seu tempo do Círio, temos aí a junção similar do óleo com a água (não se misturam) como em um par dialético da complementariedade. Podendo ser, também, metodologias didáticas de compreensão de uma realidade que ficam apenas no plano dos discursos: ora sagrados, ora profanos. A igreja Católica, em Vigia, colocou o carro que seria sorteado em um bingo dentro do templo durante a missa para os fiéis olharem o grandioso e valioso prêmio que contemplaria o último dia do arraial.

Outro aspecto que é bastante visível nos Círios, no estado do Pará, sendo recorrente ao mesmo tempo, é a “sociabilidade”, bastante expressiva nos trabalhos de pesquisa. Essa sociabilidade estabelecida nas coletividades que a atmosfera sacro-profana do Círio de Nazaré cria se reverbera nas festas, no arraial, nas promessas de devotos em oferecer água mineral para os promesseiros das

procissões e, principalmente, no almoço do Círio.

Esse último elemento ritualístico, considerado um banquete sagrado, (MAUÉS, 2016) faz parte do lugar ou tempo simbólico, pois se tornou um elemento essencial da festividade nazarena. Esse banquete, que reuni elementos regionais da culinária amazônica, herança do processo de miscigenação entre colonos portugueses, negros africanos escravizados e o indígena primitivo pré-colonial, marca um momento semelhante à ceia do Natal - outro evento cristão, propagado pela Igreja Católica.

Por isso que o Círio no estado do Pará, sobretudo no Nordeste deste estado, é considerado o natal dos paraenses (MAUÉS e PANTOJA, 2012). O que difere é o horário da refeição, enquanto que o Natal é comemorado a noite, o Círio é comemorado nas residências durante o almoço do meio dia, após o término da procissão principal do domingo.

Essa sociabilidade cria identidades coletivas que o Círio, enquanto evento cultural e religioso, vem promovendo ao longo dos séculos no Pará. Nesse sentido, temos um conjunto de atividades que proporcionam um enraizamento devocional em torno do bem religioso, além disso, assinalam um sentimento de pertencimento que promovem a sociabilidade e avivamento de experiências em comunidades.

Esse avivamento e sociabilidade estão na base do *lugar* que Tuan (1980) especificou como o espaço do vivido, que estabelece elementos identitários de pertencimento àquele espaço. O simbólico entra como um espelho entre os sujeitos envolvidos, os quais se identificam com a atmosfera sacro-profana, como no conceito de *communitas* que Alves (1980) utilizou ao recorrer ao trabalho de Turner (1978), se referindo a algumas nuances que observou dentro da procissão principal do Círio em Belém e, após, com o almoço do Círio envolvendo a reciprocidade e solidariedade.

Esse almoço vai ao encontro dos inúmeros rituais do Círio de Nazaré e atualmente é recorrente em várias festividades espalhadas pela Amazônia paraense, embora perca a força da tradição em outros lugares onde a transposição do Círio não conseguiu se estabelecer com esse ritual e se assemelhar com o que temos próximo do núcleo histórico do Círio e de seu epicentro.

Esse almoço não é o mesmo do cotidiano, pois se escolhem as melhores comidas para serem servidas para os familiares e amigos, de perto ou de longe, como mostra Maués (2016, p. 227):

O Almoço é ao mesmo tempo o banquete de confraternização e uma espécie de comunhão entre familiares, amigos e convidados com o sagrado, representado pela figura de Maria de Nazaré, a santa cuja imagem terminou naquela manhã a sua peregrinação ritual pelas ruas da cidade. Nesse Almoço ocorre uma espécie de comunhão simbólica do cristianismo católico com o consumo conspícuo de várias iguarias da culinária paraense.

A carne de alguns animais silvestres era servida em sacrifício, oferecido a Santa homenageada juntamente com os que faziam parte do banquete. Esse almoço do Círio possui algumas nuances de intolerâncias⁹ por parte de alguns adeptos de outras doutrinas cristãs, como os ligados ao protestantismo. Esses veem no almoço do Círio “um ritual de oferenda de comidas a ídolos”, como testemunhou em entrevista um membro da Assembleia de Deus em Vigia.

Segundo o historiador vigiense Paulo Cordeiro, em entrevista concedida para essa pesquisa em 2018: “era comum os devotos, de vários municípios paraenses, levarem as comidas advindas de ‘caças’ para o Círio de Belém onde seriam servidos no almoço após a procissão principal junto com seus familiares e amigos”. Nesse sentido, podemos observar uma troca de elementos recíprocos por conta da festividade entre a capital e o interior.

O Círio de Nazaré, no Pará, não só herdou a devoção lusitana da homenagem à mãe de Jesus, mas herdou, também, a festa e o lazer dos arraiais em frente ou próximos dos templos religiosos, com a comilança, os jogos de asar e a bebedeira, como ocorriam desde a Idade Média (COELHO, 1998).

Ao analisar religião e festa, Maués (2017, p. 28) assinala que: “Não há religião sem festa, nem festa sem comida de festa. A comida da festa, por sua vez, implica em sacrifício, de várias formas”. Em Vigia é comum grupos de indivíduos oferecerem comida no Círio das crianças como forma de pagamento de promessa à Senhora de Nazaré.

A Igreja Católica, desde os Círios em Portugal, em algum momento parecia

⁹ Essa intolerância religiosa se apresenta no plano do discurso em alguns momentos. Em outros contextos, a mesma diminui quando voluntários de equipes de jovens socorristas de outros credos contribuem nos Círios no Pará. Do lado da Igreja Católica essa intolerância ressurgiu em alguns discursos como observamos no Círio de Vigia de 2017, quando um membro da paróquia responsável por um dos carros sons da romaria principal declara, próximo do templo da Assembleia de Deus na Av. Barão de Guajará, que “Infelizes são aqueles que não têm em Maria a sua mãe e intercessora”. Títulos que os católicos criaram como “Maria, a rainha da Amazônia” não são aceitos pelos sujeitos que não comungam do mesmo credo, os quais dizem que Ela é “a rainha dos paraenses católicos”.

permitir esse outro aspecto ligado ao profano, mas sempre com o controle dos excessos (COELHO, 2001). Esse modelo é também transportado para Belém e Vigia com os seus arraiais de Nazaré e irradiado para onde o Círio foi estabelecido. Esses excessos chegou a ter a proibição no final do século XX da venda e circulação de bebidas alcoólicas nos arraiais dos Círios por determinação das dioceses, como mostramos em trabalho anterior (SIQUEIRA, 2013).

Falar em Círio de Nazaré é compreender um movimento de pessoas em volta de uma devoção festiva a um santo (a) católico (a), com intencionalidades diversas, mas que comungam de uma base comum; celebrar um tempo em um espaço pelo viés do sagrado e do profano. A devoção que veio de Portugal e se instala na Amazônia paraense apreende os elementos que já faziam parte da configuração da região com a forte presença dos povos mestiços (caboclos), do rio com sua geograficidade vinculada ao tempo da natureza e das estórias míticas, envolvendo encantados (MAUÉS, 1985) e achados de imagens de santos (as) do catolicismo popular.

Dessa devoção sobre uma base mítica do regionalismo amazônico, a partir da sua institucionalização pela Igreja junto com o Estado, ergueu-se em um movimento que na atualidade reúne milhares de pessoas em Belém do Pará e outras tantas nos Círios espalhados pelo interior desse estado.

O Círio, hoje, se tornou não só um complexo de rituais sacro-profanos, mas algo turistificado e midiaticado pelo espetáculo que apresenta através das intencionalidades dos sujeitos e grupos que se interessam em estarem presentes nessa atmosfera festiva nazarena.

3.3 Do Catolicismo Popular à Institucionalização do Círio de Nazaré

Segundo consta na historiografia do Círio de Nazaré de Belém há uma narrativa fundante envolvendo o achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré por um sujeito da região (da periferia do núcleo histórico de Belém no século XVIII). Um mestiço, caçador ou lavrador chamado Plácido. Esse sujeito encontra a imagem da santa em um córrego ou igarapé chamado Murutucu e leva para sua choupana (cabana), no dia seguinte a imagem desaparecera e ressurgira no lugar onde foi encontrada (VIANNA, 1908).

Segundo essa narrativa, Plácido construiu uma pequena ermida no local onde

a imagem foi achada, parecendo ser a vontade da mesma em se estabelecer naquele local. Desse misticismo, em volta da estória do achado, ergueu-se a base daquilo que futuramente seria a Basílica de Nazaré, hoje Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré em Belém. Também, nesse momento, se originou o itinerário do Círio de Belém, pois é o local de saída da transladação do Círio junto com o local de chegada, no segundo domingo de outubro, pois segue o mesmo roteiro dessa narrativa (MAUÉS in FIGUEIREDO, 2005; ALVES 2005).

Mesmo as narrativas se desencontrando sobre a origem da imagem da santa achada por esse sujeito (também envolvido em controvérsias, se existiu ou não), a devoção surge a partir desse primeiro milagre do achado e desaparecimento da imagem e seu ressurgimento no lugar onde foi encontrada. Outros milagres foram atribuídos à imagem, ou hierofonias (ELIADE, 2002) surgiram em volta da narrativa do achado, assim como muitas controvérsias.

Alguns trabalhos apontam que a imagem da santa encontrada por Plácido seria originária do município de Vigia onde já havia a devoção nazarena. Outras narrativas se preocupam sobre o motivo da imagem da santa se encontrar nesse lugar, pois seria roubada e depois perdida de algum viajante que passava pelo local através de um ataque indígena. Outros apontamentos são com relação à identidade do caboclo que achou a imagem da santa. Se Plácido era caçador ou lavrador, ou originário do município de Vigia (como alguns trabalhos mostram, mesmo sem evidências), o que de fato importa é que o mesmo se apresenta como um indivíduo residente da/na floresta por onde passava a estrada do Utinga que seguia até o estado do Maranhão (ROCQUE, 1974).

Esse personagem de Belém recebe o mérito do início da devoção nazarena e representa a relação da santa com um caboclo (indivíduo mestiço de classe social baixa, originário dos povos primitivos da Amazônia), diferentemente de alguém da Nobreza como aconteceu em Nazaré (Portugal) com o milagre de D. Fuas Roupinho. Nesse sentido, temos aqui dois extremos.

Como enfatiza Alves (2005, p. 321): Plácido é “um homem do interior, pobre, pertencente a uma categoria que vai ser o modelo do romeiro que presta devoção à Santa”. Esse modelo de achado de imagens de santos (as) católicos, por sujeitos desvalidos socialmente, ocorre em outros lugares na América Católica em que personagens indígenas, mestiços etc., ao encontrarem a imagem, também são

agraciados pela mesma (PANTOJA, 2006).

Essas histórias de achados de imagens de santos católicos são recorrentes em outras regiões do Brasil durante a colonização portuguesa em que havia paralelamente o processo de cristianização. Muitos padres de ordens religiosas do catolicismo adotavam como estratégias, para difundir a fé católica, jogar essas imagens nos rios. Em algum momento alguém iria achar a tal imagem, então, começar um culto ao santo (a) e lhe atribuir um primeiro milagre.

No Maranhão, segundo uma narrativa do poeta Ferreira Goulart, o município de São José de Ribamar traz as estórias do achado de muitas imagens de São José (que seria o pai de Jesus e esposo de Maria na narrativa Bíblica) encontradas por pescadores; devido a imagem ser de madeira ficava flutuando em cima do mar (*a ribamar*, com o desvio gramatical do regionalismo maranhense). Dessa narrativa maranhense surgem os nomes e sobrenomes “José Ribamar” ou “José de/do Ribamar”, uma referência a São José de Ribamar, padroeiro do estado do Maranhão onde possui um santuário com o mesmo nome.

A padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, possui narrativa semelhante, pois foi encontrada nas águas do rio, por pescadores. No Brasil, essas narrativas estão associadas a esses indivíduos menos abastados e com o rio como pano de fundo, associando, no caso de Maria, à rainha das águas.

Dessa narrativa envolvendo Plácido, em Belém tem-se o início de um catolicismo devocional (COELHO, 2002) ou catolicismo popular (MAUÉS, 1985). Em vista disso, o dono do santo é protegido da mesma divindade e se vê a frente da devoção que mais tarde tomará um corpo institucional com o catolicismo Oficial da Igreja Católica, junto com a presença e ações do Estado.

Se a devoção nazarena em Belém é originada pelo catolicismo popular ou devocional, com a presença de devotos da santa, sua institucionalização será conferida pelos clérigos e os governantes. Como nos mostra Coelho (2001, p. 926):

A apropriação da devoção pelo Estado implicava, em última análise, no seu reconhecimento como princípio atuante de coesão social e como representação de uma cultura popular de há muito tempo apropriada pelas camadas dirigentes da capitania.

A oficialização é decorrente de uma popularidade que a devoção nazarena já possuía pela microrregião do Salgado, chegando até Belém. Moreira (1971, p. 15) destaca que:

A procissão de Nossa senhora de Nazaré representa assim o predomínio de uma romaria de origem popular sobre as formulas tradicionais de origem oficial, as procissões ou festas reais, impostas por lei. Ao contrário destas que se firmaram em consequência do prestígio oficial que as cercava, o Círio se impôs por si mesmo, em virtude de sua própria popularidade. A sua oficialização foi decorrência dessa popularidade.

Dentro dessas narrativas, envolvendo o achado da imagem em Belém, existem os motivos para a imagem da santa está no local em que foi encontrada: ou teria sido perdida por algum viajante, talvez da Vigia, onde já existia a devoção, ou o dono da imagem fora atacado por índios nesse local (BAENA, 1974). Não se sabe, ao certo, pois a história vai sendo eivada por outras narrativas e o imaginário coletivo tomando conta daquilo que será eleito como verdade ao longo dos anos, a partir de uma explicação mitológica.

O que nos chama a atenção disso tudo é o templo religioso que está fixado em Belém, atualmente, bem no local onde fora achada a imagem da santa. Se o mítico está envolvido nas controvérsias das narrativas, a paisagem que se ergue no tempo e no espaço, testemunha o resultado das relações religiosas e culturais que os homens imprimem nessa paisagem.

A devoção é popular, estabelecida no conhecimento mítico dos sujeitos que acreditam nos milagres da imagem do (a) santo (a) católico (a), pois o pensamento religioso está vinculado ao sobrenatural, ao divino, ao não humano (ELIADE, 2002). Nesse contexto, só o conhecimento mítico e mitológico é capaz de explicar por um viés em que a racionalidade é negligenciada ou não possui validade.

Essa hermenêutica se faz transbordar de uma dinamicidade que desafia a objetividade da ciência positivista. São curas de doenças onde a medicina moderna estava desprovida de chegar aos mais distantes rincões da floresta. Surge, então, o milagre associado ao sagrado, à promessa¹⁰, ao santo (a), principalmente oferecido em sacrifício corporal como surgimento dos ex-votos¹¹ nas procissões e cortejos religiosos que existem em vários lugares.

Esse catolicismo popular, que sobrevive em meio a um catolicismo oficial, é visto de forma embaçada pelo segundo que procura não se intrometer em algumas

¹⁰ É um acordo estabelecido entre o devoto e a divindade, onde o individuo oferece algo em sacrifício pela causa alcançada (ver Maués, 1985).

¹¹ (ex-voto suscepto - voto realizado) é o que se promete ao santo de devoção para se receber uma graça, ou o que se oferece por tê-la alcançado (PAES, 2013, p. 01)

nuances por parte dos devotos, pois a *promessa* é feita como um acordo entre o devoto e o santo (a) padroeiro ou protetor. Mesmo com a institucionalização dessa devoção nazarena pelo catolicismo oficial, essas promessas em sacrifícios, bem como o lazer e o lúdico (com alguns excessos), continuam fazendo parte da atmosfera sacro-profana do Círio de Nazaré no Estado do Pará.

A festividade nazarena tem sua oficialização ou institucionalização na capital do estado do Pará, com a presença de um cortejo religioso e civil dispendo da presença de militar e eclesiástica (VIANNA, 1904). Já havia festividades de Nossa Senhora de Nazaré em Vigia, há 98 km de Belém, realizada por uma irmandade, porém, sem a presença do termo ou vocábulo “Círio”. Em Vigia já aparecia uma manifestação a respeito da devoção a essa santa católica, cem anos antes da institucionalização em Belém.

Sobre essa oficialização do Círio de Nazaré em Belém, por parte da Igreja e do Estado estabelecendo o primeiro Círio no Brasil, identificamos que é retirada a responsabilidade e gestão da devoção que já existia antes com as irmandades religiosas que prestavam suas homenagens a essa santa católica, através das novenas, missas, leilões, bailes etc. (CORDEIRO, 2009).

A institucionalização acontece em função do crescimento horizontal da devoção popular. Constitui-se de forma vertical. Sobre essa historiografia da institucionalização, muitos trabalhos apontam para a promessa do Governador Francisco Jorge Coutinho que era lusitano e devoto da Senhora de Nazaré (ALVES, 1980, 2005).

O Governador, do Grão-Pará e Rio Negro, ao encontrar-se enfermo recorrera a santa. Em promessa, fazia um cortejo religioso saindo da ermida da santa, no local do achado (bairro de Nazaré), até a sede do Palácio do Governo (bairro da Cidade Velha – núcleo histórico de Belém) durante o sábado, onde ficaria até o domingo quando sairia de volta ao seu local de origem. Esse trajeto se estabelecerá até os dias atuais, mudando apenas o local de chegada da procissão da transladação do segundo sábado de outubro para a Catedral da Sé, de onde sai a procissão principal no domingo de manhã.

Essas datas, atribuindo-se os dias e os meses, assim como o turno das procissões, mudaram desde a sua oficialização, pois na Amazônia existe o tempo da natureza associado ao período das chuvas. Isso contribuiu com o estabelecimento

dos Círios e estes acontecerem no segundo semestre, quando já é corrente o verão amazônico, bem como as manhãs dos domingos, uma vez que é comum as chuvas ocorrerem com maior intensidade pela parte da tarde.

Dessa institucionalização, que ocorre no final do século XVIII, se depreenderam vários episódios para se concretizar o primeiro cortejo do Círio, desde o pedido de autorização até a sua concretização, bem como é verificado por Baena (1969), Viana (1904) e Pantoja (2006). Sobre o primeiro Círio, Assunção (2012, p.27) assinala que:

[...] ocorrido em 8 de setembro de 1793, autorizado pelo Vaticano, no ano anterior, a Imagem foi levada do Palácio do Governo, no colo do arcepreste José Monteiro de Noronha, governador do bispado, até a catedral, acompanhada por aparato de cavalaria, clarins, continências e seguida pela população. No início não havia data fixa, e poderia ser qualquer dia dos meses de setembro, outubro ou até mesmo de novembro. Somente a partir de 1901, por determinação do bispo Dom Francisco do Rêgo Maia, passou a ser realizado sempre no segundo domingo de outubro.

A autora acima mostra uma data não fixada do cortejo de domingo, além da presença de vários elementos ligados à Igreja Católica e do Estado. Estes demonstram o espetáculo dessa oficialização se comparado àquilo que antes era uma devoção como festividade sobre as bases de um catolicismo popular, a partir de então passa a ser algo organizado pela Igreja com a participação do Estado.

Mesmo assim, a expressão popular do catolicismo devocional sobrevive dentro da esfera institucionalizada, conforme os dizeres de Alves (2005, p.317):

A apropriação popular de uma festa que foi inicialmente oficializada para sacralizar o poder na Província, transformando-a no grande evento por meio do qual as diferentes camadas sociais vivem, a partir de um símbolo comum, a Virgem de Nazaré, uma experiência comunitária sem igual.

Antes dessa oficialização em Belém, já existia o arraial em frente à ermida da santa, onde é hoje o bairro de Nazaré, pois o Governador apenas racionalizou uma feira regional de produtos vindos do interior para fortalecer a festividade nazarena. Como bem coloca Coelho (2001, p. 925):

O correr de Setecentos desenvolve, em Belém, o assentamento do culto à Senhora de Nazaré, na forma do catolicismo devocional, mas sem contar, ainda, com formas básicas de organização, a exemplo da constituição de uma irmandade. Novenas, ladainhas e arraial, como atividades essenciais da religiosidade popular ocorriam no local de achamento.

Antes dessa intervenção da Igreja e do Estado não aparecia a presença da palavra ou termo Círio, segundo o autor acima, esse termo é migrado de Portugal pela própria influência da origem do governador (COELHO, 2001). Não só o termo Círio é migrado de Portugal para o Brasil, mas o perfil da festa com os elementos que são recorrentes na contemporaneidade a respeito do sagrado e do profano. Segundo o mesmo autor, o Governador Francisco Coutinho pretendia criar algo em Belém semelhante ao Círio da Prata Grande de Portugal, onde a presença da fartura de comidas e o comércio de diversos produtos aconteciam durante a festividade no arraial.

Se o Círio na Amazônia teve a influência lusitana, os elementos que foram surgindo como acréscimos são genuinamente da região, como o alimento do almoço do Círio, os brinquedos feitos de Miriti, as manifestações culturais incluindo as lendas etc. Nessa linha de pensamento ALVES (2005, p. 316) enfatiza que mesmo: “sendo uma festividade em louvor a Nossa Senhora de Nazaré, de evidente origem portuguesa, está, no entanto, impregnada dos significados e das formas particularmente expressivas do mundo paraense e amazônico”.

Moreira (1971) ressalta que o povo da Amazônia incorporou a religiosidade lusitana, menos a submissão opressora da Coroa portuguesa, se exemplificando com o movimento da cabanagem¹², quando há uma revolução contra o governo imperial na Amazônia ainda com forte opressão portuguesa por parte das elites.

Essa oficialização ou institucionalização da devoção Nazarena demonstra o poder da Igreja e do Estado no controle das ações populares referentes a uma mobilidade que já era perceptível há bastante tempo no Pará, especificamente, na região do Salgado, onde se encontra o município de Vigia (COELHO, 2001). A partir daí quem toma as rédeas da devoção, agora em forma de Círio, é a Igreja com a contribuição do Estado.

Na mesma linha de análise, o autor acima fala de uma intervenção da Igreja sobre uma devoção popular e ressalta que “a síntese dessa dialética entre intervenção oficial e devoção popular revelou-se na forma como D. Francisco de Sousa Coutinho

¹² Movimento popular revolucionário que ocorreu no Pará de 1835 – 1840 em que indivíduos das camadas mais populares tomam o poder da Província. A Cabanagem marca uma série de revoluções que ocorreram em todo território brasileiro, nesse período, em contestação ao império. (ver Di Paolo (1990); Salles (1992); Magda (2007)).

promoveu, em 1793, o primeiro Círio da Senhora de Nazaré em Belém do Pará” (COELHO 2001, p.929).

Sobre esse primeiro círio, Vianna descreve a estrutura estética do cortejo com a presença de membros da Igreja e do estado:

[...] à tarde, com todo o esplendor possível a uma estreia, desfilou do palácio a romaria; na frente e no couce marchava toda a tropa da cidade, os esquadrões de cavalaria em primeiro lugar, os batalhões de infantaria depois e atrás as baterias de artilharia; adiante do carro da santa seguiram uma fila de séges palanques e serpentinas, com senhoras, e duas linhas de cavaleiros, trajando vestes de gala; a turba cercava o carro, e logo após este, destacava-se o governador e os membros das suas casas civil e militar, em primeiro uniforme e cavalgando bons cavalos (VIANA, 1904, p. 237).

Novamente as narrações e descrições sobre esse momento da oficialização mostram a espetacularização promovida por essas duas instituições, desencadeando, séculos depois, o que temos atualmente com o turismo religioso. Nota-se, também nessa descrição, que a procissão principal era realizada à tarde, sendo mudada tempos depois (como já foi dito) devido a chuva que ocorre o ano inteiro na Amazônia, durante esse turno.

Dessa institucionalização da devoção popular teremos na Amazônia paraense outro pilar para a expansão do que estamos chamando aqui de ciriodificação. Pois identificamos 3 momentos desse processo:

a) Primeiro, com a migração da devoção nazarena da metrópole portuguesa para a Colônia brasileira, ao Norte, se edificando na microrregião do Salgado, inicialmente em Vigia e depois para em outros lugares, até Belém;

b) Com a oficialização dessa devoção pela Igreja e o Estado, estruturando um cortejo religioso principal junto com um conjunto de outras procissões e festividades que procuraram serem racionalizadas por essas duas instituições;

c) Com a expansão desse novo modelo para outros lugares pela intencionalidade da Igreja em expandir a fé católica levando a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré como emblema de uma regionalidade amazônica, até mesmo para fora da região.

4 ELEMENTOS ESSENCIAIS DA DEVOÇÃO MÍTICO-RELIGIOSA E DA FESTA PROFANA: UM CONTRAPONTO ENTRE OS CÍRIOS DE VIGIA E BELÉM

“A corda dos promesseiros, um dos espaços/artefatos performáticos que compõem a paisagem do Círio, é uma forma de ofertar o próprio corpo à divindade”.

Anselmo Paes, 2013

Neste capítulo, passamos a destacar a importância que o Círio de Vigia e o de Belém possui para a nossa proposição em tese. Apontamos alguns dos elementos ditos “essenciais” que compõe o fenômeno sacro-profano, apreendidos como constructos (SIQUEIRA, 2013) que vão surgindo por acréscimos nas duas festividades, de acordo com as intencionalidades dos sujeitos envolvidos, bem como podem desaparecer de acordo com as reformas por parte da elite clerical.

Segundo Maués e Pantoja (2012, p. 64): “O Círio, tanto em Vigia, como em Belém, pode ser visto também como um imenso *rio humano*, quase tão grande quanto os rios amazônicos”. A antiguidade desses dois Círios estabelece elementos identitários e simbólicos que foram sendo inseridos à festividade ao longo da sua criação e invenção. Esses elementos, identificados mais adiante, se conectam a uma matriz geográfica, referenciados como geossímbolos (BONEMAISON, 1997). Nesses, incluem o simbolismo de seus imaginários vinculados a terra (espaço amazônico propriamente dito) ou ao rio e a floresta como suas romarias fluviais; o imaginário da procissão comparada a uma cobra grande do lendário dos rios da Amazônia ou da culinária da região.

Por essa efervescência que acontece em Belém com a devoção à Senhora de Nazaré, atualmente com a força de uma metrópole, fez do seu Círio o epicentro de irradiação dessa festividade. Pois, não foi à toa que aí aconteceu o primeiro Círio na Amazônia, institucionalizado pela Igreja católica junto com a presença do Estado. Para Vigia, defendemos o posicionamento de um núcleo histórico da devoção no Nordeste paraense, uma vez que precede a Belém na devoção nazarena, mas que serviu como base em uma irradiação inicial para outras vilas e cidades, antes da oficialização em Belém. O que se irradia é o modelo festivo de um epicentro formado pela antiguidade de Vigia e a força da metrópole Belém, daí a noção de um epicentro bipolar que analisamos no início desta pesquisa. Assim como a importância desses dois modelos que se imitaram e se influenciaram de forma recíproca por sustentarem uma histórica

tradição em homenagem à Senhora de Nazaré.

4.1 O Núcleo Histórico e o Epicentro

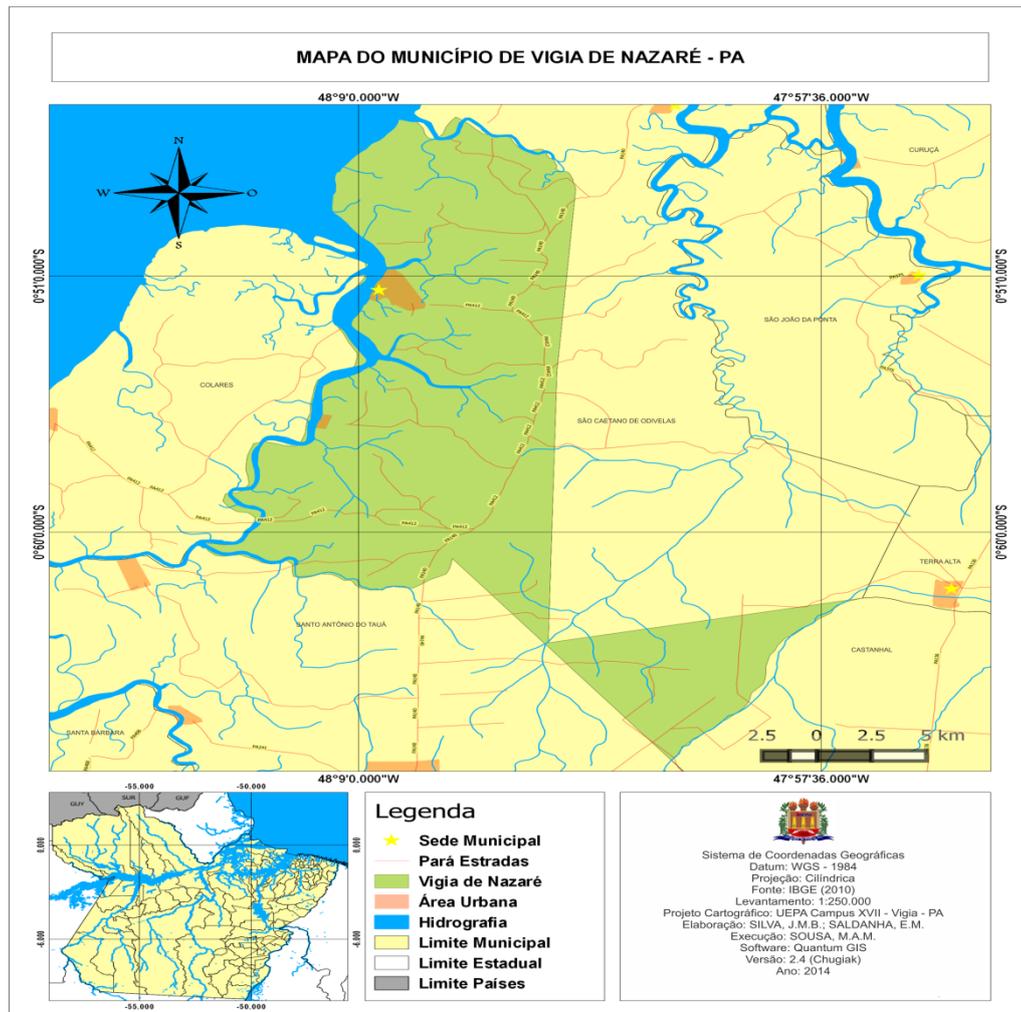
O Círio de Vigia possui uma marca registrada pelo catolicismo popular e oficial como um dos Círios mais antigos da Amazônia. Essa antiguidade faz de Vigia um município histórico no estado do Pará, surgido nas calhas dos rios quando o mesmo era a única via natural de penetração para um território ainda desconhecido pela Coroa Portuguesa ao Norte do Brasil. Portugal estava interessado em preservar seus domínios no Vale do Rio Amazonas, já explorado por outros povos europeus (SARAGOSSA, 2000).

O município de Vigia, localizado na microrregião do Salgado no nordeste Paraense, com saída para o Oceano Atlântico e Baía do Marajó (**ver figura 07**), ainda preserva a religiosidade católica desde a chegada dos colonizadores portugueses, da criação das irmandades religiosas e depois com as missões de ordens de Padres Jesuítas, Mercedários, Capuchinhos que firmaram benfeitorias e Igrejas no território vigiense.

O município tem sua fundação oficial pela historiografia local em 1616, a partir da passagem da esquadra de Francisco Caldeira Castelo Branco, em 06 de janeiro desse ano (seis dias antes da chegada desses navegadores portugueses onde, hoje, é Belém). Essa data de fundação de Vigia é refutada por alguns estudiosos que indicam o surgimento do lugar a partir da data da doação dessas terras pela Cora portuguesa ao Fidalgo português D. Jorge dos Alemos¹³ (CORDEIRO, 2013).

¹³ A esse nobre português se deve o início e fundação do lugar que passaria a ser chamado de Vila de Nossa Senhora de Nazareth da Vigia. D. Jorge dos Alemós recebe a titulação de terras na Capitania do Pará com o objetivo de plantar cana de açúcar, porém não teve o mesmo êxito de algumas terras no Nordeste brasileiro por onde começou o projeto colonial português. O nobre português volta para Portugal, porém a devoção a Senhora de Nazaré continuara em terras amazônicas.

Figura 07 - Mapa de localização do município de Vigia-Pa



Fonte: Silva e Saldanha, 2014

Algumas pesquisas mostram a irradiação da devoção nazarena a partir de Vigia, no século XVII. Essa irradiação da devoção, já no nordeste paraense, é confirmada por Coelho (2001, p. 924):

Na última década de Seiscentos, a devoção nazarena, na forma de religiosidade popular, enraizou-se na região do Salgado e migrou para Belém, sede da capitania [...]. Nesse percurso, outras localidades tomaram por empréstimos o culto à Senhora de Nazaré, reproduzindo os elementos constitutivos do catolicismo devocional.

Nesse caso, a pequena Vila no século XVII serve de centralidade de um catolicismo popular que se origina na travessia do Oceano Atlântico com os primeiros colonos portugueses.

Essa oficialização que ocorre em Belém acontece aproximadamente cem anos

depois do registro da devoção nazarena realizada pela narração de um padre da Companhia de Jesus, que estava de passagem pela vila de Vigia em 1679. Essa narrativa e descrição são do Padre José Ferreira citadas por Betendorf (1910). Na narração, Ferreira diz que de todas as partes vinham romeiros visitar a milagrosa imagem de Nossa senhora de Nazaré e realizar suas ladainhas e novenas.

Na narrativa do Padre José Ferreira (BETENDORF, 1910) não é evidenciado um cortejo religioso denominado de Círio, entretanto, o que esse jesuíta vê e descreve já é algo que não teria iniciado nesse ano, mas aquilo que já chamava a atenção das ordens religiosas pelo tamanho que teria alcançado. Porém, em Vigia, a data do primeiro Círio passou a ser contada a partir desse ano da narrativa de Ferreira, embora já se tenha, possivelmente, outros eventos antecessores à mesma data, mesmo sem a denominação “Círio”.

Assim como em Belém, antes da oficialização do primeiro cortejo, em Vigia não aparece o termo “Círio”, mas “novena”, que é um evento de nove dias de louvores às entidades sagradas. Nessa narrativa consta a presença de peregrinos vindos de outras partes da capitania (lugares), o que demonstra Vigia como um centro de peregrinação inicial com o aporte da devoção a Nossa Senhora de Nazaré.

Nessas novenas, segundo Cordeiro (2013), eram realizados os bailes e leilões promovidos pela Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré. Segundo esse historiador vigiense, a Irmandade foi criada em função do crescimento de devotos da santa que intensificou a devoção na vila de Vigia; primeiramente trazida pela família do Fidalgo Português D. Jorge dos Alemós, o qual teria recebido terras doadas pela Coroa Portuguesa onde é hoje o município de Vigia (CORDEIRO, 2013). A família desse nobre português teria trazido consigo a imagem de Nossa Senhora de Nazaré e iniciado a devoção na Amazônia como aponta algumas pesquisas:

A migração do culto da Senhora de Nazaré, de Portugal para o Grão-Pará, realizada possivelmente por colonos açorianos ou algarvios que chegaram ao norte do Brasil ao findar o Seiscentos, deu-se por meio da devoção marítima. As mais antigas memórias seiscentistas [...] localizam o começo da devoção precisamente na Vila de Nossa Senhora de Nazaré da Vigia (COELHO 2001, p. 921).

Em Vigia não há uma narrativa envolvendo o achado da imagem da santa, como ocorreu em Belém, pois os trabalhos de pesquisa apontam para a vinda de famílias de portugueses da Ilha dos Açores e região do Algarve (BETENDHORFF,

1910; CORDEIRO, 2013; COELHO, 1998, 2001). Essas famílias, ao chegarem às terras doadas pela Coroa portuguesa onde é o município de Vigia hoje, trouxeram consigo a imagem da Senhora de Nazaré e deram, nesse lugar, continuidade a devoção que já possuía em seus lugares de origem em Portugal.

Essa devoção, como aponta Coelho (2001), estava ligada a relação com o rio enquanto espaço tenebroso, hostil. A senhora de Nazaré terá um vínculo estreito com os navegantes que pediam a sua proteção contra as intempéries do mar. “É conhecido que as devoções marítimas em Portugal foram expressivas [...] com a devoção à Virgem Maria assumindo lugar capital na hagiografia náutica lusitana” (COELHO, 2001 p. 921). Essa relação aparecerá nas festividades de Nazaré durante o cortejo religioso com a presença de alegorias trazendo a figura de marinheiros e pescadores, tanto em Vigia (**ver figura 08 e 09**) como em Belém.

Figura 08 – Barca dos marujos – Círio de Vigia



Figura 09 – Barca dos Marujos II – Círio de Vigia



Fonte: Acervo da Biblioteca Irene Favacho

Na figura 08 é mostrada a barca dos marujos sendo carregada por devotos durante o percurso da procissão do Círio de Vigia, na década de 1960. Já na figura 09 aparece a barca com rodas de ferro nos círios da década de 1970. Esses carros alegóricos, que representam a relação da santa com as águas dos rios, servem como espaços de pagamento de promessas pelas mães das crianças vestidas de marinheiros.

É bem difícil se ter um ponto de partida a respeito desses dois Círios aqui em tela, quando nos referimos sobre a origem do surgimento de um ou outro elemento

estruturante (ou elemento essencial) de dentro do cortejo da procissão principal do domingo. Pois na longa totalização desse evento sacro-profano no Pará há evidências que um Círio imitou o outro, emprestando de forma recíproca alguns elementos ou geossímbolos (BONNEMAISON, 2005). Alguns elementos desaparecem em um Círio e permanecem em outro.

A devoção é iniciada em Vigia e a oficialização do primeiro Círio em Belém. Porém, em Vigia se inicia e se espalha pelas cercanias, aquilo que ainda é o embrião do que será institucionalizado. A devoção nazarena vinda de Portugal só terá o termo “Círio” séculos depois daquilo que já se tinha como homenagens a Nossa Senhora de Nazaré nas novenas e ladainhas realizadas pelas irmandades dessa santa, tanto em Vigia como em Belém, até a institucionalização (CORDEIRO, 2013).

Dessa institucionalização em Belém, o Círio de Nazaré alcançará um status de fenômeno socioespacial que atualmente serve como referência da região amazônica com seus elementos identitários (simbólicos, festivos, e religiosos). Com os aportes da metrópole, Belém é o epicentro de maior intensidade dessa devoção e festividade na Amazônia Oriental, sobretudo no nordeste paraense. A força do epicentro faz da capital paraense um *locus* de peregrinação ao santuário mariano que se localiza na Basílica Santuário¹⁴, ao mesmo tempo em que irradia a festividade para outras regiões de dentro e fora do estado.

4.2 Dos elementos essenciais mítico-religiosos

Estaremos, no decorrer deste subcapítulo, fazendo referências e ao mesmo tempo comparações aos elementos estruturantes desses dois Círios, por serem os originários dentro da introdução da devoção mariana na Amazônia Oriental no século XVII. Da oficialização do primeiro cortejo religioso e Civil em Belém, alguns elementos são transplantados nos cortejos que passarão a ocorrer em Vigia.

Formado por elementos essenciais em uma estrutura que veio se modificando desde a sua origem até os dias atuais, o Círio de Nazaré em Belém e Vigia segue concomitante com alguns elementos similares e, em algumas vezes, se diferenciam nos acréscimos de novos elementos.

Esses elementos essenciais são compreendidos aqui como os geossímbolos,

¹⁴ Foi promovida a santuário em 31 de maio de 2006 por documento emitido pelo Vaticano (CORREA, 2010).

que por acréscimos e inventados durante a realização desses Círios passaram a ter uma intensidade ou força simbólica a partir das relações mítico-religiosas e profanas, conferidos aos mesmos pelos sujeitos que fazem parte da totalidade do Círio de Nazaré. Esses geossímbolos estão associados à regionalidade da Amazônia em seu habitat em meio ao rio e a floresta com suas estórias e lendas e a religiosidade sincretizada pela devoção católica e os cultos afro-indígenas (MAUÉS e PANTOJA, 2012). Nosso interesse aqui é apontar os elementos identitários coexistentes em ambos os Círios e suas influências em um e outro, bem como outros elementos simbólicos que são específicos daquele lugar.

O Círio de Vigia terá um formato semelhante ao de Belém com relação ao conjunto de procissões (**ver quadro 01**). Pois, Alves (1980) mostra que até a década de 1970 havia apenas 3 romarias (Transladação, Procissão principal e o Recírio). A outra procissão que foi acrescentada foi a da festa de encerramento, no 4º domingo de setembro (em Vigia), antecedendo o Recírio que seria a despedida dos fiéis da Imagem da santa que se recolheria e voltaria no próximo ano para junto dos mesmos.

Algumas romarias se distinguem apenas pelo horário que se iniciam, mas mantêm o mesmo dia do período das suas festividades (Vigia, segundo domingo de setembro e Belém, segundo domingo de outubro).

Quadro 01: Conjunto de romarias correspondentes dos Círios de Vigia e Belém

Tipo de Romaria	período	Descrição
RODOROMARIA	Sexta – feira (Em Vigia acontece a noite, enquanto que em Belém pelo turno da tarde)	A imagem da santa é levada por uma grande quantidade de carros de seu local de origem até a localidade de onde sairá no outro dia a romaria fluvial.
ROMARIA FLUVIAL OU CÍRIO DAS ÁGUAS	Sábado (manhã)	Saída do local de encerramento da Rodoromaria, com início na localidade que dá acesso ao rio por onde a romaria se desenrola.
MOTORROMARIA	Sábado (manhã)	Início com a chegada da Imagem no porto ou trapiche dado o encerramento da romaria fluvial. A moto romaria leva a imagem até o local da saída da transladação
TRANSLADAÇÃO	Sábado (noite)	Saída da imagem da santa até o local do início da procissão principal no domingo.
PROCISSÃO PRINCIPAL OU PROCISSÃO DO CÍRIO	Domingo (manhã)	Cortejo religioso principal que faz o percurso contrário ao da transladação
CÍRIO DAS CRIANÇAS	3º domingo (manhã)	Romaria que envolve crianças, em sua maioria, e jovens e adolescentes. Em Belém, a romaria ocupa algumas ruas nos arredores do bairro de Nazaré. Enquanto que em Vigia, a paróquia local modifica o seu itinerário a cada ano elegendo capelas de algumas comunidades católicas dos bairros, e até mesmo o hospital municipal, como espaços de saída e de chegada dessa procissão.
PROCISSÃO DA FESTA	4º domingo (noite)	Romaria de encerramento das atividades da Festa e encerramento do arraial de Nazaré. A imagem sai pelas ruas da cidade em itinerário delimitado pela Diretoria da Festa e retorna para o mesmo local (Basílica Santuário – Belém; Igreja Matriz – Vigia).
RECÍRIO	4ª Segunda feira (manhã)	Procissão de despedida da imagem da Senhora de Nazaré até o seu nicho principal para ser guardada até o reinício do próximo Círio no ano posterior.

Fonte: Elaborado pelo autor

Romarias, como a fluvial, são inventadas em Belém e transplantadas para Vigia. Já o primeiro Círio das crianças ocorre em Vigia em 1990 por iniciativa dos padres Barnabitas que possuíam a concessão da paróquia vigiense. Após o acontecido em Vigia, nesse ano, o Círio das Crianças foi iniciado em Belém no outro mês do mesmo ano, em que os Barnabitas ocupavam a mesma paróquia em Belém.

Se até a década de 1970 havia apenas 3 ou 4 romarias, a partir da década de 80 do mesmo século aumenta-se o número das mesmas nos dois Círios, seguindo o aumento do número de devotos e o crescimento espacial da festa que obtém outros contornos para além dos seus núcleos iniciais.

Esse conjunto de procissões se expandiu em Belém a partir da década de 1970, como observou Correa (2010) ao mostrar a expansão da festividade nazarena que ficava concentrada nos bairros de Nazaré e Cidade Velha até esse período. Essa expansão, segundo a autora, se relaciona com a própria expansão urbana da cidade de Belém em seu processo de metropolização. Em sua tese de doutorado “Círio de Nazaré: A Festa da Fé e suas (re) significações culturais” a mesma mostra que algumas romarias fazem parte do desejo de inserção de outros sujeitos dentro da festividade nazarena, a contar com a ciclromaria e a remoromaria existentes apenas em Belém (como não constam no quadro 01). Outras procissões secundárias ao cortejo principal em Belém, como a Romaria da Juventude, surgem a partir da década de 90 do século XX.

Um primeiro aspecto que marca essa influência desses dois Círios é a delimitação de uma data fixa; Vigia já possuiu Círio no dia 5 de agosto e Belém em 8 de setembro (data do primeiro Círio institucionalizado). Vigia fixou, até o momento, o segundo domingo de setembro para a procissão principal e Belém teve que adiar o seu para o segundo domingo de outubro. Ambas as festividades chegaram a essa decisão em decorrência do fator climático envolvendo a pluviosidade da região. A chuva, aqui, aparece como fator preponderante, se Vigia está adiando para setembro, Belém não poderia concorrer com o município que é pioneiro na devoção à Senhora de Nazaré, intitulado, aqui, de núcleo histórico.

Vigia adota do modelo de Belém a presença das autoridades civis dentro do cortejo religioso e outros elementos simbólicos relacionados às alegorias, como a presença de anjos e marinheiros, mas acrescenta os pescadores vestidos com suas roupas do trabalho no mar, molhados pelas águas dos rios em alusão ao salvamento de naufrágios (**ver figura 10 e 11**).

Nas imagens da próxima página aparecem alguns sujeitos que escaparam do alagamento de sua embarcação e passaram a participar da procissão do Círio de Vigia desde a década de 1960, sempre em trio.

Figura 10 – Pescadores promesseiros molhados com os apetrechos de pesca– Círio de Vigia em 1960



Fonte: Acervo da Biblioteca Irene Favacho – Vigia/PA

Figura 11 - Pescador promesseiro no Círio de Vigia - 2017



Fonte: Acervo do autor, 2017

Essa demonstração de fé passou a ser um dos elementos de alegorias do cortejo principal de Vigia, oficializado pela Diretoria da Festa do município. Porém, nos últimos anos vêm participando dessa alegoria apenas um dos três sujeitos da figura 09, uma vez que os outros dois já faleceram. Na figura 11 observa-se o mesmo homem do centro da foto da década de 1960, agora na atualidade usando um chapéu de palha.

Em entrevista concedida no Círio de Vigia do ano de 2017, o mesmo afirmou que a sua promessa será cumprida todos os anos enquanto lhe houver vida, assim como aconteceu com os outros dois dos seus companheiros. Eles pediram a Senhora de Nazaré para serem salvos enquanto estavam flutuando nas águas. Foram salvos e atribuíram o ocorrido a um milagre dessa santa católica.

Essa alegoria é um exemplo da subjetividade relacionada à devoção de fé de sujeitos ligados ao rio. Uma alegoria viva, real e que faz parte da paisagem devocional do Círio de Vigia. Desses elementos estruturantes da procissão principal que surgiram em Belém e desapareceram pelas reformas da Igreja, mas que foram transportadas para Vigia e se mantém até o momento, tem-se o anjo do Brasil e o carro do Boi (carro dos foguetes).

O Anjo do Brasil (**ver figura 12**) é representado por uma menina montada a cavalo com vestes representando as cores da Bandeira do Brasil. Essa alegoria se inicia em Belém, fazendo alusão ao anjo Gregório, junto com outros anjos onde havia a devoção aos arcanjos Gabriel, Miguel e outros (ALVES, 1980). Em Vigia, essa alegoria ainda está presente na procissão principal onde é disputada pela família da menina inscrita para aquele ano e que muda de ano a ano em promessa paga pelos pais.

A imagem da menina que representa o Anjo do Brasil foi, por muito tempo, a mesma imagem eurocêntrica do colonizador branco, pois os anjos no imaginário popular permaneceram vinculados ao padrão europeu (brancos, loiros e de olhos azuis ou esverdeados).

Essa imagem foi quebrada nas últimas décadas quando a Diretoria do Círio de Vigia passou a permitir meninas de outros biotipos, como negras e mestiças. Essa alegoria não existe mais na estrutura do cortejo em Belém (no segundo domingo de outubro), mas permanece em Vigia como elemento essencial na procissão do

segundo domingo de setembro. Em Belém, nas reformas realizadas pela Igreja até o século XIX foram excluídos todos os animais de dentro da procissão principal.

Figura 12 - Representação do Anjo do Brasil no Círio de Vigia



Fonte: Acervo do autor, 2016

O carro dos foguetes (**ver figura 13**) que também existia tanto em Belém quanto em Vigia permanece apenas no evento vigiense. Puxado por um boi há um sujeito que solta os foguetes no início do cortejo anunciando a saída e por onde a procissão se localiza dentro da cidade.

Com o tempo, essa atividade de soltar o foguete com a mão passou a ser arriscada na via pública, segundo a reforma da Igreja em Belém. A figura dos animais dentro do cortejo é uma remanescência da força de tração do boi que também puxava a carroça com a imagem da santa em Belém e em Vigia. Esse carro com o boi que

permanece apenas em Vigia representa um elemento de Círios antigos com sua permanência.

Atualmente a mesma função do foguete de sinalizar por onde a procissão está passando concorre com a presença de dispositivos de localização como o GPS (Sistema de Posicionamento Geográfico), colocado na berlinda da santa e informado via aplicativos de celular para quem estiver interessado em saber por onde o Círio vai passando. Essa novidade tecnológica aconteceu no Círio de 2018 com a participação de membros da diretoria em parceria com o Curso de Informática do Instituto Federal de Educação do Para (IFPA). Outros elementos relacionados a carros alegóricos relacionados ao rio, aos milagres da santa, dos ex-votos, são recorrentes na procissão de ambos os Círios.

Figura 13 - Carro do boi ou carro dos foguetes do Círio de Vigia



Fonte: Acervo do autor, 2016

Um elemento que marca essa similaridade entre os dois Círios é a corda. Esse geossímbolo que cerca a Berlinda e cria o que Alves (1980) chamou de núcleo estruturado é o ponto central da procissão; Berlinda e corda (**ver figura 14**) acompanham esses dois Círios e é exportado como elemento comum para outros Círios. A corda delimita um espaço sagrado, que tem uma territorialidade flutuante

dentro do cortejo pela via pública, uma vez que é marcado pelo poder simbólico (BOUDIER, 2001) da Igreja Católica.

A narrativa envolvendo a corda pertence à presença dos atoleiros existentes em Belém durante os períodos de marés e chuvas que entornavam o espaço do Ver-o-Peso¹⁵ no núcleo histórico de Belém. A função da corda era para desatolar a carroça de bois que conduzia a imagem da santa (VIANNA 1909). Ano após ano a corda viria como salvaguarda para desatolar a condução da berlinda caso fosse necessário.

Figura 14 - A Berlinda dentro do espaço da corda no Círio de Vigia



Fonte: Acervo do autor, 2015

Com o tempo ela passou a se constituir como um elemento essencial no cortejo principal, tanto em Vigia quanto em Belém. Porém, Vigia adota esse elemento que como geossímbolo, do ponto de vista da etnografia dos devotos da santa e de seu imaginário, há quem diga que a corda é a representação do cordão umbilical da santa com os seus filhos como declarou o Pe. Vicente de Shiena (CORREA, 2010).

¹⁵ Mercado que teve esse nome por possuir um sistema de fiscalização de ver o peso de algumas mercadorias que embarcavam e desembarcavam em Belém do século XVII (ROQUE, 1974). Atualmente o Ver-o-Peso compreende um complexo de mercados e feiras existentes no núcleo histórico de Belém, sendo a feira ao lado do mercado de peixes com o mesmo nome, uma das maiores da América Latina e cartão postal da cidade de Belém.

Na figura 14 podemos observar o núcleo estruturado que identificou Alves (1980). Nessa figura há a presença das autoridades clericais, membros da diretoria do Círio, os guardas de Nazaré e a imprensa, junto com a Berlinda e a imagem da santa ao centro; do lado de fora as mãos dos promesseiros da corda tentam ficar próximas do espaço sagrado. Do imaginário da Amazônia, a corda é comparada a cobra grande das lendas dos rios amazônicos e forma um próprio rio humano durante a procissão principal (MAUÉS in FIGUEIREDO 2005).

A narrativa da corda pertence ao Círio de Belém; Vigia imita e outros Círios espalhados pelo Pará reproduzem esse elemento que passou a ser essencial dentro do cortejo de muitos Círios no Pará. Tanto na romaria da transladação como da procissão principal, tendo seu momento de tensão com o pagamento das promessas, no domingo. Estar segurando e puxando a corda, mesmo no pagamento da promessa, é estar perto da imagem da santa em seu território sagrado (ver figura 15).

Figura 15 – Berlinda e corda no cortejo principal do Círio de Belém-Pa



Fonte: Acervo do autor, 2015

Era comum até a década de 1980 a presença de autoridades civis (governantes) dentro desse núcleo estruturado (ALVES, 1980; MAUÉS, 1985). Isso

dava visibilidade para essas autoridades e marcava um laço entre Igreja e Estado, como analisaram Maués (1985) e Pantoja (2006).

A corda já foi objeto de tensão entre a Igreja e os devotos, pois a mesma já foi proibida de sair na procissão tendo como argumento o atraso do andamento do cortejo e causava muita bagunça entre os promesseiros. Isso não foi tolerado pelos devotos que passaram a ver esse elemento simbólico como um espaço do pagamento de suas promessas em sacrifício corporal oferecido à santa. Sobre essa tensão Correa (2010, p. 87) assinala que “a oficialização da corda como parte integrante do Círio não a isenta de discórdias. Ao contrário, desde o seu surgimento até os dias atuais ela tem sido pivô de vários conflitos e disputas políticas entre diretoria da festa, Igreja, Estado e devotos.”

Em Vigia, o clero com a diretoria do Círio vem questionando a presença de pessoas em estado etílico, amanhecidas das festas dançantes de aparelhagens como fomos informados por um ex-membro da diretoria do Círio, desse município, em entrevista no dia 10/09/2017. Tanto em Vigia como em Belém a corda é cortada em inúmeros pedaços pelos promesseiros que fizeram parte do ritual (**ver figura 16**).

Figura 16 - O esfacelamento da corda no Círio de Vigia



Fonte: Acervo do autor, 2016

Ao final do percurso acontece mais esse ritual marginalizado pela elite clerical, realizado pelos promesseiros da corda junto com outros devotos, que é a divisão do “cordão umbilical” que liga a Mãe aos seus filhos; para muitos devotos levar um

pedaço da corda significa guardar a lembrança daquele Círio e utilizar aquele pedaço de corda feita de sisal como amuleto da sorte, até mesmo como remédios curativos de doenças diversas.

A permanência da corda como um dos elementos imprescindíveis atualmente nos Círios de Vigia e Belém acontece “em virtude de sua capacidade de se conectar a vida das pessoas, de diferentes grupos sociais, do devoto ribeirinho ao devoto urbano [...]” (CORREA, 2010, p.110).

Há uma força imensurável sob uma base mítico-religiosa que faz da presença da corda nesses dois Círios um elemento que reverbera o mundo sagrado e profano imaginado pelos sujeitos envolvidos no fenômeno. Na figura 15 é evidenciada a presença de objeto cortante, levado por um devoto que já possui a intenção de fazer parte desse ritual de esfacelamento e divisão dos pedaços no final do cortejo. Atitude que não é bem vista pela Igreja e Diretoria das duas festas, que procuram evangelizar os participantes da corda para que não a cortem.

Outros elementos estruturantes (**ver quadro 02**) do cortejo principal, tanto de Vigia como de Belém, são comuns como o carro com a presença de anjos (**ver figura 17**) e outros com marinheiros, como demonstramos anteriormente sobre os Círios da década de 1960 e 70 e que continuam até o momento (**ver figura 18**), ambos com a presença de crianças vestidas a caráter.

Figura 17 – O carro dos Anjos do Círio de Vigia



Figura 18 – Carro dos marujos no Círio de Vigia



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2015

Carro/alegoria	Círio
Imagem da santa na Berlinda	Vigia/ Belém
A corda	Vigia/Belém
Carro do boi	Vigia
Pescadores promesseiros	Vigia
Carro dos milagres	Vigia/Belém
Carro do caboclo plácido	Belém
Anjo do Brasil	Vigia
Barca dos escoteiros	Belém
barca nova	Belém
Carro do Anjo Custódio	Vigia/Belém
Barca das velas	Belém
Carro do anjo protetor da cidade	Belém
Barca portuguesa	Vigia/Belém
Carro dos anjos I	Vigia/Belém
Barca com remos	Belém
Carro dos anjos II	Vigia/Belém
Carro da santíssima trindade	Belém
Bandas de música	Vigia/Belém
Cesto das promessas	Vigia/Belém

Fonte: Elaborado pelo autor

A presença de alguns elementos, que são secundários nessas alegorias, mas que marcam os dois Círios são a presença das bandas de músicas no formato das bandas militares (**ver figura 19**). Outros elementos que fazem parte dos cortejos religiosos, mas que não se caracterizam como alegorias, mas sim como elementos parte da gestão e organização da Igreja Católica, são as guardas de N. S. de Nazaré que são responsáveis em conduzir as romarias e funcionam como uma espécie de proteção dos cortejos religiosos como aparecem na figura 17 e 18.

Figura 19 – Banda União Vigiense no Círio de Vigia em 1998



Fonte: Acervo retrografia Vigiense, 2015

Essas bandas¹⁶ são recorrentes no nordeste paraense e sempre tiveram um incentivo por parte da Igreja católica e de comerciantes locais. A sonorização das procissões, no passado e no presente, continua com a presença dessas bandas no cortejo religioso das festas de santo, mas disputam espaço pelos trios elétricos e carros de som menores que fazem parte da musicalização durante as procissões.

Os foguetes com outros fogos de artifícios, junto com essas bandas de músicas entoando os hinos do Círio de Nazaré de forma instrumental, durante o cortejo religioso, fazem parte de uma *paisagem sonora*, conceito que Luís Raphael T. da Silva desenvolveu em sua tese de doutorado baseado no trabalho de Schafer (2001) que “defini paisagem sonora como todo e qualquer som que compõe um determinado espaço” (SILVA, 2016, p. 50). O trabalho de Silva (2016) evidencia uma paisagem sonora de matriz evangélica na Região Metropolitana de Fortaleza com as “caminhadas” e marchas para Jesus.

¹⁶ Em Vigia existem cinco entidades musicais com essa formação de bandas: Banda 31 de Agosto, Banda União Vigiense, Banda Maestro Vale, Banda Isidoro de Castro e Banda 25 de Dezembro. Essa última pertence ao Distrito de Porto Salvo onde ocorre um Círio à Nossa Senhora da Luz no segundo domingo de dezembro, com a presença da corda. Essas bandas tem a função de sonorizar várias romarias nas festas de santos (as).

Os Círios possuem uma paisagem sonora que se confunde com a paisagem devocional, com os hinos específicos, os carros sons anunciando festas e romarias, os shows pirotécnicos, as badaladas dos sinos, as homenagens musicais nos itinerários dos Círios etc.

Outro elemento secundário que faz parte do espetáculo desses dois Círios é a queima de fogos de artifício. A produção desses elementos foi intensa, em Vigia, nas últimas quatro décadas e diminuiu devido aos muitos acidentes que aconteceram nesse intervalo de tempo no município.

A queima de fogos faz parte das homenagens à santa nas várias procissões das festividades da quadra Nazarena e é mais intensa durante a transladação e o cortejo do domingo, tanto em Vigia como em Belém. Desde 2017 esses shows pirotécnicos foram proibidos em alguns locais em Belém por recomendação do Corpo de Bombeiro com deliberação da Diretoria da Festa.

Outros rituais que fazem parte do complexo festivo nazareno em Vigia e Belém estão relacionados à peregrinação da imagem da santa para outros lugares. Belém faz um traslado com a imagem peregrina dentro do estado do Pará, em vários municípios, até para fora do estado. Isso faz parte da preparação para o Círio de cada ano; se apresenta como o ritual de andança da imagem na visita aos paraenses e outros devotos espalhados pelo Pará e outras regiões do Brasil.

Vigia faz a peregrinação da imagem apenas em suas vilas e comunidades dentro da extensão territorial do município. Nas comunidades católicas dos bairros, segue o mesmo ritual de visita às casas como ocorre em Belém quando a imagem (replicas da Senhora de Nazaré) pernoita em uma casa escolhida dentro da comunidade, conforme Maués (2016, p. 228) descreve:

Essa visita é feita por grupos de devotos e devotas que praticam a oração do terço (comparável a um possível mantra indiano) diante da imagem “peregrina” da santa. Em seguida, as donas de casa oferecem aos participantes um pequeno lanche frequentemente com doces, salgados e refrigerantes), durante o qual se procede a confraternização entre vizinhos, amigos e parentes. E quando todos se retiram da casa onde se fez a oração, a imagem peregrina permanece ali a fim de “dormir” naquela residência (abençoando-a) para, no dia seguinte, ser levada de novo em pequena procissão para outra casa, onde se repete o ritual.

Essas visitas se constituem em outra forma de sociabilidade entre os devotos e a santa. Essa peregrinação se estende para os órgãos públicos e algumas empresas

privadas, tanto em Vigia como em Belém é recorrente esse ritual que demonstra a preparação do tempo do Círio que se aproxima.

Durante o período que antecede os quinze dias da festa nazarena acontecem algumas manifestações que acabam se relacionando com a publicização do evento em tempos atuais como: a missa do mandato, a apresentação do Cartaz e do manto da imagem da santa e outros eventos/rituais que estão inseridos, no meio e no fim, de um ou de outro Círio os quais procuramos demonstrar no quadro 03.

Esses rituais que compõe a estrutura de ambos os Círios fazem parte da gestão religiosa por parte dos clérigos e membros da Diretoria da Festa, os quais são responsáveis pelos acontecimentos destes eventos. Em alguns lugares por onde o Círio de Nazaré se irradiou podemos ver um ou outro ritual semelhante aos encontrados em Vigia e Belém, expostos no quadro da próxima página.

Quadro 03 – Eventos/rituais que antecedem a festa nazarena – vigia e Belém

Evento/ritual	Círio	descrição
Missa do Mandato	Vigia/ Belém	Missa de introdução ao Círio com a benção das imagens peregrinas das comunidades nos bairros
Apresentação do Cartaz do Círio	Vigia/Belém	Trata-se de um instrumento de evangelização e divulgação da festa. O cartaz mantém a tradição vinda de Portugal quando anunciava a festividade com uma figura da Santa.
Apresentação do Manto da imagem	Vigia/Belém	Evento social realizado pela Diretoria da Festa com a finalidade de mostrar as vestes da imagem naquele Círio. O evento ocorre, primeiramente, em Belém de forma fechado e depois se torna público.
Levada dos carros alegóricos do depósito para o local de início do Círio no Domingo	Belém	Os guardas de Nazaré, em Belém, levam os carros alegóricos no sábado a noite para o local de onde irá sair o Círio no domingo. Essa levada passou a ser acompanhada por alguns devotos motorizados e atualmente aumentou o quantitativo de participantes.
Descida da Imagem	Vigia/Belém	Ritual que no imaginário devoto representa a vinda de Maria para a Terra. O seu glória representa o Céu dentro da Igreja. Essa descida para ficar durante q quadra nazarena representa a visita da santa aos seus filhos
Retirada da Imagem no final da procissão do Círio	Vigia/Belém	A imagem da santa ao chegar ao final do cortejo principal é retirada por um leigo (um comum) e colocada na mão de um clérigo para a benção final daquele dia de procissão. A Igreja nesse momento

		permite a retirada que lhe é devolvida em seguida, o elemento sagrado.
Retorno da imagem para o seu nicho anual	Vigia/Belém	É realizado após o Recírio quando a imagem se despede dos devotos e retorna para o seu nicho (o céu) onde ficará até o início do Círio do outro ano

Fonte: Elaborado pelo autor

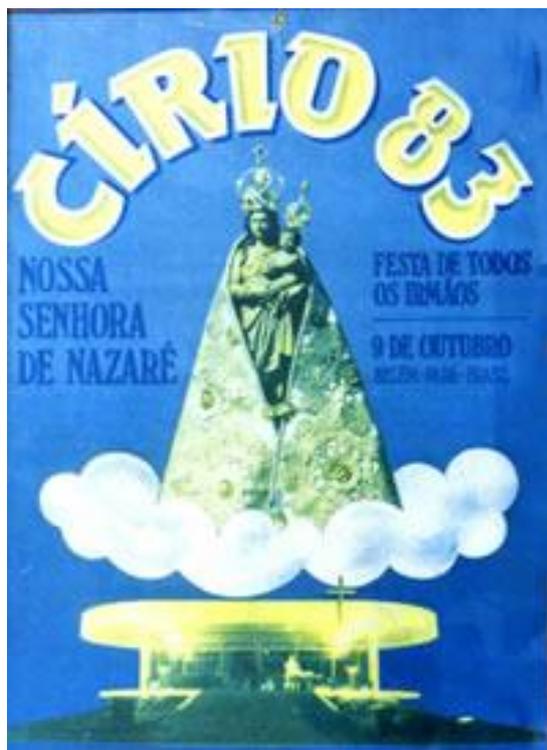
É válido destacar algo que nos chama a atenção referente à imagem da Senhora de Nazaré dos Círios de Vigia e de Belém, a santa e a titulação são as mesmas, mas o que muda é o estilo da construção da imagem.

Nas imagens dos cartazes do Círio de Belém (**ver figura 20**) é evidenciada a imagem esculpida em madeira, com apenas o manto sendo de pano. Já a imagem da santa do Círio de Vigia (**ver figura 21**) foi construída em estilo roca¹⁷, com as vestes principais da santa e do menino Jesus sendo de pano mais o seu manto, além de cabelos humanos que são doados por devotos da mesma. Esse diferencial é um elemento peculiar entre os Círios de Vigia e Belém e na irradiação dessa devoção a imagem e estilo que são difundidos, são os de Belém, aparecendo em cartazes e em outros meios de comunicações.

Em Vigia, há uns cinco anos, houve uma contestação por parte da Diretoria da Festa a respeito dos cartazes que foram impressos por alguns empresários devotos da santa, pois a ilustração dos cartazes trazia a imagem referente à Belém e não a imagem em estilo roca de Vigia. As camisas vendidas no Círio de Vigia, por comerciantes de fora da cidade, não percebem para esse detalhe que o vigiense devoto mais atento reclama: A imagem e estilo da de Belém é uma, a imagem de N.S. de Nazaré de Vigia é outra, embora a titulação seja a mesma.

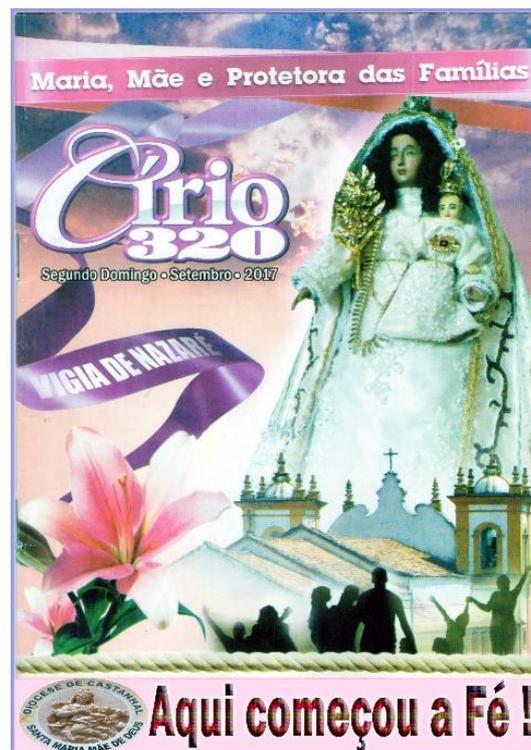
¹⁷ Estilo barroco de origem italiana onde eram construídas imagens de santos com uma maior proximidade com o humano, possuindo cabelos, coroas, joias e roupas que envolviam a imagem como um todo.

Figura 20 – Cartaz do Círio de Belém de 1983



Fonte: <http://bibliotecadocirio.org/>, acessado em 25 de outubro de 2018

Figura 21 – Cartaz do Círio de Vigia de 2017



Fonte: Acervo do autor, 2017

No cartaz do Círio de Vigia da figura 21 é enfatizada a origem do Círio nesse município com a frase na parte inferior do mesmo: “Aqui começou a fé”. O município, como analisou Maués (1985), reclama a origem do Círio no estado do Pará¹⁸.

Esses eventos que elencamos no quadro 03 se somam ao complexo ritual que o Círio de Nazaré compõe em seu âmbito sagrado. Procuramos aqui especificar de forma didática elementos constituintes desses dois lados (sagrado e profano¹) da festa; reconhecendo a complementariedade de um e de outro, pois a Festa Nazarena

¹⁸ Embora essa origem seja difundida na mídia de maneira geral, alguns estudiosos e membros da Basílica Santuário de Belém não consideram isso como uma verdade, pois o primeiro Círio (para eles) ocorreu em Belém, sendo que em Vigia iniciou-se a devoção, apenas. Isso se assemelha com uma discussão do senso comum: quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? Algumas explicações científicas racionalizadas vão responder que foi o ovo, uma vez que a galinha evoluiu de uma espécie de réptil que já botava ovos. Com o Círio de Nazaré, reafirmamos, neste trabalho, que antes da oficialização em Belém não aparece até então, em nenhum documento, o termo “Círio” em Vigia; esse termo vem com a institucionalização em Belém. Porém, tanto em Vigia como em Belém, a devoção nazarena com os seus arraiais já fazia parte das novenas, ladainhas e outras festas do catolicismo popular.

no estado do Pará é imbricada dessas duas dimensões, ora conflitantes, ora indissociáveis em sua sociabilidade e reciprocidade.

Nosso interesse não é tanto aprofundar no detalhamento da descrição de todos os elementos constituintes do Círio como um todo. Mas apresentar a força simbólica de alguns elementos que passaram a ser essenciais dentro do complexo ritual e são exportados para outros Círios através de uma irradiação vetorial que culmina com o nosso objeto de estudo. Por isso damos os destaques para aquilo que se firmou até aqui como tradição e resiste até o momento.

4.3 Os elementos essenciais da dimensão profana

Outro aspecto que faz parte da totalidade dos Círios em questão é o âmbito festivo relacionado ao profano com destaque para o arraial, as festas dançantes espalhadas pela cidade, eventos artístico-culturais, junto com o almoço do Círio no domingo. Obviamente que Vigia não conseguirá importar todos os elementos que irão surgir com o tempo na estrutura da festividade nazarena em Belém, assim como Belém não irá absorver tudo o que ocorre no evento vigiense, pois cada lugar possui suas especificidades indelével e seus acréscimos locais, como já referendamos desde o início.

Para além dos elementos constituintes do cortejo religioso principal temos observado e identificado nos trabalhos de campo com a participação em ambos os Círios que a programação cultural é um elemento comum com relação ao aspecto lúdico, de lazer, entretenimento e recreação, relacionando ao movimento de pessoas que ocupam a cidade. Esses elementos proporcionam o que Oliveira (2011) classifica como *carnevalização* em festejos religiosos. Essa *carnevalização* se assemelha com a *teatralização* ou *cenarização* que o mesmo autor ressalta em algumas cidades brasileiras onde ocorrem rituais festivos e a cidade se molda para a grande festa. Esse aspecto festivo-carnavalesco também contribui com a publicitação do lugar em que ocorrem esses eventos-rituais.

Essa dimensão profana da festa é similar tanto em Vigia como em Belém, quando os dois espaços urbanos oferecem diversão e entretenimento com diversos atrativos culturais no período do Círio. O que vai se diferenciar é a forma e as tipologias desses atrativos e como isso se dá em dois espaços urbanos que se diferem

em escalas extremas, pois estamos falando de uma cidade considerada pequena e, de outro lado, de uma metrópole e capital de um estado da federação brasileira.

Em Vigia já foram identificadas, há dez anos, mais de 17 festas de Aparelhagens na sede do município, incluindo shows com bandas em casas noturnas no centro e nas periferias da cidade. Em Belém, a presença dessas festas possui uma amplitude de dimensão gigantesca em termos de oferta desse tipo de entretenimento, principalmente dentro do espaço da cidade, como assinalou Costa (2005) ao analisar o Circuito bregueiro em Belém do Pará em sua tese de doutorado. O mesmo nos mostra que são festas que ganham maior visibilidade, pelo fato de ocorrerem na chamada quadra nazarena.

Nesse sentido, deixam de serem festas comuns e passam a serem as festas extraordinárias. Em Vigia é comum estarem presente nas vésperas do Círio grandes aparelhagens que estão em evidência em Belém, e os melhores espaços para as mesmas acontecerem são disputados pelos produtores ligados a esse setor de entretenimento.

O espaço do arraial se apresenta como outro elemento da atmosfera do Círio, tanto em Vigia como em Belém, tem a mesma função desde os Círios em Portugal, como faz referência Coelho (2001). Sobre a origem do arraial em Belém e suas mudanças, Alves (1980, p. 324) enfatiza que:

O arraial foi, durante muito tempo, armado no Largo de Nazaré, em frente à Basílica, mas hoje foi deslocado para uma área ao lado, onde foram instalados o parque de diversões e o conjunto de barracas com guloseimas, bebidas e outros produtos, erguendo-se na praça, o chamado, atualmente, Complexo Arquitetônico de Nazaré (CAN) com um altar e uma concha acústica. O primeiro arraial foi uma grande feira de produtos regionais, autorizado pelo Capitão-General do Rio Negro e do Grão Pará, D. Francisco de Souza Coutinho.

Mesmo havendo mudanças estruturais ao longo do tempo em sua estrutura, o arraial continua tendo um controle e regulação por parte da Igreja e da Diretoria da Festa em Belém, conforme os dizeres de Correa (2005, p. 207):

São visíveis os vários movimentos de regulação e ordenação de seus domínios por parte da elite dirigente do evento, sempre receosa de que as manifestações profanas ali realizadas se sobressaíssem mais do que os rituais sagrados que simultaneamente dão significados ao Círio de Nazaré.

Matos (2010) destaca esse espaço em Belém que faz parte de uma paisagem do Círio de Nazaré, no qual é comum a presença do parque de diversões, do comércio de bugigangas e guloseimas e da chamada “Barraca da Festividade”. Para essa autora, “o Arraial de Nazaré em Belém do Pará é um lugar de grande força criativa gerada pela intensa sociabilidade a partir das diversificadas práticas de lazer nele vivenciadas durante a quinzena festiva do Círio de Nazaré” (MATOS, 2010, p. 02).

Esse aspecto de sociabilidade e lazer é algo que firma como elemento simbólico imaterial do Círio, porém, o arraial é um dado material, fixo ou efêmero nos lugares em que se tem Círio, mas seu uso pelo lazer e diversão na quadra Nazarena é algo ontológico que prescinde ao material.

Em Vigia e Belém ocorre a presença de shows em seus arraiais. Isso tem proporcionado o aumento de um fluxo de pessoas que buscam o lugar onde acontece o Círio de Nazaré como uma prática do turismo cultural. Diante disso, a intenção aqui não é somente religiosa, pois o turista cultural vê o Círio como um evento cultural onde o mesmo sujeito apenas observa de fora e não comunga com o credo do promesseiro, do devoto ou do peregrino. Esse indivíduo busca lazer pelo seu tempo livre, como no exemplo do entrevistado em Vigia que foi somente para a “festa de Aparelhagem do Círio” do município. O arraial possui vários elementos voltados para esse lazer que se somam aos vários elementos dispostos ali, até mesmo para a periferia do seu núcleo central.

Esse aspecto voltado para a dimensão profana é recorrente nos mais variados Círios pelo nordeste paraense, em distintas proporções. A presença dos parques de diversões nesses arraiais é algo comum para esse lazer (**ver figura 22**).

Figura 22 – Arraial do Círio de Nazaré de Vigia com a presença do parque de diversões



Fonte: Acervo do autor, 2016

Na foto da figura 22 acima é mostrado o largo de Nazaré em Vigia em frente ao templo central chamado de “Igreja Matriz” ou Madre de Deus. Funciona ao lado do templo o parque de diversões e na sua frente o comércio de bugigangas e a barraca da festividade ao ar livre.

Em alguns casos em Vigia, a Igreja procurou controlar esse lazer que outros sujeitos proporcionavam no tempo e no espaço do Círio. Como mostramos em Siqueira (2013), ao nos referirmos à proibição da venda de bebidas alcoólicas nos restaurantes que ficam no largo da Igreja Matriz.

Ao analisar o arraial do Círio de Vigia, Maués (1985) observa um elemento que só possui na festividade desse município durante os quinze dias de festividade, que é a “noitada” dividida por classes na barraca da festividade, organizada pela diretoria do Círio. Eram classes sociais, mas que na verdade, representavam categorias de trabalho vinculadas a diversos setores da sociedade vigiense.

O autor mostra que havia uma noite em que só os agricultores eram os responsáveis pelas atrações musicais e leilões com produtos do espaço agrário. Outra noitada que recebia grande destaque era a realizada pelos pescadores, os quais ficavam responsáveis pela mesma, na colônia dos pescadores do município; com a

presença dos patrões de pesca. Essa era a noitada que mais gerava dividendos para a diretoria do Círio, pois até então era permitida a venda de bebidas alcoólicas no espaço da barraca. Logo, bastante consumida por essa classe, além de consumiram de forma ostensiva os lances dos leilões.

Essa divisão por classes sociais foi diminuindo nas noitadas da festividade nazarena em Vigia. Atualmente existe a noitada de diversos seguimentos da sociedade vigiense como das escolas estaduais e municipais; particulares; de empresa privadas; de associações etc.

Em Vigia, a barraca da festividade não existe mais enquanto espaço físico dentro de um prédio, pois a partir do final da década de 1990 as mesas e cadeiras, junto com as vendas de comidas promovidas pela Diretoria da Festa, passaram a ocupar uma parte da frente da Igreja Matriz onde acontecem os shows musicais em palco armado, junto com leilões e bingos. Sobre a existência do arraial do Círio de Belém, Matos (2010, p. 04) ressalta que:

Podemos dizer que o Arraial de Nazaré, em perspectivas diferenciadas, existe mesmo antes do processo de institucionalização do Círio de Nazaré pelo Estado e pela igreja em 1793. Até 1981 o arraial funcionou em frente a atual Basílica de Nazaré, no então chamado largo de Nazaré – Praça Justo Chermont –, que nos últimos anos passou a ser chamada de praça santuário. Lugar que congregou e aliou por muitos anos a feira de produtos agrícolas e vivências lúdicas variadas (dança, música, jogos, feira de produtos regionais, comércio ambulante em geral etc.).

Esses arraiais continuam com seus sentidos relacionados à sociabilidade, o lazer e o consumo desde a Idade Média, como analisou Coelho (1998). Embora os ordenamentos aconteçam constantemente por parte da Igreja e Diretoria dos Círios, a essência do arraial se mantém e se comporta como um espaço ou lugar simbólico dentro da paisagem devocional sacro-profana da festa nazarena.

O Círio de Belém tem um conjunto de elementos sacro-profano que são peculiares ao seu evento, assim como Vigia possui os seus. Porém, o que procuramos enfatizar aqui é a similaridade de elementos que coexistem em ambos os Círios. Belém possui uma festa promovida pelos representantes do movimento LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais e assexuais) desde a década de 1970, que é exclusivo da atmosfera do seu Círio, a Festa das Filhas da Chiquita (**ver figura 23**)

Figura 23 – Festa das Filhas da Chiquita - Círio de Belém



Fonte: <http://www.dol.com.br> acessado em 25 de outubro de 2016

Esse evento cultural que ocorre após a passagem da procissão da transladação, no sábado do Círio em Belém, passou a ser considerado um dos elementos associados ao Círio, constituintes do aspecto profano da festividade nazarena. No inventário realizado pelo IPHAN em 2004, o Círio de Belém se tornou a primeira manifestação religiosa a ser reconhecida como bem cultural de natureza imaterial do Brasil. No seu registro, incluindo os elementos sagrados e profanos, a Festa da Chiquita entra como um desses elementos do âmbito profano, algo que chamou a atenção da Igreja Católica, que não aceita até o momento esse elemento como associado ao Círio de Nazaré.

Para um dos coordenadores da Festa da Chiquita, desde a década de setenta ainda à frente, é mostrado em entrevista que a Festa perdeu muito espaço dentro da festividade nazarena, pois diminuiu o tempo de permanência dentro da Praça da República onde ocorre a mesma. Pois há duas décadas a festa se encerra no amanhecer de domingo.

Devido à falta de segurança e a presença de muitos delitos (assaltos, brigas etc.), a festa, ao longo do tempo, foi sendo desqualificada e invisibilizada pela imprensa, tida como um evento perigoso. Só tendo alguns destaques no momento que a festa aparece em documentário premiado nacionalmente¹⁹ que conta a trajetória do evento com seus personagens. Segundo esse coordenador entrevistado, as autoridades locais são influenciadas pela diretoria do Círio, pois já tentaram mudar o local de realização dessa festa para outro espaço dentro da cidade de Belém, distante da passagem da romaria da transladação.

Essa proposta foi contestada pela diretoria da Festa da Chiquita, essa alegando que esse evento está vinculado à passagem da transladação do Círio no sábado e está naquele espaço da praça desde a década de 1970, além do mais, “a Chiquita faz parte do registro do Círio e como bem registrado deve possuir a preservação” (entrevista realizada no dia 01 de outubro de 2018). Essa tensão no espaço e no tempo da festa é comum em muitos Círios quando a Igreja procura controlar esse tempo e ordenar o espaço, como no exemplo da proibição de festas de aparelhagens ou do tempo do término das mesmas em Vigia.

Outros Círios não terão a Festa da Chiquita, mas apresentarão outras nuances e tipologias culturais ligadas ao aspecto profano do Círio, mesmo sem a tensão semelhante ou intolerância vinda por parte da Igreja Católica. Pantoja (2006), ao analisar os elementos culturais presentes no Círio de Nazaré em Belém, mostra essa relação entre o evento cultural e a visão da Igreja e destaca que a Festa da Chiquita é a que mais apresenta uma relação conflituosa com a Diretoria da Festa (PANTOJA, 2006, p.54). Com outras manifestações culturais, como as feiras dos brinquedos de Miriti, essa relação se apresenta como positiva. Já o arraial do boi Pavulagem é uma relação indiferente e com o Auto do Círio, tensa. (IDEM).

O auto do Círio em Belém, que ocorre na segunda sexta feira de outubro (antecedendo a transladação), não possui a mesma conflitualidade que ocorre com a Festa da Chiquita, embora haja no cortejo carnalizado muita bateria de escola de samba, com teatro de rua, cantos, músicas e até a presença de representantes de religiões de matrizes africanas, além de sátiras feitas para o lado sagrado do Círio **(ver figura 24)**.

¹⁹ A visibilidade dada a festa da Chiquita pela imprensa local é consequência do inesperado sucesso do documentário de Priscila Brasil (Correa, 2010, p. 186) que alcançou as salas de Cinema do Brasil e alguns países no exterior.

Acontece que o Auto do Círio é realizado há décadas pela Escola de Teatro da UFPA, uma instituição de ensino superior na qual a Igreja possui uma tolerância maior do que com outros seguimentos que não possuem a mesma relevância, quando se comparado com o movimento LGBT. Os participantes da Festa da Chiquita reclamam que também são adeptos da Senhora de Nazaré e a festa é uma forma de homenagear a santa católica, discurso contestado pela Diretoria da Festa e que divide opiniões no meio da sociedade.

Em Vigia, na segunda sexta feira, a partir de 2016, surgiu um movimento cultural chamado de “Tarrafiada²⁰ Cultural” (**ver figura 25**), em que são apresentados, em um cortejo cultural, vários elementos da Cultura vigiense, como a música de bandas sinfônicas-populares, bois bumbás, artesanato, pinturas etc.. O movimento de artistas locais passou a fazer uma alusão ao auto do Círio, mas com uma característica local.

Sobre esse lado profano do tempo do Círio, Alves (2005, p. 329) enfatiza que: “as grandes polêmicas do Círio, na verdade, envolveram os dois aspectos de sua realização: as dimensões do sagrado e os atos profanos. Ambos são parte de uma mesma moeda cuja separação é impossível nas grandes festas religiosas”.

No Círio de Marapanim-Pa, que ocorre no mês de agosto, foram abolidas as festas de aparelhagem. Pois, a paróquia local percebeu que a maioria dos ônibus de excursões que chegavam ao sábado frequentavam essas festas na mesma noite e no outro dia (domingo do Círio) já iriam para as praias do município. O caso de Marapanim é emblemático na proibição dessas festas que estavam também associadas às praias, relacionadas ao “turismo de sol e mar”. Os promotores dessas festas, em Marapanim, passaram a realizar o evento profano fora dos limites territoriais do município, em um local que fica na rodovia de acesso ao mesmo, como estratégia de burlar a autoridade da Igreja sobre o território e tempo sagrado.

²⁰ O termo *tarrafiada* se origina de um objeto que é a rede de pesca denominada “tarrafa”, muito comum na atividade pesqueira em Vigia. O movimento tinha como finalidade atrair ou “pescar” vários elementos da cultura vigiense.

Figura 24 – O auto do Círio em Belém do Pará



Fonte: <http://www.dol.com.br>, acessado em 25 de outubro de 2018

Figura 25 – A Tarrafiada Cultura em Vigia

**CONFIRMADO
16 e 17 / Dez**

TARRAFIADA Cultural
COLETIVO DE CORES E SONS VIGIENHOS
Vigia de Nazaré

Atenção as bandas e cantores
que queiram participar da 2ª Tarrafiada Cultural que acontece nos dias 16 e 17 de dezembro. O espaço está aberto para promover a nossa arte, será um prazer ter vocês com a gente. Os interessados, favor entrar em contato pelos telefones 98952-6862 ou 98194-9523. Em breve vamos nos reunir!

f i c
tarrafiadaculturalvigia
#vempruadenovo

Fonte: www.culturavigilenga.com.br, acessado em 25 de outubro de 2018

Assim como em Marapanim, em Vigia sempre foram comuns esses piqueniques com inúmeras excursões que chegavam para a festividade nazarena. Nos últimos anos, essa quantidade que era maior no passado, veio diminuindo, com isso, também reduziram-se a quantidade de festas dançantes com aparelhagens nesse período. Atualmente, não passam de cinco festas, como observamos em trabalho de campo nos Círios de 2016 e 2017.

Alguns fatores concorrem para essa diminuição desses romeiros, turistas e peregrinos que buscavam participar do Círio de Vigia, como analisamos a partir de entrevistas com moradores locais vigienses, moradores de outros lugares, membros da diretoria do Círio e turistas. O que concluímos com relação a essa diminuição do fluxo de pessoas no Círio de Vigia nas últimas décadas, se comparado aos anos 80 e 90 do século XX, foi que:

a) Houve o surgimento de outros Círios de Nazaré e de outros santos (as) do catolicismo que antecedem o Círio de Vigia ou coincidem com o mesmo domingo. Isso fez com que os devotos passassem a ter outras opções de Círios, concatenando ao lazer proposto pelas excursões;

b) Houve o surgimento de eventos de cunho comerciais festivos no nordeste paraense, com grandes atrações de Bandas nacionais no mês de setembro como a EXPOFAC (Exposição de Feira Agropecuária de Castanhal) no município de Castanhal; o que fez com muitos turistas culturais que buscavam Vigia pelas atrações festivo-profanas passassem a selecionar o que está na grande mídia e no mercado fonográfico como evidência;

c) A violência que o município de Vigia veio apresentando nos jornais televisivos e impressos, como também via internet nos últimos anos. Houve o surgimento de uma sensação de medo por parte de muitos frequentadores desse Círio. Isso acabou inibindo os turistas e romeiros a buscarem o Círio de Vigia, embora o número de homicídios seja menos recorrente no período do Círio. Já houve, no passado, uma relação das festas de aparelhagens com a ocorrência dessa violência.

Ao entrevistarmos vários sujeitos que já frequentaram ou que ainda frequentam o Círio de Vigia, nos diversos trabalhos de campo a partir de 2015, observamos esses fatores recorrentes nas falas dos entrevistados. Essa violência é bastante comum em espaços urbanos onde o número de pessoas é extensivo e a presença da segurança pública é precária.

No Círio de Belém sempre foi comum a presença de “arrastões” em alguns pontos do espaço urbano em que estão ocorrendo as procissões ou outros eventos culturais. No trabalho de campo de 2015, que realizamos em Belém durante o “Auto do Círio”, juntamente com outros amigos, percebemos que várias pessoas foram assaltadas por grupos de ladrões que estavam inseridos dentro do cortejo, onde roubavam bolsas, celulares e câmeras fotográficas.

Esse elemento relacionado à violência acaba sendo ocultado pela mídia e por muitas pesquisas, pois podem prejudicar o atrativo cultural. Porém, são nuances que acabam passando despercebidas pela metodologia ou pela intenção do objeto de muitas pesquisas. Em Vigia, esse aspecto relacionado à violência crescente com o tráfico de entorpecentes e assaltos fez com que uma parte do público, que participava em anos anteriores, passasse a diminuir sua frequência. Podemos constatar esses fatos a partir dos dados coletados em entrevistas com excursionistas da região metropolitana de Belém – Distrito de Icoaraci, Ananindeua e Marituba - os quais nos informaram que muitos de seus amigos deixaram de participar desse evento devido ao fator violência e insegurança.

Nesse sentido, o comparativo entre os Círios de Vigia e Belém acompanha um modelo que ora são idênticos e ora se diferem, mas que possuem uma base comum com relação à devoção, as tensões e as negociações entre os sujeitos envolvidos nesse evento sacro-profano.

Eventos como a corrida do Círio, exposição de arte sacra etc., acabam sendo ações que surgem como coexistentes em ambos os lugares, mas o que se destaca pelo sentido da sociabilidade e reciprocidade, mesmo sendo um ritual mais particular do que público, é o famoso almoço do Círio, recorrente em ambos os eventos com uma expressão regional e seus pratos típicos (MAUÉS, 2016).

A devoção à santa é a mesma desde as novenas em Vigia e a oficialização do primeiro cortejo em Belém, todavia, as formas de fazer a devoção e a intensidade podem ser um pressuposto para uma diferenciação. A peregrinação a pé é algo existente apenas no Círio de Nazaré de Belém. Essa peregrinação vai em busca do lugar e tempo sagrados do Círio que acontece desde sua oficialização quando o Governador Jorge Coutinho monta a feira de produtos regionais e convida o interior da província para participar. Moreira (1979) observa esse movimento e o denomina de “transumância” do interior para a capital, no período do Círio. O autor fala de uma

espécie de migração temporária e esporádica, em que o sujeito do interior busca os parentes na capital que um dia migraram permanentemente.

Atualmente, Belém possui um santuário católico com sua Basílica de Nazaré e isso faz de Belém um epicentro de atração de peregrinos como também um espaço de irradiação desse seu modelo festivo sacro-profano discutido e interpretado aqui.

São várias peregrinações que ocorrem até 5 dias antes do Círio da capital do Pará, atraindo milhares de peregrinos, pagadores de promessas que saem de seus municípios, principalmente do Nordeste paraense rumo a Belém, em pagamento de promessas, cuja oferenda é o sacrifício corporal das longas caminhadas.

Esse sacrifício corporal e devocional é vislumbrado com maior ocorrência em Belém com as longas caminhadas a pé até a Basílica santuário e durante o cortejo principal com as caminhadas de joelhos (**ver figura 26**) de muitos pagadores de promessas, os quais são ajudados por outros sujeitos durante a procissão em seu itinerário, desde a Catedral da Sé até a Praça do CAN (Centro Arquitetônico de Nazaré).

Essa prática devocional pode ser contestada por sujeitos que comungam do mesmo credo católico que não concordam com tais sacrifícios como constatamos em entrevista com uma funcionária socorrista de um Pronto Socorro de Belém, após o Círio de 2017:

Sou católica, trabalho como socorrista no Círio de Belém há 10 anos e vejo que muitas pessoas nessas promessas acabam não se preocupando com a própria saúde. Nós socorremos pessoas que tiveram fratura exposta saídas da corda; pessoas que tiveram paradas cardíacas, pés esmagados etc. Quando elas chegam no Pronto Socorro, elas dizem que esse ano não conseguiram cumprir as suas promessas, mas estão felizes. Eu penso que Deus, Jesus, não querem isso. Não há necessidade de tudo isso, comprometendo a vida (*Entrevistada C em entrevista após o Círio de Belém em 2017*)

Esse sacrifício físico mais intenso se faz presente com maior visibilidade na paisagem devocional de Belém se comparado com o Círio de Vigia, embora outros sacrifícios corporais possam existir em Vigia, como o ato de doar água (**ver figura 27**) e comida no dia da romaria principal. Até mesmo, o ato de apenas acompanhar a procissão do domingo ou da transladação (no sábado) demonstra, para os devotos, um sacrifício oferecido à santa.

Figura 26 – Pagamento de promessa de devoto andando de joelhos no Círio de Belém



Fonte: Assunção, 2012

Essa prática devocional do pagamento da promessa é algo em que o clero pouco interfere no contrato entre fiel e santo (a) intercessor (MAUÉS, 1985), sendo a promessa passada de geração à geração por alguns adeptos desse catolicismo popular. Maués (1985) assinala que alguns devotos pagam a promessa feita por terceiros que não poderiam participar da procissão principal por algum motivo pessoal ou outros que fizeram a promessa ao santo para a cura de outro parente familiar.

Figura 27 – Doação de água mineral no Círio de Vigia



Fonte: Acervo do autor, 2017

Em Vigia, a devoção e o sacrifício da doação e oferendas, do resultado do trabalho humano, eram constantes até a década de 1980. A exemplo disso temos a pesca, atividade que predomina no município e se apresenta como um sustentáculo do mesmo em volta do comércio que essa atividade desenvolve desde a colonização portuguesa. Em entrevista no ano de 2015, um ex-coordenador da Diretoria do Círio de Vigia nos informou que “antes os pescadores separavam certa quantidade de peixes que eram ofertados à paróquia de Vigia como promessa à santa, pela boa pescaria e pela vida dos mesmos. Hoje isso não se vê mais”. O entrevistado deu a entender que a fé dos pescadores era maior quando a pesca era conduzida por embarcações movidas à vela, com as chamadas “vigilengas”²¹ quando afirma que “as embarcações a vela dava aos pescadores um temor maior do ‘norte’ para onde eles pescavam; depois que apareceram embarcações mais modernas com motor, essa fé diminuiu” (*entrevistado D em entrevista realizada em 25 de setembro de 2017*)

Além das carnes dos peixes, os pescadores separam o (a) grude²² de algumas espécies, com valor comercial mais elevado para serem ofertados à Igreja. Essa oferenda é bem tênue, na atualidade, quando muitos pescadores e patrões de pesca

²¹ Embarcações construídas artesanalmente, de pequeno e médio porte, movidas à vela, existentes no nordeste paraense e no litoral do Maranhão. Originárias do município de Vigia.

²² Parte interna do organismo de alguns peixes, referente à bexiga natatória. Esse produto é comercializado como uma *commoditie* para países no sudeste asiático, onde serve como alimento e matéria-prima para a indústria de colas, perfumes, cervejarias etc.

não mais possuem tanta inserção na fé católica; muitos são de outras vertentes do cristianismo e outros não possuem nenhum credo, como nos informou esse entrevistado no dia 04 de setembro de 2015.

A tecnologia foi outro fator que fez com que as velas fossem substituídas por potentes motores e embarcações mais resistentes às intempéries do mar. Até mesmo a presença dos pescadores e patrões de pesca diminuiu no arraial de Nazaré, em Vigia. Muitos deles ficam para além dos limites do arraial onde se concentram alguns bares e espaços de prostituição, em uma área que fica localizada após 100 metros de distância da Igreja Madre de Deus, o que Alves (1980), Maués (1985) denominaram como o “cú da festa”.

Na interpretação de Maués (1985), esses espaços de meretrizes e bebedeira sempre foram comuns em Vigia. O autor faz um comparativo metafórico desses espaços compartimentados com o que a Igreja entende sobre Céu – paraíso – Inferno – pecado: O Templo religioso – seria a representação do Céu; o arraial da festividade, o purgatório e o “cú da festa” seria o inferno.

A respeito das procissões secundárias, que foram incorporadas ao conjunto de procissões nos dois Círios aqui, a que mais chama a nossa atenção é a romaria fluvial, pois Belém cria esse ritual pelo rio, saindo do distrito de Icoaraci, depois de percorrer de carro outros municípios da região metropolitana. Segundo Serra e Tavares (2015, p.148): essa romaria foi “criada em 1986 pela Companhia Paraense de Turismo – PARATUR, na época, único órgão de turismo na esfera estadual - a Romaria Fluvial foi criada pelo historiador Carlos Rocque, então presidente do referido órgão, com a finalidade turística”.

Como mostram as autoras, esse evento se insere no conjunto de procissões do Círio com a finalidade turística para aproveitamento do ato de passear no rio, que representa um atrativo turístico de cunho socioambiental na Amazônia. Algumas agências de turismo oferecem serviços de barco para turistas acompanharem a bordo essa romaria com café da manhã, comidas típicas e grupos folclóricos de ritmos regionais, como o carimbó (**ver figura 28**).

Figura 28 – Anúncio de barco com serviços a bordo para a Romaria fluvial em Belém



Fonte: Acervo do autor, 2016

Já em Vigia, essa romaria fluvial, embora transplantada como elemento imitativo de Belém para o Círio desse município, não obteve a mesma finalidade ou não adquiriu a mesma repercussão, pois até hoje são poucas embarcações que acompanham a imagem da santa pelo rio e não constatamos algum serviço semelhante ao anúncio de Belém, da figura acima.

Alguns moradores locais acrescentam, em entrevistas as quais realizamos em 2016, que a presença do barco da marinha pode inibir alguns donos de embarcações que estão com suas licenças vencidas, além de haver uma fiscalização em barcos de pesca que não são apropriados para o transporte de passageiros. Outros fatores se relacionam com a diminuição de donos de embarcação e pescadores que não comungam da fé católica. Observamos durante o mesmo trabalho de campo que muitos barcos estavam na orla do município com os tripulantes trabalhando em pleno sábado do Círio de Vigia, não se integrando no tempo do Círio quando da chegada da romaria fluvial na orla do município.

O ex-presidente da diretoria do Círio nos informou que “antigamente os barcos estavam em grande quantidade na orla, pois eles já marcavam a data da chegada de acordo com o Círio de Vigia”. A partir dessa constatação podemos perceber uma

diminuição na devoção nazarena (mítico-religioso) com relação ao setor pesqueiro em Vigia, pois o mesmo município é o segundo maior polo pesqueiro do norte do Brasil em números de embarcações e produção mensal, sendo uma discrepância quando visualizamos a romaria fluvial com a presença de poucas embarcações (**ver figura 29**)

Figura 29 – Romaria fluvial do Círio de Vigia



Fonte: Acervo do autor, 2016

Vigia e Belém são precursores dessa devoção mariana na Amazônia, por isso esses dois Círios que ora se diferenciam, ora se confundem em seus elementos essenciais e identitários, servem como irradiadores de um modelo que passa a ser não apenas mercadológico com o turismo religioso, mas mítico e religioso na forma como se organiza a dinâmica socioespacial envolvendo as suas festividades.

O primeiro núcleo histórico influenciou a capital Belém (hoje epicentro da festividade nazarena) com a devoção que passa a acontecer depois do achado da imagem da santa pelo caboclo Plácido. A capital, por possuir pressupostos da sede da capitania do Pará, se transforma em Metrópole logo em uma centralidade do primeiro Círio de Nazaré na Amazônia, institucionalizado pela Igreja Católica e o Estado. A Metrópole por sua força motriz passa a influenciar não só o seu núcleo histórico do Círio (com sua devoção nazarena), mas outros lugares que importarão o Círio de Nazaré, ao mesmo tempo em que são influenciados pelas ações da Igreja Católica com suas Dioceses e Paróquias. Belém, enquanto epicentro concentra os maiores atrativos de diversas dimensões para irradiar o seu modelo festivo sacro-profano.

Alguns desses elementos, demonstrados aqui, passaram a ser essenciais, correspondentes aos dois Círios em tela - pois fazem parte de uma essência da festividade nazarena - se apresentam como indissociáveis em suas amplitudes sacro-profanas e se confundem pela imitação, ao mesmo tempo em que outros elementos surgem como peculiaridades dos dois lugares. Essa essencialidade está relacionada à força da tradição do elemento simbólico e de sua antiguidade e resistência.

5 SOB O MANTO DA SENHORA DE NAZARÉ: VETORES DA IRRADIAÇÃO E CIRIODIFICAÇÃO DA FESTIVIDADE NAZARENA NO NORDESTE PARAENSE

“O Círio a que hoje assistimos é bem mais do que uma simples procissão devocional. Além disso, ele é ponto inicial para um ciclo de Círios que ocorre em todo o interior do Estado do Pará, com os santos padroeiros das cidades e localidades, envolvendo procissão e festa e no qual se desenrola o que denominamos de um sistema de intercâmbio de pessoas, interesses e manifestações simbólicas marcadas pelas trocas e um amplo sentimento de complementaridade e reciprocidade”

Isidoro Alves, 2005.

Passaremos então a dar ênfase e a contextualizar um dos principais objetivos desta pesquisa, relacionado ao objeto da tese que é a espacialização do Círio de Nazaré com sua irradiação e difusão, para além do epicentro e núcleo histórico no nordeste paraense. A partir de vetores simbólicos (OLIVEIRA, 2011, 2012) que corroboram para o que estamos denominando de *ciriodificação*, enquanto fenômeno socioespacial.

Primeiramente são identificados e contextualizados esses vetores²³ que impulsionam tal irradiação, para em seguida chegarmos ao fenômeno que se apresenta nos lugares que adotaram o “Círio de Nazaré” em seus espaços.

Com relação a essa expansão e difusão da festa nazarena pelo nordeste paraense com os outros Círios, demonstraremos alguns quadros comparativos com modelos festivos, sacro-profanos, que se apresentam ora padronizados, ora distorcidos. Esse modelo comum, verificado a partir de uma metodologia qualitativa e didática em que aparecem alguns elementos identitários “essenciais” dos Círios de Belém e Vigia, serve de verificação de um fenômeno que é dinâmico em sua essência e aparência, o qual é transportado para diversos lugares. Nesse sentido, a metodologia cultural-simbólica, apresentada aqui, poderá ser utilizada em diversos Círios, comparando sua estrutura festiva envolvida em elementos sacro-profanos, ditos essenciais.

Por fim, apresentamos uma imagem construída do Círio de Nazaré no estado do Pará, para o Brasil e o mundo, principalmente se associando ao Círio

²³ são processos, forças, induções de influências em pares contraditórios e mobilizadores (OLIVEIRA, 2011, 2012)

patrimonializado de Belém. Essa imagem não deixa de ser um modelo padrão do que vem a ser o Círio no estado do Pará com os seus elementos constituintes, invisibilizando os outros Círios com seus elementos acrescentados do lugar simbólico.

. 5.1 Os Vetores simbólicos da Irradiação

O Círio de Nazaré, quando passou a se difundir para outros lugares depois da oficialização do primeiro cortejo em Belém, levou consigo as marcas ou impressões de um evento que é lusitano, e ao mesmo tempo amazônico, como afirmamos anteriormente ao analisar o regionalismo ligado ao rio, à floresta e aos povos primitivos.

A irradiação de um evento como o Círio de não acontece por acaso. Pois, em certa medida, instaurar um Círio em um determinado lugar, chega a ser intencional e planejado pelos sujeitos interessados nesse evento sacro-profano. Esse modelo festivo que acontece não só em Belém, mas no Círio de Vigia, é vislumbrado em outros lugares onde o Círio de Nazaré se espacializou no nordeste paraense.

Segundo Alves (1980) há um ciclo de Círios no interior do Pará. Esse ciclo passa por uma troca entre a capital e o interior, pois como nos fala Maués e Pantoja (2012), os belenenses vão aos Círios do interior, assim como os paraenses buscam a capital do estado no dia do Círio, como se fosse uma transumância estabelecida por Moreira (1979), ao relacionar a migração temporária e cíclica que devotos do interior faziam em peregrinação à Belém. Essa peregrinação ocorre até hoje, reformulando a paisagem da Br 316 que dá acesso à Belém, em que vários municípios com seus peregrinos se deslocam por essa rodovia até o santuário mariano.

A paisagem da BR316 passa a obter esse acréscimo devocional, mesmo que efêmero, formado por pequenas romarias de peregrinos que levam a imagem da santa do município de origem até o santuário em Belém (**ver figura 30**).

Podemos afirmar que há um jogo de interesses que faz parte de um conjunto de vetores que impulsionam a difusão e a irradiação desse fenômeno, que é o Círio de Nazaré, para outras paragens dentro e fora do estado do Pará.

A partir do que foi apresentado nos capítulos anteriores sobre as procissões e romarias dos Círios de Vigia e Belém; seu aspecto sacro-profano, juntamente com toda discussão que o Círio de Nazaré desencadeia sobre as disputas por espaço dentro da festa, a espetacularização, o fomento de um turismo religioso utilizando a

imagem do Círio etc., passaremos a incorrer a respeito disso para aprofundarmos com os vetores que motivam a irradiação e difusão do Círio de Nazaré na região estudada aqui.

Figura 30 – Peregrinação na BR316 rumo à Belém-Pa



Fonte: <http://www.Obidos.Net.Br>, acessado em 25 de outubro de 2016

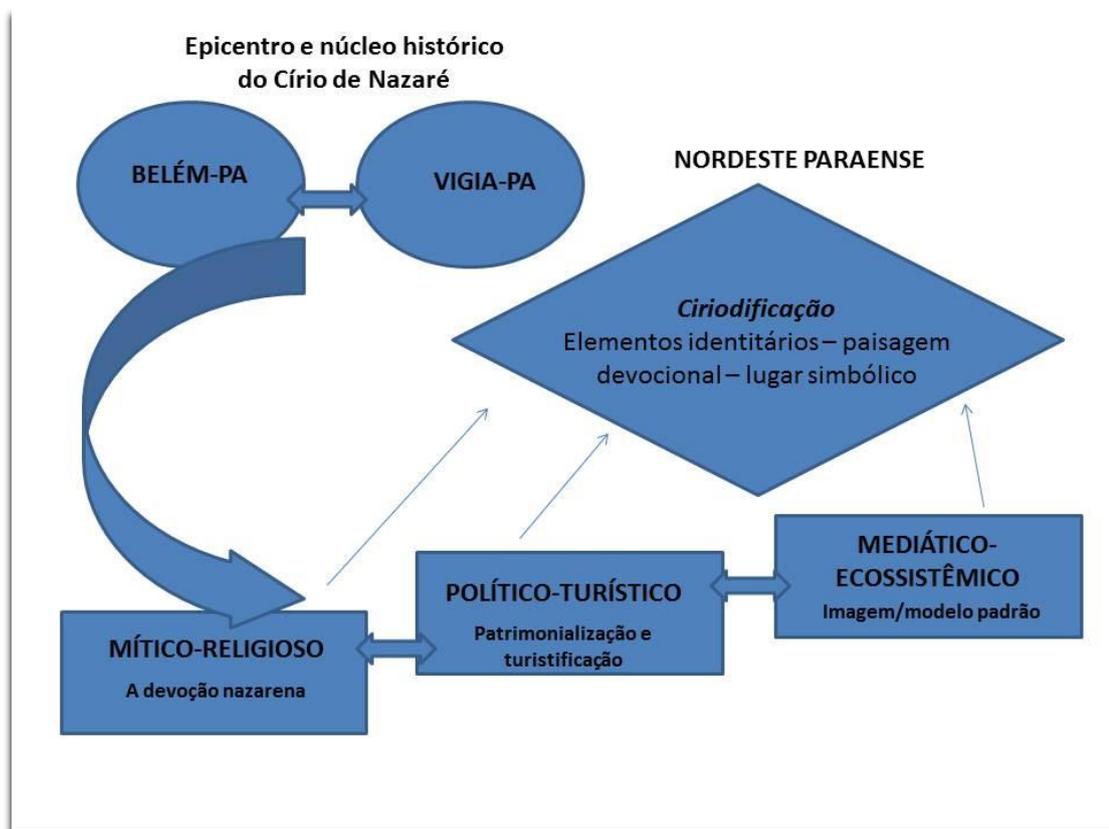
A respeito desses vetores que apresentamos nesta pesquisa (**ver figura 31**) denominados de: Mítico-religioso, mediático-ecossistêmico e político-turístico são baseados e adaptados do texto de Oliveira (2011) intitulado “Festas Religiosas, Santuários Naturais e Vetores de Lugares Simbólicos” quando da sua interpretação sobre a presença de santuários católicos pelo Brasil. O autor classifica quatro tipos de modelos de santuários que ocorrem nos lugares simbólicos:

- 1-Santuários Festivo/rituais; relacionados às peregrinações, procissões, festivais e rituais sacro-profanos;
- 2-Metropolitano; a partir das cidades com significativa diversidade de funções e representativa polaridade regional;
- 3-Tradicional/rural; com lugares de devocionais que mantiveram a função religiosa em meio à paisagem rural;
- 4-Natural; com espaços representativos de um ecossistema dado, apelo estético

paisagístico e ocupação ritual pré-cristão (OLIVEIRA, 2011, p. 99).

Esses modelos de santuários com essas características são irradiados pelos vetores em tela que são apreendidos, aqui, para interpretarmos como o Círio de Nazaré é enquadrado em um santuário festivo e Metropolitano (modelo 01). Esse modelo é irradiado e difundido para outros lugares em que o evento sacro-profano passou a acontecer, levando consigo os elementos essenciais que marcam os Círios de Belém e de Vigia, defendido aqui em tese.

Figura 31 – Diagrama da articulação dos Vetores de Irradiação do Círio de Nazaré no estado do Pará



Fonte: Elaborado pelo autor baseado e adaptado de Oliveira (2011,2012)

Segundo Oliveira, esses vetores são as forças responsáveis em impulsionar um fenômeno sacro-profano ao considerar “a mitologia, a política e a tecnologia contemporâneas como forças motrizes e imaginárias na reorganização patrimonial dos lugares”. (OLIVEIRA, 2011, p. 100).

A título de exemplo, a mitologia está relacionada à força devocional que as homenagens aos santos católicos possuem nas festas sacro-profanas, como o Círio de Nazaré. Essa força mítica é referendada pelas peregrinações, sacrifícios corporais e em outras promessas contratadas com o santo (a) padroeiro (a), além da propagação de um credo religioso que é impulsionado por uma instituição religiosa para alargar seus domínios, como ocorreu com o crescimento da Igreja católica na Amazônia brasileira com as missões religiosas.

No caso do diagrama da página anterior (figura 31), os vetores impulsionam a difusão do Círio de Nazaré, partindo de um epicentro e núcleo histórico da festividade nazarena e indo ao encontro de outros lugares em que culminam com o fenômeno identificado aqui como ciriodificação. Sendo este a projeção de um modelo festivo similar ao que se tem no epicentro e no núcleo histórico, mais as especificidades desses lugares para onde o Círio de Nazaré foi difundido.

Oliveira (2011), ao elaborar e contextualizar esses vetores de irradiação de um fenômeno sacro-profano, como a dinâmica de santuários, chama atenção sobre o Vetor Mítico-religioso que está representado na base desse processo; sendo que na figura 31 isso é perceptível no diagrama. Logo acima estão os outros vetores.

Em trabalho posterior Oliveira (2012) em seu livro “Caminhos da festa ao patrimônio geoescolar: como educar sem encenar geografia?” o autor utiliza os mesmos vetores para interpretar a dinâmica patrimonial, em formas de conservação, inovação e visitação que demonstram um campo simbólico em sua fluidez ao apresentar o Patrimônio Geoescolar das festividades marianas em Andaluzia na Espanha (OLIVEIRA, 2012).

5.1.1 O vetor mítico-religioso

Sobre esse vetor mítico-religioso, o autor acima afirma que é o vetor primordial, ou seja, é fundante para que haja interrelações com os demais: “é o vetor de mais forte carga irracional [...]. É aquele que contém os fundamentos que qualquer processo educativo precisa para garantir hierarquias e saberes [...]” (OLIVEIRA, 2011, p.100). Podemos afirmar que esse vetor, quando parte das intenções da Instituição religiosa, leva consigo o discurso de controle do credo específico. Sendo assim, o irracional do vetor começa a obter certa racionalidade. Porém, do ponto de vista dos

devotos, o catolicismo popular continua pulsante com seu perfil religioso desde a Idade Média.

Como bem coloca Assunção (2012), ao analisar a cena das promessas no Círio de Belém, é feita uma relação com os autoflagelamentos desse período. Esse sacrifício corporal é parte das cenas do Círio em que essa força mítico-religiosa parte principalmente da imagem da corda dos promesseiros.

Entretanto, a força da devoção em comunhão com a fé no sagrado se sobrepõe a essas racionalidades e o mítico-religioso faz surgir o “maravilhoso” mundo sobrenatural com o exotismo que o catolicismo popular interpôs, sobretudo, na Amazônia paraense com a questão do Círio.

Nesses termos, a força da tradição religiosa, não só pela presença do catolicismo oficial, mas também empenhada pelas camadas populares, que absorveram esse elemento trazido pelos colonizadores europeus, conseguiu difundir e criar uma base na qual essa complexidade do imaginário relacionado ao mítico-religioso se faz como vetor da irradiação dessas festas sacro-profanas. Como no caso do Círio de Nazaré com seus elementos identitários para os lugares que passam a absorvê-lo.

A respeito desse valor simbólico, material e midiático que o Círio de Nazaré, em Belém, passou a possuir, Alves (2012, p.54) assinala que:

Contemporaneamente, a observação do crescimento e da expansão da Festa de Nazaré permite juntar aos fatores citados a percepção do Círio como ponto de convergência de interesses não apenas religiosos, mas também econômicos, políticos e da mídia. Sem pretender reduzi-lo a essa dimensão, pode-se ver hoje o Círio também como um produto midiático de grande valor simbólico e material.

A autora acima já associa o valor simbólico, que chamamos aqui de mítico-religioso, ao material e político (econômico, turístico), além do midiático. Sobre a expansão que o Círio de Nazaré toma a partir da capital paraense, essa autora chama a atenção para a presença da Igreja enquanto instituição com a finalidade de difundir a devoção nazarena, não só nos lugares onde os paraenses se fizeram presentes:

Essa expansão, antes obra de grupos de devotos das colônias paraenses, na maioria dos casos, hoje se constitui num esforço da Igreja Católica e da Diretoria da Festa que a partir de 2008 organizaram peregrinações a outros estados, destacando-se por sua organização e grande afluência o Círio de 2009 no Rio de Janeiro. (ALVES, 2012, p.39)

A autora cita o Círio de Nazaré do Rio de Janeiro em 2009, o qual toma um contorno maior por acontecer em um espaço que já foi a capital do Brasil e por ser reconhecido como Metrópole brasileira de grande magnitude. Essa força metropolitana contribui para a difusão maior das festividades, como enfatiza Oliveira (2001, p. 95), ao dizer que “a metrópole do século XXI tem sido um espaço-cenário, um tempo mítico referencial e o modelo cibernético mais privilegiado para demonstração do poder das festividades”. Isso aconteceu quando a devoção nazarena se estendeu do seu núcleo histórico para a capital da província do Grão-Pará e Rio Negro, se tornando o epicentro dessa devoção desde o século XVIII até a contemporaneidade.

A devoção institucionalizada com o vetor mítico-religioso também estabelece o surgimento de outros Círios a partir do Epicentro, quando a peregrinação e o acesso à capital paraense se tornam difíceis devido a infraestrutura precária para a fluidez nos meios de transportes. Como em alguns casos referentes à região da Ilha do Marajó. Tivemos acesso ao município de Anajás-Pa (**ver figura 32**), na parte central dessa Ilha no Pará em 2015 pelo Programa de Formação de Professores da Plataforma Freire (PAFOR) da Universidade Estadual do Pará (UEPA). Nesse contexto, nos deparamos com um Círio de Nossa Senhora de Nazaré que ocorre no mês de outubro, após o Círio de Belém.

Ao entrevistarmos alguns membros da paróquia da cidade obtivemos algumas informações sobre a realização do primeiro Círio de Anajás, realizado no final da década de 1980, em decorrência dessa dificuldade da viagem marítima até Belém (de 24 a 28hs, dependendo da potência do motor da embarcação) por parte de alguns devotos. Nos foi informado que uma família de devotos da Senhora de Nazaré que sempre viajava de avião, por conta do Círio em Belém, sofreu um acidente aéreo na volta e todos perderam a vida.

A partir desse episódio catastrófico, alguns devotos da santa junto com a paróquia local resolveram instituir um Círio de Nazaré no município, sendo utilizada na primeira procissão uma réplica da imagem da santa de Belém, mantendo a influência da capital paraense.

Figura 32 – Localização do Município de Anajás-Pa na parte central da Ilha do Marajó: Microrregião do Furo de Breves



Fonte: Adaptado pelo autor de [http:// www.marajoforte.com.br](http://www.marajoforte.com.br)

Acessado em 12 de setembro de 2018

É nesse sentido que o vetor mítico-religioso, mesmo sendo impulsionado pela Igreja Católica, encontra subsídios nos mais diversos lugares da Amazônia paraense, por possuir, desde antes da colonização, um misticismo calcado na presença dos povos indígenas com suas religiosidades, relacionadas aos elementos da natureza que passaram a se inter cruzar no sincretismo religioso das crenças vindouras da colonização portuguesa.

5.1.2 O Vetor político-turístico

Esse vetor retrata a participação do Estado em se fazer presente nas manifestações culturais, a contar das festas sacro-profanas e outros elementos que fazem parte dos arranjos socioespaciais dos lugares. O dado cultural ao chamar a atenção do poder público passa a ser ordenado a fim de que sua permanência esteja atrelada a ordem social. Isso ocorre com o processo de patrimonialização de bens

culturais de ordem material e imaterial, que no Brasil, na esfera federal, é impetrada pelo IPHAN.

Até mesmo atividades econômicas envolvidas no bem cultural passam a ser visualizadas pelo papel das políticas governamentais, pois a fluência de um quantitativo de pessoas movimenta um comércio que precisa ser regido pelas regras institucionais. A contar com a atividade turística que atualmente ganha força por atribuir aos lugares uma transformação com a presença de objetos que permitem o acontecer dessa atividade socioespacial (hotéis, restaurantes, agências de turismo etc.).

Sobre esse vetor, Oliveira ressalta que o mesmo:

Traz a racionalidade da experiência ocidental, na condução dos direitos humanos e civis sob a égide do Estado–Nação, pós iluminismo, e na organização de uma territorialidade cada vez mais capitalista e urbanizada. [...] Esse processo evidencia crescentemente a preocupação com a gestão pública dos lugares simbólicos em rede. Além do papel político, e associadamente turístico, esse vetor pode ser considerado como o principal demandante do planejamento territorial dos lugares simbólicos. E por essa razão a festa religiosa, com sua diversidade cultural, torna-se central na gestão dos processos de salvaguarda e proteção (OLIVEIRA, 2011, p. 101).

Em meio a esse contexto surgem alguns trabalhos de pesquisa que demonstram esse papel do Estado em contribuir com a visibilidade maior das festividades sacro-profanas, por meio do processo de turistificação dos espaços em que acontecem tais festas. Serra (2015); Figueiredo (2013) exemplificam isso ao mostrarem o apoio estatal para a ocorrência de feiras de artesanato espalhadas pela cidade de Belém no período do Círio, além das exposições em museus temáticos como o Museu do Círio. A própria Igreja Católica, com sua Diretoria, contribui com o fortalecimento desse vetor que até alguns anos não corroborava com o elemento turístico, mas apenas o devocional e religioso.

Esse vetor, também, dá sustentação ao Círio como espetáculo. Todavia é difundido como tal, fazendo parte de roteiros do turismo religioso e Cultural. No caso do Círio de Nazaré, o governo do Estado do Pará, através dos seus órgãos de turismo e da esfera municipal em Belém, utiliza a imagem do Círio que ocorre na cidade a fim de atrair mais turistas para o lugar. Muitas dessas ações são visualizadas nos

aeroportos em Belém com a apresentação de elementos culturais da região, como apresentações de grupos folclóricos trazendo a musicalidade do carimbó²⁴.

O Círio de Nazaré é impulsionado por esse vetor, por ter se transformado em um11 atrativo turístico referendado pelas políticas de turismo no estado do Pará. Esse atrativo cultural e turístico é especializado nos diversos Círios que se têm no nordeste paraense, juntamente com alguma particularidade de outros atrativos, como no exemplo da praia que enquanto recurso natural já se apresenta como um grande atrativo agregado ao Círio.

Todavia, foi essa característica que o evento do Círio de Nazaré adquiriu na modernidade, com o espetáculo de seus elementos sacro-profanos os quais o vetor político-turístico fez fomentar ou se apropriou do fluxo de sujeitos que se encaminham para os lugares onde o Círio está ocorrendo.

São nesses termos que os lugares recebem o Círio de Nazaré como uma marca, já emblemática e forte, advindo do epicentro. Dessas marcas do Círio de Belém, o vetor político-turístico fez surgir outros Círios de mesma denominação à Maria (de Nazaré). E pelo fato desse vetor impulsionar tal marca que é intercruzada por outro vetor, que é o mediático-ecossistêmico, ambos os vetores (Político-turístico e o mediático-ecossistêmico) andam de mãos dadas e se complementam.

O turismo, enquanto atividade sociocultural e econômica, que se apropriou do Círio de Nazaré em Belém, é a mesma atividade que se apropria dos Círios nos outros lugares, salvo às proporções. Porém, a visibilidade que o fenômeno precisa ter é criada e editada pela mídia. Por conta disso, o Círio de Nazaré no estado do Pará passou a ser um elemento midiaticado, como passaremos a mostrar em seguida. Cabe ao poder público, junto com os agentes de mercado, organizar esses eventos festivos (sacro-profanos) com suas racionalidades e intensões, a fim de que o bem material ou imaterial seja contemplado de forma equilibrada no meio da sociedade contemporânea.

5.1.3 – O Vetor mediático-ecossistêmico

Nos dias atuais, não há dúvida sobre a grande notoriedade que o Círio de Belém alcançou nas últimas décadas do século XX, por conta da dimensão midiática

²⁴ Ritmo afro-brasileiro originário da região do Salgado no Pará. O carimbó possui instrumentos musicais confeccionados artesanalmente com troncos de árvores e peles de animais extraídos da floresta. Muito comum em Vigia, Marapanim, Curuçá, São Caetano, Colares, Santarém Novo e região do Marajó, onde ocorrem os festivais de Carimbó.

favorecida, principalmente nos anos 1970 pela transmissão televisiva (ALVES, 2012).

Atualmente, o Círio de Belém possui uma repercussão mundial com sua transmissão on-line pela rede mundial de computadores (internet). Alguns trabalhos de pesquisa apontam que essa difusão da devoção nazarena, para vários municípios do nordeste paraense e para outras regiões de fora desse estado, tem a ver com a projeção que o Círio de Belém tomou em uma escala regional e nacional, até mesmo internacional, com o aparecimento desse evento na TV na década de 1970 e pela internet na década seguinte no Brasil (CORREA, 2010; ALVES, 2012; SOUSA, 2013).

Ao caracterizar o vetor mediático-ecossistêmico, Oliveira (2011, p.101) enfatiza que o mesmo sustenta a promoção econômica e ecológica dos fenômenos sacro-profanos, ao afirmar que:

Explora os avanços dos sistemas técnicos de uma atomação pós-industrial. E por seu ritmo sempre acessível ao pragmatismo das imagens, que os veículos de comunicação e transporte fazem proliferar; pode-se nele reconhecer um alto poder de discriminação e efetivação dos lugares efetivamente simbólicos.

Esse vetor se utilizou de um aporte técnico que se massificou com o rádio e depois com a televisão, embora o jornal impresso tenha um papel fundamental na difusão comunicacional dos eventos sacro-profanos. É essa mídia, enquanto conjunto de artefatos técnicos comunica, através de outras linguagens, que os eventos sacro-profanos, como o Círio de Nazaré, se beneficiam pelo vetor mediático-ecossistêmico.

No trabalho de Sousa (2013), a respeito de mídia e religião envolvendo o Círio de Nazaré em Belém, a autora mostra como a Igreja católica interage com esses novos dispositivos relacionados à internet, deixando claro o papel dessas novas mídias e a inserção do Círio de Nazaré nas redes sociais. Com a finalidade de impulsionar uma maior visibilidade de uma mídia tradicional que antes colocava uma elite dirigente com telespectadores passivos e consumidores da informação.

A autora enfatiza que com esses novos atributos tecnológicos midiáticos o telespectador passa a ser o coautor das informações, ao analisar as postagens dos sujeitos nas redes de relacionamento.

Hoje, no entanto, com o avanço da tecnologia, os eventos religiosos não têm mais fronteiras. Vistas e interagidas na internet, como em blogs católicos, onde o fiel pode comentar, sugerir, reclamar ou elogiar os assuntos ali tratados, as programações religiosas chegam a pessoas que antes tinham poucas chances de conhecê-las (SOUSA, 2013, p. 33).

Isso se torna frequente quando há um interesse de setores católicos de entrar na mídia, como aponta a autora ao se referir que a Igreja Católica:

Desde muito tempo, antes mesmo da grande popularização da internet, já vinha demonstrando preocupação com a utilização dos modernos meios de comunicação social, como demonstra a instrução pastoral *Communio et Progressio*, de 1971, que frisa que “os modernos meios de comunicação social dão ao homem de hoje novas possibilidades de confronto com a mensagem evangélica”, abordando temas como a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão. (SOUSA, 2013, p. 26)

Essa midiáticação do Círio de Belém é enfatizada no trabalho de Alves (2010), ao mostrar como ocorreram as transmissões dos primeiros Círios pelo rádio e depois televisionados a partir das emissoras de TV locais da cidade. Essa midiáticação que essa autora ressalta reforçou o vetor midiático-ecossistêmico ao difundir o Círio de Belém para fora das fronteiras paraenses, alcançando uma escala global.

Esse vetor faz acontecer uma visibilidade maior daquilo que vem a ser o Círio em Belém associando ao Círio (generalizado) no estado do Pará. Nesse sentido, o vetor em tela contribui com o vetor político-turístico, uma vez que o mesmo leva (irradia) uma imagética do que vem a ser o Círio no estado do Pará com seus atrativos turístico-culturais, como a culinária, a música, as outras festas, o artesanato etc..

Correa (2010), ao mostrar a associação das agências de turismo, governos estaduais e municipais à publicização do evento em Belém por diversos agentes, assinala que “embora esses setores possuam visões diferentes e expectativas variadas em relação aos sentidos da festa, todos eles possuem um ponto em comum: divulgar a festa e, por meio dela, a cidade” (CORREA, 2010, p. 46).

Esses diversos setores, os quais a autora cita, fazem parte dos vetores em tela aqui, pois dá para percebermos a complementariedade de um ou outro quando a Igreja Católica passa a fazer parte da difusão de sua fé através dos meios de comunicação e dispositivos midiáticos, tanto de massa como alternativos (via redes sociais). Além de contribuir com a espetacularização do evento para fins turísticos, ao encenar a cidade com a finalidade de atrair um maior contingente populacional que cresce a cada ano nas ruas de Belém pelo período da quadra nazarena.

Esse acesso ao Círio de Nazaré pela tela do computador, da televisão e dos dispositivos portáteis (Celular, *smarthphones*, *tablet's* etc.) fez com que muitos devotos

passassem a acompanhar o Círio em suas residências sem ser necessário o deslocamento a Belém (ALVES, 2012). Esse novo contexto cria o que a autora chama de “telecírio”, ao ser construído pelas empresas de telecomunicações:

Ao selecionar os discursos em todas as fases de seu trabalho – produção, captação, edição e veiculação de conteúdos –, a TV realiza uma construção, no caso em análise a construção de um Círio televisual, fruto de escolhas que refletem também um controle e afirmam o poder de dizer e publicizar dessa mídia. (ALVES, 2012, p. 92)

Mesmo com o recurso da tecnologia anulando o espaço, criando um *cyberespaço*, onde interações sociais ocorrem em outros aspectos e dimensões, essa mesma tecnologia não faz substituir a paisagem devocional que esses eventos sacro-profanos, como o Círio de Nazaré, proporcionam com seus odores, sons e sensações que a *cybercultura* procura enfatizar a partir dos dispositivos eletroeletrônicos. Essa paisagem devocional é teletransportada pela mídia, porém, apenas o seu aspecto físico-visível. Pois acompanhar uma procissão do Círio é para o devoto *in lócus* uma experiência ímpar e subjetiva, diferente da sensação de outro devoto que acompanha a procissão do Círio pela tela de um dispositivo eletrônico em outro lugar longe de onde o fenômeno está acontecendo.

Mesmo anulando a distância dos espaços, a tecnologia não conseguiu substituir outros atributos da paisagem, como algumas sensações relacionadas ao olfato, a audição, o paladar e o tato. Essa visão on-line faz o devoto apenas ver o Círio com alguns sentidos limitados, entretanto, sua amplitude aumentaria somente se estivesse de corpo presente nas ruas de Vigia, Belém ou outro lugar por onde a Senhora de Nazaré transita em algum mês do ano.

Porém, a midiatização do Círio passou a ser um elemento forte na difusão e irradiação desse fenômeno ou evento, para além das fronteiras da região estudada aqui. Muitos municípios no nordeste paraense criaram os seus Círios a partir das décadas de 1970 e 1980 no estado do Pará e em outras regiões brasileiras. Isso, em decorrência do crescimento do número de devotos e turistas no Círio de Belém que aumentou após a difusão maior nos meios de comunicação, principalmente com a televisão e a internet.

Com a participação do Estado, da Igreja e das empresas de telecomunicações (em âmbito estadual e municipal) ampliou-se a interrelação entre esses três vetores

identificados em tela, uma vez que a Igreja Católica assumiu, em alguns municípios paraenses, a organização de roteiros turísticos como em Vigia e Belém com a presença das Pastorais do Turismo. Com isso, o aspecto turístico do Círio, e não só o mítico-religioso, é difundido através da mídia para qualquer parte do globo terrestre onde houver tecnologia para isso.

Daí afirmarmos que esses três vetores possuem uma carga equilibrada quando da irradiação do Círio de Nazaré para vários lugares, seja pelo aspecto mítico-religioso que acompanha o devoto da santa, seja pela emergência de um turismo cultural e religioso que exige do político o planejamento ou seja pela tecnologia utilizada pela mídia que difunde os fenômenos numa rapidez maior.

5.2 Cirioidificação e a regionalização do Círio de Nazaré

Embora existam inúmeros Círios no Nordeste paraense, em homenagem a outros santos (as) católicos (as), o foco da nossa abordagem sempre se voltou para a titulação relacionada à Maria “Nossa Senhora de Nazaré” no nordeste paraense, onde se encontra o núcleo histórico e o epicentro de irradiação e difusão desse modelo festivo nazareno em que a intensidade do Círio de Nazaré é maior. Isso ocorre devido a antiguidade e a tradição que se mantém pela repetição e resistência de alguns elementos que são impulsionados por outras prerrogativas que demonstramos (anteriormente) como vetores da irradiação.

Pela imensidão de Círios dedicados a outros (as) santos (as) do catolicismo romano, espalhados pela Amazônia Oriental, seria impossível em uma única pesquisa identificar cada um deles e interpretá-los. Porém, a força que a marca simbólica do Círio da Senhora de Nazaré passou a ter desde o século XVII fez com que esse Círio, com sua tipologia, pudesse se espacializar e influenciar os outros Círios que foram surgindo. Ainda que nos lugares que já possuíam os seus santos (as) padroeiros (as), a Senhora de Nazaré surge para fora do Epicentro e do núcleo histórico como se fosse a identidade paraense (pelo menos do nordeste deste estado) se territorializando e expandindo a marca ou imagem do Círio de Nazaré como um fato regional.

Essa “região”, enquanto conceito, nos faz refletir sobre um caminho que seguiu a dinâmica epistemológica da ciência geográfica quando as correntes de pensamento classificavam áreas de predominância da cultura humana sem que permitisse incorrer aos processos que modificaria a região dada (MOREIRA, 2010). A região apresentada

aqui parte de uma subjetividade socioterritorial desde a colonização portuguesa na Amazônia onde sobressai uma identidade ligada ao rio e a floresta com suas explicações mitológicas reverberadas nos Círios católicos. Nessa perspectiva que elucidamos uma região como dinâmica, mas que recebe a marca de uma feição fisionômica dessa identidade cultural que se moldou nos processos históricos e geográficos.

Conforme Gomes (2005, p. 63) “regionalizar passa a ser a tarefa de dividir o espaço segundo diferentes critérios que são devidamente explicitados e que variam segundo as intenções explicativas de cada trabalho”. Se “regionalizar” significa dividir o espaço geográfico ou identificar uma região, que enquanto recorte nos dá a dimensão de seus caracteres peculiares, a *ciriodificação* vai ao encontro de uma proposta de regionalidade pelo viés de uma abordagem cultural pretendida nesta pesquisa.

Isso nos permite apontar sugestões para fins de políticas regionais em se tratando do fenômeno *ciriodificação* em andamento. Essa proposta de regionalizar pelo viés do Círio de Nazaré, nos permite apontar onde podem estar esses outros Círios espalhados pelas dioceses e paróquias (demonstrados em mapa temático e quadro mais adiante) em que a irradiação alcançou e expandiu um patrimônio imaterial.

Sobre região e regionalização utilizadas como conceitos durante a trajetória, até aqui, do pensamento geográfico Contel (2015, p. 451) explica que essas “definições [...] em certas abordagens foram tidas como fenômenos ou fatos concretos, com autonomia de existência, e em outros momentos como meros fatos teóricos, criações do ‘espírito humano’ ”.

A partir do recorte feito aqui, esta pesquisa apresenta, em seu objeto de estudo, as similaridades, imitações e tentativas de padronização que esses Círios possuem, a partir da premissa que há uma ocorrência de elementos específicos relacionados a um epicentro que estabelecemos a partir da capital paraense, Belém; e de um núcleo histórico, Vigia. Esse último possui uma força histórica na tradição mariana que permitiu, ao longo do tempo, influenciar o evento da capital do Pará e outros municípios, sendo também, em princípio, um epicentro, porém, atualmente, não mais com a mesma intensidade da metrópole, Belém. Assim como Belém também possui, atualmente, uma grande influência da tradição e história do primeiro Círio de Nossa

Senhora de Nazaré ocorrido no final do século XVIII.

A difusão desse modelo festivo que parte desses dois lugares, destacados aqui, se constitui na problematização que envolve a identificação de elementos essenciais, estruturantes, com seus geossímbolos e a recorrência da festa sacro-profana como sufrágio comum na devoção dos santos (as) do catolicismo romano no recorte regional que estabelecemos. Entretanto, a metodologia analítica que apresentamos como modelo interpretativo do fenômeno ciriodificação poderá ser utilizada na tentativa de comparar o que ocorre no epicentro bipolar com outros Círios, dentro e fora, da Amazônia Oriental. A título de análise comparativa para identificar elementos estabelecidos nesta pesquisa com suas ocorrências e similaridades, juntamente com outros elementos identitários do lugar onde a festa sacro-profana venha a existir.

A expansão da devoção nazarena, na Amazônia (como vimos em capítulos anteriores), tem sua gênese na microrregião do Salgado onde se encontra o município de Vigia no nordeste paraense; depois se estende para a capital da Província, Belém, ainda no século XVII. Daí o foco regional desta pesquisa se firmar nessa região na Amazônia Oriental.

Essa irradiação começa com a devoção nazarena trazida pelos colonos portugueses, pois há uma irradiação dos Círios de Portugal com seu modelo festivo para o Brasil (COELHO 1998), onde tomará algumas feições regionais e locais (MAUÉS e PANTOJA, 2012).

Essa devoção, ao crescer na microrregião do Salgado, se espalha para outras paragens. Esse caminho acontece até a Igreja e o Estado perceberem a grandiosidade desse catolicismo popular e devocional que a festa nazarena (antes de ser denominada de Círio) alcançou, até ocorrer a sua institucionalização que culmina com o 1º Círio em Belém (VIANNA, 1909).

Algumas especificidades dos lugares, que absorveram o modelo dos Círios de Belém e Vigia, são acrescentadas junto com suas identidades construídas nas relações sociais daquele lugar. Assim como aconteceu em Belém e Vigia quando da irradiação dos Círios portugueses, que adotaram o modelo de arraial com o lúdico e o lazer, bem como com seus sacrifícios e oferendas realizados em um conjunto de rituais mítico-religiosos. (COELHO, 2001).

O Círio no nordeste paraense traz hoje consigo uma marca da Amazônia

paraense, sobretudo, do nordeste desse estado por onde a colonização portuguesa começou. São inúmeros Círios de Nossa Senhora de Nazaré que existem nessa região paraense, próximos ou distantes do Epicentro e Núcleo histórico, mas que se tornaram simbólicos por adquirirem marcas de seus rituais a partir dos elementos essenciais dessa devoção nazarena. Maués e Pantoja (2008, p. 63) enfatizam uma multiplicação de Círios para fora do estado e nos municípios paraenses, ao afirmarem que:

Assim como se multiplicam os círios por todas as cidades brasileiras para onde vão os paraenses, também se multiplicam os círios, como estrutura de festa e devoção, por todo o interior do Pará, sejam eles dedicados a Nossa Senhora, ou a qualquer outro santo.

Essa multiplicação de Círios que os autores acima destacam já se associa a irradiação que Belém e Vigia inicia em maior intensidade, desde a década de 1970 quando essa irradiação é impulsionada pelos vetores assinalados no subcapítulo anterior.

Sobre a influência que o Círio de Belém passou a ter na contemporaneidade, Alves (2005) nos mostra que esse é o ponto de partida para outros Círios no interior do estado do Pará, ao assinalar que existe:

[...] um *ciclo de Círios* que ocorre em todo o interior do Estado do Pará, com os santos padroeiros das cidades e localidades, envolvendo procissão e festa e no qual se desenrola o que denominamos de um *sistema de intercâmbio* de pessoas, interesses e manifestações simbólicas marcadas pelas trocas e um amplo sentimento de complementaridade e reciprocidade (ALVES, 2005, p. 316).

Em trabalhos de campo que foram realizados entre 2015 e 2018 podemos observar, em alguns lugares do nordeste paraense, a ocorrência desse fenômeno que é o próprio Círio de Nazaré em si, relacionado à difusão e irradiação que o mesmo fenômeno passou a possuir ao se multiplicar, como nos mostra o autor acima.

Entre esses lugares com seus Círios estão: Castanhal (terceiro domingo de outubro) e Bragança (terceiro domingo de novembro), além de outros Círios dispersos no calendário eclesial da Igreja Católica. Estes constituem esse ciclo de Círios em diversas dioceses e paróquias, coincidindo-se com algumas datas de realização dos mesmos, como é o caso do Círio de Barcarena junto com o de Bragança, o qual participamos em anos anteriores, ou a data do Círio de Belém junto com a data dos Círios de outros lugares que ocorrem no segundo domingo de outubro.

Nossa abordagem sobre os dois Círios verificados em campo (Bragança e Castanhal) parte de uma associação e representatividade com os elementos estruturantes e identitários de Belém e Vigia. As experiências a respeito da influência da devoção mariana sob o título de Nossa Senhora de Nazaré são demonstradas nessa interpretação do que ocorre nesses dois municípios, ao estabelecermos quais são os elementos essenciais com seus níveis distintos dentro da atmosfera da festa nazarena. Esses elementos identitários tanto do epicentro como do núcleo histórico constituem uma paisagem devocional (**ver figura 33**) criada a partir de uma base material e imaterial no nordeste paraense.

Figura 33 - Esquema da paisagem devocional do Círio de Nazaré no nordeste do Pará



Fonte: Elaborado pelo autor

Para chegarmos nessa paisagem devocional Paes (2013) apresenta alguns elementos constituintes da mesma como os ex-votos, o corpo em sacrifício e outros sentidos que não são apenas mera aparência, mas um registro de uma seleção de imagens, atos e outras formas textuais que Azevedo (2008) interpreta no Círio como uma linguagem e dramatização.

No esquema da figura 32 a base da pirâmide (trapézio nº1) encontra-se com aspecto mítico-religioso, pois é esse vetor que articula os outros aspectos que serão

inseridos no trapézio seguinte, relacionado à midiatização do Círio com sua sonoridade. A paisagem com seus odores está no 3º trapézio e faz parte do tempo do Círio onde o almoço é preparado antecedendo os sete dias antes da procissão principal com a presença da maniçoba. No 4º trapézio temos a carnavalização e espetacularização dos eventos culturais. No topo da pirâmide encontra-se o lugar simbólico e por fim o fenômeno *ciriodificação* que podemos identifica-lo nos elementos da paisagem devocional sacro-profana, características do lugar simbólico.

Achamos válido destacar à sonoridade e os odores da paisagem, outro aspecto que abrange a essência dos lugares por onde o Círio existe, além da visão da materialidade que se relaciona apenas ao aspecto físico e aparente.

Esses elementos identitários da paisagem culminam com o topo da pirâmide de forma alinhada, e se somam ao resultado desses elementos identificados neste trabalho.

Ainda sobre a paisagem devocional, Paes (2013, p. 07) explica que a mesma:

Aprecia e amplia a percepção da paisagem cultural sob o prisma fenomênico, considerando a paisagem fluída e efêmera do movimento processional e devoto que constrói e transforma o espaço, o sacraliza, o dessacraliza, impõe tempos diversos, sobrepõem vivências espaciais, temporais e imagéticas.

O autor citado também faz referência à corda dos promesseiros como um artefato que compõe essa paisagem devocional ao afirmar que: “é uma forma de ofertar o próprio corpo à divindade. As pessoas experimentam a paisagem e as performatizam, suas crenças se expressam e são compartilhadas em seus corpos, em uma ‘razão’ que é também ‘corpo’” (PAES, 2013. P. 08).

A paisagem devocional do Círio de Nazaré se espacializa nos outros Círios ao incorporar os elementos de um modelo padrão do Círio do epicentro e do núcleo histórico da devoção. Ao identificarmos o fenômeno *ciriodificação* nos diversos lugares em que o Círio se constituiu como evento sacro-profano é a paisagem cultural voltada para o mesmo que se materializa nos seus diversos sentidos, como foi assinalado a cima.

A feição dessa paisagem devocional está mais presente nos municípios ao entorno do Epicentro e do núcleo histórico, ao identificarmos uma linguagem emitida pelos sujeitos que realizam esse evento sacro-profano. Embora o fenômeno, a partir da irradiação do Círio de Nazaré, aconteça, também para além do nordeste paraense, é essa paisagem devocional que será permitida em ser identificada de forma

elucidativa e selecionada nos espaços pelos quais o Círio de Nazaré irá se estabelecer com os elementos identitários importados mais os referentes ao lugar que recebeu a irradiação. Nesse momento destacamos uma metodologia para experimentação e verificação do fenômeno “ciriodificação”, pois esses vários elementos, que aparecem na festividade do Círio de Belém e Vigia, servirão como modelo (**ver quadro 04**) para chegarmos a alcançar o fenômeno em tela.

Esses elementos ditos “essenciais” em níveis distintos de importância dentro da festa nazarena fazem parte dos rituais mítico-religiosos geridos pelo catolicismo oficial e popular, além de rituais festivos e carnavalizados, relacionados à cultura do lugar e outras peculiaridades ligadas ao lazer e o lúdico.

Quadro 04 – Elementos mítico-religiosos do Círio de Nazaré: cortejo principal

Elemento	Nível	Descrição da importância
Berlinda com a imagem da santa	A	É recorrente em todos os Círios como elemento principal. A berlinda é mudada de acordo com a procissão.
A corda	A	Aparecem como forma de transplantar a narrativa da origem da corda em Belém, embora não faça parte da história daquele lugar.
Carros alegóricos	B	Aparecem em alguns Círios em pequenas quantidades, principalmente referente aos anjos e marinheiros.
Bandas de música	B	É comum na sonorização dos Círios no Pará, porém vem sendo substituídas pelos carros-som automotivos e trios elétricos. As bandas ainda são marcas culturais registradas nos Círios do Nordeste paraense onde é comum esse tipo de entidade musical.
Os ex-votos (promessas)	A	São essenciais no cortejo religioso mesmo com os devotos só acompanhando o itinerário do Círio em sacrifício na caminhada. A promessa é o sacrifício contratual entre o devoto e a divindade e é materializada em artefatos e objetos levados pelos promesseiros em referência à saúde, a casa própria adquirida etc.
As homenagens de rua e das frentes das casas	B	É comum em muitas festas de santos. No Círio de Nazaré aparece a imagem dessa santa junto com outros santos (as) em homenagens feitas por famílias e grupos de amigos no itinerário do cortejo religioso. Nessas homenagens aparece a queima de fogos, apresentações musicais, etc.
Guarda de Nazaré	C	Criada no Círio de Belém no final da década de 1980, esse conjunto de homens protegem a santa, o clero e os romeiros. É recorrente em diversos Círios no Pará.
Comercio ambulante	C	Acompanha o trajeto do cortejo principal, a venda de fitinhas, camisas e outros acessórios com a Imagem da Senhora de Nazaré ou referente à festividade na Amazônia.

Fonte: Elaborado pelo autor

O quadro 04 é um esforço didático na tentativa de identificar e classificar os elementos que estão superpostos no dia do Círio, dia da procissão ou cortejo principal. Tais elementos se apresentam na paisagem devocional, dessa grande festa, nos diversos lugares. Já os níveis distintos em importância e essencialidades são representados pelas letras: A (primeiro e maior nível), B (segundo nível) e C (terceiro nível).

Os elementos vão surgindo e se fixando nos Círios espalhados pelo nordeste paraense e tendo, primeiramente, a Berlinda com a imagem da santa enfeitada e ornamentada com flores. Depois a corda, que em alguns lugares é secundária (pode não ser um elemento essencial de nível A). Já em outros lugares ela aparece como referência alusiva aos Círios de Belém e Vigia, como um simulacro, mesmo sem o grande sacrifício dos corpos que é recorrente nesses dois municípios. Em alguns Círios ela é emblemática, ou seja, só para constar como elemento identitário do Círio no Pará, desassociada da grande carga de significância recorrente da tradição originária.

Em muitos casos, ela é levada por guardas de Nazaré e alguns devotos que somente a seguram sem o *empurra-empurra* dos lugares dessa tradição primeira, como observamos nos Círios de Icoaraci – Distrito de Belém (4º domingo de novembro) e de Colares -Pa (segundo domingo de dezembro) no ano de 2016, ambos os lugares homenageando Maria com outras titulações em seus Círios. Demonstrando assim, que a corda se firmou como um elemento essencial de primeira importância na constituição de muitos Círios no nordeste paraense, imitando o Epicentro e o núcleo histórico, mesmo nos Círios em homenagem a outros (as) santos (as) católicos (as).

Além desse modelo, que o Círio de Belém e Vigia irradiou e continua irradiando, verificamos que os lugares receptores também acrescentaram outros elementos indeniários específicos desses lugares como em Bragança - Pa e Castanhal –Pa. Outros Círios surgem a título de exemplo em nossa abordagem metodológica, a partir de uma base empírica que adquirimos em períodos anteriores em nossas andanças pelo interior do estado do Pará, em época de Círios, como na região da Ilha do Marajó.

5.2.1 Os outros círios: Castanhal e Bragança

Esses dois municípios escolhidos aqui servem como modelos na nossa análise

comparativa, para checarmos o fenômeno ciriodificação correlacionando-os com o epicentro e o núcleo histórico. Essa análise comparativa não se apresenta em um estudo mais aprofundado sobre os Círios desses dois municípios, carecendo uma pesquisa mais específica sobre outros desdobramentos e recortes em suas totalidades. Essa comparação exercitada em trabalho de campo, constatada aqui, relacionando esses dois Círios, vislumbra aquilo que estamos reafirmando sobre o Epicentro e o núcleo histórico. Estaremos agora nos dois Círios: Castanhal e Bragança.

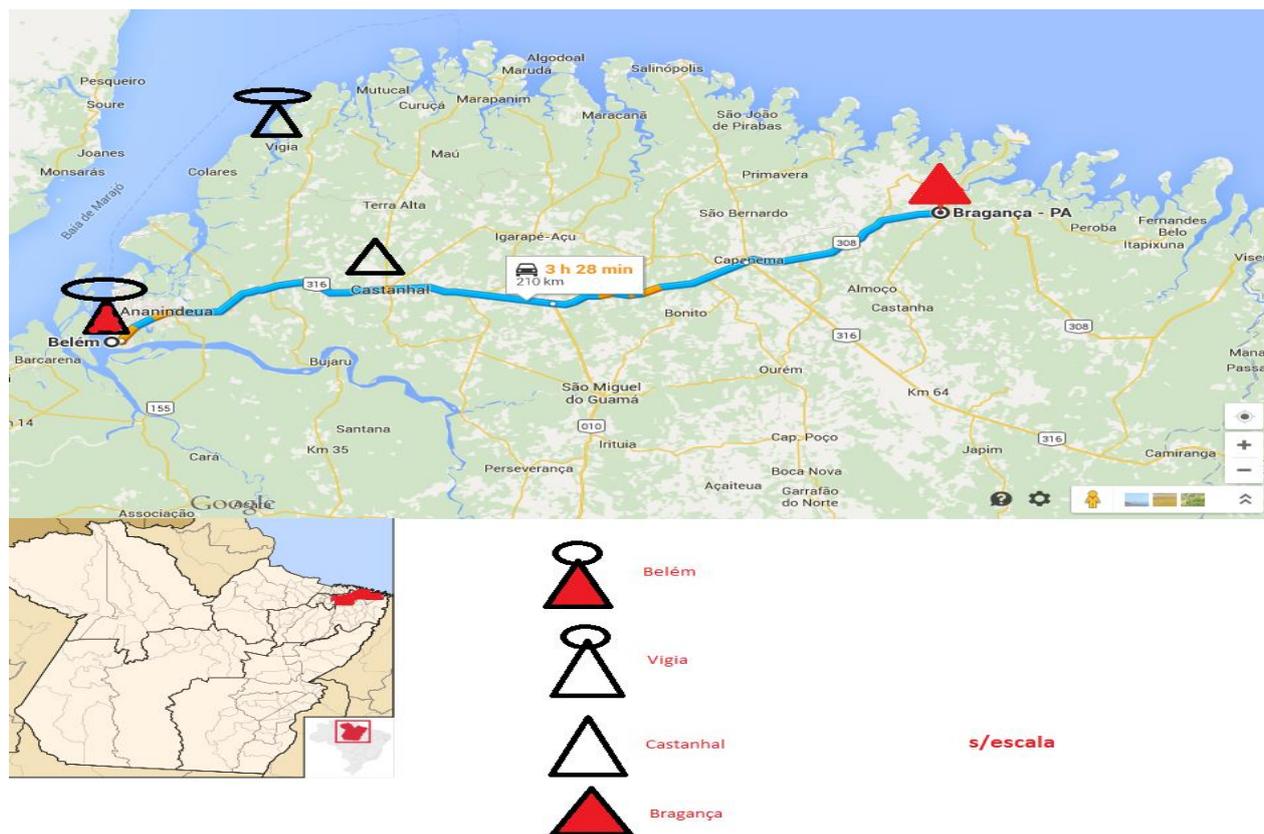
O Círio de Castanhal (sede da Diocese de Castanhal a qual Vigia faz parte) e Bragança (situada na Microrregião Bragantina) - ambos na mesorregião do Nordeste paraense (**ver figura 34**) – foram escolhido propositalmente devido, o primeiro, por ser mais recente em sua festividade e está nas margens de uma rodovia, a qual representa o processo de expansão territorial na Amazônia Oriental a partir da década de 1960. Já o segundo, por fazer parte do período colonial e estar às margens do rio que serviu como via natural de penetração da geopolítica portuguesa a partir do século XVII na Amazônia (TRINDADE JR e TAVARES, 2008).

Na Figura 33, que representa uma parte do nordeste paraense, são destacados, além de Castanhal e Bragança, Vigia e Belém, interligados pela malha rodoviária que inclui como vicinal a BR316. A distância entre Belém, Vigia e Castanhal possui uma média de 100 Km, formando um triângulo na superposição do mapa da figura 33. Já Bragança se distancia a 300 Km do epicentro, até a região do Caeté.

Nessa figura aparecem outros municípios próximos de Belém e Vigia que possuem Círio de Nazaré como é o caso Barcarena. Além dos municípios de Castanhal, Colares e Marapanim, citados neste trabalho. Bragança possui um distanciamento maior com relação ao Epicentro e núcleo histórico do Círio no Pará, mas se mantém como município que reproduziu esse modelo festivo apresentado aqui e difundiu na região bragantina em outras localidades próximas desse município no nordeste paraense.

É muito comum o Círio de Nazaré surgir e acontecer numa dada localidade ou comunidade católica e haver outro santo padroeiro como acompanhamos nos trabalhos de campo e entrevistas nessa região em estudo.

Figura 34 – Localização de Castanhal e Bragança no Nordeste Paraense



Fonte: Elaborado pelo autor e adaptado de Googlemaps

Em Bragança, a Berlinda com a imagem da santa (replica da imagem de Belém), juntamente com a corda, marcam em grande parte, o que chamamos de *ciriodificação* nazarena. Pois, berlinda e imagem da santa é o primeiro elemento do cortejo que é acompanhado de inúmeros sujeitos com suas intencionalidades distintas (**ver figura 35**). Os outros elementos identificados do quadro 04 são posteriores a esses intitulados como elementos essenciais de primeira grandeza ou de nível A, embora possa estar no mesmo nível dos demais, como no caso da corda (**ver figura 36**).

Outros elementos que nos Círios de Belém e Vigia não são recorrentes, Bragança e Castanhal, como lugares simbólicos, acrescentarão às suas festividades, corroborando com que estamos afirmando aqui desde o início. Pois o Círio registra uma marca paraense, não só a partir de Belém e Vigia, mas com outros elementos que surgem pelas relações socioespaciais nos outros municípios em que o Círio de Nazaré foi difundido.

Figura 35 – Berlinda com a imagem da santa no Círio de Bragança



Fonte: Acervo do autor, 2017

Figura 36 – A corda do Círio de Bragança



Fonte: Acervo do autor, 2017

A presença da corda registra essa influência do Círio do Epicentro e do núcleo histórico sem a efervescência que acontece nos lugares onde ela se originou. Em Bragança, não constatamos o ritual do esfacelamento da corda. Na figura 36 é mostrado o final do cortejo religioso em que a corda é abandonada pelos devotos.

A imagem da santa de Bragança, assim como a de Castanhal, segue a réplica da imagem de Belém, pois é a que se espalhou com seu estilo de confecção da mesma, pois não temos conhecimento de nenhum Círio com imagem da Senhora de Nazaré em estilo roca (estilo barroco), referente a do Círio de Vigia (como já demosramos em capítulos anteriores).

Com relação aos elementos essenciais ou identitários do aspecto festivo-profano, a partir do Círio de Vigia e Belém, podemos apresentar um conjunto de atividades culturais de natureza artístico-culturais, de lazer, reciprocidade e carnavalizantes que fazem parte do bojo da dimensão da festa nazarena, como entretenimento e não somente penitência (**ver quadro 05**). Esses elementos aparecem em vários Círios espalhados pelo nordeste paraense mantendo o que já referendamos como paisagem devocional dentro de um lugar, que se torna simbólico pelo tempo da festividade. Podemos constatar que aparece no quadro 5 nos dois municípios pesquisados.

Quadro 05 – Tipos de elementos festivo-profanos essenciais do Círio de Nazaré

tipologia	elemento	nível	descrição
Lazer - lúdico	arraial	01	Espaço em frente ou próximo ao templo da Igreja. Marca o largo de Nazaré, geralmente uma praça ou terreno espaçoso constituinte do comercio de bugigangas e comilanças, além de jogos de azar e parque de diversão.
Festivos-dançante	Shows com aparelhagens sonoras, ou com bandas de músicas de diversos ritmos.	01	Ocorrem em clubes sociais, casas noturnas ou nas chamadas arenas (espaços abertos e extensivos que comportam mais de 10 mil pessoas), além de palcos montados em alguma praça.
sociabilidade e reciprocidade	Almoço do Círio	01	O banquete-ritual com a culinária regional que ocorre após a chegada da procissão principal na residência dos moradores locais com a presença de parentes e amigos de fora.
Artístico-culturais fixas	Exposições de artesanato, peças sacras e relacionadas a imagem do Círio.	02	São comuns e se concentram nos arredores do arraial ou se espalham pelo lugar, fazendo referencia ao momento do Círio. Ocorrem em museus, prédios de órgãos administrativos do poder público, praças etc.
Artístico – culturais	Arrastões	03	Manifestações que ocupam as ruas, as

carnavalizantes	culturais e movimentos teatrais de rua		praças do lugar expressando a cultura popular com seus ritmos, danças etc.
-----------------	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

No quadro 05 evidenciamos o aspecto da festa profana do Círio de Nazaré, embora essa dimensão possua elementos ligados ao sagrado, pois todos esses movimentos, desde o almoço do Círio até as feiras de artesanato, são pertencentes a uma festa maior que inclui o sagrado relacionado à devoção nazarena. Dito isso, podemos eliminar a dicotomia sagrado-profano, uma vez que o sagrado reflete em alguns momentos o profano nos shows e bingos na barraca da festividade do Círio, nos diversos lugares. Assim como as exposições artístico-culturais refletem as imagens do sagrado da festa com exposições de mantos da santa, fotos de Círios antigos etc.

Sobre as feiras de artesanato, em Belém os brinquedos de Miriti são registrados como elementos relacionados ao Círio pelo registro do IPHAN. Em outros lugares essas feiras com seus artesanatos não correspondem como bens associados ao Círio, porém já existe um movimento nessa direção, como observamos em Vigia no ano de 2018, com uma associação de artesãos que através da PASTUR (Pastoral do Turismo) da Paróquia desse município criaram uma feira com artesanatos ligados a artefatos da cultura de Vigia. Estes moldavam miniaturas das Igrejas Matriz e Igreja de Pedras; bem como foi criada uma exposição de arte sacra na sede da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”. Segundo a Coordenadora da PASTUR de Vigia, em entrevista nesse ano, a proposta é estender essas ações para os próximos Círios com intuito de mostrar outros aspectos da cultura vigiense relacionados ao turismo religioso.

Além disso, esses elementos artístico-culturais e festivos que são essenciais no conjunto da festa nazarena e que podem ser evidenciados em outros lugares de ocorrência do Círio, fazem parte da espetacularização que a festa nazarena demonstra em sua atmosfera como um todo, a exemplo disso são os shows pirotécnicos, os louvores em cima de trios elétricos etc.

Ao observarmos em trabalho de campo o Círio do município de Castanhal em 2017, evidenciamos que a berlinda da santa vem em cima de uma réplica da antiga

locomotiva (**ver figura 37**) que faz parte da história desse município²⁵. Este passou a não adotar o termo “Círio de Nazaré”, mas “Romaria” de Nazaré (como já foi dito), a exemplo do que ocorrem em outras cidades brasileiras que possuem romarias em homenagens a algum santo (a) católico (a) como em Fortaleza que homenageia no mês de agosto Nossa Senhora da Conceição com a “Caminhada com Maria”. Em Castanhal não há a presença da corda atrelada à berlinda criando o núcleo estruturado (ALVES, 1980), como em outros Círios de Nazaré.

Figura 37 – Berlinda na Locomotiva na Romaria de Nazaré de Castanhal



Fonte: <http://www.dol.com.br>, acessado em 26 de outubro de 2016

Em Castanhal, o Círio de Nazaré de Belém passou a ter uma grande influência com a devoção de muitos devotos da santa espalhados pelas vilas do município, como em Macapazinho e Apeú (DIAS JUNIOR, 2008), onde esses devotos mantêm a peregrinação a Belém pelo período do segundo domingo de outubro. Nesse município, a romaria nazarena acontece logo após o Círio de Belém em período recente, a partir de 2004.

²⁵ Castanhal serviu como ponto de ligação na linha férrea Belém-Bragança, constituindo-se de várias agrovilas que contribuía com o abastecimento de produtos orti-fruti-granjeiros para capital paraense, no período áureo da exploração da borracha (ver Rocque (1974); Baenna (1839)).

Por ser um evento considerado recente, o município de Castanhal (com a sede de uma diocese em seu território), procurou não imitar os elementos identitários do cortejo religioso de Belém e Vigia. Não há a presença das alegorias e apenas alguns rituais, como a peregrinação da imagem da santa e outras celebrações litúrgicas, acontecem pela gestão da Igreja. Porém a cidade mantém uma parte do modelo do espetáculo com a festa-profana em seu arraial com parque de diversões e as festas dançantes com/de aparelhagens, espalhadas pela cidade. A paisagem cultural do Círio aparece em Castanhal com o tempo do Círio, embora a Diocese com suas notas oficiais não chamem o evento assim, a mídia e os devotos, de forma geral, anunciam “Círio de Castanhal”.

O próprio cortejo religioso se apresenta como um espetáculo com a presença da locomotiva e os trios elétricos em procissão. O elemento mítico-religioso na festa nazarena, em Castanhal, está relacionado em sua origem a um milagre atribuído a uma imagem da Senhora de Nazaré que chorou lágrimas de sangue em 1996 na Vila de Apeú, como demonstrou em trabalho memorialista Dias Junior (2008).

Já em Bragança o seu Círio possui uma antiguidade maior que a devoção de Castanhal e acompanha uma estrutura aproximada do epicentro e núcleo histórico, porém alguns elementos identitários do município são recorrentes na festividade bragantina tanto no cortejo religioso como em sua dimensão festo-profana. Desses elementos mítico-religiosos e essenciais no cortejo principal, verificamos o carro dos anjos que são transportados em um caminhão com crianças vestidas a caráter (**ver figura 38**). A presença do caminhão automotivo substitui os carros do Círio de Vigia, puxados pelos guardas de Nazaré e estruturados como alegorias. É notável também, que existem adolescentes vestidas como Maria na Imagem do Círio de Nazaré, trazendo o menino Jesus nos braços, juntamente com os anjos no caminhão da figura 38.

Figura 38 – Presença da alegoria dos anjos no Círio de Bragança-Pa



Fonte: Acervo do autor, 2016

A promessa com os ex-votos marcam a paisagem devocional com a presença da casa em miniatura, conseguida pela devoção de quem contratou o pedido com a oferenda à santa, bem como a presença de outros artefatos que aparecem como a cruz do cristianismo, símbolos que possuem o significado da penitência dentro do cortejo religioso (ver figuras 39 e 40).

Figura 39 – Ex-voto com a promessa da casa própria no Círio de Bragança



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2016

Figura 40 – A presença do pagamento de promessa com a cruz cristã no Círio de Bragança



Fonte: Acervo do autor, 2016

Nesse município, a tradição relacionada ao culto de outros santos se faz presente pelas homenagens no itinerário do cortejo do domingo e nas manifestações artístico-culturais espalhadas pela cidade.

Em Bragança, a Senhora de Nazaré com o seu Círio foram irradiados do Epicentro e núcleo histórico, mas tiveram que se encaixar aos aspectos culturais do lugar que traz consigo a figura de São Benedito, santo católico venerado por negros africanos escravizados que constituíram irmandades, que em Bragança guarda a cultura da Marajuda²⁶ quando acontece no final de dezembro e início de janeiro de cada ano. A Marujada faz parte de um dos símbolos culturais e religiosos do município e é revivida já em Novembro por ocasião do Círio de Nazaré no Museu da Marujada, nas homenagens da frente das casas com a imagem de São Benedito, pois o Círio de Nazaré sai da capela desse santo padroeiro do município.

São Benedito é o santo Patrão (ALVES, 1980) de Bragança, mas Maria de Nazaré é a padroeira dos paraenses e rainha da Amazônia, como nas denominações criadas pela Igreja Católica e difundida pela midiaticização. Em Bragança, o Círio de Nazaré precisa pedir licença para o “santo preto”, pois Termina o Círio e logo no outro

²⁶ Festividade popular organizada por irmandades com culto a São Benedito. Seus membros se vestem de marujos, todos de branco exercendo a dança típica da Zona bragantina no nordeste paraense.

mês dá-se início a sua festa. A expressão da marujada (**ver figura 41**) no início de cada ano acaba suplantando a imagem do Círio de Nazaré com os festejos em homenagem São Benedito, que dá uma maior notoriedade ao município em termos de visibilidade regional.

Embora o Círio de Bragança compreenda alguns elementos identitários essenciais dos Círios de Vigia e Belém, o que chama a atenção é a presença de uma cavalgada, pessoas montadas a cavalo com vestes da fazenda pecuarista (**ver figura 42**), muito comum na região bragantina. Esse elemento faz parte dos acréscimos que os lugares dão ao Círio que foi irradiado do epicentro e do núcleo histórico.

Figura 41 – A marujada nas ruas de Bragança



Fonte: Acervo do autor, 2017

Figura 42 – A cavalgada dentro do cortejo do Círio de Nazaré em Bragança



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2017

Nem Vigia e nem Belém possuem uma cavalgada ou a marujada, atualmente. Embora Belém tenha tido, no passado, essa última foi retirada devido às reformas instituídas pelos dirigentes eclesiais em função da desordem que a dança proporcionava ao cortejo religioso da procissão principal. A cavalgada é comum nos Círios do Pará onde há a presença nos espaços rurais dos mesmos, as fazendas pecuaristas. Como acontece nos Círios dos municípios paraenses de São Domingos do Capim e Paragominas, ambos ainda no nordeste paraense.

Em Bragança podemos afirmar que esse elemento vinculado à Marujada e a cavalgada faz parte do ambiente artístico-cultural e religioso do tempo da festividade do Círio de Nazaré desse município. Assim como a locomotiva em Castanhal que é um acréscimo da história do lugar ao seu evento festivo em Homenagem à Senhora de Nazaré. Já a cavalgada se apresenta como um elemento relacionada à produção agropecuária que a região bragantina adotou desde a fase áurea da produção da borracha na Amazônia, quando sua função era abastecer o Mercado de São Brás em Belém (ROQUE, 1974). A cavalgada representa a devoção dos sujeitos do rural ligados à fazenda que homenageiam a Senhora de Nazaré pelo trabalho satisfatório. Ambos os elementos, em Bragança, se agregam a paisagem devocional do Círio de

Nazaré desse município como uma cenarização dos elementos peculiares dessa região.

Esses dois municípios apresentados aqui utilizam da história de seus territórios que marcam uma identidade do lugar simbólico que emerge em suas festividades devocionais à Senhora de Nazaré: A locomotiva, símbolo do pioneirismo de Castanhal transporta a santa e em Bragança São Benedito faz as honras da casa com a efervescência de uma marujada que já se anuncia na festividade à Senhora de Nazaré.

As narrativas dos lugares, como o milagre do choro com as lágrimas de sangue em Castanhal, são algo peculiar para a legitimação futura da Romaria de Nazaré. Embora seja recente essa manifestação em Castanhal, o quantitativo de público presente supera o público do núcleo histórico, mesmo com sua antiguidade relacionada à devoção do município Vigia (DIAS JUNIOR, 2008).

Em Bragança conseguimos acompanhar o modelo festivo-profano que é recorrente no quadro 05 mostrado anteriormente. A Cultura relacionada à marujada se apresenta como uma marca que é espetacularizada na/e pela cidade, como observamos no “museu da Marajuda” e outras exposições de artes espalhadas por prédios públicos na quinzena do Círio de Nazaré nesse município.

Não evidenciamos na narrativa do Círio de Bragança alguma versão sobre hierofanias ou mito fundador para o surgimento da devoção nazarena e a concretização do seu Círio de Nazaré. Segundo algumas informações que obtivemos em entrevistas realizadas com professores de história e geografia do município, ainda faltam muita pesquisa sobre a origem do Círio desse município. Pois, a paróquia local mostra em seu discurso que são mais de cem anos de tradição, porém o mesmo discurso reconhece que existem muitas lacunas a serem preenchidas sobre o Círio de Bragança, assim como de outros municípios do interior do Pará.

O que temos em ambos os municípios trabalhados em pesquisa participativa por ocasião dos seus festejos nazarenos é que o Círio de Belém tem sua influência com a imagem da santa com o estilo da de Belém, mas as especificidades dos dois lugares irão registrar uma paisagem devocional dentro da perspectiva dos lugares simbólicos que impõem as suas marcas desses espaços, corroborando enquanto geossímbolos (BONNEMAISON, 2005).

Bragança mantém uma romaria fluvial (**ver figura 43**) na sede do município

ribeirinho, pela influência das romarias das águas de Belém e Vigia. Já Castanhal, em sua sede, não possui um rio, por nascer nas margens de uma rodovia, mas mantém por muito tempo uma romaria fluvial em Macapazinho (**ver figura 44**), vila pertencente a esse município em que a berlinda vem em uma pequena canoa (DIAS JUNIOR, 2008).

Castanhal por ser sede da Diocese que possui o mesmo nome do município, possui a força de um centro urbano regional, congregando outros municípios sob essa sede administrativa. Sua romaria de Nossa Senhora de Nazaré, por mais recente que seja, consegue aglomerar uma multidão de pessoas em volta da Nossa Senhora que chorou lágrimas de sangue na vila do Apeú.

Figura 43 – Romaria Fluvial do Círio de Bragança – Pa



Fonte: Acervo do autor, 2017

Figura 44 – Círio fluvial de Macapazinho – município de Castanhal-Pa



Fonte: [http:// www.dol.com.br](http://www.dol.com.br), acessado em 26 de outubro de 2016

E para além da região estudada aqui, o Círio de Nazaré ultrapassou as fronteiras da Amazônia paraense e foi irradiado para lugares de outros estados brasileiros, onde os paraenses buscaram através do movimento migratório.

Nesse sentido levou ou estabeleceu, em alguns casos, a identidade amazônica relacionada à devoção nazarena. Maués e Pantoja (2012) nos mostram esses outros Círios no Rio de Janeiro, ao identificar essa dinâmica no bairro de Copacabana e da Tijuca, além de outras cidades.

[...] daí porque o Círio existe em Brasília, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em várias outras cidades fora do Pará e da Amazônia, sendo realizado como uma réplica, em muito menor escala, do Círio de Belém. No Rio de Janeiro, por exemplo, existem dois círios, um em Copacabana e outro na Tijuca, que, de certo modo, competem entre si. (MAUÉS e PANTOJA, 2012, p.63)

Nesses termos, mesmo em lugares diferentes, com seus arranjos socioespaciais, o Círio de Nazaré, no nordeste paraense, se espacializa congregando os elementos identitários do lugar simbólico em meio a devoção à Senhora de Nazaré. Esses ajustes que o lugar impõe à festividade nazarena se fazem em decorrência da visibilidade que os sujeitos propõem ao evento, como a Marujada e a cavalgada em

Bragança ou a presença da locomotiva, símbolo do pioneirismo em Castanhal.

Outros lugares com seus Círios de Nazaré, ou de outros santos (os) e titularidades à Maria, referendam seu recurso natural em que estão presentes, como o caso da praia no Círio de Mosqueiro (Distrito de Belém – Nossa Senhora do Ó), Colares (Nossa Senhora do Rosário) e Salinas (Nossa Senhora de Nazaré). Esses lugares, com seus arranjos socioespaciais, possuem um atrativo a mais para os sujeitos que buscam também a praia, mas comungam com a mesma devoção voltadas a essa santa católica em suas homenagens sacro-profanas.

A comparação aqui realizada entre o modelo festivo do Epicentro e núcleo histórico do Círio no Pará, junto às festividades nazarenas de Castanhal e Bragança, serve para exercitarmos nossa metodologia que estabelece uma aproximação de um modelo padronizado e ao mesmo tempo distorcido quando encontra as peculiaridades dos lugares. Nesse sentido, o modelo padrão é apenas um pressuposto para encontrarmos as influências da irradiação nazarena no nordeste paraense. Enxergar o fenômeno ciriodificação é compreender algo que possui uma dinâmica constante em meio às relações estabelecidas entre os grupos de sujeitos envolvidos com suas subjetividades. Enxergar o Círio de Nazaré no estado do Pará é vislumbrar e sentir uma paisagem devocional e cultural vinculada ao Círio de Nazaré que reverbera no lugar simbólico dos municípios paraenses em que possuem tal festividade.

5.3 Imagens da Patrimonialização/ Ciriodificação

Como demonstramos nos capítulos anteriores, o Círio que mais passou a ser estudado (e com isso, interpretado) foi o Círio de Nazaré de Belém. Nos meios acadêmicos (dentro e fora do Pará), desde a década de 1970, já existe um material significativo a respeito desse Círio (ALMEIDA 2015). Enquanto que o interior ainda continua descoberto e com lacunas a serem preenchidas, como na história do Círio de Bragança. Há uma necessidade de se entender esses outros Círios não só pelo modelo festivo de Belém e Vigia, mas pelas especificidades que os lugares possuem. São poucos os municípios paraenses que não possuem alguma festividade relacionada a um círio qualquer. Só no Nordeste paraense e região do Marajó identificamos 43 municípios com Círio de Nazaré, distribuídos nas Arquidioceses, Dioceses e Prelazias (ver quadro 06).

QUADRO 06 – Presença de Círios no Nordeste Paraense e Região do Marajó

Arquidiocese de Belém		
Município	Círio	Período
Ananindeua	N.S. das Graças	2º domingo de agosto
Belém	N.S. de Nazaré	2º domingo de outubro
Benevides	N. S. da Conceição	2º domingo de julho
Santa Barbara	Santa Bárbara	4 de dezembro
<i>Mosqueiro (Distrito)</i>	N.S. do Ó	2º domingo de dezembro
<i>Icoaraci (Distrito)</i>	N. S. das Graças	4º domingo de novembro
Marituba	N.S. de Nazaré	2º domingo de Novembro
Diocese de Castanhal		
Município	Círio	Período
Capanema	N.S. de Nazaré	3º domingo de setembro
Castanhal	N.S. de Nazaré	3º domingo de outubro
Colares	N. S. do Rosário	2º domingo de dezembro
Igarapé- Açú	N.S. de Nazaré	3º domingo de setembro
Inhangapi	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Magalhães Barata	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Maracanã	N.S. de Nazaré	3º domingo de novembro
Marapanim	N.S. das Vitorias	2º domingo de agosto
Nova Timboteua	N.S. de Nazaré	3º domingo de agosto
Peixe-Boi	N. S. de Fátima	2º domingo de setembro
Primavera	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Quatipuru	N.S. de Nazaré	2º domingo de outubro
Salinópolis	N.S. de Nazaré	1º domingo de setembro
Santa Isabel do Pará	Santa Isabel	2º domingo de julho
Santa Maria do Pará	N. Senhora Auxiliadora	4º domingo de agosto
Santarém Novo	N. S. da Conceição	1º domingo de dezembro
Santo Antônio do Tauá	Santo Antônio de Lisboa	13 de junho
São Caetano de Odivelas	São Caetano da D. Providência	1º domingo de agosto
São Domingos do Capim	N.S. de Nazaré	4º domingo de setembro
São Francisco do Pará	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
São João da Ponta	São João Batista	24 de junho
São João de Pirabas	N.S. de Nazaré	4º domingo de outubro
Terra Alta	N. S. do Livramento	2º domingo de setembro
Vigia	N.S. de Nazaré	2º domingo de setembro
Diocese de Bragança		
Município	Círio	Período
Augusto Corrêa	N.S. de Nazaré	1º domingo dezembro
Aurora do Pará	N. S. Aparecida	4º domingo de outubro
Bonito	N. S. do Rosário	3º domingo de outubro
Bragança	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Cachoeira do Piriá	N.S. de Nazaré	1º domingo de dezembro
Capitão Poço	N. S. do Perpetuo Socorro	3º domingo de novembro
Dom Eliseu	N. S. Aparecida	3º domingo de outubro
Garrafão do Norte	N. S. do Perpetuo Socorro	4º domingo de novembro
Ipixuna do Pará	N.S. de Nazaré	3º domingo de outubro
Irituia	N.S. da Piedade	3º domingo de outubro
Mãe do Rio	N.S. de Nazaré	1º domingo de dezembro
Nova Esperança do Piriá	N.S. de Nazaré	4º domingo de setembro
Ourém	N.S. de Nazaré	3º domingo de agosto
Paragominas	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Rondon do Pará	Sem informação	Sem informação
Santa Luzia do Pará	N.S. de Nazaré	2º domingo de setembro
São Miguel do Guamá	N.S. de Nazaré	3º domingo novembro

Tracuateua	N.S. de Nazaré	3º domingo de agosto
Ulianópolis	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Viseu	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro

Diocese de Abaetetuba		
<i>Município</i>	<i>Círio</i>	<i>Período</i>
Abaetetuba	N. S. da Conceição	4º domingo de novembro
Moju	Divino Espírito Santo	1º domingo de junho
Barcarena	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Tailândia	São Francisco de Assis	3º domingo de setembro
Acará	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Concórdia	N.S. de Nazaré	1º domingo de outubro
Tomé Açu	N.S. de Nazaré	1º domingo de setembro
Bujaru	N.S. de Nazaré	1º domingo de dezembro
Diocese de Ponta de Pedras (Marajó)		
<i>Município</i>	<i>Círio</i>	<i>Período</i>
Currálinho	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Santa Cruz do Arari	N.S. de Nazaré	3º domingo de novembro
Cachoeira do Arari	N. S. da Conceição	2º domingo de dezembro
São Sebastião da Boa Vista	N.S. de Nazaré	2º domingo de outubro
Muaná	N.S. de Nazaré	3º domingo de julho
Prelazia do Marajó		
<i>Município</i>	<i>Círio</i>	<i>Período</i>
Anajás	N.S. de Nazaré	1º domingo de outubro
Afuá	N.S. da Conceição	4º domingo de novembro
Bagre	N.S. de Nazaré	2º domingo de outubro
Chaves	Sem informação	Sem informação
Breves	N.S. de Nazaré	3º domingo de novembro
Melgaço	Sem informação	Sem informação
Portel	N.S. de Nazaré	2º domingo de agosto
Salvaterra	N.S. da Conceição	1º domingo de dezembro
Soure	N.S. de Nazaré	2º domingo de novembro
Arquidiocese de Belém/nº de municípios.....5 Diocese de Castanhal/nº de municípios.....25 Diocese de Bragança/nº de municípios.....20 Diocese de Abaetetuba/nº de municípios.....8 Diocese de Ponta de Pedras/nº de municípios.....5 Prelazia do Marajó/nº de municípios.....9 Total.....72		
<p style="text-align: center;">43 municípios com Círio de Nazaré Somente 1 (Rondon do Pará) não possui Círio 2 municípios se encontram sem informação sobre a ocorrência de Círio (Chaves e Melgaço) 26 municípios possuem Círio em homenagem a outros (as) santos (as) católicos e outra titularidade à Maria. 1 município (Moju) homenageia em Círio "O Divino Espírito Santo"</p>		

Fonte: Elaborado pelo autor

No quadro 06 percebemos que a Região da Ilha do Marajó, próxima do epicentro referendado aqui, possui uma influência bastante presente nos seus

municípios membros da Diocese de Ponta de Pedras e Prelazia do Marajó. Isso nos faz confirmar a irradiação da devoção nazarena ser mais intensa nos arredores desse epicentro. Tendo o Círio de Belém e Vigia como modelos dessa dinâmica.

Alguns municípios que pesquisamos, para a elaboração desse quadro, possuem até dois círios: um do padroeiro do lugar e outro em homenagem à Senhora de Nazaré, como é o caso de Marituba que possui um Círio do Menino Jesus em dezembro (mais antigo do que o de Nazaré) e Capanema com a sua padroeira N.S. do Rosário. Outros municípios como Rondon do Pará, Chaves e Melgaço, se encontram “sem informação” pelo fato de possuírem pequenas festividades em algumas paróquias sem a recorrência do termo Círio.

Essa forte influência da Senhora de Nazaré como identidade paraense nos remete a uma discussão da patrimonialização do Círio de Nazaré neste estado, mais especificamente o Círio de Belém. Esse Círio, após o primeiro registro pelo IPHAN, teve um aumento no número de pesquisas a respeito de diversos recortes sobre sua festividade. Isso foi influenciado pela maior visibilidade que o círio passou a ter pela patrimonialização, mas, ao mesmo tempo, essas diversas pesquisas aumentaram tal visibilidade de um círio que passará a ser o modelo no estado do Pará e na Amazônia brasileira, embora essas pesquisas e a imagética construída, não leve em consideração a influência da devoção nazarena do município de Vigia para a construção de um epicentro bipolar.

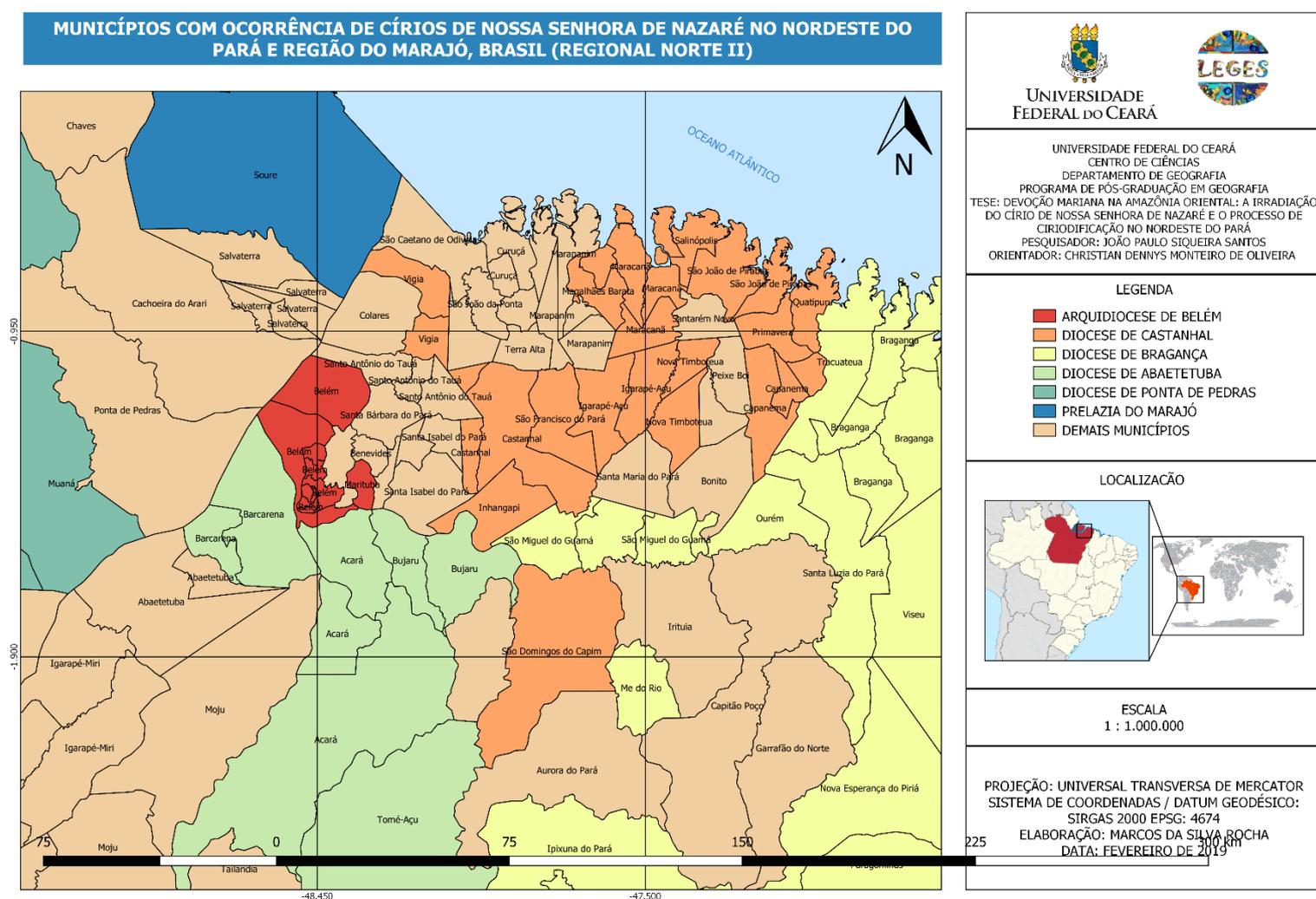
Por outro lado, esses estudos sobre o Círio de Belém nos dão condições de enxergar mais de perto o evento festivo do epicentro da devoção nazarena, na Amazônia Oriental. E isso contribui com os vetores de irradiação, que aumentam a sua força motriz, sobremaneira, para uma expansão e difusão desse tipo de festividade sacro-profana para outros lugares no Pará e outras regiões brasileiras (como demonstramos no início deste capítulo).

Entretanto, esse enfoque acaba deixando de fora os outros Círios espalhados pelo nordeste do Pará (**ver figura 45**), generalizando um único modelo e invisibilizando elementos que também fazem parte da identidade paraense e amazônica, constituídos em seus geossímbolos. O que vem, pois, se sobressaindo é uma imagem modelo de um único Círio associado ao Círio do Epicentro, Belém. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que o vetor midiático divulga e difunde o Círio de Nazaré do/no estado do Pará para outros lugares, o mesmo vetor oculta outro

patrimônio incutido nesses outros Círios com seus elementos peculiares. Cria-se então um Círio globalizado, modelo padrão e ao mesmo tempo homogêneo.

Como procuramos demonstrar no quadro 06, há uma gama de Círios de Nazaré e de outras titularidades à Maria, assim como de outros santos (as) católicos (as). Esses Círios fazem parte de um calendário festivo desses municípios, embora o padroeiro nem sempre seja o homenageado em Círio.

Figura 45 – A ocorrência de Círios de Nazaré no nordeste paraense e Região do Marajó



Fonte: Elaborado pelo autor

Embora esta pesquisa tenha mostrado que é possível equiparar esse modelo padrão a partir do que se tem no epicentro e núcleo histórico, os outros Círios apresentam os seus outros modelos com seus ajustes. Nesse caso, nossa tentativa

de análise comparativa evidencia esse padrão irradiado, mas sugere a visibilidade dos acréscimos dos lugares receptores desse Círio de Nazaré nos outros lugares, para onde esse modelo padrão se irradia, como evidenciamos em alguns exemplos, nesta pesquisa.

Nos vários estudos sobre patrimônio cultural e políticas preservacionistas no Brasil aparecem o Círio de Nazaré no estado do Pará, mais precisamente o de Belém. Trabalhos como o de Henrique (2011) "*Do ponto de vista do pesquisador: O processo de registro do Círio de Nazaré como Patrimônio Cultural Brasileiro*", o autor demonstra como se deu o processo de inventariação realizado pelo IPHAN, no qual fez parte da equipe que realizou o estudo dos elementos essenciais do Círio de Belém.

Henrique (2011) faz um balanço depois de 7 anos após o registro do Círio como patrimônio imaterial, em que foram elencados os bens que fazem parte desse evento em sua antiguidade e tradição e alguns elementos que são associados ao Círio com periodicidade mais recentes, como o Arraial do Boi Pavulagem, a Festa da Chiquita e o Auto do Círio. Esses últimos elementos podem se tornar essenciais ou não após o passar dos anos (HENRIQUE, 2011).

Quanto à romaria fluvial se apresenta como recente dentro dos acréscimos que o Círio obteve juntamente com outras romarias que surgiram em função do crescimento da metropolização de Belém. Até aqui já são 15 anos após o registro do Círio de Belém e esses elementos associados continuam existindo na atmosfera do Círio da capital paraense, todos com seus discursos distintos na ocupação de um lugar dentro da patrimonialização do Círio.

O autor citado enfatiza algumas deturpações nos discursos dos representantes desses três elementos, ao assinalarem termos como "tombamento" do seu elemento cultural ou "patrimônio do Círio", pois o tombamento se difere do registro, conferindo o primeiro aos bens materiais (tangíveis), enquanto que o registro se refere ao bem imaterial (intangível).

O que se procurou congelar ou preservar pelos registros do patrimônio cultural e imaterial pelo vetor político-turístico foram os elementos constituintes da estrutura apresentada até o momento do Círio de Belém, com seu modelo festivo sacro-profano a partir dos elementos essenciais inventariados e registrados no Dossiê final do IPHAN, os quais foram enfatizados aqui nos quadros e nas figuras nos capítulos anteriores.

Essa inventariação que ocorreu em Belém procura enfatizar um Círio no estado do Pará; aquele que se tornou o centro e modelo da Metrópole, Belém, e por conta disso obteve a maior força motriz com os vetores que passaram a partir desse lugar. Em “A diversidade e os impasses da desmaterialização do patrimônio cultural”, Pelegrini (2007) mostra os impasses da constituição de como vem a ser o bem cultural patrimonializado em divergência com as questões emergentes da sociedade no século XXI, analisando as políticas públicas de preservação do patrimônio, tendo também a festa do Círio em Belém como ponto central.

Sobre essas tensões em volta do bem imaterial a ser registrado, Henrique (2011) mostra a relação da presença da Festa da Chiquita como bem associado ao Círio e o discurso contrário da Diretoria da Festa do Círio de Belém, uma das três entidades que solicitaram o registro:

No campo dos constrangimentos, cito aquele que foi, a meu ver, o maior de todos, motivo de calorosas discussões com os membros da Diretoria da Festa: a manifesta vontade dos diretores no sentido de excluir do inventário e do dossiê final a *Festa da Chiquita*, vista por eles como prática profana, ofensiva, sem relação alguma com o Círio de Nazaré (HENRIQUE, 2011, p. 331).

Outra tensão que observamos ocorre no campo conceitual, a respeito do Círio como bem religioso ou cultural. Henrique (2011) enfatiza que embora o Círio de Nazaré esteja dentro de uma celebração religiosa, o mesmo deve ser entendido como um bem cultural. Daí a tensão entre o religioso e o profano (cultural):

o IPHAN, com base no avanço teórico da discussão sobre a noção de patrimônio, chamava atenção para o necessário alargamento da compreensão dos significados daquela prática que, tradicionalmente, era definida como “religiosa”, mas que agora e, principalmente para os fins do dossiê, precisava ser pensada como “prática cultural” de natureza imaterial, portadora de múltiplos sentidos, inclusive o religioso (HENRIQUE, 2011, p. 333)

Cruz (2011), em “A Patrimonialização do Patrimônio” nos chama a atenção para a problemática do registro e do tombamento, pois o primeiro ocorre sobre algo que é intangível relacionado à cultura dos povos com seus valores, hábitos, costumes, ritmos, danças e diversas formas de expressão. A questão que surge é: como salvaguardar aquilo que é intangível e que é mais flexível em sua dinâmica performática do que aquilo que é material? Dentro desse contexto que entra a

religiosidade com suas diversas formas de entender um universo complexo que as ciências positivistas negligenciaram (como mostramos no início dessa pesquisa).

A autora ressalta a problemática de se preservar a partir de um registro feito pelos órgãos de patrimonialização, algo que é imaterial, pois a dinamicidade daquilo que é cultural se enquadra nas mudanças que são inerentes as relações sociais. Mesmo que o registro seja realizado, a dinâmica das relações sociais podem imprimir outras nuances àquilo que foi estabelecido como patrimônio.

Por isso que podemos afirmar que os elementos que são essenciais em um Círio podem ser secundários em outros e vice-versa. Bem como podem sofrer modificações ao longo do tempo, como ocorreu com o anjo do Brasil que se apresenta como um elemento essencial do cortejo religioso do Círio de Vigia e foi retirado do Círio de Belém, junto com outros elementos que desapareceram por não possuírem a força de resistência que outros elementos tiveram de certa maneira.

Oliveira (2013) ao ressaltar os caminhos que os órgãos de governo, no Brasil, realizam no processo de patrimonialização de bens culturais, critica a supervalorização de exclusividades seletivas pelos que estão a frente do processo. O autor chama a atenção para algumas formas materiais supervalorizadas, bem como algumas nuances de rituais da cultura que já são emblemáticas e tendem a serem as marcas generalizadas pelos órgãos responsáveis que as elegeram, os quais passam a se constituírem como “selos”. Silva (2016), ao analisar o pensamento de Oliveira (2013) conclui que:

estes são os patrimônios registrados pelos órgãos técnicos governamentais, que possuem certificações oficiais de tombamento ou salvaguarda que promoveriam uma identificação cultural de uma dada coletividade. Sendo que o autor, afirma que esses reconhecimentos oficiais, em muitos casos, ocorrem sem a participação dos sujeitos produtores da manifestação cultural, fragilizando o processo patrimonial contemporâneo (SILVA, 2016, p 159).

No caso da Marujada, dentro da atmosfera da festividade nazarena em Bragança, podemos considerar não como um elemento essencial, mas como o IPHAN determina a alguns elementos do Círio de Belém que se apresentam como bens associados. A Marujada como um bem cultural se associa a festividade nazarena com a presença marcante de São Benedito. O que Belém rejeitou no passado, em Bragança passa a ser um elemento peculiar da sua cultura religiosa englobando o período da festividade do seu Círio de Nazaré.

Nesse sentido, nos debruçamos sobre uma imagem criada ou inventada sobre o Círio no estado do Pará, pois essa imagem não dá conta do complexo ritual que a devoção nazarena criou, também, nos lugares por onde ela foi irradiada.

Essa imagem estaria relacionada a uma patrimonialização específica do Círio de Belém com seus elementos inventariados. Oliveira (2013) chama a atenção sobre um patrimônio, sem a presença de uma oficialização pelos órgãos governamentais, os quais o autor denomina de “salas” em detrimento dos selos técnicos. Essas salas repercutem as subjetividades e as formas de resistência de um patrimônio ainda invisibilizado ou negligenciado pelas políticas preservacionistas do patrimônio material e imaterial no Brasil.

Esses elementos identitários desses outros Círios ainda não fazem parte de políticas de preservação. Tais elementos ainda existem e se mantêm pela insistência e resistência de grupos de sujeitos que reivindicam seus espaços dentro da festa nazarena, constituindo parte dos elementos da paisagem devocional e do lugar simbólico.

Essa imagem editada, sobre o Círio no estado do Pará, reverbera um exotismo ainda relacionado aos povos primitivos em suas demonstrações de fé com os ex-votos, o sacrifício corporal na corda, a culinária etc. Isso tudo serve de espetacularização de uma imagem que é publicizada e difundida pelo vetor político-turístico e midiático-ecossistêmico.

Nos dizeres de Henrique (2011) podemos perceber tais elementos relacionados com essa imagem que se tem do Círio que é propagado a partir do epicentro:

Muitas vezes o Círio é apresentado ou veiculado na grande mídia a partir do exotismo associado aos homens da Amazônia, em que as imagens das múltiplas embarcações na procissão fluvial, devotos carregando “ex-votos” não menos exóticos à cabeça, o empurra-empurra na corda, tornam-se atrativos para incrementar determinados setores da economia local via turismo religioso. (HENRIQUE, 2011, p.340).

O autor a cima nos chama a atenção sobre a presença dessa imagem estar associada aos modos de vida das populações locais tradicionais e ao mesmo tempo, paradoxalmente, as mesma serem excluídas do patrimônio do Círio de Nazaré “por razões bastante diferentes daquelas que movem o setor imobiliário ou comercial” (idem). Além disso, existem outros discursos que partem de alguns seguimentos das

elites eclesiásticas com seus ordenamentos sobre o evento que deve ser mais religioso do que cultural.

Para além dessa imagem, que parte da patrimonialização do Círio de Belém com seu registro pelo IPHAN, há a ocorrência de inúmeros Círios espalhados pela Amazônia e outras regiões brasileiras (como procuramos demonstrar até aqui), seja pela influência do Círio de Belém, seja por outros fatores de formação socioterritorial. Envolvendo migrantes paraenses, ou que envolveu a irradiação da fé católica pelo vetor mítico-religioso (através da administração das dioceses); do turismo enquanto atividade moderna (responsável pelos desdobramentos do *trade*) e outras ações governamentais relacionadas a programas de governos com seus *marketings* políticos e ações mediatizadas pelos recursos telecomunicacionais.

Ainda é preciso apresentar uma imagem do Círio no estado do Pará que dê conta de uma festividade dinâmica que não acontece só na Metrópole Belém, embora essa seja o epicentro da difusão e irradiação. Os outros Círios espalhados para além de Belém e Vigia trazem outros elementos representativos dos seus lugares-simbólicos, que passam a reclamar suas visibilidades a partir da mesma devoção nazarena. Estabelecer uma conceituação do Círio no estado do Pará se apresenta como uma tarefa complexa a partir dos inúmeros Círios que se tem por aí, embora tenhamos os pontos em comum de um modelo criado a partir do Epicentro e do núcleo histórico.

Esses modelos servem apenas de base para entendermos uma parte do que é o Círio no estado do Pará, pois se torna mais evidente acompanhar a interpretação de um Círio local e aprofundar em suas especificidades. Porém, para se estabelecer uma análise comparativa com outros Círios é preciso estabelecer os critérios e parâmetros, como procuramos demonstrar aqui neste trabalho. Mesmo assim são apenas parâmetros de um esforço teórico e didático; talvez outros parâmetros sejam realizados para outros modelos que apresentem elementos constituintes diferenciados.

São esses modelos que procuram realizar outra imagem do que vem a ser o Círio como um todo no estado do Pará, pois o Círio que ocorre no Rio de Janeiro, em São Luís do Maranhão, em Recife etc., são partes de uma devoção que leva a marca paraense com seus elementos essenciais. Essa imagem constituída do Círio de Nazaré, mesmo com o registro pelo IPHAN, não deixa de ser o que procuramos

demonstrar aqui como ciriodificação, quando o manto da Senhora de Nazaré se espalha em um raio de ação para além do seu epicentro e consegue chegar onde a devoção nazarena, com sua irradiação, se fixou e alcançou a partir dos vetores identificados neste trabalho de pesquisa.

Nesse sentido, cada Círio com sua estrutura leva consigo as marcas do início da devoção nazarena em Vigia e depois Belém, os quais passaram a transmitir, a partir de uma linguagem única, os sentidos de uma devoção aos santos (as) católicos (as) que se mantém na contemporaneidade.

Esse fenômeno do Círio de Nazaré e sua ciriodificação no nordeste do Pará vem transformando os lugares e implementando uma paisagem devocional sacro-profana e envolvendo os sujeitos distintos em uma grande festa, que é o Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno a respeito do Círio de Nazaré, que foi enfatizado nesta pesquisa como parte do nosso objeto de estudo, transforma as relações sociais do lugar em que acontece essa festa ou festividade sacro-profana, modificando o seu cotidiano em um tempo que passa a acompanhar os preparativos e a execução dos inúmeros eventos dentro do Círio, enquanto totalidade.

Além da paisagem que se transforma em vários aspectos físicos em sua aparência e essência com sua sonoridade, seus odores etc., também o lugar simbólico é marcado por um tempo extraordinário que a festa proporciona com elementos identitários que unem os sujeitos aos elementos e objetos daquele lugar em um sentimento de pertença. Os elementos identitários do lugar são reavivados subjetivamente e coletivamente no acontecer do Círio de Nazaré, nos vários municípios paraenses em que o processo de irradiação se fez fixar nos mesmos.

Surge aí as reciprocidades, as sociabilidades e solidariedades, dignas do lugar, enquanto espaço do vivido (TUAN, 1983). O Círio é um dos elementos culturais de cunho imaterial que cria um vínculo socioterritorial aos lugares. O período do Círio funciona como uma diáspora amazônida, quando o sujeito que migrou volta para a terra natal para se confraternizar com a família e cear durante o almoço do Círio com amigos e familiares.

Nossa premissa maior, além de destacar e interpretar o Círio de Nazaré, foi demonstrar seus comparativos dentro do nordeste paraense a partir dos dois Círios mais antigos que deram origem a tradição da devoção nazarena e que se institucionalizou nos moldes da Igreja Católica e do Estado.

A irradiação do Círio de Nazaré, a partir de um epicentro bipolar formado por dois lugares simbólicos onde se originou esse evento sacro-profano, chamado “Círio” na Amazônia brasileira, foi se multiplicando, principalmente, a partir da década de 1970 para outros lugares próximos da região metropolitana de Belém e para fora do estado do Pará. Para essa “influência”, que os Círios originários possuem em outros lugares que passamos a denominar de *ciriodificação*, que apresentamos como elemento central desta tese.

Dessa influência do Epicentro e do núcleo histórico conseguimos identificar, em alguns Círios, os elementos essenciais e identitários de Vigia e Belém, referenciados

aqui, também como geossímbolos a partir de uma abordagem da relação homem-meio (Terra). Esses elementos são transportados para os outros Círios, identificados a partir de uma metodologia que procurou comparar e experimentar o modelo padronizado dos Círios de referência aqui. Somando-se ao modelo de Vigia e Belém, os elementos peculiares dos lugares por onde o Círio de Nazaré se fixou.

Primeiramente procuramos entender o Círio de Nazaré no estado do Pará partindo dos Círios de Belém e Vigia, pioneiros dessa devoção na Amazônia Oriental. Nessa perspectiva, realizamos algo que se apresenta como um risco metodológico que foi essa comparação entre esses dois Círios para termos uma aproximação de um modelo padrão, para depois compararmos com outros Círios como o de Castanhal e Bragança, respectivamente.

Foi preciso enquadrar o Círio de Nazaré dentro de uma abordagem que referendamos com a Geografia Cultural e Humanista, passando por uma Geografia da Religião em que o elemento religioso, relacionado ao sagrado, se dilui em uma seara que envolve outras intencionalidades e fazem do Círio um recurso turístico e patrimônio no estado do Pará.

Nosso objetivo principal não era o fenômeno do Círio em si, como procuramos deixar evidente desde a introdução, pois estudar o Círio de Nazaré no estado do Pará passou a ser uma tradição vinculada ao Círio de Belém como nos diversos trabalhos que se tem atualmente. Nossa pretensão foi mais ousada: transitar por diversos Círios dentro de um recorte regional (não só da extensão, mas de uma regionalidade factual), comparando com o modelo de Belém e Vigia. Mesmo que isso tenha ocorrido de forma superficial dentro dos exemplos trabalhados aqui, como nos Círios de Castanhal e Bragança, nossa busca pelo fenômeno central desta pesquisa nos permitiu a comparação a partir de uma paisagem devocional, dos elementos carnavalizantes e culturais que fazem parte da atmosfera sacro-profana do Círio no estado do Pará. Tudo isso foi demonstrado nos quadros em que estão contidos elementos essenciais dos cortejos religiosos, as atrações culturais, os itens da paisagem e do lugar simbólico etc.

Nossa trajetória chegou até o processo de irradiação e difusão desse modelo padrão para outros lugares, culminando com o processo e fenômeno *ciriodificação*.

Esse movimento de irradiação do Círio de Nazaré, nos permite evidenciar uma espacialização desse evento nos lugares que o recebe. Podemos ressaltar que muitos

Círios, dos quais tivemos acesso em nossa caminhada e participação, carregam as influências dos Círios de Belém e Vigia nas suas paisagens devocionais e tempo das suas festividades, principalmente no nordeste paraense, onde estabelecemos nosso recorte regional.

Deixamos claro, desde o início de nossa abordagem, que o fenômeno da *ciriodificação* é mais evidente próximo e nos arredores do epicentro e do núcleo histórico dessa devoção nazarena, devido ao avanço das tecnologias da informação com a TV e a internet, um melhoramento da interligação da malha rodoviária partindo de Belém como capital do Pará via Br 322 e os vetores político-turístico bastante evidente nas intensões de planejamento dos territórios dos municípios paraenses. Além desse vetor, o mítico-religioso e o mediático-ecossistêmico exercem um papel fundamental do acesso a devoção e cultura que dissemina para além do epicentro do Círio de Nazaré.

Por outro lado, paradoxalmente, a distância e o difícil acesso ao epicentro como ocorre em alguns lugares na Ilha do Marajó, fez com que o Círio passasse a se fixar nos mesmos, com a facilidade de realização da festividade nazarena em seus próprios territórios, como no exemplo em Anajás-Pa.

Outros fatores relacionados aos vetores que procuramos analisar baseado no trabalho de Oliveira (2011) vislumbraram o aspecto turístico dos Círios de Nazaré para os lugares. Ou seja, o Círio fixado em um determinado lugar seria mais uma alternativa para difundir outras características que aquele lugar possui em que o Círio acrescentaria com sua festividade, como as feiras artesanais, as comidas típicas, além da maniçoba e o pato no tucupi.

Nesses vários Círios é criado um campo religioso e cultural, em que se encontram dentro do mesmo, diversos sujeitos com suas intencionalidades distintas e conflitantes, como foi abordado em diversos trabalhos sobre o Círio no estado do Pará, nos mais variados recortes em torno desse objeto de pesquisa (ALVES, 1970; MAUÉS, 1985; PANTOJA 2006, SIQUEIRA 2013, SERRA, 2014, FIGUEIREDO, 2005 e outros). Esse campo religioso e cultural estabelece as territorialidades quando o território emerge como categoria e conceito geográfico central de muitos trabalhos de pesquisa sobre a festividade nazarena.

Essa difusão/irradiação do Círio de Nazaré amplia fronteiras e influencia diversos eventos religiosos da doutrina católica, não só à Senhora de Nazaré, mas

em homenagem a outras titularidades de Maria e outros santos (as) católicos (as) em que se vê a corda e a berlinda como elementos essenciais de Belém e Vigia. Pois é justamente esse modelo sacro-profano que é irradiado e ao mesmo tempo difundido a partir dos três vetores responsáveis pela força motriz: vetor mítico-religioso; político-turístico e o midiático-ecossistêmico, como procuramos enfatizar no quarto capítulo desta pesquisa.

Esse fenômeno que compreende o Círio e sua edificação (Círio + edificação = ciriodificação) com seu modelo festivo, acontece, também, pela propagação da fé católica. Pois pode partir de uma intencionalidade da Igreja Católica de difundir essa fé e devoção à mãe de Jesus, intercessora entre os devotos da santa e o seu filho. Desde a colonização portuguesa, houve o aumento dos domínios católicos em vários lugares, até então, desconhecidos dentro da Amazônia.

Entretanto, outras nuances, relacionadas aos serviços comerciais ligados ao turismo, festas profanas etc., fogem do controle da Igreja Católica, como um todo. Essa intenção mítico-religiosa se difundiu, também, com os próprios devotos da santa em outros lugares espalhados pela Amazônia ou para fora dessa região, onde os paraenses passam a realizar seus círios de Nazaré em outras paragens como numa tentativa de lembrar a terra natal e trazer para perto de si a devoção nazarena.

Outro vetor dessa irradiação do epicentro para outros lugares tem haver com a midiáticação que o Círio de Nazaré passou a ter com o advento da televisão e da internet a partir da década de 1970 (ALVES, 2013).

Esse fenômeno é difundido através desses três vetores para outros lugares e se estabelece no espaço possibilitando a imitação e padronização de um Círio paraense com seus elementos identitários desde a colonização portuguesa. Isso ocorre quando o colonizador europeu se depara com o misticismo da floresta com seus rituais relacionados aos povos primitivos e os africanos escravizados na colônia brasileira. Esses dois últimos emprestam e ao mesmo tempo impõem sua participação nos rituais que a Metrópole portuguesa traz para a Amazônia em forma de devoção à Senhora de Nazaré. Toda essa miscelânea culmina com o que temos hoje sobre os Círios de Nazaré na Amazônia paraense.

Porém, reafirmamos que o modelo padrão também se encontra com suas distorções, quando os elementos identitários dos lugares para onde o Círio se irradiou apresentam os seus acréscimos pelas suas especificidades e vicissitudes. Os

simbolismos, as outras subjetividades e relações sociais que os sujeitos possuem com o seu lugar, são imprescindíveis para os ajustes que o Círio sofre ao ser irradiado. Isso nos faz lembrar às culturas híbridas de Cancline (2004).

Esse tempo do evento que utiliza o espaço geográfico e o transforma, mesmo que de forma efêmera, estabelece inúmeras relações sociais, em que os elementos identitários do próprio movimento sacro-profano afloram na paisagem e no lugar simbólico, projetando um Círio amazônico com uma paisagem amazônica.

A projeção do Círio de Belém pelo vetor mediático – ecossistêmico proporcionou uma maior dimensão do fenômeno que partiu de seu Epicentro pela força da Metrópole, não só no nordeste paraense, mas também para o restante do Brasil e do mundo inteiro pelo sufrágio da tecnologia informacional via televisão e internet e nos diversos dispositivos móveis da atualidade.

Esse novo contexto faz com que a relação entre homem e meio seja suprimida por um espaço virtual, não físico, mas no plano das notícias, das mensagens, das imagens e áudios, por onde a tecnologia na pós-modernidade estabeleceu como cybercultura muito vinculada a rede mundial de computadores com seus aplicativos, redes sociais etc.

Pelo vetor político – turístico são atraídos cada vez mais sujeitos interessados nesse fenômeno socioespacial em que o turismo religioso passa a ser, também, um turismo de massa, organizado e moderno. Nesse interim os santuários, as festividades religiosas (sacro-profanas), passam a ser turistificadas em seus acessos físicos e devocionais.

O Círio de Nazaré, com a sua irradiação, compreende uma dinâmica em constantes desdobramentos que pode culminar em diversos resultados, ao mesmo tempo em que continua sofrendo alterações com sua dinâmica festiva. Enquanto resultado da irradiação, os outros Círios continuam sendo moldados pelos interesses de uma cultura que é constantemente dinâmica e híbrida, uma vez que se soma e se adapta aos movimentos locais. Os diversos Círios que foram surgindo em outros lugares, como procuramos destacar aqui, a partir da década de 1970, estão relacionados a motivações desses sujeitos envolvidos.

Nenhum Círio surge por acaso, e isso se tornou possível, empiricamente, ao observarmos uma espacialização dessas festividades sacro-profanas em grande parte do nordeste paraense. Daí surge um pressuposto para uma regionalização do

estado do Pará pelo processo de ciriodificação. Neste, o Círio de Nazaré cria uma atmosfera sobre o manto da Senhora de Nazaré, mesmo que a padronização encontre-se distorcida pelos acréscimos dos lugares, a regionalização cria um recorte dentro desse campo cultural e religioso em que as identidades, os simbolismos relacionados à religiosidade e cultura dos povos da região da Amazônia paraense, ainda estão emersos a essa grande festa e festividade que é o Círio de Nazaré.

O Nordeste paraense recortado aqui, para a geograficidade (DARDEL, 2011) pretendida em nosso recorte regional, se justifica pelo fato do epicentro do fenômeno se fazer presente nessa parte do estado do Pará, junto com o seu núcleo histórico, pois Belém se apresenta nesta pesquisa como o centro que expande um modelo festivo-devocional do Círio de Nazaré devido à força que possui pelo caráter de metrópole. Porém, reafirmamos que a origem do Círio de Nazaré na Amazônia se dá em Vigia, enquanto início da devoção nazarena, enquanto ações embrionárias, antes mesmo da oficialização do primeiro Círio em Belém. Daí a denominação desse município como núcleo histórico da devoção nazarena na Amazônia (BETENDORF, 1908; MAUÉS, 1985; COELHO, 1998, 2001). Ambos os municípios do Epicentro e do núcleo histórico carregam as marcas dessa devoção, bastante utilizada em seus discursos midiáticos para angariar fiéis, devotos e turistas.

Esse parâmetro que estabelecemos em metodologia didática para se enxergar uma região devota da Senhora de Nazaré está subscrita na paisagem devocional que procuramos mostrar ao longo dos capítulos, em que o espaço e o tempo adquirem em uma nova feição e fisionomia, exclusiva para o momento do Círio. Essa paisagem, enquanto conceito, elencada nos capítulos desta pesquisa “desde os primórdios da ciência geográfica [...], ao instrumentalizar a compreensão de espaço, é visto como uma fonte de unidade e identidade à Geografia, mesmo que a noção de paisagem não seja algo exclusivo dessa disciplina” (SILVA, 2016, p. 43).

A presença dessa paisagem devocional com o modelo festivo cultural do Círio de Nazaré nos faz refletir sobre uma proposta de regionalização a partir dessas festividades sacro-profanas que deva interessar aos planejadores de diversos setores da sociedade, seja da Igreja, dos Governos e do Mercado. Nessa perspectiva, o turismo e o patrimônio se aglutinam nos lugares a fim de dar sustentabilidades ecossistêmicas para as condições humanas dos sujeitos envolvidos.

Existe um espaço próximo do epicentro e do núcleo histórico dessa devoção nazarena que está sob o manto da Virgem de Nazaré e que vem sendo objeto de tensões, de solidariedade e negociações dentro desse campo religioso que procuramos demonstrar aqui, durante a abordagem empírica no desenvolvimento deste trabalho.

Essa “região”, enquanto conceito nos faz refletir sobre um caminho que seguiu uma grande dinâmica epistemológica dentro da concepção de ciência da Geografia quando as correntes de pensamento classificavam áreas de predominância da cultura humana sem que permitisse incorrer a uma dinâmica que modificaria a região dada (MOREIRA, 2010). A região apresentada aqui parte de uma subjetividade socioterritorial desde a colonização portuguesa na Amazônia, onde sobressai uma identidade ligada ao rio e a floresta com suas explicações mitológicas reverberadas nos Círios católicos. Nessa perspectiva que elucidamos uma região como dinâmica, mas que recebe a marca de uma feição fisionômica dessa identidade cultural a qual se moldou nos processos históricos e geográficos.

Isso nos permite apontar sugestões para fins de políticas regionais em se tratando do fenômeno circundação em andamento. Essa proposta de regionalizar, pelo viés do Círio de Nazaré, nos permite apontar onde podem estar esses outros Círios espalhados pelas dioceses e paróquias em que a irradiação alcançou e expandiu um patrimônio imaterial.

Esse patrimônio se apresenta como complexo quando se tenta criar uma única imagem sobre o que é o Círio no estado do Pará. Procuramos dialogar com o conceito atual de Círio referendado por alguns autores, quando nos referimos a um complexo de rituais imerso em uma atmosfera festiva sacro-profana, em que a paisagem e o lugar simbólico são apreendidos por esse grande evento, ou grande festa, chamado de Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Henrique (2011) ao falar do Círio de Nazaré de Belém, como patrimônio e marca da cultura dos paraenses e do Brasil, destaca que é “uma experiência religiosa e cultural de múltiplas cores, credos, interesses, expressão de fé e marca significativa da identidade dos paraenses. Ao mesmo tempo, na medida em que reúne elementos das culturas negra, portuguesa e indígena [...]” (HENRIQUE, 2011, 343). O autor parte desses elementos da identidade paraense e amazônica para ir se estendendo a uma identidade nacional, o que justificaria o seu reconhecimento como patrimônio cultural

do país.

Falar sobre o Círio de Nazaré no estado do Pará nos faz recair na imagem projetada a partir do Círio de Belém, mesmo que o Círio de Vigia esteja embaçado na imagem que se criou na mídia sobre o que vem a ser o Círio de Nazaré. Nesse sentido, é necessário apresentar de forma mais consistente, os outros Círios espalhados pelos diversos lugares que a irradiação passou a estabelecer.

Nossa maior pretensão aqui foi de falar sobre esses Círios (no plural) e a irradiação dos mesmos, bem como acontecem, culminando com o fenômeno ciriodificação nos lugares que receberam e fixaram o Círio de Nazaré. Entretanto, esta pesquisa não se esgota aqui, em função da dinamicidade dos fenômenos em tela, seja o próprio Círio de Nazaré com seu cortejo religioso principal e seus complexos de rituais e romarias com festividades culturais, seja o fenômeno ciriodificação que possui a fluidez digna da cultura em sociedade ao se remodelar, recriar e se ressignificar.

Nosso modelo didático, criado nos quadros metodológicos e visualizado em outras ilustrações, na tentativa de buscar uma realidade que é selecionada, procurou identificar elementos ditos essenciais, secundários e de níveis distintos dentro da atmosfera dos Círios de Belém e Vigia (nossos Círios como referências).

Nossa tentativa aqui não restringe essa tese como um único viés para se entender o Círio na Amazônia Oriental e no estado do Pará, muito menos o que acontece, especificamente, nos Círios de diversos municípios como apresentamos nos exemplos. Entretanto, procuramos identificar e classificar um modelo que se constituiu a partir de Vigia e Belém com seus eventos nazarenos.

Esse modelo, longe de ser o único ou uma lei geral, pode servir de parâmetro para se comparar a festividade de outros lugares em que possuem Círio de Nazaré, sem esquecer de elencar os acréscimos que esses outros círios criam em seus respectivos eventos.

Todavia, outra intenção da pesquisa foi se aproximar dessa imagem padrão criada ao longo do tempo pela patrimonialização e midiáticação do Círio de Belém. Pois, ao apreendermos a mesma passamos a desvelar como muitos elementos peculiares dos lugares - que foram acrescentados a festividade nazarena - não aparecem no espelho midiático que estabeleceu esse Círio midiaticado e globalizado, como homogêneo.

À guisa do patrimônio, é preciso estabelecer: para que e para quem está sendo patrimonializado, e como a preservação do que é imaterial deve acontecer?

Essas inquietações fazem parte do estudo de muitos pesquisadores que possuem o patrimônio como objeto de suas pesquisas (PELEGRINE, 2010; HENRIQUE, 2011; SILVA, 2016; OLIVEIRA, 2013). Esses estudos apontam para um processo que nem sempre inclui os principais envolvidos no patrimônio a ser oficializado, seja nos registros ou nos tombamentos.

Há um conflito permanente entre Igreja e as festas profanas. Em Belém, algumas delas estão associadas ao Círio e já foram objeto de disputas por territórios ao deslocarem uma delas para longe dos elementos do Círio. Elementos que não são considerados essenciais pelas políticas preservacionistas tendem a continuar invisibilizados e com o tempo podem desaparecer, como nos Círios de Bragança, Castanhal e Vigia, pois muitas alegorias surgem no Círio de Belém desapareceram, além de alguma festa ou ritual.

A essencialidade do elemento cultural, seja ele material ou imaterial, depende da articulação que o mesmo possui dentro da complexidade do jogo de intenções distintas da festividade. Depende da força, da resistência devocional ou cultural que o bem material ou imaterial, apresenta na contemporaneidade. Elementos como a corda, com uma significância mítico-religiosa, passaram a ser essencial até o momento, pela resistência que os devotos promesseeiros incutiram no movimento do Círio de Nazaré.

Essa mesma corda devocional, em que os devotos pagam suas promessas em sacrifício corporal à santa, é midiaticizada como recurso exótico para um turismo cultural, assim como outros elementos exóticos entram nesse bojo da cena ou imagem que deve ser veiculada, comercializada pelos distintos sujeitos.

Dentro desse espaço simbólico as resistências e persistências ganham forças de acordo com o desenrolar dessas intencionalidades dos sujeitos envolvidos, em uma seara em que o sagrado e o profano andam juntos, se complementam e se afastam ao mesmo tempo. Isso faz do Círio de Nossa Senhora de Nazaré um grande fenômeno, pela sua complexidade mergulhada nas lentes de diversas áreas do conhecimento científico e pela sua grandiosidade em fluidez devocional.

Além do mais, o Círio se tornou um grande espetáculo de rua com seus elementos performáticos relacionados à Berlinda com a santa, a corda dos

promesseiros, os carros alegóricos, as festas culturais e artísticas, as feiras, os museus etc. Tudo isso faz com que uma multidão tome conta dos lugares em que o fenômeno *ciriodificação* ocorre e vai ocorrendo, dinamizando o espaço com sua paisagem devocional e lugar simbólico.

Falar de Círio de Nazaré, atualmente, no estado do Pará é falar dos vários Círios espalhados pelo seu território, que deu origem para os Círios de Nazaré de outros lugares dentro dos estados da federação brasileira. Discutir sobre esse fenômeno, hoje, é compreender que existe uma irradiação do modelo festivo sacro-profano de um epicentro e núcleo histórico da devoção nazarena na Amazônia Oriental.

Percorremos, até aqui, um roteiro dentro da região nordeste do estado do Pará em que o ciclo de Círios se apresenta como o próprio fenômeno *ciriodificação*. Esse ciclo, dinâmico, faz atualizar a imagem complexa que devemos enxergar do Círio de Nazaré.

Essa pesquisa procurou dar a sua contribuição para se entender e interpretar, pelas lentes da Geografia Cultural de base humanista, um evento sacro-profano, que se multiplica, se reinventa e se regionaliza em um momento o qual a geografia recupera os conceitos de região e paisagem, esquecidas pela racionalidade dos métodos científicos.

Entender o Círio e sua *ciriodificação*, pela paisagem, o lugar e a região que o mesmo vislumbra, nos dá a possibilidade de lermos as impressões, as marcas, os sentidos e as imagens que são projetadas por uma cultura que é peculiar na Amazônia Oriental, leia-se, nordeste paraense. Essas marcas impressas na paisagem e legitimadas pelas relações sociais do lugar simbólico dão a Geografia Cultural um mote para se interpretar as experiências culturais em uma escala além do local. Dessa espacialização do Círio de Nazaré, temos um dado regional, marcado por esses elementos que o Círio amazônico passou a possuir desde a sua vinda de Portugal.

REFERÊNCIAS

ABUMANSUR, Edin S. (Org.). **Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

ALMEIDA, I. M. **Revisitando o Círio de Nazaré a partir da lente sociológica de Eidorfe Moreira**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 10, n. 3, p. 591-604, set./dez. 2015.

ALVES, I. **O carnaval Devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém**. Petrópolis: Vozes, 1980.

ALVES, I. **A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré**. Estudos Avançados, São Paulo, v.19 n.54, 2005.

ALVES, R. **Círio de Nazaré: da taba marajoara à aldeia global**. Dissertação (Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002.

ALVES, R. **O que é religião**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984.

AMARAL, R. **Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”**. Disponível em: [www: http://www.aguaforte.com/antropologia/festa_abrasileira/festa/](http://www.aguaforte.com/antropologia/festa_abrasileira/festa/) Acesso em: 12 de setembro de 2016.

AMARAL, J. M. F. **Círio de Nazaré – informações úteis e importantes**. Belém: Mendes Publicidade, 2003. São Paulo: EDUSP, 2004. São Paulo: Paulinas, 1985.

ARAGÃO, R. **A Natureza da Investigação Narrativa**. São Paulo: Editora UNIMEP; 1993.

ASSUNÇÃO, I. V. **O Discurso Religioso do Círio De Nazaré: Uma Dívida com o Sagrado**. Dissertação de Mestrado/ Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2012.

AZEVEDO, J. S. **Círio De Nazaré: A Festa Da Fé Como Comunhão Solidária: Uma Análise Teológica a Partir da Concepção de Fé de Juan Luís Segundo**. Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Teologia da FAJE. Belo Horizonte, 2008

AZEVEDO, N. S. **O fenômeno religioso na pós-modernidade**, jul. 2008. Disponível em: <http://religare.blogs.sapo.pt/35170.html>. Acesso em: 12 maio 2017.

BAENA, A. L. M. **Ensaio Corographico sobre a Província do Pará**. Belém: Typ. De Santos e Santos Menor, 1839.

BAENA, A. L. M. **Compêndio das Eras da Província do Pará**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969.

BERQUE, A. **Paisagem Marca, Paisagem Matriz**: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. IN: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendhal, Zeny (Eds.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

BETENDORF, J. F. **Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão**. Revista do IHGB, tomo LXXII, parte I (1909). Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1910.

BONNEMAISON, J. **Culture and Space: Conceiving a New Geography**. London: I.B Tauris & Co Ltd, 2005.

BONNEMAISON, J. **Les gens des lieux: histoire et géosymboles d'une société enracinée**: Ed., Les fondements géographiques d'une identité: l'archipel, 1997.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, P. **A identidade e a representação**: Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUENO, M. S.; FRUGOLI, R. **O Círio de Nazaré (Pará, Brasil): Relações entre o Sagrado e o Profano**. Turismo & sociedade. Curitiba, v. 7, n 1, p 135-155, jan. de 2014.

BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

CANCLINI, N.G. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CASSIRER, E. – **A Filosofia das Formas Simbólicas – I A Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2001 (original de 1923).

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. Tradução J. Guinsburg, Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CHELOTTI, M. C; PESSÔA, V. L. S. **Unidade na diversidade**: as múltiplas identidades encontradas em assentamentos rurais – Universidade Federal de Uberlândia. III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2005.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural**. 3 ed. Santa Catarina: UFSC, 453 p, 2009.

CLAVAL, P. **O tema da religião nos estudos geográficos**. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, n. 7, p. 37-58, jan./jun. 1999.

COELHO, G. M. **Uma Crônica do Maravilhoso**: legenda, tempo e memória no culto de Nossa Senhora de Nazaré. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998. 170 p.

COELHO, G. M. **Catolicismo devocional: o Culto da Virgem de Nazaré no Pará**. In: JANCON, Instiván; KANTOR, Íris (org.). Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Hucitec, 2001. (Coleção Estante USP – Brasil 500 anos 03).

CONTEL F. Betioli. **Os conceitos de região e regionalização**: aspectos de sua evolução e possíveis usos para a regionalização da saúde. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. São Paulo, SP, Brasil. Saúde Soc. São Paulo, v.24, n.2, p.447-460, 2015.

CORDEIRO, P. **As irmandades religiosas do município de Vigia**. Imprensa Oficial:. Vigia-Pa. 2013. Mimeo: 201 p.

CORREA, I. M. **Círio de Nazaré: a Festa da Fé e suas (Re) Significações Culturais – 1970/2008**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010

CORRÊA, R. L. **A territorialidade da igreja católica no Brasil–1800 e 1930**. Textos 1 Rio de Janeiro, UERJ/ NEPEC, 2003.

CORRÊA, R. L. – **Carl Sauer e a Escola de Berkeley – Uma Apreciação**. In Matrizes da Geografia Cultural, org. Z. Rosendhal e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Brasileiro Histórico e Geográfico do Rio. Publicado em 2009.

CORRÊA, R. L. **Espaço: um conceito-chave da Geografia**. In: Iná Elias de Castro et alli (org.): Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2005 [1995]. Pp. 15 – 47.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand: Brasil, 2003.113

COSTA, M. **“Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará”**. Tomo nº 6: 107-136. São Cristóvão-SE: NPPCS/UFS, 2003.

COSTA, M. **A Festa dentro da Festa**: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. Revista Campos, Curitiba-PR, v. 7, n. 2, 2006, p. 83-100.

CRUZ, E. **O uso da berlinda de Nossa Senhora de Nazaré**. Belém: UFPA, 1967.

CRUZ, R. A. **Patrimonialização do Patrimônio**: Ensaio sobre a relação entre Turismo, Patrimônio Cultural e produção do espaço. Geosp – Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 31, pp. 95 – 104, 2012.

DÁVILA, B. M. C. **Movimentos do catolicismo brasileiro**: cultura, mídia, instituição. 2005. 575 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Sociologia

do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra – Natureza da realidade geográfica**. Tradução: Wether Holzer - São Paulo: Perspectiva, 2011

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRIORE, M. L. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000. 136 p.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS-PARÁ. Site institucional. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/>. Acesso em: 23 out. 2017.

DIAS JUNIOR, J. W. **A Virgem de Nazaré Chora no Apeú**: A História da Romaria de Castanhal. Belém-Pa: Fundação Biblioteca Nacional do MINC. 163 p., 2008.

DI MÉO, G. (org.). **La Geographie en fêtes**. Editora Ophrys, 2001.

DUBOIS, F. **A devoção à Virgem de Nazaré em Belém do Pará**. Belém: Imprensa Oficial, 1953.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995. 223 p.

FERNANDES, J. **Paisagem cultural: de um espaço de reterritorialização a um recurso turístico**. *The Overarching Issues of the European Space*. Ed. Faculdade Letras Universidade do Porto, 2013. pag. 269-285

FIGUEIREDO, S. L. (Org.). **Círio de Nazaré: festa e paixão**. Belém: EDUFPA, 2005.

FIGUEIREDO, S. L. **Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia** – Belém: NAEA/UFPA, 1999.

FIGUEIREDO, V. L. **A fé que caminha sobre a terra e as águas**: Os roteiros Devocionais do Círio de Nazaré e suas manifestações espaciais. UECE/Fortaleza, 2013. Dissertação de Mestrado.

FRATUCCI, A. C. **A Dimensão Espacial nas Políticas Públicas Brasileiras de Turismo**: as possibilidades das redes regionais de turismo. Tese (doutorado em geografia). Niterói: UFF, 2008.

GOMES, P. C. C. **O conceito de região e sua discussão**. In: CASTRO, I. E. et al. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 49-76.

GONÇALVES, C.W.P. **Amazônia, Amazônias**. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, M. S. (Org.). **Caminhos para Ler Eidorfe Moreira**. In: MOREIRA, Eidorfe. *Ideias para uma concepção geográfica da vida*. Belém: SEMEC, 2012. P. 213- 269.

HALL, S. **Representations. Cultural Representations and Signifying Practices**. London, Routledge Publications, 1997.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2004.

HAESBAERT, R. **Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas**. ANTARES, nº 3 – Jan/jun 2010.

HENRIQUE, M. C. **Do ponto de vista do pesquisador: o processo de registro do Círio de Nazaré como patrimônio cultural brasileiro**. *Amazônica*, n.3, v. 2. p: 324-346. 2011.

HOBSBAWM. E. **Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN, Ministério da Cultura. **Círio de Nazaré – Dossiê – Volume I**, Belém, 2006.

WRIGHT, J. K. **Terra e Incognitae: O lugar da imaginação na Geografia**. *Geograficidade*, v 4, n. 2, inverno 2014.

JURANDIR, D. **Belém do Grão Pará** (Romance). São Paulo, Livraria Martins, 1960.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Perrópolis, RJ : Vozes, 2000.

LATOOUR, B. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe (i) tiches**. Bauru: EDUSC, 2002.

MATOS, L. S. **A Festividade do Círio de Nazaré e as transformações do Arraial: Novas Práticas De Lazer Na Afirmação Do Turismo Religioso**. *Licere*, Belo Horizonte, v.13, n.4, dez/2010.

MAUÉS, R. H. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico**. Belém: Cejup, 1995.

MAUÉS, R. H. **Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém, Cejup, 1999.

MAUÉS, R. H. **O homem que achou a Santa: Plácido José de Souza e a devoção à Virgem de Nazaré.** Belém: Alves Gráfica e Editora, 2009.

MAUÉS, R. H. **Almoço do Círio: um banquete sacrificial em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré.** *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 36 (2): 220-243, 2016.

MAUÉS, R. H. e PANTOJA, V. **O Círio De Nazaré na Constituição e Expressão de uma Identidade Regional Amazônica.** *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, N. 24, P. 57-68, Jul./dez. de 2008

MAY, T. **Pesquisa Social: Questões, métodos e processos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEDINA, J. C. C. **Re-construcción de la cultura y del espacio turístico in: BRASILEIRO, Maria Dilma Simões et alli. Turismo, cultura e desenvolvimento – Campina Grande: EDUEPB, 2012. p. 21-48.**

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOMBELLI, S. (1976), **Valores Religiosos do Círio de Nazaré.** Belém: Universidade Federal do Pará.

MONTARROYOS, H. **Festas profanas alegrias ruidosas.** Belém: Falângola, 1992.

MONTERO, P. **O problema da cultura na Igreja Católica contemporânea.** *Estudos Avançados*, v.9, n. 25, p. 229-248, 1995.

MONTES, M. L. **As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.

MORAES, A. C. R de. **Geografia: Pequena História Crítica.** 20 ed., São Paulo: Annablume, 2005.

MOREIRA, E. **Visão geo-social do Círio.** Belém: Imprensa Universitária, 1971.

MOREIRA, R. **O Pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação.** Volume 1, 2 e 3. São Paulo: Contexto: 2010

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

OLIVEIRA, C. D. M. **Turismo, Monumentalidade e Gestão, Escalas e dimensões da Visitação Religiosa contemporânea** In: ABUMANSUR, Edin S. (Org.). *Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo.* Campinas: Papyrus, 2003.

OLIVEIRA, C. D. **Festas Religiosas, Santuários Naturais e Vetores de Lugares Simbólicos.** *Revista da ANPEGE*, v. 7, n. 8, p. 93-106, ago./dez. 2011.

OLIVEIRA, C. D. **Caminhos da festa ao patrimônio geoeeducacional: como educar sem encenar geografia?** 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014, 2014. v. 1. 237p.

OLIVEIRA, C. D. **Linguagens e Ritmos da Questão Patrimonial dos “Selos” as “Salas”:** um patrimônio geográfico em construção. *Geograficidade*, v. 3, p. 19-32, 2013.

PANTOJA, V. **Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré.** Dissertação (Mestrado) – Belém: Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2006.

PAES, A. A. **Tecendo os Fluxos da Matéria:** Ex-votos no Círio de Nazaré em Belém do Pará. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 14, n. 34, p. 155-173, ago./dez. 2013.

PASSOS, M. (org.). **A festa na vida: significado e imagens.** Petrópolis: Vozes, 2002.

PELEGRINI, S. C. **A diversidade e os impasses da desmaterialização do patrimônio cultural.** Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

PRIORE, M. D. **Religião e religiosidade no Brasil colonial.** São Paulo: Ática, 1994. p. 5-72.

REQUENA, J. G. **El discurso televisivo:** espetáculo de la posmodernidad. Madrid: Cátedra, 1988.

ROQUE, C. **História geral de Belém do Grão-Pará.** Belém: Distribel, 1974.

ROSENDHAL, Z. **“Espaço, cultura e religião: dimensões de análise”.** In. CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny. *Introdução à geografia cultural.* Rio de Janeiro: Bertrand: Brasil, 2003.

ROSENDHAL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1996.

SANCHIS, P. **Arraial: festa de um povo, as romarias portuguesas.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SARAGOSSA, L. **Da Feliz Lusitânia aos Confins da Amazônia (1615-62).** Edição Cosmos. Câmara Municipal de Santarém. Lisboa – Santarém, 2000.

SARÉ, L. L. P. **A serpente no asfalto. Estudo compreensivo do espetáculo da corda dos promesseiros no Círio de Nazaré em Belém do Pará.** Salvador: Tese de Doutorado em Artes Cênicas, UFBA, 2005.

SARÉ, L. L. P. **A corda dos promesseiros do Círio de Nazaré**. In: FIGUEIREDO, Silvio (Org.). Círio de Nazaré, festa e paixão. Belém: EDUFPA, p. 79-89. 2005.

SCHAFER, Murray [1977]. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. Trad. Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: UNESP, 2001.

SERRA, D. R. **O processo de turistificação do espaço em eventos e santuários católicos: uma análise sobre o Círio de Nazaré em Belém-Pa**. Dissertação de Mestrado/PPGEO-UFPA, 2014.

SERRA, D. R.; TAVARES, G. **Círio de Nazaré em Belém-PA: dimensão ribeirinha, expansão territorial e importância para o turismo na Amazônia**. Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 8, n. 3, p.173-197, dez/2014.

SILVA, A. S. da & FILHO, S. F. G. **Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil**. Revista de Estudos da Religião junho / 2009 / pp. 73-91.

SILVA, L. R.T. da. **Paisagem Sonora na Formação do Patrimônio Imaterial Evangélico da Região Metropolitana de Fortaleza**. Tese de doutorado. Fortaleza: UFC, 2016.

SILVEIRA, E. J. S. **Turismo e Consumo a religião como lazer em Aparecida**. In: ABUMASSUR, Edin Sued (Org.). Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papyrus, 2003. p. 69-106.

SIQUEIRA, J. P.. **A Gestão do Espaço Turístico do Círio de Nazaré no município de Vigia-Pa**. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA/PPGEO, 2013.

SOUSA, T. M. **Devoção em caracteres: Igreja Católica no mundo digital: as tensões entre discurso e prática da Igreja na era da internet e as redes de relacionamento do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de mediatização** / Dissertação de Mestrado. São Leopoldo:UNISINOS, 2013.

SOUZA, R. L. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular** – Natal: IFRN, 2013. 160p.

STEIL, C. A.; CARNEIRO, S. de Sá. **Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 28(1): 105-124, 2008.

STEIL, C. **Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas**. In: ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papyrus, 2003. 29-52p.

SUBIRATS, E. **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1989.

TUAN, Y-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** [Space and place: the perspective of experience]. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y-F. **Topofilia.** Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TRINDADE JR., S. C.; TAVARES, M. G. (Orgs.) **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências.** Belém: EDUFPA, 2008.

TURNER, V. **O Processo Ritual:** Estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974

VIANNA, A. **Festas Populares no Pará.** In: Annaes da Biblioteca e Arquivo Público do Pará. Tomo. III. Belém: Arquivo Público do Pará, 1904

APENDICE A – MODELO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ CENTRO DE CIÊNCIAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DOUTORADO EM GEOGRAFIA

Modelo de Entrevista semi-estruturada

DEVOTOS

Lugar de origem: _____

Idade: _____

- 1 – Qual o motivo da sua promessa?
- 2– Há quanto tempo você vem pagando essa mesma promessa?
- 3– Você paga somente neste Círio ou acompanha outros?
- 4– Até quando você pretende pagar essa promessa?

ARTESÃOS

- 1-Que tipo de objeto você produz para comercializar no Círio?
- 2– Há quanto tempo?
- 3– Quais os Círios que você frequenta para comercializar esses produtos? Por quê?
- 4– Qual Círio você acha que tem mais fluxo de venda para esses produtos?
- 5– Tem alguma promessa com os padroeiros desses Círios que você frequenta?

TURISTAS

- 1 – Você é de onde?
- 2 – idade? _____ religião? _____
- 3 – Há quanto tempo frequenta o Círio deste município?
- 4 – Qual o motivo da vinda?

5 – Quanto tempo de hospedagem? Onde?

6 – Conhece alguém no município para confraternizar no almoço do Círio?

MORADORES DOS LOCAIS

1– Mora há quanto tempo aqui?

2– O que você acha do Círio a respeito do movimento de pessoas, festas etc.?

3– Nesse ano, a sensação é de maior número de pessoas na cidade ou não?

4– Quais os motivos, em sua opinião?

5– O que falta no Círio para que ele aconteça dentro de uma eficiência maior?

DIRETORIA DOS CÍRIOS

1– É composta por quantos membros no total e quais são as divisões?

2– Qual o papel do pároco dentro da diretoria?

3– A eleição para a nova diretoria acontece anualmente?

4– Existe um projeto ou plano de ação todos os anos?

5– Como é a relação da diretoria do Círio com os governos e o empresariado?

CLERO – DIOCESES E PARÓQUIAS LOCAIS

1 – Existe um projeto da Igreja Católica em criar mais Círios de Nazaré em outros lugares?

2 – Qual a importância que o Círio de Nazaré pode ter para a Igreja católica hoje?

3 – Qual o papel das paróquias e dioceses com relação à gestão dos Círios?

4 – Aumentou o número de devotos nos últimos anos nesses Círios ou diminuiu, qual a sensação?

5– Com relação à promessa dos ex-votos, como a Igreja católica concebe e vê essa relação entre homem e santo (a)?

6– Existe alguma determinação oficial para diferenciar Círio de Nazaré das festividades de alguns lugares?

EMPRESÁRIOS/festas

1 – Que tipo de festa você desenvolve dentro da festividade do Círio? Há quanto tempo?

2 – Está havendo retorno financeiro nos últimos anos? Por quê?

3 – Qual a relação da sua atividade empresarial com a Igreja Católica e os governos (municipal e estadual).

4 – Você possui algum vínculo religioso com o (a) padroeiro (a)?

5 – Exerce essa atividade em outros Círios no Pará?

COMERCIANTES AMBULANTES

1 – Quais Círios você frequenta como comerciante? Por quê?

2 – Qual Círio é mais movimentado em termos de fluxos de pessoas e onde há um retorno financeiro mais considerável para você?

3 – Faz parte de alguma caravana de comerciantes?

4 – Como é a relação desse tipo de comércio junto a Igreja Católica e os governos locais?

5– Você tem algum vínculo religioso com algum santo (a) padroeiro (a) desses círios?

CHEFES DE ESTADO

Secretários (as) de Cultura e turismo – Presidentes das Câmaras de Vereadores, Prefeitos (as)

1 – Existe alguma lei municipal que inclua o Círio deste município como patrimônio Cultural?

2 - Qual a participação que o governo possui no Círio com relação a sua gestão interligada a infraestrutura necessária?

3 – Como é a relação entre o poder público local e a Igreja católica referente ao Círio do município?

4 – E as outras religiões ou doutrinas cristãs, como as mesmas reagem com o governo quando se trata da assistência financeira e infraestrutura ao Círio?

5– O governo possui o Círio como algo que é prioridade para o mesmo? Como?

APÊNDICE B - LISTA DE SITES CONSULTADOS

<http://bibliotecadocirio.org/>

<http://ciriodenazare.com.br/site/>

<http://ciriodenazare.com.br/site/aplicativo-do-cirio/>

<http://ciriodenazare.com.br/site/cirio/historia/>

<http://cnbbn2.com.br/castanhal-reune-350-mil-devotos-em-romaria/>

<http://cnbbn2.com.br/category/diocese-de-castanhal/>

<http://cnbbn2.com.br/>

<https://googlemaps.com.br>

<http://m.diarioonline.com.br/noticias/cirio/noticia-449577-programacao-do-cirio-de-nazare-2017.html>

<https://www.culturavigilenga.com/cirio-de-vigia-o-mais-antigo-do-para>

<http://www.dol.com.br>

<http://www.marajoforte.com.br>

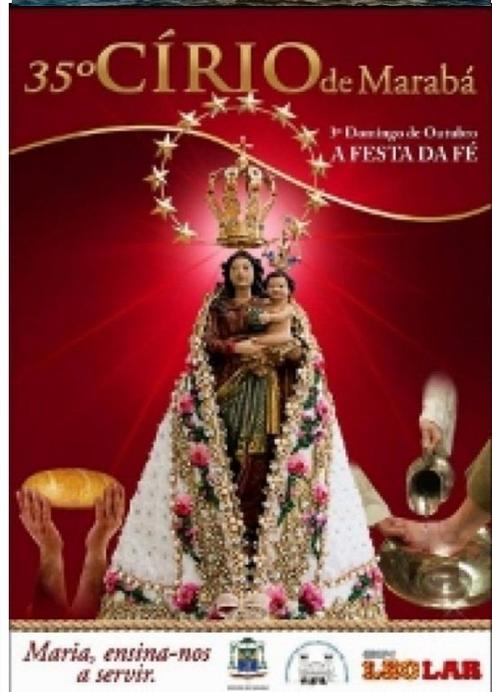
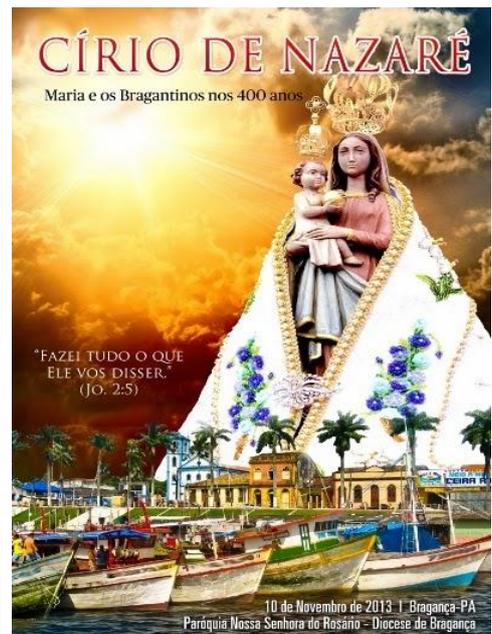
<http://www.Obidos Net.Br>

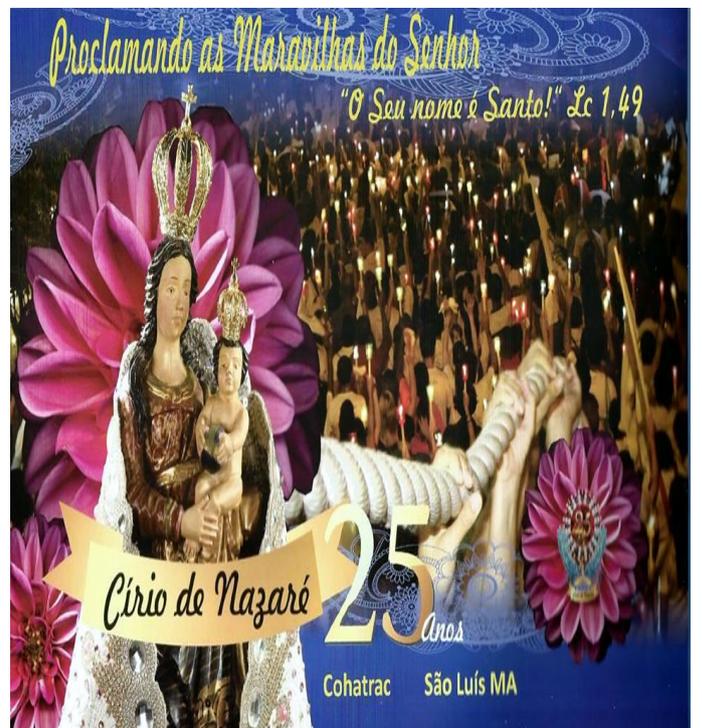
ANEXO A – CARTAZES E PROGRAMAÇÕES



MUSEU DO CÍRIO

RUA PE. CHAMPAGNAT, S/N.
CIDADE VELHA - BELÉM





PROGRAMAÇÕES

SEMANA NAZARENA **2018**
ROMARIA
 DE 21 A 28 DE OUTUBRO



21/10 - Domingo
 17h00 Ciclo Romaria
 19h00 Missa na Catedral animada pela Paróquia S. M. Mãe de Deus
 Atração cultural: Skema Mirage

22/10 - segunda
 17h00 Confissões
 19h00 Missa na Catedral animada pela Paróquia Sta. Terezinha
 Atração cultural: Júnior Lima

23/10 - terça
 17h00 Confissões
 19h00 Missa na Catedral animada pelas Paróquias C. Jovem e Sant'Ana
 Atração cultural: Vitrola 80

24/10 - quarta
 17h00 Confissões
 19h00 Missa na Catedral animada pela Paróquia Cristo Rei
 Atração cultural: Fole Brazil

25/10 - quinta
 17h00 Confissões
 19h00 Missa na Catedral animada pelas Paróq. S. João Paulo II e S. Paulo VI
 Atração cultural: Irla Maria

26/10 - sexta
 17h00 Confissões
 19h00 Missa na Catedral animada pela Paróquia Santa Cruz
 Atração cultural: Marmenino

27/10 - Sábado
 17h00 Romaria das Crianças saindo da Matriz de São José
 17h00 Confissões na Catedral
 19h00 Missa na Catedral animada pela Paróquia São José
 Atração cultural: Beatles Forever

28/10 - Domingo
 07h00 Missa na Catedral
 18h00 Procissão Luminosa saindo da Matriz de São José
 17h00 Confissões na Catedral
 19h00 Missa Solene de Encerramento
 Atração cultural: Jorginho e Banda

Romaria 2018
 Senhora de Nazaré, ajuda-nos a viver nosso Batismo

PROGRAMAÇÃO CÍRIO 2017

OS EVENTOS, DATAS E HORÁRIOS PODEM SOFRER ALTERAÇÕES SEM COMUNICAÇÃO PRÉVIA, DE ACORDO COM NECESSIDADES DOS REALIZADORES.

SETEMBRO

DIA	EVENTO	HORÁRIO	LOCAL
05	SORTEIO DOS CARROS DO CÍRIO	19H	SALA DA DIRETORIA DA FESTA
16	FORMAÇÃO ALUNOS DAS ESCOLAS	9H	CASA DE PLÁCIDO
17	CONCURSO DE REDAÇÃO	8H	CENTRO SOCIAL DE NAZARÉ
26	ROTEIRO DE EVENTOS (DRC, SEGURANÇA)	19H	AUDITÓRIO D. VICENTE ZICO
27	REUNIÃO COM A SEGURANÇA (ABBAIAL)	14H	SALA DA DIRETORIA DA FESTA
28 A 30	PEREGRINAÇÃO REGIÃO EPISCOPAL		BELÉM / MOSQUEIRO
30	JOVENS EVANGELIZADORES (CORDA E PRAÇA)	9H	A DEFINIR

OUTUBRO

DIA	EVENTO	HORA	LOCAL
01	MANHÃ DOS ELEITOS	10H	CASA DE PLÁCIDO
03	ABERTURA OFICIAL DO CÍRIO 2017	19H	CASA DE PLÁCIDO
04	ABERTURA DA VIGÍLIA	08H	CAPELA BOM PASTOR
04	TRANSPORTES DOS CARROS PARA A CDP	22H	PRAÇA SANTUÁRIO / CDP
05	MISSA DE APRESENTAÇÃO DO MANTO	18H	BASÍLICA SANTUÁRIO
06	ENCERRAMENTO DA VIGÍLIA DE ADORAÇÃO	06H30	CAPELA BOM PASTOR
06	MISSA DO TRASLADO	07H	BASÍLICA SANTUÁRIO
06	TRASLADO PARA ANANINDEUA/MARITUBA	08H	BASÍLICA SANTUÁRIO
07	ROMARIA RODOVIÁRIA	05H30	ANANINDEUA
07	ROMARIA FLUVIAL	09H	TRAPICHE DE ICOARACI
07	MOTORROMARIA	11H30	PÇA. PEDRO TEIXEIRA
07	DESCIDA DA IMAGEM	12H30	BASÍLICA SANTUÁRIO
07	MISSA DA TRASLADAÇÃO	16H30	COLÉGIO GENTIL
07	TRASLADAÇÃO	17H30	COLÉGIO GENTIL
08	MISSA DO CÍRIO	5H	CATEDRAL
08	CÍRIO	5H30	CATEDRAL
08 A 22	PROGRAMAÇÃO CULTURAL / CÍRIO MUSICAL	20H30	CONCHA ACÚSTICA
09 A 13 16 A 20	TERÇO DA ALVORADA	5H30	BASÍLICA SANTUÁRIO
14	CICLORROMARIA	8H	PÇA. SANTUÁRIO
14	ROMARIA DA JUVENTUDE	16H	PARÓQUIA DE FÁTIMA / BASÍLICA
15	MISSA ROMARIA DAS CRIANÇAS	7H	PÇA. SANTUÁRIO
15	ROMARIA DAS CRIANÇAS	8H	PÇA. SANTUÁRIO
18	ENTREGA DOS CERTIFICADOS AOS APOIADORES	19H	A DEFINIR
21	ROMARIA DOS CORREDORES	5H30	PÇA. SANTUÁRIO
22	MISSA PROCISSÃO DA FESTA	7H	COM. SAGRADA FAMÍLIA
22	PROCISSÃO DA FESTA	8H	COM. SAGRADA FAMÍLIA
22	MISSA DE ENCERRAMENTO DO CÍRIO	18H	BASÍLICA SANTUÁRIO
22	ENCERRAMENTO DO CÍRIO 2017	21H	CASA DE PLÁCIDO
22	ESPETÁCULO DE ENCERRAMENTO	22H	PÇA. SANTUÁRIO
23	SUBIDA DA IMAGEM	5H30	BASÍLICA SANTUÁRIO
23	MISSA DO RECÍRIO	6H	PÇA. SANTUÁRIO
23	RECÍRIO	7H	PÇA. SANTUÁRIO
23	COLETIVA IMPRENSA	9H	CÚRIA METROPOLITANA

NOVEMBRO

DIA	EVENTO	HORA	LOCAL
22	MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS	19H30	A DEFINIR

DEZEMBRO

DIA	EVENTO	HORA	LOCAL
07	POSSE DA DIRETORIA DO CÍRIO 2018	19H30	CASA DE PLÁCIDO
16	NATAL CANTINHO SÃO RAFAEL E CASA DE NAZARÉ	9H	CANTINHO SÃO RAFAEL



**DIOCESE DE 'SANTA MARIA MÃE DE DEUS' CASTANHAL
PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE NAZARÉ**

CNPJ Nº 07.258.455/0030-95

GUARDA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

FUNDADA EM 20/08/1988



PROGRAMA DO 321º CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

MISSA DO ENVIO

_____ (/ /2018) ÀS 08hs. Espiritualidade das equipes de peregrinação.

_____ (/ /2018) ÀS 09hs. Santa Missa na igreja Madre de Deus (matriz) para as equipes de peregrinações das comunidades da cidade e do interior.

PEREGRINAÇÕES COM A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

_____ (/ /2018) ÀS 19hs. Início das peregrinações nas comunidades da cidade e do interior.

_____ (/ /2018) ÀS _____. Início das peregrinações com a imagem peregrina de **NOSSA SENHORA DE NAZARÉ** nas entidades da cidade. (Saída da igreja matriz).

PEDALADA COM MARIA

SÁBADO (01/09/2018) ÀS 18hs. Início da PEDALADA COM MARIA saindo da comunidade São Cristóvão (PA. 412) para a igreja Matriz.

ITINERÁRIO: PA. 412 – Av. Dr. Marcionilo Alves – Av. Boulevard melo Palheta – Trav. Vilhena Alves – Av. Barão de Guajará – Av. Santana de Medeiros – Trav. São Sebastião – Av. Justino Barroso – Rua. Profª. Noêmia Belém – Trav. Josino Cardoso – Av. Boulevard Melo Palheta – Trav. Solimão até a Igreja Matriz.

Na chegada Santa Missa da Juventude.

ENCERRAMENTO DAS PEREGRINAÇÕES DAS COMUNIDADES DA CIDADE

QUINTA – FEIRA (06/09/2018) ÀS 17:30hs. Concentração das comunidades na comunidade Bom Jesus (Igreja Pedras).

18:30hs Saída das comunidades em procissão até a igreja Madre de Deus (Matriz).

ITINERÁRIO: Rua. Profª. Noêmia Belém até a igreja matriz na chegada Santa Missa.

PROCISSÃO RODOVIÁRIA

SEXTA – FEIRA (07/09/2018) ÀS 18hs. Santa Missa na igreja Madre de Deus em Seguida:

Procissão rodoviária com a imagem de **NOSSA SENHORA DE NAZARÉ** até a localidade do Itapuá.

ITINERÁRIO: Rua. Profª. Noêmia Belém – Av. Justino Barroso – Trav. São Sebastião – Av. Santana de Medeiros – Av. Barão de Guajará – Trav. Lauro Sodré – Av. Magalhães Barata – Av. Dr. Marcionilo Alves – PA. 412 – PA. 140 – Ramal do Itapuá até a comunidade Menino Deus (Itapuá).

CÍRIO FLUVIAL 2018

SÁBADO (08/09/2018) às 07hs Santa Missa na comunidade Menino Deus (itapuá), em seguida Círio Fluvial de **NOSSA SENHORA DE NAZARÉ** pelas águas do Rio Guajará Mirim até o Trapiche Municipal de Vigia.

MOTO ROMARIA

SÁBADO (08/09/2018) às 11hs. Na chegada do Círio fluvial saída da MOTO ROMARIA 2018.

ITINERÁRIO: Av. Boulevard Melo Palheta – Josino Cardoso – Noêmia Belém – Av. Justino Barroso – Trav. São Sebastião – Rua. 24 de outubro - Trav. José Bonifácio – Rua. 5 de Agosto – Trav. Diogo Holanda – Rua. Tauriano Gil de Sousa – Trav. Pedreirinha – Av. Florival Nogueira - Trav. Carlos Gomes – Rua Isidoro de Castro – Av. José Ribeiro do Vale – Rua. Ademir dos Santos – Av. Dr. Marcionilo Alves – Rua. Agostinho do Livramento Silva – Av. Generalíssimo Deodoro – Av. Magalhães Barata – Trav. Amâncio Ataíde – Av. Barão de Guajará – Trav. W/3 – Rua. W/17 – Trav. W/9 – Rua. W/19 – Rua. Pe. Aragão – Av. Dr. Marcionilo Alves – Rua. Profª. Noêmia Belém até a igreja Matriz.

TRASLADAÇÃO

SÁBADO (08/09/2018) às 18hs. Santa Missa na igreja Madre de Deus (Matriz) em seguida: Trasladação com a imagem de **NOSSA SENHORA DE NAZARÉ** para a igreja de São Sebastião (Arapiranga).

ITINERÁRIO: Rua de Nazaré – Trav. Josino Cardoso – Av. Boulevard Melo Palheta – Av. Dr. Marcionilo Alves – Av. Barão de Guajará – Av. Santana de Medeiros – Trav. Da Pedreira – Rua. 31 de Agosto – Trav. São- Sebastião até a Igreja de São Sebastião.

321º CÍRIO DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

DOMINGO (09/09/2018) às 06hs. Santa Missa na igreja de São Sebastião em seguida: Saída do Círio 321.

ITINERÁRIO: Trav. São Sebastião – Av. Santana de Medeiros – Av. Barão de Guajará – Trav. Vilhena Alves – Rua de Nazaré – Trav. Hilário Cardoso – Rua. Profª. Noêmia Belém até a igreja Madre de Deus (Matriz) na chegada Santa Missa Solene.

TRASLADAÇÃO DO CÍRIO DAS CRIANÇAS

SÁBADO (15/09/2018) às 18hs. Santa Missa na igreja Madre de Deus (Matriz) em seguida:Trasladação com a imagem de **NOSSA SENHORA DE NAZARÉ** para a UBS (Hospital).

ITINERÁRIO: Rua de Nazaré – Av. Dr. Marcionilo Alves – Av. Barão de Guajará até a Unidade Básica de Saúde de Vigia. (Hospital).

26º CÍRIO DAS CRIANÇAS

DOMINGO (16/09/2018) às 08hs. Saída do 26º Círio das crianças.

ITINERÁRIO: Av. Barão de Guajará – Av. Santana de Medeiros – Trav. São Sebastião –Av. Justino Barroso – Av. Noêmia Belém até a igreja Madre de Deus (Matriz) na chegada Santa Missa.

ENCERREMENTO DAS PEREGRINAÇÕES DO INTERIOR

SÁBADO (22/09/2018) às 17hs. Concentração das comunidades do interior na comunidade Bom Jesus (Igreja de Pedras).

18hs. Saída das comunidades em procissão para a igreja matriz.

ITINERÁRIO: Rua. Profª. Noêmia Belém até a Igreja Matriz na chegada Santa Missa.

DIA DA FESTA

DOMINGO (23/09/2018)

06hs. Santa Missa na Igreja Matriz.

07:30hs. Santa Missa na Igreja de São Sebastião

09:30hs. Santa Missa na Igreja Matriz.

PROCISSÃO DA FESTA

DOMINGO (23/09/2018) às 18hs. Saída da Procissão com a imagem de **NOSSA SENHORA DE NAZARÉ**.

ITINERÁRIO: Rua. De Nazaré – Av. Generalíssimo Deodoro – Av. Barão de Guajará – Trav. Lauro Sodré – Rua. De Nazaré – Trav. Josino Cardoso – Rua. Profª. Noêmia Belém até a igreja Madre de Deus (Matriz) na chegada Santa Missa e queima de fogos de encerramento da festividade.

RECÍRIO

SEGUNDA – FEIRA (24/09/2018) às 07hs. Santa Missa na Igreja Madre de Deus (Matriz). 08hs. Procissão do Recírio com a imagem de **NOSSA SENHORA DE NAZARÉ**.

ITINERÁRIO: Rua. De Nazaré – Trav. Josino Cardoso – Rua. Profª. Noêmia Belém até a igreja matriz.

Pe. José Carlos Silva da Cruz
Presidente Círio 2018

João Palheta Pará
Coord^o. do Círio 2017

Maria Lobato Pará
wCoord^a. do Círio 2017

Jucivandro de Almeida Ferreira
Diretor de Procissão